

# ALTEROSA

With all good  
wishes to the  
readers of the  
ALTEROSA!  
Coly Lamm



*Linda...*



RITA HAYWORTH  
estrela Columbia

*Adorável...*



LANA TURNER  
estrela de M.G.M.

★ ...Estas serão as palavras que descreverão sua beleza quando V. usar o Pan-Cake Make-up de Max Factor — Hollywood. O Pan-Cake é diferente de qualquer outro make-up que V. já tenha usado. Ele lhe dará uma pele de um aspecto lindo e perfeito... e isto em menos de um minuto. Experimente-o hoje mesmo.



PAN-CAKE MAKE-UP

*o segredo das estrelas da tela que embeleza imediatamente*

originado por

*Max Factor Hollywood*

**À VENDA NAS CASAS DO RAMO**

Representantes exclusivos para o Brasil — CHARLTON AMES & CIA LTDA — Caixa Postal 2775 — RIO

**CAPA**

Hedy Lamarr, a encantadora estrela da Metro, embeleza a capa desta edição, numa fotografia autografada para a nossa revista e gravada em tricolor por Gervásio Pinto de Araujo.

**CONTOS**

E' de erva que eles precisam	2
Alberto Renart	
Espia	6
Bastos Portela	
Circo de Cavalinhos	10
Marques Rebelo	
Flor de Samambaia	14
Antonieta T. A. Assunção	
A Lenda das Sete Côres	18
Malba Tahan	
Sede	23
Jonh Russel	
A Escrivãzinha	26
Molly Maclurg	
O Velho Carvalho	32
Mary Hanlon Hooker	
Modernismo	38
Paul Weber	

**LITERATURA**

Os Mortos Governam os Vivos	39
Mário Matos	
Vitrine Literária	40
Cristiano Linhares	
Os tipos de Eca de Queiroz	46
Dionísio Garcia	
Por trás do monóculo	52
Oscar Mendes	

**DIVULGAÇÃO**

Madame Dubarry	42
Olga Obyr	
Cartas dos Estados Unidos	50
Huberto Rohden	
Marlière, o "Apostolo das Selvas"	54
Lúcia M. de Almeida	
Recordar é Viver	92
Abílio Barreto	
As Mulheres Que os Homens Preferem	98
Djalma Andrade	

**HUMORISMO**

De Mês a Mês	44
Guilherme Tell	
Paisagens Locais	60
Fábio Borges	
Pingos de História	68
Joaquim Laranjeira	

**RÁDIO**

A partir da página	105
--------------------	-----

**MODA E BELEZA**

Moda Feminina	72
A partir da página	
Candidatas à Glória	86
Redação	
Sugestões Para a Sua Beleza	90
Ivete Marion	

**DIVERSOS**

Sedas e Plumas	48
Esparsos	58
Página das Mães	62
Posterlandia Poética	64
Caixa de Segredos	66
Arte Culinária	70
Grafologia	114
No Mundo dos Enigmas	122

PARÁ A FAMÍLIA DO BRASIL



**Artista**

Gosto das coisas límpidas e raras,  
que dão suave prazer aos meus sentidos.  
Raça! Não me entorpecem tuas taras:  
sou um grego dos tempos esquecidos...

Cercado, embora, de ferrenhas caras,  
de almas e corações empedernidos,  
adoro os céus azuis e as águas claras,  
cujos sons adormecem meus ouvidos...

Cultivo idéias e apascento estrêlas.  
Jardineiro e pastor, em sonhos e ânsias,  
procuro, no meu cérebro, acendê-las.

Podeis rugir, ó bárbaros perversos!  
No meu jardim de excelsas rutilâncias,  
eternamente cantarão meus versos!

**Filgueiras Lima**

ALTEROSA é uma publicação da Sociedade Editora Alterosa Ltda., com sede à Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5, Caixa Postal 279, em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil. Diretor-redator-chefe: Mário Matos. Diretor-gerente: Miranda e Castro. Secretário da redação: Jorge Azevedo. Assinaturas (sob registro postal) Cr \$40,00 para 1 ano e Cr \$70,00 para 2 anos. Toda correspondência deve ser enviada à Sociedade Editora Alterosa Limitada, assim como cheques, vales postais e outros valores.

# E' de Erva Que Eles Precisam

Conto de Alberto Renart

Ilustrações de Rocha

Já constitui lugar comum a afirmação de que o conto é o mais difícil gênero literário. Certo é, no entanto, que as verdades devem ser repetidas. Repetamos, pois, que o conto requer predicações raras num conjunto que bem poucas figuras representativas da arte de contar possuem.

O conto humorístico teve cultores notáveis no Brasil. Artur Azevedo foi, sem favor, um mestre. Escreveu páginas que são pequenos primores de jociedade e agudas sátiras que nos lembram a deliciosa ironia de Eça de Queiroz.

Na atualidade literária, os criadores de histórias que fazem rir e espelham os ridículos humanos — são poucos. Entre esses raros e benfazejos artistas da sátira social incluímos, sem receio, Alberto Renart, que ainda não possui a projeção literária que merece, mas cujos contos justificam a justiça deste rápido comentário.

**Q**UEM não me conheceu na mocidade, pensa naturalmente que eu sempre fui ervanário. Não pode conceber que esta casa, onde se encontram tôdas as ervas imagináveis, desde o capim barba-de-bode até as folhas de cotó-cotó, foi em tempos idos uma livraria. E que eu, Rufino Curandeiro, já tive aqui, em estantes muito bem arrumadas, as obras-primas de tôdas as literaturas.

Hoje eu só entendo de ervas. E a elas devo a minha razoável fortuna, a minha situação no Grêmio, o respeito dos meus conterrâneos. Sou-lhes grato — às ervas — por isso.

Mas há trinta anos, quando montei a livraria, eu tinha a minha cultura bem regular. Basta dizer que lia no original — consultando pouquíssimas vezes o "Burro" — o "De Bello Gallico" de César e algumas odas de Horácio.

Quem não conheceu os picapauenses de trinta anos atrás estranhará que eu tenha abandonado o nobre comércio de livros. Direi simplesmente, à guisa de justificação, que, se eu tivesse teimado em manter uma livraria em Agua-do-Picapau, estaria a esta hora internado num asilo.

Mais estranheza causará, sem dúvida, o fato de ter eu transformado a livraria em ervanaria.

Por que, ervanaria? — perguntar-me-ão. Não teria sido mais racional transformá-la numa papelaria?

De acordo. A lógica faz concluir que, se o povo pode passar perfeitamente sem livros, o mesmo não se dá com relação a papel-de-cartas, envelopes, tinta, penas, lapis, goma-arábica, papel-higiênico, etc., etc.

Aqui devo confessar que a idéia não foi minha. Eu, francamente, teria pensado em tudo neste mundo — num armazém de secos e molhados, num botequim, num chalet de bicho — menos num depósito de ervas. As ervas, na verdade, nasceram no cérebro do professor Catulino, que Deus haja.

Assim, reconheço que fui injusto ao dizer que devo exclusivamente às ervas a minha posição e o meu conforto. E de claro, em tempo, na mais sincera homenagem à memória de Catulino Belegarde, que a ele, principalmente a ele, devo a minha salvação, a minha fortuna e o bem-estar dos meus filhos.

Porque me deu na telha abrir uma livraria em Agua-de-Picapau — é coisa difícil, quase impossível, de explicar. Em todo caso, direi que a minha intenção era elevar alguns milímetros o nível cultural da cidade e — por que não? — ganhar uns cobres no mole. No mole, sim, — porque, recebendo os livros em consignação, eu não empatava capital e estava livre de prejuízos. Vendendo uns dez volumes por dia — tal é o otimismo da mocidade — es-

\*

taria com a subsistência garantida, e poderia até pôr de lado alguma coisa para o futuro.

Catulino apareceu — talvez mandado pela Providência, talvez porque era aquele o seu caminho — no próprio dia em que abri o estabelecimento.

Eu estava tirando do caixote e arrumando na estante os últimos volumes, quando ele parou à porta.

Já o conhecia de vista e através dos mexericos. Sabia que era professor primário aposentado e que os picapauenses não o viam com bons olhos. Sabia também — o que é que não se sabia em Agua-do-Picapau? — que a mulher dele, um ano depois do casamento, tinha fugido com o escrevente do cartório.

Catulino ajeitou os óculos, alisou uma ponta de bigode, e perguntou com espanto:

— O que é isto?!

Olhei-o, sem compreender.

— Isto?...

— Sim, isto, pois não! — repisou fazendo com o braço um gesto semi-circular.

— Isto é uma livraria... — respondi, desconfiado.

Ele teve um sobressalto, como se eu lhe houvesse dito que aquilo era uma fábrica de dinamite.

— Uma livraria?!... E para quê?...

Fiquei impaciente.

— Para vender livros, ora pilulas!

Eu continuava agachado junto ao caixote, e ele permanecia do lado de fora, com um pé na soleira da porta. Sorriu com ironia, mostrando os dentes pretos.

— Vender livros aqui?... Você não está louco, rapaz?

Entrou, e pediu licença para dar uma espiadela aos títulos.



PÍLULAS  
DE  
BRISTOL

Vegetais e  
açucaradas

Combatem suavemente  
a preguiça intestinal.

1A-FB 1

Mas não se contentou com os títulos. De vez em quando tirava um volume da estante, folheava-o e repunha-o no lugar. Agachado junto ao caixote, eu continuara o trabalho interrompido.

Num dado momento, êle exclamou:

— Esses editores não passam de uns vigaristas!

Voltei a cabeça, curioso.

Catulino folheava um volume brochado, de capa alaranjada, e meneava desconsoladamente a cabeça. Sentindo que eu o observava, aproximou-se do caixote.

— Veja isto — disse, inclinando-se e mostrando a primeira página do livro. “Tradução integral do texto russo”!

Dobrei um pouco o pescoço e olhei o título do volume. Era o “Crime e Castigo” de Dostoiévski.

Catulino recuou um passo, encostou-se na extremidade do balcão, e continuou, exaltado:

— Tradução do russo, pois sim! Então por que é que a pronúncia das palavras russas, como estas aqui — “pereoulók”, “moujik” — está figurada em francês?

Com os olhos faiscando através das lentes, esperava que eu respondesse.

Mas que poderia eu responder? Ainda não tinha lido aquele livro. E confesso que, apesar da minha regular cultura, não estava entendendo patavina.

Diante do meu silêncio ignaro, Catulino prosseguiu, sacudindo o volume:

— Não sabe por quê?... Pois eu lhe digo! E’ porque estas palavras foram simplesmente copiadas da tradução francesa, de que este livro é uma reles tradução!

Caminhou até a estante de onde tirara o volume, parou, e voltou-se para mim:

— O senhor conhece um poeta russo chamado Púskin?

Tive de confessar a minha quase total ignorância da literatura russa.

— Não... Esse eu não conheço... — respondi, vexado.

— Não conhece, pois não! Eu já esperava... E Pouchkine, conhece?... — perguntou, dando um passo em direção ao caixote.

Pus-me de pé. Havia cinco minutos que arrumara na estante um livro daquele autor. O título me agradara, e num instante me acudiu à memória.

— Ah, êsse eu conheço! — respondi vivamente. E’ o autor de “Ludmila”!

Catulino sorriu, com ar zombeteiro. Fiquei vermelho, certo de que tinha assassinado o título da obra.

— Ai está — disse êle, retrocedendo e repondo o livro na estante. Ai está como se propaga a ignorância! O senhor não conhece o poeta Púskin, mas conhece o poeta Pouchkine, — porque leu este nome, e não o outro, na fachada de um livro traduzido diretamente do russo através do francês! E’ isso, pois não?...

Caminhou até a porta, parou, e voltou-se:

— Quer um conselho, rapaz? — Abra uma ervanaria! E’ de erva que os picapauenses precisam — não de livros!

\*

Mal Catulino acabara de sair, entrou a sobrinha do Menabó, professora no Grupo, feia de doer, e muito falada em Aguado-Picapau.

Corri para trás do balcão. Era o primeiro freguês, e confesso que me sentia nervoso.

— Romances de Delly?... — perguntei solícito. — Creio que tenho tôda a coleção...

Nada disso. Ela só queria saber se eu tinha o livro da interpretação dos sonhos.

Eu não tinha o livro da interpretação dos sonhos.



## Realce seu Encanto embelezando seu Cabelo



Para realçar a beleza do seu rosto e aumentar seu encanto pessoal, proporcione aos cabelos a vitalidade e o brilho que lhes assegura o Tricófero de Barry. Famosa loção rejuvenescedora, Tricófero de Barry vem sendo usado, com pleno êxito, há mais de um século, por todos os que desejam eliminar a caspa, evitar a queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, e as afecções do couro cabeludo.

Adote Tricófero de Barry — e verificará, por si mesma, o acerto da sua escolha.

# Tricófero de Barry

EM USO DESDE 1801

TB-1

I-A

## UMA DOSE DE ALEGRIA



Não passe pela vida sem viver! Use as "Pímulas de Reuter" para o fígado e tudo lhe parecerá mais agradável. Compostas de ingredientes vegetais púrrimos, são inofensivas e normalizam as funções do aparelho digestivo.

### PÍMULAS de Reuter

PARA O FÍGADO

PR-1

— Que pena! — lamentou. Era só para ver uma coisa... Mas talvez o senhor saiba interpretar o sonho que eu tive a noite passada... Eu lhe conto.

Enquanto falava, bocejou duas vezes. Tinha o rosto plantado de cravos, e usava um casaco tres-quartos, muito franzido, que mal disfarçava uma gordurinha impertinente.

— Imagine o senhor — prosseguiu, após um terceiro bocejo — que eu sonhei com dois jascarés brigando na beira duma lagoa...

Olhou-me fixamente, e perguntou, muito séria:

— Será que o senhor sabe o que significa?

Eu não acreditava em sonhos — como não acredito. Respondi evasivamente:

— Não sei... Acho que deve significar gêmeos, talvez...

— Mas eu sou solteira! — exclamou ela, escandalizada.

Fiquei embaraçado. Tentei remediar:

— Então não sei... Pode ser friagem nos pés...

\*

Na manhã seguinte, assim que abri a porta, entrou na livraria o Totó Lavadeira, redator-chefe do "Picapau".

O Totó Lavadeira era o pior elemento da cidade. Andava quase sempre caindo de bêbado, e mal era apresentado a um estranho ou encontrava um conhecido, já lhe pedia dinheiro emprestado.

Três vezes — era preciso ser muito estúpido, convenho — ele me passou o conto do trôco. Porque, nas raras vezes em que não estava bêbado, o Totó tinha um método todo especial para arrancar dinheiro dos trouxas.

— Muito prazer. Lá no jornal o amigo manda e não pede.

Enfiou a mão do bolso da calça, lá no fundo, como quem vai puxar dinheiro, e perguntou com naturalidade:

— O amigo por acaso tem duas de dez?

Era para trocar, não havia dúvida. Saquei logo a carteira, e estendi as notas.

— Não. Uma só chega — disse ele, com cinismo. Amanhã cedo eu devolvo.

Empalmou a pelega, e acrescentou, escapulindo:

— Já sabe. No jornal o amigo manda e não pede.

Depois foram cinquenta. Depois cem. E sempre a mesma tática:

— O amigo por acaso tem duas de cinquenta? O amigo tem duas de cem?

Tão habituado estava a perguntar se o amigo tinha o dôbro da importância pretendida, que uma vez me perguntou se eu tinha duas de trinta.

E foi bom. Percebi a marosca, e esquivei-me:

— Estou liso. Desculpe.

Ele insistiu, sempre com a mão no bolso:

— Nem duas de cinco?

— Nem. Estou liso de uma vez.

E dei o fora.

Porisso, quando o vi entrar, tratei de me pôr em guarda. Mas desta vez, felizmente, ele não vinha disposto a morder. Estendeu-me um volume que trazia, e perguntou com voz trôpega:

— O amigo tem livros dêste tamanho?

Estava triste de bêbado.

— Livros dêste tamanho! — estranhei, pegando o volume. Mas que livros? De que autor?

Totó Lavadeira custou a responder. Apoiou-se ao balcão, e olhou-me com cara de besta como se não tivesse entendido a pergunta.

— De que autor!? — grunhiu afinal. Isso não interessa! Eu quero é livros dêste tamanho! O amigo não tem — tem?

E, sem esperar resposta, tomou-me o volume, cambaleou até à porta, e sentenciou, com voz pastosa:

— Numa biblioteca, seu Rufino, o principal é a estética! A estética — entendeu?

\*

No dia seguinte e nos quinze que se seguiram não apareceu na livraria um único freguês. Naquela andar, eu caminhava em linha reta para a ruína.

Lembrei-me, então — em boa hora — das palavras de Catulino Belegarde: "E' de erva que os picapauenses precisam — não de livros! Abra uma ervanaria!" E resolvi seguir-lhe o conselho.

Em três dias tornei a encaixotar os volumes, despachei os caixotes para Morro Pelado, e convoquei meia dúzia de caipiras.

— Tragam-me ervas! Tôdas as ervas que houver no mato!

E enchi as estantes, as prateleiras, o balcão. Pendurei ervas nos fios das lâmpadas, no pau da cortina, em barbantes pendentes do tecto. O estabelecimento ficou parecendo um bosque.

Depois, em cada feixe de ervas, preguei um rótulo, em letras bem grandes: "Bom para o estômago, fígado e rins" — "Bom para reumatismos" —

Bom para mordida de cobra”  
— “Bom para chifrada de boi  
bravo” — “Bom para mau-olha-  
do” — “Bom para arranjar ma-  
rido” — etc., etc.

Foi um Deus-nos-acuda. Logo no primeiro dia houve uma verdadeira invasão. A cidade inteira queria comprar ervas. Foi preciso mandar fazer fila e chamar um guarda-civil para manter a ordem.

Ao entardecer, eu já estava meio morto de cansaço. E a onda humana continuava a afluir em coluna por um.

Então, para respirar, trepei em cima do balcão, voltei o rosto para a porta, e, por cima das cabeças que ondulavam, sorvi a largos haustos o ar pesado.

Nesse momento divisei lá no meio da praça, bem na cauda da fila que dava volta ao corêto, o professor Catulino. Gesticulava e gritava para mim:

— Então, Rufino — que lhe dizia eu?... Dê-lhes ervas! E' de erva que eles precisam!...



# Espiã

## Conto de Bastos Portela

Ilustração de Rodolfo

**N**A sala do Tribunal, fêz-se, de repente, um silêncio dramático. O juiz começou a ler a sentença. Sua voz era grave e solene.

Havia entre os assistentes a firme convicção de que a espiã brasileira seria condenada à pena capital. Aliás, pela sua ignomínia, o caso não poderia ter outro desfêcho. Os jornais haviam recapitulado, em tôdas as suas minúcias. Havia apenas um ano que o episódio ocorrera.

Dr. Paulo Néri, chefe da contra-espionagem no Brasil, narrara prestigioso vespertino, mantinha, a seu serviço, um corpo de agentes secretos, de ambos os sexos. Dêsse corpo de funcionários fazia parte uma senhora de alto destaque social. Entretanto, no interêsse de sua função sigilosa, ela procurava esconder o seu nome verdadeiro, usando outro de guerra, como os artistas de cinema. Era, assim, para todos os efeitos apenas Madame Ivete.

Acontece que, no desempenho de sua arriscada missão e combatendo, solertemente, a ação nefanda dos inimigos da pátria, ela se portava com brilho. Um brilho inexcêdível. E louvado pelos seus superiores hierárquicos.

Ocorre que, naquela tarde de outubro, Madame Ivete havia entrado, apreensiva, no gabinete do Dr. Paulo Néri. Tinha a sua visita um ponderável motivo: dar contas ao seu chefe de sua atuação no setor de que se havia incumbido.

Madame Ivete encontrara Dr. Néri sentado ao seu "bureau". Examinava, atentamente, algumas cartas e vários outros documentos. Ao vê-la, voltou-se para ela, interrompendo a tarefa. Ofereceu-lhe uma cadeira a seu lado. E perguntou com o mais vivo interêsse:

— Como vão as coisas?

— Vai tudo muito bem, Dr. Paulo.

— Seu relatório está pronto?

— A qual dêles se refere?

— Falo do que trata de suas atividades nos hotéis e nos círculos mundanos.

Então, Madame Ivete informou que estava à espera de indicações preciosas. Entretanto — esclareceu — se o Dr. Néri desejasse, por qualquer circunstância, alguma exposição sobre o assunto, ela supunha encontrar-se em condições de fazê-lo.

— Exemplo, madame...

Madame Ivete explicou:

— Poderei falar sobre as investigações que fiz, há dias, a respeito de dois importantes personagens. E acrescentou: — Um dêles é alemão.

— E o outro?

— Uma brasileira.

O chefe não ocultou o seu espanto:

— Uma brasileira? Mas é surpreendente!

— Uma jovem cujos pais são de nacionalidade germânica.

Estava o caso explicado, para êle: tratava-se, era claro, de um teuto-brasileira. Dr. Paulo respirou. E como se falasse a si mesmo: "O fato é deveras curioso..."

Passados alguns minutos, inquiriu:

— E o alemão? Que me diz sobre êle?

Madame discorreu sobre o que, até ali, soubera de positivo. O alemão era aparentado com o Diretor de uma Empresa de Transportes Rurais. Por intermédio de um oficial italiano, mantinha correspondência secreta com um amigo de São Paulo.

— Quanto à jovem — acentuou — posso adiantar que se trata de uma senhorita da nossa sociedade. Tem ela entendimentos constantes com o dono de uma casa de modas de Ipanema.

Dr. Néri, que a ouvia, em silêncio, ordenou, friamente, acendendo um cigarro:

— Adiante...

— Consegui um pormenor precioso: as iniciais da teuto-brasileira, como a classifica o senhor...

E riu-se para lhe perguntar se não considerava isso um grande esforço.

— Sim! Um grande esforço patriótico. — E, agora, interessado pelo caso:

— Quais são as iniciais da tal jovem?

— M. H.

— M. H.? — repetiu êle, devagar, e como a recordar alguma coisa distante, alguma coisa indefinível, abstrata... E depois de uma pausa:

— E' muito vago. Não conduz a uma pista segura. Veja se descobre detalhes mais precisos.

— Ah, sim... Ela usa um pseudônimo literário...

— Qual?

— Um belo nome francês. Escolhido, certamente, para despistamentos...

— E êsse nome?

— Mimi Bluet.

O chefe da contra-espionagem teve um sorriso sibilino. E limitou-se a frisar:

— Extraído, naturalmente, do romance de Guido da Verona...

— E' provável — admitiu a senhora.

— E qual o tipo da moça?

— Loura. E esgalga como uma vela de cêra. Bonita. Estatura mediana. Aparenta 25 a 26 anos. Veste com apuro. Não raro, é vista em companhia de indivíduos suspeitos, inimigos do Brasil. De resto, fala bem o alemão...

Dr. Paulo Néri comentou:

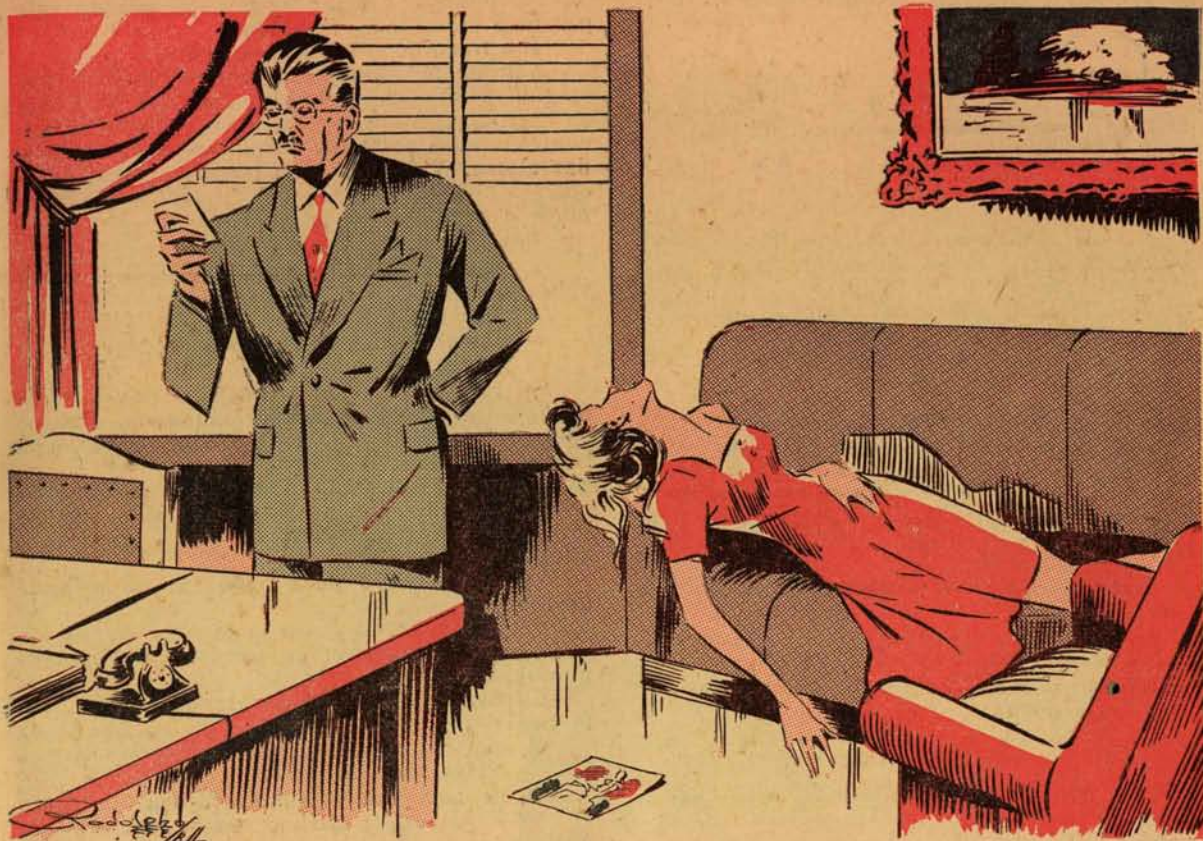
— E' singular! — E mudando de tom: — E o dono da casa de modas de Ipanema?

— Recebe-a com absoluta discreção. E com ela, permanece às vezes, em colóquios, pelo espaço de uma hora.

— Colóquios amorosos, talvez... — calculou Dr. Néri, com uma ponta de ironia.

— E' possível. Um homem e uma mulher — ajuntou Madame Ivete — têm sempre o que falar de si próprios, quando se encontram sózinhos.

Mas fêz logo a indispensável restrição: o assunto, sobre que disqueteavam, girava, de or-



dinário, em torno de política. Soubera-o por um empregado da casa.

Madame Ivete revelava, dêsse modo, uma argúcia eficazmente penetrante. E' que, sob o hábil pretexto de encomendar alguns vestidos para seu uso, estivera, várias vezes, no "atelier" de costura de Ipanema.

Ao inteirar-se desses fatos, Dr. Paulo concluiu, inteligentemente, que a pista da teuto-brasileira — a tal M. H., ou melhor, a falsa "Mimi Bluette", prometia revelações assombrosas. Mas, de quem suspeitar? M. H.? Ora essa! Via-se logo: essas iniciais eram um detalhe banal. Jovem? Loura? Outra informação inútil. E finalmente, elegante e bonita, falando bem o alemão... Estava não havia dúvida, perdido num labirinto... Qual o caminho a seguir?

— Enfim — disse, com segurança — Pode contar comigo, Madame Ivete. Vamos levar avante a tarefa.

Ao fim de um brevê silêncio, Dr. Néri a fixou com firmeza. E acentou, dogmáticamente:

— E' preciso ter em conta que, num momento em que a pátria periga, é mister que cada brasileiro tome a si o encargo de se bater em defesa de sua soberania. Bater-se! Bater-se com um fuzil nas mãos, ou sem êle, mas bater-se. O resto é secundário...

Ergueu-se da cadeira. Olhou o relógio: a entrevista durara meia hora. Dr. Néri deu dois passos na sala ampla. Voltou à sua secretária. Sentou-se, novamente, e afirmou:

— Se amanhã constatar que meu pai ou minha mãe estão traindo o Brasil, eu os denunciarei às autoridades do País.

Já de pé, Madame Ivete esperava.

— Continuemos a nossa obra. Madame — disse êle estendendo-lhe a mão.

A senhora reafirmou com um sorriso pragmático:

— Pode confiar em mim, doutor. Agirei como boa brasileira que sou.

\*

Dois dias haviam decorrido.

Dr. Paulo Néri continuava preocupado. Mas, desta vez, o que mais o inquietava, era o doce "tête-à-tête" de um chá, na intimidade do seu apartamento. Aguardava, com viva impaciência, a chegada da noiva.

Pela décima ou décima segunda vez, o chefe chegou à sacada do salão. Nesse momento, notou que um automóvel surgia no comêço da rua. Pensou alvoroçado: "Deve ser ela!" Marta! a sua deliciosa boneca. Seria ela, realmente. Mas, o veículo passou. Prosseguiu, indiferente, a sua carreira, tomando rumo diverso.

Desolado, Dr. Paulo atirou-se entre os braços de uma cadeira de couro. Abriu um livro, ao acaso. Um livro de Jules Romains, sobre assunto de guerra. Lia, distraído, sem mesmo assimilar o seu texto. Dispunha-se, por isso, a abandonar o volume sobre a mesa da sala, quando a campainha soou. Quase no mesmo instante, a porta se entreabriu. Um vulto louro de mulher, uma jovem esguia e bonita, entrou, serpenteante e cheirosa. Uma onda de perfume inundou o quieto aposento. Um sorriso e um ofegar de seio deram mais vida ao salão.

Antes de qualquer cumprimento, Dr. Paulo beijou-a.

Queixou-se, em seguida:

— Que ansiedade, Marta!

Sentaram-se ambos no divan. Dr. Néri insistiu:

— Julguei que não viesses... Que demora foi essa? Enlaçando-o pela cintura, Marta fingiu-se amuada:

— Ingrato! Não vês que estou na hora combinada?

# Pilherias



Pedido lógico:

— Papai já que compraste um piano para minha irmã, não podias dar-me um velocípede?

— Para quê?

— Para que eu possa disparar néle, quando minha começa a estudar.

\*

Dizia um sujeito, alegremente, a um amigo:

— Tenho um filho, que é a minha glória: aos 17 anos já é "calista"!

Ora, retrucou-lhe o outro, o meu, aos 14, já era "caloteiro"!

\*

A visita — Queres acompanhar-me até ao bônde, Juquinha?

Juquinha (com sete anos de idade) — Não posso.

A visita — Por quê?

Juquinha — Porque nós vamos jantar logo que a senhora vá embora.

\*

— E' inútil ocultar-lhe a verdade — dizia o médico em um hospital. — Há alguma pessoa que o senhor tenha desejo de ver?

— Há — respondeu o doente com a voz sumida.

— Quem é? — perguntou o médico.

— Outro médico — respondeu calmamente o pobre desenganado.

\*

— Por que saiu da última casa?

— Porque a patrão afirmava que eu tinha fechado por dentro a porta do meu quarto.

— E não era verdade?

— Não, minha senhora. Quem a tinha fechado era o patrão.

\*

Um sujeito que acreditava em almas do outro mundo, contava a um amigo que em sua casa não era raro aparecerem algumas à noite.

— Olha, ainda ontem andavam por lá três ou quatro.

— Mas você as viu?

— Vi-as e ouvi-as!

— E o que diziam elas?

— Isso agora é que eu não sei, porque não entendendo linguas mortas.

\*

— Tenho observado que toda vez que a orquestra toca um tango, o senhor se põe a chorar. Será, por acaso, argentino?

— Não, senhor: sou músico...

\*

— De que modo conheces-te o teu segundo marido?

— Era dono da baratinha que matou o primeiro...

— Mas, para quem espera, um minuto vale por uma eternidade, é sabido.

E a troca de efusões prosseguiu.

Seus lábios repetiram, muitas vezes, as frases feitas que os namorados de tôdas as partes do mundo murmuram, entre si, quando se encontram num ambiente propício ao descontrôle das almas. Vieram à tona naquele momento de enlêvo, tôdas as banalidades correntes que compõem o doce código do amor.

Por fim, a jovem suspirou:

— Ah! querido! Estou um pouco enervada.

— Por quê?

— Devido ao meu programa de hoje.

E enumerou:

— Imagina... Devo passar no hotel, às 20 horas — a fim de apanhar uma carta, que me chegou da Argentina. Às 21, tenho recepção na Legação da Colômbia... Às 22...

— Basta! — atalhou êle. — Já sei que não podes demorar. Ultimamente tem sido sempre assim. Tenho a impressão de que a tua vida é uma fuga permanente...

— Fuga? Mas para onde, se estou junto de ti?

— Sei lá! Talvez para o mundo da lua...

Marta não deixou de sorrir. — Disse, carinhosamente:

— Escuta, Paulo. Demorarei meia hora. Está bem?

E num tom capcioso, que a forçava trair-se:

— Ficas zangadinho?

Paulo não pôde dissimular a sua decepção.

— E' claro que não me zango. Mas acho tudo isso lamentável.

Mãos enfiadas nos bolsos, fisinomia severa, aproximou-se da sacada. Lançou um olhar distraído sobre a rua longa e, àquela hora, deserta.

Murmurando palavras de ternura, Marta procurava acalmá-lo. Fê-lo sentar-se junto de si. E, finalizando a questão, num argumento decisivo, declarou que ficaria a seu dispôr. Que mais queria êle, depois disso? — perguntou.

Fôra simples e habilidosa a promessa. O estado de espírito do rapaz modificou-se, de repente. Dissipou-se, num relance, a sombra que velava o seu olhar. Dr. Neri sorriu. Marta, vencedora, aproveitou êsse enleio para deitar a cabeça no ombro dêle, a boca semi-aberta, como o bico de um lindo pássaro cansado... Era uma tentação irresistível.

— E agora? — disse êle, risonho.

— Agora? — repetiu ela, fingida — Venha o beijo da paz...

E as duas bocas se fundiram, febrilmente, num paroxismo de exuberante volúpia.

\*

Quando Marta se libertou dos braços de Paulo Neri, exclamou com um ar brejeiro e meio séria:

— Hum!

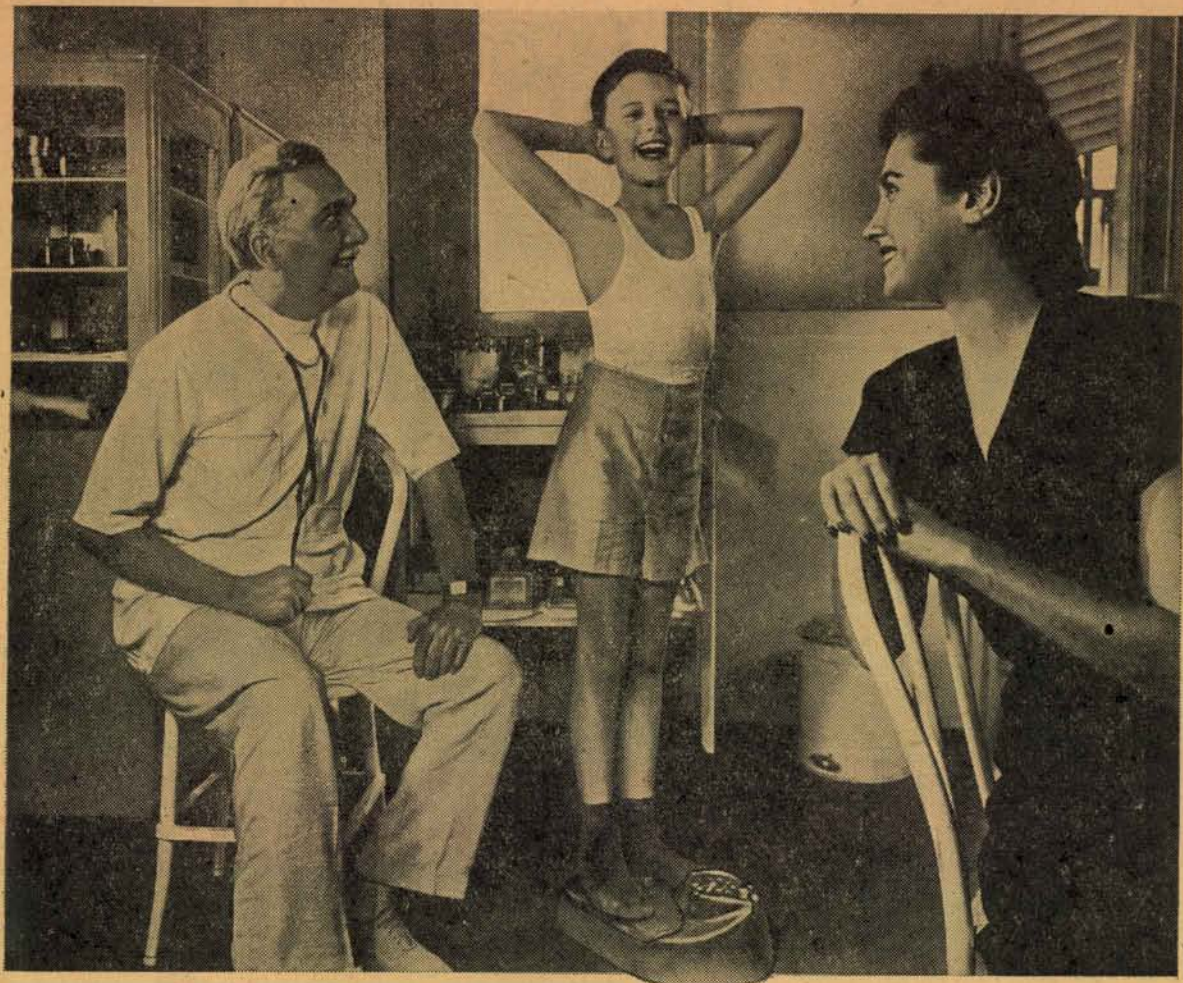
— Que é?

— Ótimo, o teu perfume! E' verdadeiramente "exquis"... Mas, sabes? Estou desconfiada. Esse perfume não será de outra?

Antes que o doutor respondesse, ela mesma tratou de corrigir:

— Perdão! Lembro-me agora... E' o teu perfume predileto. E' "Jaime"... "J'aime"...

(Continúa na pag 17)



## Quem é o mais orgulhoso ?

O orgulho de um menino que supera seus companheiros nos folguedos e a alegria da mãe antevendo o futuro do filho, podem comparar-se apenas com a satisfação do médico que acompanhou a infância desse menino, evitando-lhe os perigos comuns nessa época da vida.

Hoje, graças ao seguro diagnóstico do médico e à prescrição de dietas e vitaminas apropriadas, milhões de famílias encontraram a solução para o sério problema da nutrição defeituosa.

Por esse motivo, os cientistas dos laboratórios Squibb sentem-se orgulhosos por terem auxiliado o médico, pondo à sua disposição produtos vitamínicos da mais alta qualidade. Os produtos vitamínicos Squibb são garantidos por mais de 87 anos de ininterruptos de pesquisas farmacêuticas.

E o êxito das fórmulas dos Produtos Vitamínicos Squibb

é devido, em grande parte à íntima cooperação mantida com as mais notáveis autoridades mundiais no campo da nutrição.

Seu médico sabe que a atividade e a estabilidade de cada Produto Vitamínico Squibb são garantidas por mais de 162 provas exatas de laboratório.

É de máxima importância a consulta a seu médico sobre as vitaminas, porque só ele pode prescrever o tratamento vitamínico adequado para você e sua família.

## E·R·SQUIBB & SONS

*Químicos farmacêuticos desde 1858*

Destacam-se entre os produtos Squibb, os seguintes: Penicilina — Sulfonamidas — Anestésicos — Anti-venéreos — Vitaminas — Hormônios — Dentífricos e preparados medicinais para o lar.



O INGREDIENTE DE VALOR INESTIMÁVEL DE TODO PRODUTO É A HONRA E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE

1002

# Circo de Coelhoinhos

Conto de Marques Rebelo

Ilustração de Rodolfo



Marques Rebelo nasceu no Rio de Janeiro em 1907. Romancista moderno, teve sua consagração com "Marafá", romance premiado no "Grande Prêmio de Romance Machado de Assis", êxito sucedido por "Estréla Sobe", romance, e "Estela me abriu a porta", contos, obras que bem expressam o inegável valor dessa jovem figura da literatura nacional.

Escritor original, rico de substância poética e hábil nos diálogos, que se caracterizam pela emoção, Marques Rebelo deve ser considerado e admirado, sem favor algum, como um dos nossos grandes contistas atuais. E para confirmar esta asserção aí está "Circo de Coelhoinhos", através de cujo enredo sentimos o autor se comovendo e sofrendo com os seus personagens...

**I**SABEL, Beatriz dos olhos cõr de mel, e Lolô e Silvino, na farândula infantil dos meus amores, dançaram com Dodô e dois coelhos.

Sim, dois coelhos. Chegaram numa cesta de tampa, em certo domingo morno de novembro, quando na casa de tia Bizuca, onde eu morava e que era no Andaraí, apontavam nos ramos do pomar os primeiros sapotis inchados.

— São de raça, disse "seu" Manuel, chacareiro, valorizando o presente que me trazia. Angorás legítimos — mostrava, suspendendo-os pelas orelhas, que ao meu protesto por tamanha barbaridade foi explicado ser o processo usual e correto de pegar coelhos.

Angorás, ou não, jamais houve coelhos tão queridos, lindos que eu os achava, brancos, peludos, olhos vermelhos, orelhas roseas — dois amores!

Minha vida até aí era um suceder de brinquedos e mais brinquedos, pique, cabra-cega, traquinadas na chácara que subia até o morro, barulhentas correrias nas salas vazias do porão habitável, nem eu podia acreditar que outra fôsse a finalidade, das crianças. Foram êles, aqueles alvíssimos pompons, que me fizeram ver, além do mundo despreocupado dos folguedos, um outro mundo maior, que o colégio desvendava aos outros meninos — o das obrigações. E' que a escola para mim fôra suave. Longas as férias, poucas as aulas no pavilhão aberto dos menores, que assistia quando bem queria. Nas mãos inteligentes de D. Judite, maternal, paciente, os métodos modernos dulcificavam asperezas. E havia, sobretudo, a ordem expressa de tia, que "não puxassem por mim. Foram êles, repita-se, que me trouxeram a noção das primeiras obrigações, mas, longe de me rebelar contra elas, com que amor e alegria a elas me entreguei! "Está na hora de botar água para os coelhos" — e cataclisma nenhuma teria a força de me impedir. Penteava-os, catava-os, levava-os a passear no jardim, roseiras, só roseiras, que nos reinos das flores era a paixão de tia; recusava ao Taninho passeios dominicais no automovel de seu pai, uma Benz, que ficava com êles, móveis fontes dos meus meticulosos cuidados. Um escravo, um escravo, confesso, fiquei das suas necessidades, pequeninos tiranos inocentes.

Não só de tiranos, também de sábios aventurei chamá-los aqui (adivinhe-se lá sob tanta brancura quantos segredos traziam), tanto assim que não deixaram parar no mundo das obrigações, a série de revelações que a mim, naturalmente, se propuseram, e trouxeram-me o amor.

Amei-os com a ternura dum namorado. Enfarta-

va-os de carícias. Aos seus sôfregos abraços desabava a chuva de protestos de tia: "Você, um dia, acaba matando êstes bichos de tanto os espremer". Cobria-os de beijos, deixava-me nos cantos solitários da casa, ignorante das horas, em intermináveis conversas com êles, respondendo-lhes coisas como se mas perguntassem. Perdi a realidade, deixei de distingui-los, fundia-os num único coelho, um coelho maior que todos os coelhos, jámais vistos, quase do meu tamanho, vivendo como gente, falando e rindo como gente, vestindo-se à marinheira como eu.

Veio com o amor o séquito das suas dores. Que de torturadas horas da minha meninice vocês, adorados bicharocos, foram a causa. Amava-os demais para não sofrer com o meu amor. O ciúme fêz a sua estréia no meu coração, e fero, me consumia. Também não era para menos: tinha um rival, e de que força, anjos do céu — um rival terrível, Silvino, molequinho dois anos mais velho do que eu, que tia Bizuca tomara para criar, com três dias apenas, por morte da mãe, preta que, fielmente lhe servindo, gastara sem usura a mocidade.

Se na casa eu tinha o prestígio do sangue, êle mantinha o do tempo, de que se servia com sucesso, principalmente entre a criadagem. "Isso se deu antes do senhor ter vindo para cá, diziam-me quando se falava de acontecimentos passados. O Silvino é que sabe tudo direitinho. Realmente sabia e, olhando-me de lado, um sorriso zombeteiro que mal se percebia, contava, tim-tim por tim-tim, detalhado, supérfluo, pois não ignorava que assim fazendo me humilhava. Era o antigo, era, não se podia negar — aproveitava-se disso. Defendia-se do intruso, afinal, o intruso que era eu, finório e humaníssimo Silvino.

Terrível rival, astuto como possam sê-lo os mais, rival das oportunidades esquivas como me lembro dêle, agora, os olhos bisbilhoteiros, a cara redonda de mico, a carapinha muito rente, a esperteza dos trejeitos gaiatos, a dentadura soberba de fortaleza e alvura.

Doeu-lhe o presente do chacareiro. Por que não ganhara também? Que fizera eu para merecê-lo? Ele, sim, teria direito. Ajudava o Manuel na chácara, carregando estrume no carrinho de mão, varrendo a estufa das begonias, levando-lhe a comida, regando-lhe as plantas, auxiliando-o na podação sistemática dos ficus benjamin, tapume verde e compacto que defendia o terreno dos olhos devassadores da vizinhança. Era justo. E fôra eu que recebera o presente, eu, grande patife o Manuel, miserável chaleira, "quando tinha raiva de português não era

atoa". Só porque eu era o sobrinho, só. Ah! não ganhara? Que importa?! Saberla disputar a mim o afeto dos bichos. Saberla e soube. Se, por exemplo, eu lhes dava alface, ele a substituía logo pela que corria a buscar, pois somente ele conhecia, na horta que não lhe guardava segredos, o canteiro em que vicejavam as folhas mais frescas, os grelos mais tenros.

Na luta aberta, tomava o meu partido: eram meus, não eram? Pois então, tome, bacurau beicola, e trazia-os ao colo, dia e noite, não consentindo que ele lhes tocasse com um dedo. "Visse com os olhos"! Afagava-os na sua frente para lhe fazer pirraça: "Meus anjinhos". Que ele sofria, sofria, mas não se dava por achado e sorria-me: "Dá virá", pensava. A paciência foi premiada e o dia veio, negro dia em que tive de ir para o colégio, um colégio diferente, sério, rigoroso, com horários a que não podia fugir, pois, com dizia tia Bizuca, já estava um marmanhão, era preciso entrar feio e forte no estudo para ser gente na vida.

Como padeci, Deus o sabe. Intermináveis aulas de "seu" Silva, que ensinava tudo, menos ginástica, explicando sempre, aborrecidamente numa lição, o que iria tomar na outra. Gramática, geografia, que me importava saber verbos e substantivos, se o mundo era redondo ou quadrado, que me importava, se o meu mundo era os meus coelhos! "Seu" Silva falava alto, eu, porém, não o ouvia; meu pensamento mergulhava-se na dúvida cruel: que estará fazendo o Silvino com os meus coelhos?

Devorava com os olhos impacientes o implacável relógio do corredor sonoro, com dez janelas para o recreio, a pista de astúcia onde os bedéis se exercitavam, surgindo inesperadamente na porta das classes, surpreendendo os desprevenidos alunos faltosos. Que estará fazendo? E os ponteiros não andavam. Perdia-me no labirinto das conjecturas: estará carinhando-os, coçando-os, levando-os para pastar no quintal?... Das problemáticas suposições, seu Silva me despertava:

— "De que é que estou tratando, seu Francisco?"

Não sabia. Ganhava castigos.

Em casa, mal chegando, sacola para um lado, um beijo apressado em titia, e corria a vê-los. A brancura dos pelos não guardava a marca das pretas mãos odiadas. Os olhos vermelhos nada denunciavam. Batia-lhes, ciumento, furioso. Amedrontava-os, queriam fugir, orelhas caídas, eu os abraçava, quase chorando, com loucura.

No serão da sala de jantar, titia tricotando, eu preso aos deveres passados para fazer em casa, ele, o bandido, que puxava o assunto para me ferir:

— Eu hoje — sabe, seu Francisco? — fui com os seus coelhos até a padaria.

Eu me mordía:

— E' ?...

Silvino via que a chaga estava aberta, sangrando, e remexia-a mais, deliciando-se com a minha agonia:

— Tá bom, vou até l'embraixo ver se eles estão direitinho — e saía devagar, empurrando as mãos nos bolsos, um esgar de vingança satisfeita no canto da boca.

Meu desespero chegava ao auge. Um pouco mais e estourava. A caneta na mão nervosa fazia uma letra mil vezes pior do que verdadeiramente era; pulava palavras na cópia do "Coração", trinta e nove menos quinze davam doze no problema das laranjas.

\*

Maio plácido, ameno, maio das sinetas tocando para a bênção, pelo tombar das tardes, na Capela do Asilo, maio trouxe, na casa de titia, além da muda dos canários, algumas tangerinas temporãs e um infausto acontecimento: a morte de Silvino,



**E**LA FÔRA menina educada num colégio de freiras. Nunca, porém, Marina, exibira atitudes artificiais, delicadezas melifluas, ar de superioridade.

Sempre natural como o riso da criança, simples e agradável,

porque o espírito prático da madre superiora achava que valorizando a educação artística e as boas maneiras, as educandas deviam adquirir também um diploma que as habilitasse a ganhar a vida.

Não que Marina pensasse em

vado, eu não podia compreender como é que uma menina, no encanto dos dezesseis anos, não conseguia fazer um desatino, não conseguia mais do que sorrir. Bem verdade, era um sorriso leal, despretençioso, mas sempre sorriso.



vel, caráter firme realçado por uma alma delicada.

Trouxera do colégio, isso sim, o intenso culto à virtude. Esta influência das freiras acompanhou-a vida a fora, como defesa contra as ciladas do mundo, na expressão incisiva do seu velho pai. Trazia a alma embebida de princípios de honra, à maneira do creme gostoso, embebido da essência cheirosa, por todos os poros.

Que poder extraordinário têm certas pessoas, que força convincente! Delas, a virtude irradia. Diante da sua superioridade afirmamos:

— Um caráter!

Assim era Marina.

Lembro-me da sua figurinha de “jeune-fille” antiga, quando acabava de receber o diploma de professora, ganho apenas

utilizar-se dêle. Não. Filha do rei do café...

— Nem pensar em tal — dizia a mãe — cada grão de café da minha fazenda é um grão de ouro.

Revoltava-me ver aquela grande dama, perfumada a “Nuit de Noël”, torcer os lábios num tique nervoso, menosprezando as moças que ganham para viver.

Interessante, a mãe de Marina, embora não o fôsse, bem parecia a “nouveaux riche”, cheia de brilhantes e ostentação. Era como uma festa a que não faltasse os rojões e a banda de música.

No entanto, a filha tôda suavidade, era como que a música em surdina, dessas “boites” modernas, impregnadas de “Flor de Maçã”, perfume sutil.

Chegava quase a irritar-me tal maneira de ser. Gênio estou-

Eu achava que mocidade é loucura, espontaneidade, namôro, alegria. E ela assim, incrivelmente ajuizada, incrivelmente correta!

Certa colega, mais audaciosa não deixava de *mimoseá-la* com alfinetes.

— Fôra de moda. Tipo errado. (Porventura, os gaviões toleram as pombas? — pensava eu).

Colocar barata morta na cama de uma colega muitíssimo nervosa ou mandar cartinhas amorosas às pequenas do internato... oferecer *rouge* e *bata* à tímida irmã Alacoque, só para vê-la desapontar ou fazer “empastelamento” na rouparia, trocando os números das maiores com os números das menores... tôdas essas brincadeiras ingênuas, mas que, naquele colégio respeitável e so-

# Samambaia



Ilustração de Rodolfo

lene, ambiente de palavras ci-  
ciadas e de portas cerradas de  
mansinho, nos proporcionavam  
momentos de alegria infinita,  
— não conseguiam, no entanto,  
fazer Marina quebrar a sua li-  
nha impecável.

Enfim, cada qual com seu



temperamento, e acompanhemos  
a vida.

\*

Naquêl dia da formatura,  
após a memorável *Sinfonia do*  
*Guarani*, o mais que memorável  
*Hino da Despedida* e os super-  
amáveis cumprimentos, vi Ma-  
rina e o seu sorriso cristalizado,  
vaporosa em rodas e rodas de  
tule azul. Ia-lhe muito bem o  
azul.

Era de admirar a beleza do  
vestido, mas nada eu disse. Ora,  
para que elogios? Se elogiasse,  
não faltariam colegas peritas em  
arremessos de dardos, e que  
maliciosamente insinuassem re-  
verências ao vestido e não à  
gentil possuidora.

Grupo de mulheres... está-  
vamos tôdas ali, primorosamen-  
te vestidas, confiantes na ele-

gância da toalete e na graça da  
idade, olhando umas às outras,  
na expectativa de um elogio,  
que não veio...

Fiquei pensando, pensando nas  
palavras de alguém... Quando  
uma mulher elogia é para mos-  
trar que é destituída de inveja e  
reconhece, realmente, a beleza  
da outra. Uma mulher vê sem-  
pre na outra uma rival. Esse  
"alguém" deve ser homem, na-  
turalmente.

Entretanto, a Marina do outro  
mundo veio a mim, naquele ar-  
zinho de ingênua sinceridade.

— Como você está bonita,  
Lurdinha, tôda de branco! Pa-  
rece uma fada. De onde veio o  
seu vestido?

Outra colega ironizou:

— Essa fada está bonita, sim!  
A toalete dela veio do país en-  
cantado.

E eu, briosamente, não dei-  
xando cair a luva:

— Antes *safada*, que anjinho  
a caminho do cemitério (O seu  
vestido era todo enfeitado de  
"strass", igualzinho a êsses ga-  
les de roupinhas de anjo).

E' tal a competição, é tanto a  
vontade de umas sobressaírem-  
se às outras, que achei natural  
até certa companheira dizer nos  
dias de preparativos da festa:

— Não importa que Fulana ti-  
re nota maior. Que importa é o  
meu vestido ser o mais chique  
do baile. (Coisa louca! — di-  
riam as de hoje, — de abafar!)

E assim, nessa concorrência  
de *tules*, *lumières*, lantejoulas  
e vidrilhos, nêsse concurso de  
elegância, o nosso "baile" foi  
um deslumbramento em nada  
inferior às festas dos filmes de  
Maria Montez. Muita luz, muito  
riso, muita música...

Ah! O baile de formatura! Pa-  
rece, levamos todos êsses anos  
de estudo sómente por causa do  
baile de formatura, digo me-  
lhor, por causa do vestido des-  
sa noite. Esperamos êsse baile,  
como no tempo de criança es-  
perávamos a hora do batizado  
da boneca, ou o dia de sair de  
anjo na procissão.

Quanto sonho, quanta espe-  
rança... e que medo que o ves-  
tido não fique lindo, lindo. E  
se o namorado é de fôra, e não  
dá a certeza de vir dançar a  
*Valsa da Meia Noite*? Meu  
Deus! Ele virá?!

Outra, então, não tendo noi-  
vo, enche-se de receios de não  
dançar bastante. Meu Deus! Se-

rá que vou gostar? (Isto é, não  
vou fazer crochê?)

Por que será, mesmo nos mo-  
mentos mais felizes, há de sem-  
pre haver um tiquinho de dúvi-  
da, sombras de ansiedade, de  
certo medo subconsciente. Mun-  
do feio êste...

Porém, Marina, a pequena do  
outro mundo, não sentia assim.  
Tipo ingênuo, confiante. Pode-  
ria avançar em anos, mas a al-  
ma permanecer infantil.

Depois da troca de "amabili-  
dades" entre as professorandas,  
ela tomou-me do braço e conver-  
samos um bocadinho.

— Enfim, chegou o dia. Me-  
lhor do que êste, só o de casa-  
mento, hein, Lurdinha?

— Duvido que chegue o *meu*  
dia. Eu sou "do contra" em tu-  
do. Com êste modo de encarar  
a vida, talvez nem me case. E  
você, casa-se logo?

— Ah! Ia me esquecendo, vo-  
cê precisa conhecer o meu noi-  
vo. Ficamos noivos hoje. É o  
rapaz mais elegante que já vi.  
(E eu que não ficara noiva no  
dia da formatura... Talvez fôs-  
se eu o tipo errado.)

— E' doutor?

— Não. E' fazendeiro tam-  
bém. E' o rapaz mais sério, mais  
bonito que já vi.

— Tanto assim? Olhe, fico  
com inveja.

— Não brinque. Lurdinha. E'  
porque você não o conhece.  
Sou tão feliz! Parece que a fe-  
licidade me torna leve, leve.  
Parece que deslizo, nem sinto o  
chão sob os pés.

Era de notar nos seus olhos  
luminosos, a felicidade que a  
possuía.

Respeitei êste estado emotivo  
da companheira e deixei de  
brincar.

— Parabéns, Marina. Tenho  
a impressão, você vai desdizer  
o poeta quando afirma "Não  
existe a Felicidade, há apenas  
momentos de felicidade".

— Pois vou desafiar o poeta.  
Eduardo é "gentleman" que fa-  
rá feliz uma mulher, tôda a vi-  
da. Tenho borboletas na alma.  
Pôde caçoar da comparação.

Deus o milagre: Marina ria,  
ria.

Realmente. *Ele* se aproxima-  
va e *senti* a superioridade da-  
quêl homem. Não sei porque,  
 lembrou-me a fisionomia de  
Santo Inácio de Loyola. Não que  
lembrassem um santo. Oh! não...  
Aquêl olhos negros transbor-

No próximo número

# Alterosa

aparecerá em luxuosa  
edição especial de Natal

- \* Novo e excelente papel.
- \* Magníficos contos nacionais e estrangeiros, especialmente escritos ou traduzidos.
- \* Crônicas e artigos de palpitante atualidade, firmados pelos mais consagrados escritores do Estado e do país.
- \* Moda, beleza, arte, sociedade, humorismo, etc.

**200 PÁGINAS + CR\$5,00**

atropelado pelo caminhão do gelo, quando fôra à praça botar uma carta no Correio.

Não morreu logo. Veio berrando lacinantemente nos braços de transeuntes solícitos, o caixeiro da venda à frente, abrindo caminho, gesticulando, explicando o acidente.

A noite delirou e o delírio fê-lo autor confesso duma infinidade de malandragens miúdas, tijolos de goiabada furtados da dispensa, carretéis de linha que voavam na cesta de costuras, colherinhas de prata enterradas no terreiro. Mais ainda, fêz aclarar o grande mistério das rosas. E' que, durante meses, diàriamente aparecia juncado de pétalas o chão do roseiral, sem que nenhum vento noturno tivesse soprado, destruído. Como o roseiral era fechado por altos muros, a repetição quotidiana do fato preocupava, bastante tia Bizuca, que já aceitava a suposição de D. Marocas Silveira, espírita, que fôsse obra de algum espírito gaiato e mistificador. E era ele, Silvino, o vândalo das flores, que possuído de não sei que estranha volúpia, ia, na calada das madrugadas, pois acordava com os galos, ocultamente desfolhá-las, sem que ninguém o apanhasse.

Titia chegou a rir com a inesperada descoberta.

— Ah, gíbi sonso, então era você, hein, seu pândego?... Deixe ficar bom que vai ver só... ameaçou-o.

Ela ignorava a gravidade do acidente. Soube-a, no outro dia, pela manhã, quando o raio X confirmou o diagnóstico do sêco doutor Gouvêa, que abanava a cabeça:

— Nada, minha senhora, nada é possível fazer, além do que está feito. Só um milagre — fratura da bacia, interessando seriamente a espinha... — só um milagre — repetia com um nítido acento materialista.

— Mas, doutor...

Ele atalhou, piedoso:

— Vou lhe dar morfina para que sôfra menos.

Titia, então, dedicou-se-lhe tãda. Incansável, extremosa, dum lado para o outro, vê isto, vê aquilo, o dia inteiro, velou-o quatro noites, sem pregar olho.

Na quinta noite, seriam onze horas, a lâmpada envolta com um papel pardo, porque ele não suportava a luz, Silvino despertou da pesada letargia que lhe provocara a última injeção:

— Madrinha, — sussurrou.

— Que é? Estou aqui — é titia, rápida, saiu da sombra, donde, encolhida num banquinho, ficara, insonpe, vigiando-o.

— Sei. Me dá a sua mão.

Deu-lha e ele levou-a, dificilmente, aos lábios.

Lágrimas escorriam-lhe dos olhos que foram tão redondos e espertos e se mostravam naquele instante, tão esbugalhados e baços.

— Bêncão.

Titia adivinhou qualquer coisa:

— Que tolice, meu filho, dorme.

Filho? Silvino fêz um esforço, procurou a bôca que se confessava maternal e repetiu:

— Bêncão. Estou cansado de sofrer, madrinha. Apertou-lhe a mão com mais força, apertou-lhe, largou-a bruscamente. A cabeça tombara para o lado da parede.

— Francisco! Alexandrina! Meu Deus! Uma vela! Todos correram.

Titia já se encontrava ajoelhada. Calmos de joelhos, também, rezando. A vela começou a arder, branca, muito branca, trêmula e brilhante, na mão crioula do pequenino morto. Titia soluçava alto.

\*

Tia Bizuca, olheiras roxas, marcadas, mais magra, mais acabada, no largo vestido preto, nada poupou para o entêrro. "Pobre Silvino!" — chorava pelos cantos, entre os braços consolativos das vizinhas. A casa se encheu, que o traquinas, muito alegre, muito serviçal, era estimado nas redondezas.

Acompanhei-o até ao Inhaúma, no primeiro taxi após o coche, levando no rosto o prazer da novidade, através das ruas que os homens descobriam. Lá o deixei para sempre, na tarde tépida, opalina, sorridente, lá o deixei coberto com rosas, com todas as rosas que o roseiral precioso de titia ofereceu naquele dia, rosas brancas irmãs das que ele, por tanto tempo, tão prodigamente despetalara.

Na casa deserta das suas gargalhadas, rascantes, comprimidas — hi, hi, hi, — me senti único no amor dos meus coelhos. Pouco, porém, durou a alegria da exclusividade. A falta de concorrência me tirou, talvez, o apaixonado estímulo, talvez o futebol a que, então, me entreguei com ardor, não posso dizer, certo foram ficando abandonados os alvos objetos da minha primeira paixão. Aliás já não se mostravam possuidores da famosa brancura dos passados dias de rivalidade. Sujos, maltratados, vagavam esquecidos pelo quintal, pela horta, onde quisessem, livres, se emporcalhando na lama, no pó, no depósito de carvão, pegado ao galinheiro.

Deixei de vê-los, nem mais ia ao quintal. O Manuel, quando me encontrava na cozinha, não mudava a chapa:

— Seu Francisco está ficando um moço. Não quer saber mais de coelhos — e piscava o olho com sobranceiras carregadas.

— E', é — respondia confuso e, me esquivando pelo corredor, passei a fugir dêles às léguas. Morreram, um dia, cegos; os olhos como contas vistosas perderam a côr, se cobriram de um véu opaco. Morreram, um dia, cheios de calombos na bariga, que amedrontavam titia! "Será bubônica, Virgem Santíssima?" Não, era velhice, explicou o Manuel que, ao que parece, tudo sabia a respeito de semelhantes animais. Morreram. Titia, penalizada, esperou que também me entristecesse. Como, porém, não sentisse tristeza alguma procurei esconder-lhe este indício de perigosa insensibilidade:

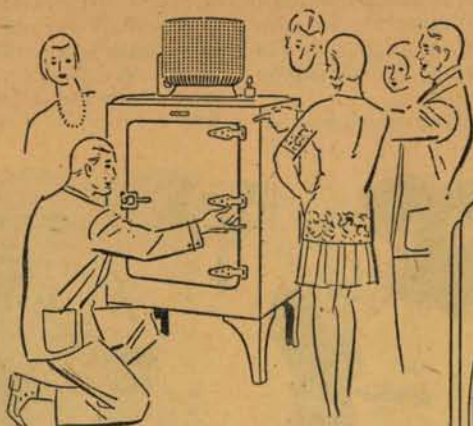
— Foi melhor assim, minha tia. Coitados, estavam sofrendo tanto.

Titia se afastou:

— Tem razão, meu filho. Foi melhor assim.

No íntimo o que eu sentia era uma completa libertação. A bola era minha idéia fixa. Jogava de "back", jogava mal, jogava como criança, mas jogava.

## Um dia, em 1925...



**C**HEGOU ao Brasil um aparelho novo: o refrigerador G. E. hermeticamente fechado. Não uma simples geladeira elétrica mas, sim, algo que representava o fruto de muitos anos de pesquisas.

O Novo Refrigerador chegou e venceu. Apreciado e popularizado, confirmou a tradição do monograma G-E e ocupou, no seu lar, um lugar difícil de substituir. Trate-o com a consideração que lhe merece um amigo fiel e dedicado e assim ele o servirá por muito mais tempo, mesmo porque — no momento — a General Electric ainda está mobilizada para o esforço de guerra.

Ouçam todas as quartas-feiras, às 16 horas, na Rádio Nacional, PRE-3, na frequência de 980 kcs., "BAZAR FEMININO" com HELENA B. SANGIRARDI. Oferta da General Electric.

...Encabece sua lista de compras com um refrigerador G-E de após-guerra, no qual serão incorporados os aperfeiçoamentos técnicos que a ciência obteve nestes últimos anos.

### REFRIGERADORES

# GENERAL ELECTRIC



EM TODAS AS CASAS DO RAMO  
DISTRIBUIDORES:

DROGARIAS RAUL CUNHA

RIO — BELO HORIZONTE

dantes de ternura, denunciando intensíssima vida interior, aquela magreza de asceta, porém, elegantíssima, aquelas feições inexpressivas, como que paralizadas em máscara de gesso, tudo, tudo me impressionou. E o seu modo de pegar o cigarro, então? Que mãos finas e aristocráticas! Pensei: é pecado até, um homem assim.

Feitas as apresentações, compreendi o enlévo de Marina. Ela percebera a minha admiração e falou-me baixinho:

— Eu não disse?

Tremera, quando o "asceta" num gesto carinhoso, tocara-lhe o queixo e, em seguida, notando belíssima cruz de brilhantes suspensa a seu colo, tomou-a nas mãos, para melhor admirá-la:

— Que linda, Marina!

— Quem, eu ou a cruz?

— Ambas, sorriu Eduardo, dando-lhe afetuoso tapinha na face.

Inspiração divina de Humberto de Campos, achando as horas dos namorados leves, airozas, ligeiras como o vôo das libélulas...

\*

E então, outra vez, acompanhemos a vida. Veio logo a crise de 29 e a consequente baixa do café.

Aquela grande dama, perfumada a "Nuit de Noël" vira seus grãos de ouro convertidos em grãos de arêia. Teria, agora, de contentar-se com água de colônia de bazar do Elias Turco.

A incrível Marina tivera pois de apelar ao diploma de pro-

fessora. Mas não sofreu com isso. Não.

Tal revés em nada viera afetar aquele estoicismo inconsciente. Esta força tirava-a ela da fragilidade do seu temperamento infantil.

— Nunca me apeguei ao dinheiro, dizia ela. — Eduardo me ama, logo o mundo é meu.

No entanto, com a vinda dos filhos, a luta começou. Ádua, penosa, cotidiana. No turbilhão de afazeres e correrias, empurrada pela necessidade, Marina nem tinha tempo para deter-se e pensar: — "Que vida!"

— Ah! As situações comezinhas e, ao mesmo tempo, como num contrasenso, as situações tão angustiosas da vida de professora! Embora repetidas, não impedem de magoar cada vez, mortificando a alma.

— Meu Deus! Vinte para as 8. E a empregada que não chega. Se ela não vier quem ficará com a criancinha para eu ir à escola? E o coador que não quer passar o café...

A criança chorando, chorando, e a mamadeira por fazer...

Final chega a cinica empregada (Sua Excelência, a Empregada) pega na menina como se fôra uma trouxa de roupa e lá vai a professora a "transmitir a luz do saber" aos filhos alheios. (Faltando 15 para as 8 o ponto é fechado).

No Grupo, esperam-na... os alunos *trescalando* a rosto sem lavar e outras coisas mais... O senhor diretor com os olhos fixos no relógio afim de ver qual a professora que chega atrasada... Certa eletricidade no ar, anunciando a visita do inspetor.

Sublime proletariado intelectual! Bem mais difícil manter a posição nêsse degrauzinho no meio da escada. Lá em cima temos o patamar seguro e desafiante. Cá em baixo, o rés do chão, seguro também.

É natural, é humano, que tudo isto, agora, chegara a afetar a irresponsabilidade infantil de Marina, porém, não chegara a atingi-la profundamente, tornando-a descrente da felicidade.

O essencial era a confiança em Eduardo. Esse amor e essa fé constituíam a lareira sagrada de sua casa, aquecendo-a gostosamente. O bebêzinho necessitava do aconchêgo da mamãe, pois não? Marina necessita de Eduardo.

E a impressionante superioridade de Eduardo? Ponto de interrogação.

Ele continuava, sim, um homem superior. Todo emprêgo

que aparecesse não estava à sua altura. Ele continuava, sim, um inadaptado, não se conformando com a queda, com a perda da sua fazenda, ora hipotecada a italianos...

Eduardo era ainda o elegante "asceta", orgulhoso de sua alta linhagem, pois, se vai o ouro, o nome fica.

Incrível Marina! A sua ingenuidade e a sua boa fé tornavam-na feliz:

— Eduardo quase não trabalhava, mas é lógico, merece um emprêgo condigno. E depois? Para que emprêgo? Espera receber a fazenda, logo, loguinho.

E com isto, iam esperando, esperando...

Sem ter consciência, Marina era o suporte do lar. O fiozinho da lâmpada é tênue, é fio de aranha, no entanto, é luz, é força.

\*

No ano passado fui assistir a mais uma festa de formatura, numa escola oficial. Lá encontrei a antiga colega, magnífica senhora apesar de tudo, ostentando os bem vividos 35 anos, a idade *machadeana*. Lá estava também sua filha, outra *jeune fille*, outro vestido de formatura, a história se repetindo.

Fôra afetuoso, fôra cordial o encontro das antigas amigas de colégio. Sabendo de sua vida, e lembrando-me da palestra no dia da nossa festa, perguntei:

— Como é, Marina, existe a felicidade? Ou são apenas momentos de felicidade?

— Existe, sim, a felicidade.

Era evidente que tal afirmação não fôra feita para encobrir um sofrimento íntimo.

Nisto, acerca-se aquela colega do vestido de "anjo a caminho do cemitério", jovem ainda, quase bonita.

Fôra mais afetuoso, fôra mais cordial o encontro das três amigas. Das três, era eu a mais desbotada. Seria por ter ficado solteirona?

Como da outra vez, o "asceta" de mãos finas junta-se ao grupo, e impressionou-me ainda, como sempre me impressionara. Oh! Quantas e quantas noites a lembrança dêste homem inquietara meus sentidos de moça virtuosa, que não quer pecar... Tentar conquistá-lo? Ora, tinha a certeza, Eduardo nunca praticaria um ato desleal. Não se via então? E depois, amava tanto a sua Marina...

Bem, conversava o grupo amigo, estuante de alegria, fa-

(Conclui na pág. 21)

# ESPIÃ

CONTINUAÇÃO

— Não é “J’aime” — atalhou êle — E’ “M’aimes-tu?”, de Caron. Ai está! Nada de mistério. É o meu perfume habitual.

E logo passando à nova ordem de idéias:

— Falemos de coisas menos frívolas. Diz-me... E o nosso casamento? Afinal, que ficou resolvido?

Para dissimular os seus propósitos, Marta observou que a maior prejudicada, no caso, seria ela. Se houvesse obstáculos, é claro que estaria disposta a contorná-los. Mas essa providência não seria preciso. Depois que se resolvesse a sua viagem ao Uruguai, trataria de resolver o problema. Mas dois meses — e tudo estaria concluído, a contento de ambos.

Paulo pareceu conformar-se com as razões e as reticências de Marta. Porque, logo em seguida, procurou conduzir a palestra sobre assuntos gerais.

Marta, por sua vez, querendo fazer-lhe surpresa abriu a bolsa para mostrar-lhe uma fotografia sua. Fôra tirada numa praia de Santos, explicou.

Nela, a jovem noiva, nericida tentadora, aparecia, sensual e radiosa, as pernas brancas — bem feitas — emergindo de um “short” elegantíssimo; sentada sobre a ponta de um rochedo; os cabelos ao vento, os olhos semi-cerrados, feridos pela claridade solar e, nos lábios, o mesmo sorriso fingido de sempre, como um desafio petulante aos Casanovas...

Entre despetitado e indiferente, Dr. Paulo contemplava o postal, quando notou um detalhe: — sorrateiramente, Marta pusera o pé em cima de um papel, que lhe caíra da bolsa.

O fato causou-lhe estranheza. Que era aquilo? Por que aquela atitude? E que mistério haveria no caso? Certamente, ela, a sua noiva, estava agindo de má fé. Escondia algum segredo. E, enquanto conjecturava, dêsse modo, uma curiosidade infernal inflamava-lhe o cérebro.

Súbito, atirou a foto para um lado, e pediu explicações a Marta, sobre a sua conduta.

— Que significa isso?

Ela simulou indiferença:

— Nada, querido! Nada!

— Nada? Não é possível! Isso não é uma explicação aceitável!

De repente, ela se fez lívida e, logo depois, tornou-se rubra e perturbada. Seus olhos, ao mesmo tempo, exprimiam desespero e pavor.

— Vamos! Dá-me êsse papel! E’ algum bilhete de amor?

Agora, ela sorria, nervosa, decepcionada consigo mesma. Súbitamente, fôra apanhada em flagrante.

— Oh! deixemos de tolices! — exclamou.

— Retira o pé dêsse papel! — ordenou êle, colérico.

— Oh! Paulo! Não seas imprudente! Isso é uma simples brincadeira. Não tem nenhuma importância. Trata-se de uma carta de meu pai para minha mãe, quando ela se encontrava na Austria. Segredos de família... Entendes?

Como resposta, Dr. Néri lhe deu um safanão — e apanhou o papel, que ela mantinha debaixo do pé.

Marta avançou para o noivo, procurando

(Conclui na pág. 112)



## Para as donas de casa

A melhor maneta de limpar cristais e objetos de copa é com água e sabão, esfregando cada peça com pedaços de jornais velhos. Isso os deixa bem limpos e com belo brilho.

✱

As flores que se cortam no jardim nas horas em que o sol é mais violento emurchem logo depois, sem contar ainda que as plantas também podem ficar prejudicadas. Para evitar tais inconvenientes, deve-se fazer a colheita das flores para os adornos caseiros pela manhã cedo ou ao cair da tarde.

✱

Os chapéus de feltro de uso corrente serão melhor conservados tendo-se o cuidado de submetê-los uma vez por outra a uma limpeza simples e de fácil execução. Para tanto, depois de bem escová-los, afim de tirá-los do pó, passa-se-lhes, em toda sua extensão, uma pequena escova umedecida em água boricada morna, tendo-se, porém, o cuidado de que a operação se efetue uniformemente. Depois se deixará que seque, nunca, porém, ao sol ou próximo ao fogo.

✱

O vinagre tem a propriedade de tornar brandas as fibras vegetais, o que permite se comer crás algumas verduras, transmitindo também certo aroma apetitoso a alguns pratos que de outro modo se tornariam simplesmente insípidos. Empregado com excesso, o vinagre irrita as vias digestivas.

✱

As luvas de camurça branca requerem muito cuidado, porque facilmente ficam sujas ou manchadas. A gasolina dá excelente resultado na limpeza das mesmas. Depois da limpeza, as luvas devem ser colocadas em lugar bem arejado, deitando-se-lhes, quando secarem, algumas gotas de perfume afim de que de todo desapareça o desagradável cheiro da gasolina.

✱

As cintas de seda que se engorduram podem ser limpas facilmente. Bastará untá-las bem com magnésia diluída em água, deixando, a seguir, que sequem ao calor. A magnésia absorve toda a gordura. Uma limpeza, depois, com a escova, passada com força, completará o trabalho.

# A Lenda das Sete Côres

Malba Tahan  
Ilustração de Rodolfo

**C**ONTA-SIE QUE outrora, em tempos já esquecidos no passado da Terra e na vida dos homens, as imensas montanhas, os mares infundos, os desertos abrasadores e tôdas as coisas que existiam no mundo eram brancas, inteiramente brancas. Tudo era branco; branco como a neve pura. Brancas as matas; brancos os rios marulhantes e brancas as flores perfumadas. Uma branquidão sem fim cobria, como um lençol monótono, a superfície do mundo. *Como se, então, de névoas um deserto*  
*Se abrisse, assim, sem luz, nem*  
*[esperança] (3)*

Ora, nesse tempo as côres — pela vontade de Allah — só apreciavam no arco-iris.

*Do Sol, aos raios, multicolor se*  
*[encurva*  
*Rútilo arco-iris, luminoso e gran-*  
*[de!... (4)*

E quando o grande semi-circulo luminoso aureolava o céu, em contraste com a brancura imaculada do firmamento, mostrava aos homens o esplendor de sua beleza incomparável. E — coisa singular! — o arco-iris tinha uma sombra. Essa sombra do arco-iris — sombra sem par entre as sombras era colorida e formada por tôdas as côres visíveis e invisíveis. Nela apareciam o roxo, o alaranjado, o amarelo, o verde, o azul, o anil, e o violeta. “Era como um abraço de luz lançado sobre a Terra!” (5)

Um “djín” bondoso, chamado Sete-Luzes, — servo de Allah — apiedou-se dos homens e pediu ao Onipotente que lhe desse a sombra do arco-iris.

— Com a sombra do arco-iris — implorou Sete-Luzes — deslumbrarei os homens. Desafiarei as côres pelo mundo desbotado, semeando beleza e alegria na Terra.

Respondeu Allah (Com êle a prece dos justos):

— Faze, pois, ó “djín!”, com a sombra do arco-iris o que quiseres. Ela é tua!

*Canta e exulta!*  
*Propaga o teu ideal risonho!*  
*Teu sonho é uma ilusão*  
*Que importa se é teu sonho! (6)*

Graças ao poder milagroso que obteve de Allah (exaltado seja o Criador!) tomou Sete-Luzes nas mãos trêmulas de alegria, a sombra prodigiosa do arco-iris e dela tirando as côres começou a colorir a brancura sem fim do mundo inteiro. “Um reflexo celestial suavizava tôdas as imagens”. (7) “e abria o coração da Terra em sensações estranhas”. (8)

O admirável “djín” atirou um pouco de azul para o firmamento (não pode haver no céu brilho mais lindo) (9) e transformou-o num véu de puríssima safira; cobriu de verde as matas densas das florestas virgens; com o azul tingiu as montanhas longinquas e com o glauco pintou as ondas do mar tempestuoso.

E o dedicado “djín”

*Qual pintor febril sonhando a*  
*[sua tela*  
*Põe-lhe côr, dá-lhe vida, enche-a*  
*[de claridade... (10)*

As flores receberam de Sete-Luzes as côres mais deslumbrantes; uma teve o róseo; outras, o amarelo; outras, o delicado tom violáceo. “E a rosa, desde então... foi rosa enfim”. (11)

Pensou o “djín” bondoso:

*Oh, neste instante*  
*todos os seres inocentes da*  
*[Terra*  
*devem estar banhados*  
*de uma grande onda*  
*de doçura...*

*Tôdas as crianças do mundo*  
*devem estar sorrindo... (12)*

\*



Por tôda a parte o gênio — servo de Allah — “tomado de um desejo violento de ser luz” (13) lançava os matizes rutilantes que davam vida e beleza às coisas! Sim! Vida e Beleza, “porque a Beleza aspira à eternidade!” (14)

E todos os prodígios de beleza, com seus infinitos matizes, eram feitos apenas com as sete côres...

*Sete côres — sete côres irradias,*  
*sete notas da música do olhar,*  
*sete sons encantadores*  
*que se compõem entre si,*  
*formando outras tantas côres,*  
*do cinzento que cisma ao jade*  
*[que sorri. (15)*

Uma jovem caucasiana pediu a Sete-Luzes que lhe desse um pouco de vermelho para os lábios, o dourado para os cabelos, o azul para os olhos e o róseo para as faces; as mulheres do Iemen preferiram ter os olhos verdes e os cabelos negros; outras desejaram nos olhos o negror da noite e nos cabelos o castanho do arrebol. A todos Sete-Luzes, sempre bondoso e paciente, ia atendendo — pois era êsse o desejo de Allah!

*Tudo é Deus, tudo é Deus! — o*  
*[mais são nomes. (16)*

Na feliz tarefa de semear as côres pelo mundo Sete-Luzes deixava cair das mãos, sobre as pedras dos caminhos, reflexos coloridos. Surgiram, assim, as pedras preciosas; os rubis, as esmeraldas, as safiras...

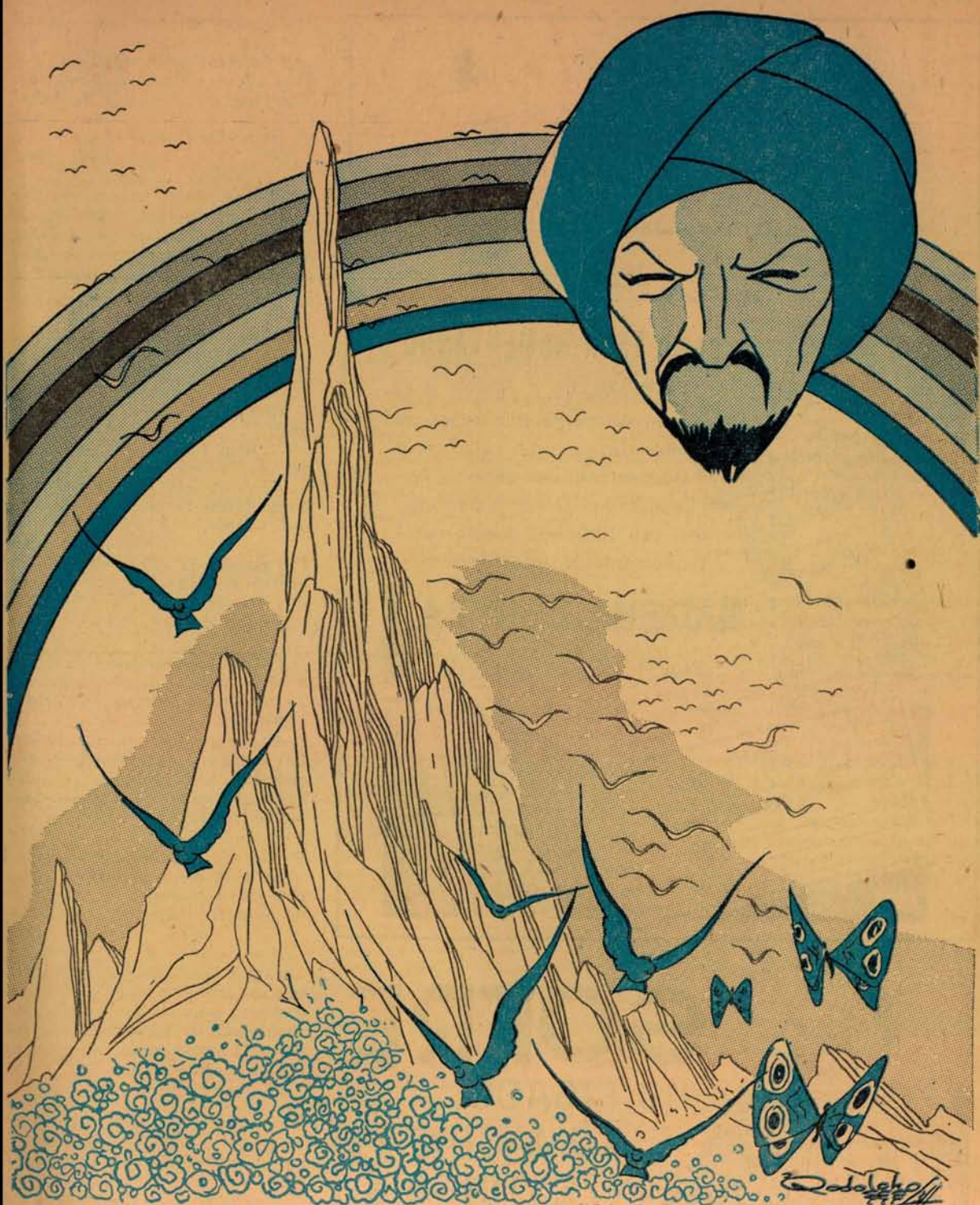
Muita razão tinha o sábio para afirmar:

*A grandeza de Deus dá vida a*  
*[tudo*  
*e tudo serve a Deus por modos*  
*[vários. (17)*

Reparaí bem ó Rei!

*Tudo é esplendor, é glória, é*  
*[sentimento,*  
*na natureza cheia de cantigas,*  
*e em golpes o corcel furioso do*  
*[vento*  
*sacode a cabeleira fulva das*  
*[espigas... (18)*

*Tudo canta, sorri, palpita e fala*  
*E a alma, aberta em flor, à luz*  
*[dos sonhos*  
*Todo perfume da existência*  
*[exala! (19)*



Muitos pássaros, atraídos pelas cores puseram-se a voar em torno do poderoso "djín" como a pedir-lhe que os embelezasse também.

Percebendo-o, o semeador de cores pôs-se a pintar-lhe as plumagens; um ficou com a cauda amarela; outro, com as asas azuis. E quando vojavam eram como manchas coloridas a cruzar os céus. O pavão abriu o

leque de sua cauda e apanhou nas penas tôdas as resteadas luminosas que Sete-Luzes irradiava. E levou, assim, para a vaidade de sua vida, as suas penas multicôres, nas quais um mito pagão quis ver os cem olhos de um personagem fabuloso chamado Argos, que só poderia existir na imaginação dos infiéis!

Um bando de borboletas pôs-se a voar em torno de Sete-Lu-

zes. Este pigmentou-lhes com esplêndidos coloridos as asas, nelas desenhando figuras admiráveis...

E tudo o "djín" fazia com engenho e arte afim de que os homens pudessem admirar a beleza. Por mim confesso...

*Amo os quadros azuis dos dias  
[de verão  
na moldura do sol...*

# fixbril

ASSENTA E DÁ BRILHO  
AO CABELO • FIXBRIL  
E USADO PELO BOM BARBEIRO



## ...como ESTÁ AUMENTANDO !

• Realmente, é notável o desenvolvimento dos nenês alimentados com Maizena Duryea; produto de alto valor nutritivo. Garanta a saúde de seu filhinho, dando-lhe diariamente a incomparável

### MAIZENA DURYEA

Verifique o  
acampamento índio  
em cada pacote

A MAIZENA DURYEA 53  
Caixa Postal, 6-B - São Paulo  
Peço enviar-me, GRATIS, o livro  
"Receitas com Maizena Duryea"

NOME \_\_\_\_\_

RUA \_\_\_\_\_

CIDADE \_\_\_\_\_

ESTADO \_\_\_\_\_



# SOFRE

DO FÍGADO,  
ESTÔMAGO E  
INTESTINOS ?

## TOME ESTOMAFITINO

E COMA O QUE QUISER

LAB. LINDACRUZ — Av. Amazonas, 298 — Belo Horizonte

Amo o azul do céu e do abraço  
[trêmulo]  
do velho mar arfante...  
Amo a festa chinesa das estrélas,  
lanternas cor-de-prata desenha-  
[das]  
na porcelana azul das noites  
quentes... (20)

Infelizmente, porém, muitas coisas não tiveram a fortuna de receber os dons de Sete-Luzes. Assim a neve que coroa as altas montanhas continuou branca, e branca permaneceu, também, a areia do intermínio deserto.

Finda a sua tarefa notou Sete-Luzes que ainda sobravam muitas cores. Que fez, então, o "djin"?

Atirou-as tôdas ao Sol, dizendo:

— Bem podes tu, ó astro generoso!, devolvê-las aos homens — de modo que sirvam para encantamento da vida e inspiração dos poetas.

Um poema de cores  
escrito no céu  
e a história da vida  
nos raios do Sol. (21)

E o sol magnânimo e fecundo, a todo momento, envia para a Terra todo o seu ser em ondas luminosas.

Ao nascer, enche de vermelho o poente; espalha pelo céu os mais ricos matizes. "O ouro fulvo do ocaso as velhas casas cobre". (22)

O Sol, de manhã, sorrindo,  
abre seus raios augustos,  
dos mesmos beijos cobrindo  
os homens bons e os injus-  
[tos. (26)]

E' por isso, ó Rei Magnânimo!, que o arco-iris não tem mais sombra, pois o maravilhoso reflexo que o acompanhava foi em mil cambiantes derramado pelo mundo.

E reparaí bem:

O arco-iris já se pôs debruçado  
[no morro]  
como um fantasma, sete cores  
[na cabeça,  
contando histórias pela boca do  
[trovão... (24)]

E o Sol, eternamente fiel ao gênio das Sete-Luzes, "sempre a acender da vida a chama violenta", (25) continua a semear as suas cores rutilantes pelo mundo para que, deslumbrados pela beleza, sem par, do Universo, possam os homens erguer louvores a Allah, Onipotente, o Criador dos mundos visíveis e invisíveis.

NOTA — Na lenda que transcrevemos (que constitui um dos capítulos do livro "A sombra do arco-íris", de Malba Tahan) foram citados os seguintes poetas:

(3) Saturnino de Melreles. (4) Emílio de Meneses. (5) Podovalho Neves. (6) Afonso Lopes de Almeida. (7) Alvaro Alencastro. (8) Dunshee de Abranches. (9) Flausino Rodrigues Vale. (10) Lindolfo Xavier. (11) Generino dos Santos. (12) Tasso da Silveira. (13) Mansueto Bernardi. (14) Da Costa e Silva. (15) Gilca Machado. (16) Junqueira Freire. (17) Gonçalves de Magalhães. (18) Pereira Reis Junior. (19) Alvaro Martins. (20) Maria Isabel. (21) Hamilton Elia. (22) Olavo Bilac. (23) Múcio. (24) Cassiano Ricardo. (25) Pethion Villar.

## FLOR DE SAMAMBAIA

### CONCLUSÃO

lando quase todos ao mesmo tempo, quando Marina reparou na cruz de brilhantes do "anjo do cemitério".

— Bela cruz! Eu tinha uma igualzinha a essa mas perdi. Senti tanto, tanto...

— Foi presente de meu marido. Que pena ter perdido a sua! Onde perdeu?

O PREMIO Nobel foi instituído por Alfredo

Nobel, o inventor da dinamite, químico sueco, cuja vida foi inteiramente dedicada ao estudo dos explosivos. Nobel demonstrou as qualidades explosivas da nitroglicerina — descoberta em 1847 pelo químico italiano Sobrero — e aperfeiçoou-a, misturando-a com sílica amorfa. Após inúmeras experiências, muitas das quais tiveram consequências desastrosas, destruindo-lhe certa vez o laboratório, Nobel chegou à descoberta da dinamite, em 1866. Ainda assim, apesar do renome que o cercava, continuou suas pesquisas, descobrindo a pólvora sem fumaça, etc. Em 1869, instalou um laboratório em Saint-Sevan, perto de Paris, e em 1891, transferiu-se para San Remo, na Itália. Criou a Fundação Nobel, que distribui anualmente os cinco prêmios Nobel, — três, destinados a cientistas de qualquer nacionalidade, que tenham introduzido aperfeiçoamentos importantes em qualquer ramo de ciência; o quarto destina-se a premiar a obra

— Em casa mesmo. Procura-mos, procuramos e não houve meios de achá-la. Eduardo chegou até a duvidar de uma criadinha.

Talvez os outros não tivessem notado, mas a mim pareceu-me ter vislumbrado instantes de palidez na colega. Marina, esta por nada, por nada suspeitaria coisa alguma. Não desceria da salvadora, da providencial bôafé.

Desfeito o grupo, naturalmente, acerquei-me do "anjo a caminho do cemitério" e murmurei, num tom confidencial, como que aplaudindo, manifestando certa conivência:

— Já sei quem lhe fez presente da cruz do brilhantes! Nada de segredos comigo, entendeu?

— Se você sabe, fique quieta, sim? Eduardo não haveria de gostar que saibam por aí. Confiamos em você.

✱

Ah! Meu Santo Inácio de Loyola...

\*\*\*

O Prêmio Nobel

literária mais idealista do ano e o último é concedido a

quem se houver esforçado pela paz e pela fraternidade dos povos. Os prêmios Nobel vêm sendo distribuídos desde 1901 e são entregues em Estocolmo, a 10 de dezembro, data do aniversário da morte do cientista sueco. Nestes últimos anos, em virtude da guerra a concessão de prêmios foi suspensa. Até 1939 era notável a lista dos detentores do prêmio Nobel. Entre eles figuraram, em química e física, e medicina: o casal Curie, Marconi, Einstein, Perrin, Svedberg, Richard Kuhn, Jules Bordet, Domagk, Carrel e Speemann. Em literatura: Sully-Prudhomme, Carducci, Kipling, Tagore, Rolland, Shaw, Grazia Deledda, Thomas Mann, Sinclair Lewis, Pirandello, Pearl Buck e Selma Lagerlof. Pelos esforços em prol da Paz, foram premiados, entre outros: o Bureau Internacional de Paz, a Cruz Vermelha Internacional de Genebra, Chamberlain, Brian, o Escritor de Nansen para Refugiados, em Genebra, T. Roosevelt e Chelwood.

\*\*\*

### Uma de Mathews Henry

MATHEWS HENRY, o famoso mestre, foi, certa vez, abordado por um grupo de larápios, que lhe tomou a bolsa. Sem qualquer lamento sobre a sua sorte, ele tratou de escrever uma página no seu diário, agradecendo a Deus pelo acontecido:

— Estou muito contente: primeiro, porque eu jamais fora roubado; segundo, porque apesar de me terem levado a bolsa, deixaram-me a vida; terceiro, porque, muito embora me tenham tirado tudo, não foi muita coisa; e quarto, porque foram eles que roubaram e não eu".

Aqui e Acolá

Inicialmente, há que advertir que os japoneses "perderam a cara". Tal fato se passou em setembro, mas tem interesse em qualquer mês, setembro como novembro. Nós brasileiros possuímos expressões tão pitorescas como essa. Mas temos de reconhecer que os nipônicos classificaram como ninguém o ato do Imperador Hirohito curvando-se diante do general Mac Arthur. Perder a cara, na linguagem lá deles, quer dizer deshonrar-se. Ora, acode-nos logo a vontade de perguntar, atentando no caso de Hirohito, se um cidadão pode perder a cara mais de uma vez...

De Sua Graciosa Majestade passamos à Fortaleza, capital do Ceará. Os jornais noticiaram o que sucedeu ali no dia 23 de setembro. É que José Armando de Sousa fez uma promessa extravagante: comprometeu-se a realizar todo ano, naquela data, um banquete especialmente oferecido aos cães. Chegado o dia, o sr. José Armando de Sousa, como um exótico anfitrião, reúne os convivas. Manda até procurá-los pela cidade, e os transporta em cômodos automóveis. Depois, propicia-lhes um cardápio organizado com esmero e com os necessários conhecimentos da culinária da espécie.

✱

De setembro a novembro, passaremos imediatamente a um comentário triste. Porque força é não esquecer que novembro é o mês dos mortos. O Dia de Finados é decerto o mais sombrio do calendário. Aquêle em que nos debruçamos sobre a nossa própria realidade, para chorar, com nossos mortos, nosso desamparo.

✱

Aproximam-se as eleições, o Brasil se movimenta. Não há mês que não seja próprio para meditar sobre o Brasil. Como sobre a paz do mundo. Neste novembro, o desejo ardente de cada homem em qualquer país, é ver a paz e a concórdia unindo os povos. Se os brasileiros pensam na felicidade de seu povo, justo é que pensemos, todos nós, brasileiros ou não, homens de todas as raças, na felicidade da família universal. É claro que a paz do mundo só poderá decorrer de um destino seguro para cada nação. E, de coração, os homens justos estarão pedindo hoje, após uma das mais vastas comições internacionais, o reinado daquela paz anunciada por Cristo. "Eu vos dou a paz, eu vos deixo a minha paz". Se os homens tivessem vivido essas palavras, de há muito a fraternidade teria adquirido o seu verdadeiro sentido.

GUI D'ALIM FILHO.

# Sêde

## Conto de John Russel

Trad. de F. Armond • Ilust. de A. Lima

**A** PEQUENA balsa finalmente desembocara na amplidão do oceano, depois de ter deslizado entre um labirinto de ilhotas e de banços de areia. Era uma prancha, equilibrada sobre três fileiras de bexigas cheias de ar e protegida por uma tósca e sólida amurada de madeira. Em pleno mar era quase imperceptível; não poderia ser vista ao longo se seus tripulantes, em caso de perigo, arriassem a pequena vela e se deitassem sobre a prancha.

Eram brancos três de seus tripulantes. Através dos trajos esfarrapados viam-se-lhes os corpos cheios de contusões. Seus pulsos e tornozelos mostravam a marca indelével dos grilhões.

O quarto tripulante era o homem que tinha construído a jangada e que a guiava agora. Nada havia nêde de extraordinário: pômulos salientes, queixo quadrado, testa estreita. A natureza o marcara com um estigma de inferioridade. Era um tipo comum das tribus da Nova Caledônia.

\*\*\*

Os três homens brancos estavam sentados a um canto da embarcação, no mais absoluto silêncio. Ao amanhecer, mexeram-se e fitaram-se com uma centelha de esperança nos olhos cansados.

— Amigos — disse de súbito o mais idoso dos três — nossa evasão é uma realidade.

E o Dr. Dubosc sorriu. Quem o tivesse conhecido noutras circunstâncias, imediatamente o identificaria por aquêde sorriso, não obstante seu aspecto atual.

— Festejemos a ocorrência — prosseguiu. Em cada seis meses se verificam setenta e cinco evasões do presídio e somente uma é coroada de êxito. Não acham que essa circunstância deve ser comemorada?

Um dos três homens o fitou com certa admiração.

Fenairon fôra condenado à prisão perpétua como incorrigível. Em seu rosto estavam estampadas tôdas as emoções; um rosto familiar à polícia e que poderia ser comparado ao de um arjo se nêde não houvesse alguma coisa vagamente diabólica.

— Nosso esculápio é um homem estupendo! — exclamou, dirigindo-se ao outro companheiro. Pensa em tudo. Tuas cantilenas deveriam causar-te vergonha. Não vês que estamos livres? Livres!

O terceiro tripulante, conhecido no presídio pela alcunha de Perroquet, era um homem maciço e de rosto corroido por bexigas. Fôra salteador de estradas, e, certamente, a administração da penitenciária teria mais interêsse na sua captura que na de Dubosc, socialmente mais perigoso, ou na de Fenairon, infinitamente mais depravado.

Perroquet não respondeu uma só palavra naquele instante, mas, após breve pausa, resmungou:

— Não debes falar em liberdade enquanto não pisaes um pedaço de terra firme. Se, por exemplo, fôssemos surpreendidos por uma tempestade?

— Não estamos na época das chuvas — aparteu Dubosc.

Contudo, as palavras de Perroquet o deixaram um tanto abalado. Eram homens fugidos de um mundo odioso e a caminho de outro ansiosamente anelado. E encontravam-se em pleno oceano, cu-

jos perigos, para êles desconhecidos, eram infinitamente superiores a todos quantos haviam enfrentado.

— Onde está o maldito barco que devia recolher-nos? — perguntou Fenairon.

— Brevemente o encontraremos — respondeu Dubosc, afetando despreocupações, mas perseguindo ansiosamente o horizonte. Hoje é o dia combinado. Está à nossa espera na foz do rio.

— Conversa fiada! — protestou Perroquet, surdamente. Onde está o rio? Se continuarmos assim êste vento nos levará à China...

— E' mister que nos conservemos distanciados da costa. Somos procurados ali, e precisamos evitar a pontaria dos caçadores indígenas...

\*\*\*

Na popa da balsa, o indígena continuava ao leme, com o corpo de ébano reluzindo ao sol. Imóvel como uma estátua, mantinha os olhos fitos no horizonte, não parecendo notar que os três homens o estavam observando.

— Creio — disse Fenairon — que aquêde sujeito tem a possibilidade de nos levar para onde lhe der na veneta. Afinal de contas, êle poderia ganhar o prêmio oferecido por nossas cabeças...

— Podes ficar tranqüilo a êsse respeito — afirmou Dubosc. Está sob minhas ordens. E' um homem primitivo, uma verdadeira criança, quanto à inteligência.

— Não acreditas que êle seja capaz de nos trair?

— Não. Cheguei a um acôrdo com o chefe de sua tribo e sua missão é levar-nos até o barco que nos espera. Os indígenas cumprem a sua palavra.

\*\*\*

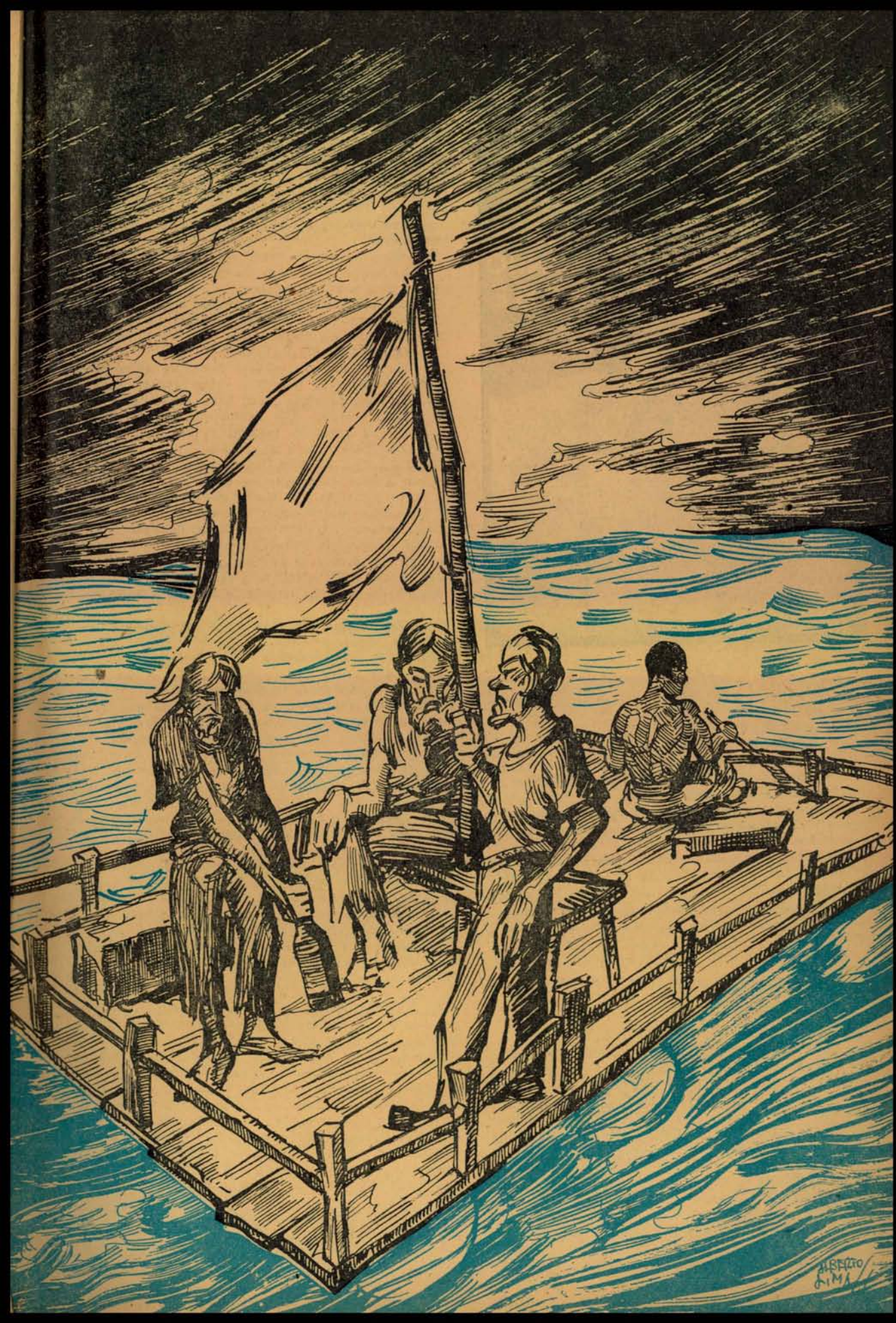
Sob a ação do calor tórrido, os dois forçados mais jovens adormeceram. Dubosc permaneceu alerta. Segundo seus cálculos, já deviam ter encontrado o barco. E nada, ainda. Não poderiam ficar em alto mar, naquela jangada.

O Dr. Dubosc previa complicações, e não estava preparado para enfrentá-las. A evasão, desde os seus preliminares, fôra concebida por êle. Escolhera deliberadamente Perroquet e Fenairon para companheiros de fuga, pela descomunal força muscular do primeiro e pela admiração que lhe parecia professor o segundo. Assim que fugiram da mina e se embrenharam nos bosques, acossados pelos guardas e pelos cães, Dubosc declarou que o chefe era êle. E os outros concordaram. Fôra êle quem arquitetara o plano de evasão; êle o médico notável cujo processo por assassinio comovera todo o mundo! Os dois forçados mais jovens aceitaram de bom-grado a chefia daquele homem e lhe seriam fiéis enquanto a jornada fôsse coroada de êxito. Mas a submissão trazia certa reserva, resultante do ciúme ou da inveja — sentimentos que nunca faltam na feroz democracia da depravação e do crime.

Dubosc resolveu tomar certas precauções. O primeiro a despertar, ao cair da tarde, foi Fenairon.

— Oh! Oh! — exclamou logo. Temos içada uma bandeira! Para quê, doutor?

A vela fôra arriada e, no seu lugar, tremulava uma ampla colcha.



**Talco Malva**

**IDEAL  
PARA DEPOIS  
DO BANHO  
DO BÊBÊ**

**FINISSIMO E  
PERFUMADO**

PERFUMARIA MARCOLLA  
RIO DE JANEIRO

FÓRMULA DO  
DR. ANTÔNIO ALVINO  
DA FACULDADE DE  
MEDICINA DE JANEIRO  
DE MINAS GERAIS

— Para que a tripulação do barco nos possa avistar.

— Magnífica idéia! Nosso doutor sempre pensa em tudo...

Não terminou a frase: sua mão, estendida na direção do centro da balsa, procurava algo. Numa espécie de nicho entre as madeiras haviam guardado a garrafa que continha a água. Agora, o vasilhame não estava ali.

— Onde está a garrafa? — perguntou Fenairon. Tenho uma sede terrível. O sol cozinhou-me.

— Creio que terás que aguentá-la um pouco mais — respondeu Dubosc. A partir deste momento, a tripulação fica sujeita a rações.

Fenairon fitou-o com ar aparvalhado e, detrás dele, apareceu a cara estulta de Perroquet.

— Poderias repetir o que acabas de dizer? Onde está a água?

— Está sob o meu controle — respondeu Dubosc.

Comprovaram, efetivamente, que ele tinha a garrafa sobre os joelhos, junto ao pacote das provisões.

— Quero beber! — rugiu Perroquet.

— Reflitamos um momento. Precisamos conservar cuidadosamente e consumir com parcimônia a pouca água que nos resta. Não é possível prever quanto tempo teremos que permanecer no mar!

Houve uma pausa, durante a qual os olhares, voltando-se para trás, contemplaram os montes da Nova Caledônia, que desapareciam no horizonte, e para o mar amplo, onde não se avistava vela alguma. O primeiro a falar foi Perroquet.

— Ah, agora me vens com cantilenas! — exclamou, com voz rouca de cólera. Não sabes até quando, hein? Mas te dizias confiante quando partimos.

— E não perdi a confiança — replicou Dubosc.

O barco virá. Tudo quanto temos a fazer é esperar que ele apareça.

— E, enquanto isso não acontece, ficaremos com a língua de fora, assando-nos ao sol, ao passo que tu bebes a água gole a gole, hein?

— E' possível...

— Mais isso não se dará! — rugiu o saltador, crispando os punhos. Ainda está para nascer o homem que...

Dubosc encolheu desdenhosamente os ombros, enquanto Fenairon ria.

— Isso mesmo: ri... Também precisas levar uma ensinadela!...

Fenairon achou prudente não retrucar.

O médico enfrentou a incipiente insubordinação com o seu habitual sorriso.

— Se não quisermos abreviar o fim de nossos dias — disse — precisamos racionar prudentemente o consumo da água.

— Quem é o culpado disso?

— Eu — admitiu Dubosc. Mas que outro recurso nos resta? Não podemos voltar atrás. Aqui estamos e aqui devemos ficar, arranjando-nos do melhor meio possível com aquilo que temos.

— Quero água! — insistiu Perroquet.

Dubosc desarrolhou a garrafa.

— Está bem — disse lentamente.

Com aquela característica suavidade que lhe dava certo prestígio a todos os gestos, tirou do alforje um cálice pouco maior que um dedal. Encheu-o cautelosamente, e Fenairon não pôde sopitar o riso ao ver a cara de Perroquet quando recebeu entre as mãos enormes o microscópico vasilhame. Dubosc serviu a Fenairon e a si mesmo uma dose idêntica do precioso líquido, e tornou a arrolhar a garrafa.

— Dará para três dias, se a repartirmos entre nós três dessa maneira.

Ninguém lhe contestou o recenseamento. Era natural que o quarto homem de bordo, o negro que ia ao leme, não fôsse incluído nele.

Perroquet calara-se; mas percebia-se que rumiava pensamentos pouco tranquilizadores. E Fenairon também não parecia muito satisfeito. Dubosc desviou a conversa para outros assuntos, depois de reafirmar aos comparsas o êxito da evasão. Sua experiência do mundo e sua fulgurante eloquência, não deixavam de exercer certa fascinação sobre as mentalidades, mais rudimentares, dos seus companheiros. Pouco a pouco recuperou o domínio sobre eles, e, à tarde, quando o vento começou a amainar, a esperança de salvação retornou a todos os espíritos. Comeram algumas bolachas, beberam outro cálice de água e, amistosamente, combinaram o revezamento dos plantões. E, durante toda a noite, cada um deles, enquanto velava junto aos companheiros adormecidos, podia contemplar vagamente o vulto do negro que cochilava à parte.

\* \* \*

Quando despertaram, de madrugada, continuava deserta a incomensurável superfície da água. Nenhuma terra à vista. Nenhuma nave. A crua realidade pouco a pouco se lhes impôs aos espíritos. Comeram silenciosamente a ração e deitaram-se sobre as pranchas úmidas. O sol ardente aumentava-lhes os padecimentos. A conselho de Dubosc, procuraram refrescar-se, mergulhando na água do mar. O negro não os imitou. Nem sequer os olhava: era como se ele fôsse o único ser vivente a bordo. Mantinha-se sentado à parte, com as pernas cruzadas, olhando sonhadoramente para diante.

— Eis ali alguém que parece divertir-se — comentou Dubosc.

— Era o que estava pensando — confirmou Fenairon.

Os três fugitivos observaram demoradamente o negro, com vivo interesse.

— Como se arranjará ele para viver, doutor? Não sentirá coisa alguma?

— E' o que eu gostaria de saber, respondeu Dubosc. E' possível que seja mais forte que nós; me-nos excitável.

— Pelo menos, nós temos bebido e ele não.

— Não me digam que aquêlê animal aguenta a sede! — berrou Perroquet. Deve ter água escondida!

A mesma idéia ocorreu simultaneamente aos três. Afastaram o negro e revistaram a jangada, de ponta a ponta, em busca do presumido esconde-rijo. Nada!

Perroquet encontrou um meio de manifestar a sua desilusão. Agarrou o negro pelos cabelos e es-pancou-o, conforme costumavam proceder com ele no presidio. Só o largou quando se cansou.

Foi um gesto cruel, vil, inútil. Mas os outros fin-giram não dar por isso. Dubosc, o homem de so-ciedade, o médico notável, não protestou. Fena-iron, por sua parte, parecia considerar aquela bru-talidade como o justo castigo a uma velha ofensa.

A noite pesou sobre eles sem trazer o mínimo alívio. Não pensaram em estabelecer o revezamen-to dos plantões, porque sabiam antecipadamente que nenhum deles dormiria.

Quando raiou a aurora do terceiro dia, cada qual estava ree concentrado em si mesmo, somente duas coisas ainda os ligavam: a garrafa da água, que Dubosc mantinha amarrada ao corpo e a exis-tência do negro na jangada...

Não era possível alhear-se à presença daquela criatura. Pesava-lhes nas consciências, mais ter-rível, misteriosa e exasperadoramente que nunca. As energias dos três iam se esgotando, ao passo que o selvagem não dava mostra de sofrimento nem de fraqueza.

\* \* \*

A tremenda tensão nervosa necessariamente ti-nha que precipitar os acontecimentos.

Na madrugada do quarto dia, Dubosc anunciou que a ração da água ficava reduzida a meio cálice. E, ao ver a garrafa, onde não havia senão cerca de um quarto de litro, Fenairon foi presa de um aces-so de loucura:

— Basta! — explodiu. Quero água! água!

Quando Dubosc, secamente, lhe recusou uma só gota mais, ele se pôs a chorar convulsivamente. De súbito, porém, levantou os braços e gritou:

— Um barco! Um barco!

Os outros voltaram-se de chofre, e perscrutaram ansiosamente o horizonte. Nada se via. Quando tornaram a olhar para Fenairon, ele tinha na mão a garrafa da água. Num gesto rápido, puxara a fa-ca e cortara a correia que prendia o vasilhame à cintura de Dubosc... E ia levá-lo aos lábios...

Perroquet arrebatou o remo das mãos do negro e, com inaudita violência, esbordoou a cabeça de Fenairon, que se estatelou como se tivesse sido ful-minado por um raio. Dubosc conseguiu amparar a garrafa e levou-a para a outra extremidade da balsa.

O saltador fitou-o, erecto, os olhos injetados de sangue.

— Não vejo barco algum — disse por fim. Para nós, tudo está acabado! E a culpa é tua, assassino! Dubosc não se mexeu.

— Se deres um só passo nesta direção, parto-te a garrafa na cabeça — disse-lhe.

Durante um segundo, os dois homens se fitaram

(Conclui na pag 113)

*Palmolive* garante mais  
beleza em  
14 dias apenas...



Compare o seu rosto com os ombros e verá que estes aparentam ser, pelo menos, cinco anos mais jovens. Isso se deve ao fato da pele do seu rosto, devido ao maquilage, permanecer com os poros fechados durante muitas horas. Por isso, para evitar que a sua cutis continue a perder a sua elasticidade, V. deve seguir este novo método de beleza que PALMOLIVE oferece: o MÉTODO PALMOLIVE DOS 14 DIAS.



Cada vez que V. lavar o rosto, fricçãoe durante um minuto com uma pequena toalha embebida na espuma vitalizante de PALMOLIVE, o sabonete embelezador, que é feito com os balsâmicos azeites de oliva e palma e que penetra profundamente nos poros, fazendo-os respirar livremente. Si a sua pele for oleosa aplique o método 3 vezes ao dia; si for seca somente de manhã e à noite.



Muitas mulheres de todas as idades experimentaram o MÉTODO PALMOLIVE DOS 14 DIAS. Está provado que ele impede a perda da elasticidade natural da cutis. Faça, também, essa prova durante 14 dias seguidos. Depois faça do MÉTODO PALMOLIVE o seu tratamento diário e permanente.



EMBELEZA DOS PÉS À CABEÇA

# A Escrivadinha

Conto de Molly Maclurg

Ilustrações de Rodolfo

**Q**ue Jill menos desejava era tornar a ver Flip. Entretanto, desde que Rita, uma antiga amiga de ambos, lhe havia telefonado dizendo que Flip estava de regresso a Londres, Jill sentia certa inquietude ao pensar na escrivadinha.

Havia pertencido à bisavó de Flip, mas Jill trazia-a consigo. Os móveis restantes eram de sua exclusiva propriedade, e os havia escolhido de maneira que harmonizassem com a formosa escrivadinha de madeira antiga que se achava colocada junto à janela. Era realmente uma preciosa peça tallada à mão por alguns mestres de séculos atrás. Refletia, no verão, os raios de sol que entravam pela janela, e no inverno o suave resplendor do fogo. Jill havia deixado o espaço livre ao seu redor afim de que seu encanto e a sua beleza pudessem sobressair. E quando suas amigas diziam: "oh! que formoso móvel!", sentia o orgulho de uma mãe que ouvisse falar de seu filho único. Ela e Flip já o haviam vendido quando se desfizeram do resto de seus móveis. Foi no primeiro ano de guerra, quando ninguém queria móveis e os preços eram baixos, de modo que Jill o conservou.

— Virei buscá-lo algum dia — disse Flip com indiferença — quando tudo isto estiver terminado. Então, o guardarei ou o venderei.

Agora apresentava-se a Jill uma oportunidade de vendê-lo.

Uma sua amiga, que entendia de antiguidade, insistiu em trazer um negociante para que o visse. E o negociante, que possuía uma conhecida casa de móveis e outros objetos antigos, ofereceu-lhe um preço que a deixou assombrada. Mas, naturalmente ela não podia vendê-lo. Explicou-lhe que não lhe pertencia e o homem despediu-se, movendo a cabeça decepcionado. Deu a Jill seu endereço.

— Se mudar de idéia ou se o dono do móvel regressar, avise-me.

Naquele tempo ela não teria a menor idéia de procurar descobrir o paradeiro de Flip; mas naquele momento sabia-o, e supondo que Flip estivesse, como sempre, necessitando de dinheiro, achou que devia revelar-lhe aquela oferta, ainda que isso viesse romper um silêncio de quase quatro anos com aquela criatura detestável.

— Será um louco — pensava, sentada junto ao telefone, esperando estar bastante serena para discar o núme-

ro que Rita havia lhe dado — se não o vender.

Ela porém já sabia que Flip era louco. Por isso, por sua loucura, pela sua maneira de esbanjar o dinheiro, se haviam separado.

Flip gastava tudo que tinha, e, quando precisava, jamais se preocupava. Ele, que tratava de ganhar a vida como escritor, recebia um cheque e gastava-o todo, trazendo-lhe um presente quando havia muitas contas a pagar; era capaz de dar o seu último vintém a um mendigo das ruas, que talvez tivesse mais do que ele. Vivia como um grão-senhor enquanto podia, e quando não, comia pão e queijo, pensando de onde viria a próxima moeda para rechazar o medidor do gás.

— E' assim que se deve viver — dizia Flip — Somando as coisas como vêm. Se há oportunidade de gastar dinheiro, gasta-se. Se se trata de ganhá-lo, ganha-se. Se a vida nos oferece algo, uma aventura, um sorriso, uma dor, cumpre tomá-lo com ambas as mãos e sentir-se agradecido. Não há mais que um único mal: aborrecer-se.

Mas acontece que Jill era distinta. Como a quase todas as mulheres, preocupava-a o futuro. Não queria andar mal vestida nem sentir fome, nem tremer de frio em frente a uma estufa apagada. E não havia podido resistir aquilo. Sentia muito porque o amava; havia amado — a Flip com toda a sua alma. Flip era a alegria, a despreocupação, o prazer. Gostava de tudo que fosse divertido. E, ainda que houvesse sido o dinheiro, havia outras coisas. Sua divisa de "tomar tudo que estiver ao alcance da mão", havia-lhe produzido muitas horas de temor e sofrimento.

Contudo, estava segura de que ele queria. No dia da separação assegurou que a amava como antes.

— Você comete um grande erro, Jill — disse-lhe. Algum dia as coisas irão bem. Não creia que terá que ir para um asilo em sua velhice, se

é isso que teme. Mas você não tem suficiente fé em mim.

Ela tratou de explicar-se.

— Não é somente o dinheiro, Flip. E' tudo em você. Eu queria viver tranquila, ter filhos. Queria... deteve-se. — Para que insistir?

\*

Jill estendeu a mão ao telefone. Discou o número e não procurou fazer caso das batidas do coração. "Venderia Flip a escrivadinha?" Dirigiu o olhar para o móvel, tão belo e harmonioso. Havia sobre ele um jarro com flores brilhantes que a lustrosa superfície refletia. Ela havia arranjado a sala de um modo que tudo dependia da escrivadinha.

Se o tirassem dali, o sítio parecia vazio. Mas... duzentas libras! Flip seria um louco se não aceitasse.

Pareceu-lhe cômico perguntar pelo capitão Morrison.

Quando ela se havia separado de Flip, ele acabava de alistar-se.

Pareceu-lhe um estranho, com seu tosco uniforme de voluntário, de cor parda, seus pés largos calçados de pesadas botas. Somente seus olhos risonhos e seu rosto delgado eram os mesmos. Até seu cabelo escuro havia mudado, tão curto estava, quase escondido sob o quepi militar inclinado. Desafiou tão galhardamente a morte como antes desafiara a vida. Flip era agora o capitão Morrison, oficial distinguido.

Ouviu sua voz, a mesma voz, ligeiramente surpreendida.

— Jill! Mas... E' você! Não podia crer em meus ouvidos quando me disseram que queria falar-me. Como está, minha querida?

Sim, sua voz havia mudado. Sentia-a indolente, um pouco risonha, afetuosa. Coisa alguma parecia descontrolar Flip.

Jill teve bastante cuidado em manter a frieza da inflexão:

— Estou muito bem, Flip, obrigada. E você? Rita me disse que você havia voltado.

— Sim — fez uma pausa como era seu costume, e Jill imaginou as chispas algo burlonas dos seus olhos azuis. — Ah! Sim! Rita, é verdade. Eu a vi. E então, querida, em que posso ser-lhe útil?

— Trata-se da escrivadinha, Flip. Tive por ela uma boa oferta. Duzentas libras.. Desejava saber se quer ou não vendê-la. Não quis fazê-lo sem a sua autorização. Mas o





homem avisou-me que mantinha a proposta para quando eu o avisasse.

Houve outro silêncio.

— Parece-me um bom negócio — disse enfim Flip, gravemente.

— E'. Duvido que consiga vendê-la por tanto em outra ocasião.

Vacilou e seus olhos dirigiram-se pensativos para a janela.

— Tenho-o conservado. Está em ótimo estado.

— Sim... — ouvi-o suspirar.

— Bom... Não sei o que fazer. Certamente tem para mim algum valor sentimental.

— Creio que será um louco se não vender — interrompeu ela vivamente.

— Acredito! Talvez você tenha razão. Mas, escuta, quase me esqueci como é este móvel. Poderia ir aí passar-lhe a vista? E sabe quem é o comprador? Desde que ele oferece esta quantia, podemos... isto é, posso achar quem dê mais.

Os olhos de Jill giraram rapidamente em torno da habitação.

Havia-se visto livre da presença de Flip, porque ele nunca estivera ali. Não desejava que seu fantasma ocupasse as cadeiras, que a sua voz

ressoasse no silêncio, que o aroma do seu cachimbo saturasse as cortinas.

Enquanto vacilava, Flip prosseguiu.

— Há razão para que não possamos almoçar juntos? Simplesmente como amigos. Posso passar aí para buscá-la, olhar o móvel e logo em seguida iremos a qualquer lugar.

Jill vacilou. Não tinha nada a fazer aquela tarde e já se sentia deprimida ao pensar nas horas vazias que a aguardavam.

Desde que ela e Flip se haviam separado, tivera bastante cuidado de que o seu tempo livre estivesse sempre ocupado com alguma coisa. Nunca desejava estar sozinha para evitar alguma aproximação de Flip. Contudo... — como amigos — havia dito ele. Que mal poderia haver?

— Pois bem, Flip, — respondeu. — Encantada.

Deu-lhe seu endereço e ele prometeu ir dentro de uma hora.

Repousou o receptor e olhou o relógio. Tinha que se apressar.

Existiria alguma mulher tão pouco feminina que não desejasse apresentar-se o melhor possível perante um homem que fôra seu marido?

Jill banhou-se e vestiu-se. Mas, a despeito da sua pressa, apenas estava vestida quando a campainha tilintou. Jill abriu a porta. No seu

## Longa Tradição de alta qualidade



Consagrado por uma preferência de meio século, graças à sua pureza e qualidade, o Sabonete de Reuter é o indicado para as epidermes mais delicadas. Isento de substâncias nocivas, o Sabonete de Reuter constitui um verdadeiro tratamento de beleza para a cutis, tornando-a macia e aveludada.

Sabonete  
de  
**Reuter**

I-A

SR-3

## A busca da felicidade

Que é todo o esforço da vida humana senão uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, senão para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O *Benal*, fórmula do Prof. *Austregésilo*, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram ao homem o mais precioso dos bens, que é o sossego do espírito. *Benal* encontra-se em todas as Drogarias e farmácias.

Rep.: **HELIO PIMENTEL & CIA.**

AV. OLEGARIO MACIEL 8

BELO HORIZONTE

uniforme, Flip, parado sobre o tape-te da porta, pareceu-lhe mais alto, mais cheio, mais grave de rosto. Saudou-a, dando-lhe a mão com seu amável semi-sorriso de sempre.

— Menina! Não mudou nada.

A serenidade e o domínio de si mesma de que Jill gabava-se em seu trabalho, abandonaram-na. Sentiu úmidas as palmas das mãos e compreendeu que seu rosto queimava.

Não sabia o que fazer. Sorriu-lhe e tratou de falar indiferentemente enquanto o conduzia à suíte.

— Você, ao contrário, parece haver mudado muito — disse-lhe.

— Creio que apenas na aparência — contestou ele, humildemente, mas seus olhos brilharam.

Jill formou com sua boca uma linha dura.

— É uma lástima. Pensei que o Exército lhe houvesse ensinado um pouco mais do sentido comum.

Mas Flip mirava a escrivaninha. Parecia muito formosa com o sol brilhando na sua superfície, o jarro azul e as flores amarelas. Enquanto se dirigia para o móvel, respondeu a Jill.

— Ensinou-me muitas coisas, creio. Por exemplo, que pode ser prudente aceitar duzentas libras por este móvel.

Deteve-se diante dele, e passou os seus dedos largos e finos sobre a lustrosa superfície.

— Guardou-o muito bem — disse.

Jill não respondeu. Observava suas mãos; os largos e finos dedos que nunca havia esquecido, a graça com que os movia. Mãos de artista. Levantou os olhos e ruborizou-se ao ver que ele a olhava sorrindo. Moveu-se, buscando um cigarro e evitando olhá-lo.

— Fica muito bem aqui — disse.

— Muito. — Olhou a peça, ao redor.

— Harmoniza-se com o resto. Que fará quando ele já não estiver aqui?

— Oh! Porei outra coisa qualquer em seu lugar.

Ele se deixou cair subitamente numa cadeira. Suas pernas largas ocupavam quase todo espaço livre.

— Crê que eu deva vendê-lo?

Ela mirou-o, sorrindo compreensivelmente.

— Pelo que eu me recordo, você sempre esteve com os bolsos vazios. Em suma, poderia ser-lhe muito útil quando abandonar o exército.

— Tem razão — suspirou ele. Olhou de novo a escrivaninha, a habitação, e disse vivamente: — Bom, está pronta? Saíamos.

Parecia ter sido há muito tempo a última vez em que ela saíra com Flip. Havia-se esquecido quão alto era ele e que o seu passo não se harmonizava com o dela, de maneira que tinha de apressar-se ou ele caminhar vagarosamente, para que pudessem andar juntos. Pensava obstinadamente que

era uma das muitas coisas em que não combinavam, quando ele lhe disse:

— Você está encantadora. Sabe disso?

Noutro tempo, quando a admiração de Flip significava tanto para ela, estas palavras a teriam feito muito feliz. Agora, desejava que ele não as houvesse dito. Não lhe respondeu.

— É necessário que você seja minha inimiga?

Ela compreendeu, pela voz, que ele estava achando tudo muito divertido.

— Eu não sou sua inimiga...

Logo, apesar de si mesma, sorriu, e as coisas se tornaram mais fáceis. Ele estendeu o braço e tomou uma das suas mãos.

— Desfrutemos esta tarde — falou.

Jill fez um esforço para retirar seus dedos; mas Flip cerrou mais firmemente a mão sobre eles, e ao final eles se achavam a andar de braço, alegremente, com os dedos enlaçados.

Flip levou-a a comer num restaurante de luxo. A comida era muito boa e os "garçons" pareciam conhecer Flip, pela maneira esmerada que lhe serviam.

"Deve encontrar-se em um dos seus períodos de fortuna", pensou ela. A ele não importava muito se devia gastar ou não.

Sabia que, dissesse o que dissesse, gastaria o mesmo. Conversaram.

Jill já havia se esquecido como era interessante conversar com Flip; como passava vivamente de um assunto para outro, de modo que para acompanhá-lo era preciso estar alerta. Flip era sempre divertido. Havia esquecido como ele fazia rir.

— Sabe de uma coisa? — disse Flip. — Já me esquecia de como você é alegre.

Jill tornou-se séria prontamente. Ela também se havia esquecido da alegria dos seus risos, o fogo de seu mútuo amor.

Durante anos vivera segura, independente, economizando dinheiro para o futuro. Sozinha no seu pequeno apartamento, a memória de Flip não viera incomodá-la.

Bom. Se havia conseguido desterrá-lo da sua mente uma vez, voltaria a fazê-lo agora, e tudo se acabava ali.

Quando acabaram de comer, ele perguntou:

— Que faremos agora?

— O que você quiser.

Flip nunca fazia projetos. No passado, quando se propunha divertir-se, saíam simplesmente à rua e o mundo se achava aos seus pés para entrete-los. Cada minuto passado junto a Flip era uma aventura; as pessoas interessantes, os bons cafés, as diversões apresentavam-se únicas.

— Caminhemos, quer?

— Sim, eu... eu tenho muitas coisas a dizer-lhe.

Era certo. Nos anos passados havia muitas coisas nas quais Jill tinha pensado. "Gostaria de saber o que acharia Flip disto ou daquilo". Flip, com seu cérebro frio, impessoal, gostava da discussão. Dissecava as pessoas e as coisas, julgava livros e obras literárias. Jill havia guardado muitas coisas para dizer-lhe; porém naquele momento havia esquecido tudo. Erraram pelas ruas ao calor do sol.

Caminharam pelo "strand" rio abaixo; pararam na ponte, fitando a formosa, curva do "Embankment", e recordando os dias em que os faróis da cidade pousavam seus largos dedos sobre as ruas e o brilhante caminho. Seguiram pela ponte, aspirando a brisa fresca e salgada que subia do rio. Olharam um grande vapor de cargas, indagaram-se a si mesmos para onde se dirigiriam.

— Penso por que você não entrou para a Armada — falou Jill. — Acreditava que lhe agradasse mais do que o Exército.

— Agradava-me, mas não me admitiram. Ou o Exército ou coisa nenhuma. E agora, que me passaram para o escritório dos Assuntos Especiais, aborrego-me lindamente.

— Não está cansado de lutas? — perguntou ela. — Esteve na África do Norte, não? — Ela sabia que ali ele havia ganho suas divisas, mas compreendeu que ele não queria alusões.

Ele encolheu os ombros.

— Estou cansado até certo ponto, mas... Já sabe como eu sou.

Ela suspirou.

— Sempre o mesmo. Como sempre, você gasta seu ordenado no mesmo dia que o recebe e passa o resto do mês sem dinheiro?

— Quase sempre — respondeu ele rindo.

Voltaram, cruzaram a ponte, e deram uma volta pelos teatros, detendo-se ante os anúncios de uma nova obra de Howar Stewart que há muito tempo permanecia no cartaz.

— Gostaria de vê-la — falou Jill.

— Talvez possamos ir outro dia. Ou eu não devo voltar a vê-la?

Detiveram-se e olharam-se nos olhos. Jill foi a primeira a desviar o olhar.

— Não sei — respondeu ela finalmente, e seguiram andando.

— Não tem pensado em voltar a casar-se? — perguntou ele.

— Não, e você? Acreditei que se casaria com aquela morena...

— Aquela por quem você armou tanto barulho? Não. Ela nunca significou coisa alguma para mim. Mas você não quis escutar-me.

— Foi a terceira vez, desde que nos casamos — falou Jill com um acento de ironia, mas sem cólera.

— Eu sei... mas não discutamos isso. — Depois de um momento



acrescentou: — Pode acreditar-me; não olhei a nenhuma outra desde então.

Ela perguntou ácidamente:

— E o que está fazendo agora?

Flip deixou ouvir uma risada.

— Trabalhando.

— Em quê?

Flip encolheu os ombros.

— Nisto e naquilo. E sobretudo — acrescentou — tenho caminhado pelo deserto.

— E isso deve ter limitado sua esfera de ação — replicou Jill.

\*

Entraram em um bar e beberam cerveja gelada em altos copos.

Miraram-se com olhos risonhos, e Jill encontrou-se pensando desesperadamente: "Se pudesse ser sempre assim..."

Dominou-se, entretanto, e disse com acento de mulher de negócios:

— Enfim, que decidiu acerca da escritaninha?

Flip respondeu com ar sonhador:

— Minha bisavó se enamorou quando era muito jovem. Seus pais não aprovaram aqueles amores e obrigaram-na a romper. Depois casou-se com o homem que foi meu bisavô; porém, durante muitos anos, es-

creveu e recebeu cartas do seu primeiro amor. Escreveu-as neste móvel e depois que ela morreu encontraram, numa caixa secreta, um pacote de cartas enlaçadas por uma fita azul.

— Está inventando isso.

— Não; juro-lhe que é verdade.

— Nunca soube que havia uma gaveta secreta.

Flip olhou-a divertido.

— Não? E mesmo sendo tão curiosa. Bem, pois existe, e muito interessante, como verá quando a descobrir.

Jill pensava: "Havia muitas coisas de Flip naquela escritaninha quando ela chegou ao meu poder. Tirei-as todas; mas não descobri a gaveta secreta. Penso que haverá mais neio... penso sim..."

— Não achará nenhum obscuro segredo meu na tal gaveta, minha amiga — disse ele, adivinhando seus pensamentos.

O rosto de Jill avermelhou-se.

— Estava pensando — disse friamente — que esta gaveta secreta pode aumentar o valor do móvel.

— Ah! Naturalmente... Que prática você é! Minha avó — continuou — usava esta gaveta para guardar

seus livros de contas. Meu avô tinha muito cuidado com o seu dinheiro — os olhos de Flip brilharam travessamente. — Podia-se chamá-lo “avaro” Ao contrário, minha avó era generosa, pródiga e...

— Parecida com você, em suma — disse ela, devolvendo-lhe a indireta. Ele inclinou-se ligeiramente.

— Sem dúvida herdei dela minhas melhores qualidades. Mas... compreendeu o que eu quis dizer? Minha mãe usou-a durante toda a sua vida; está ligada à minha família e a mim. É minha única herança — bebeu observando-a. — Crê todavia que deva vendê-la?

Jill moveu-se um pouco incômoda.

— Deixou-a durante muitos anos — disse tranquilamente. Disse-me você que quase havia esquecido o seu aspecto.

— Sabia que você cuidaria dela — respondeu ele, tranquilamente. — Talvez houvesse sido mais sincero dizendo que havia esquecido o “seu” aspecto.

Jill não respondeu. Aquelas palavras doeram-lhe. Havia-a esquecido? E por que não? Ela o havia feito infeliz, depois de tudo.

— Crê agora que eu deva vendê-la? — insistiu ele.

Jill fez um gesto de impaciência. — Duzentas libras — começou.

— São duzentas libras, Jill.

— Faça o que lhe pareça melhor, — disse ela impacientemente. — O móvel é seu, afinal de contas. — Tomei o trabalho de telefonar-lhe porque acreditei que devia sabê-lo. Pouco me importa que o venda ou não?

— Está segura disso?

— Completamente segura.

— Então decidirei e lhe falarei por telefone, amanhã.

Amanhã! O dia seguinte havia sido

para ela um espaço vazio, interminável. Agora era um dia alegre, um dia que haveria de trazer-lhe algo. “Oh, devo estar louca”, pensou.

Por fim, dirigiram-se para casa. No umbral, Jill vacilou.

Esteve quase convidando-o para entrar. Mas decidiu não convidá-lo. Ele olhou-a sorrindo, quando ela havia subido alguns degraus, de modo que suas cabeças ficaram a uma mesma altura.

— Foi uma noite feliz. Poderemos repeti-la?

— Não sei.

— Espero que sim. Telefonarei amanhã para dizer o que resolvi a respeito do móvel. Acreditar-me-á um pobre idiota se não vendê-lo, não é?

— Que importa?

Flip suspirou.

— Suponho que nada. Bom, obrigado por ter saído comigo essa noite. Temo que não tenha se divertido muito.

No entanto Jill sentia-se contente como não lhe havia ocorrido há muitos anos. Disse-lhe imediatamente, com seus olhos nos dele.

— Obrigada. Obrigada por esta bela noite.

Então voltou-se e subiu correndo o resto da escada.

\*

Na manhã seguinte, porém, tudo foi diferente... “Engano”, pensou Jill, “mistificação”. Não se deixaria dominar novamente por ele.

Só podia fazer uma coisa.

Quando ele a chamou pelo telefone e disse que podia vender a escrivaninha ela aplaudiu calorosamente seu bom-propósito. Mas quando ele pediu que se encontrassem no dia seguinte, disse que tinha de sair.

Flip apenas disse:

— Sempre trabalhando para asse-

guar o futuro, querida? Bem, chama-me quando se achar aborrecida de todos esses “compromissos”.

O receptor soou fortemente aos seus ouvidos, e ela se encontrou novamente sozinha num mundo vazio. Sentou-se, passando seus olhares pela peça e os deteve no formoso móvel antigo. Perdê-lo-ia. Que havia dito Flip? “É parte de minha vida. O único que resta dos meus antepassados”. Passou pela superfície do móvel um pano antes de sair para o trabalho, e quando voltou para casa à noite, tratou de imaginar como ficaria o apartamento sem ele. “Que vazio ia ficar”!

E além do mais o móvel era útil. De altura conveniente para se escrever cartas; e nas gavetas guardava-se tanta coisa... Recordou-se da gaveta secreta e começou a procurá-la. Encontrou-a, finalmente. Não era difícil, uma vez conhecida sua existência. Era uma gavetazinha colocada atrás de uma outra, e que se abria comprimindo uma mola. Dentro não achou nada de grande interesse.

Um punhado de flores murchas, um “carnet” de baile amarelado pelo tempo, uns fios de cabelo negro atados por uma fita azul e uma etiqueta que dizia: “Cabelos de Flip, 1912”. Enlaçou aqueles fios em sua mão e os cabelos envolveram seus dedos, como os dedos de Flip com os dela, na noite anterior. Eram os cabelos dele, quando tinha um ano de idade. Imaginou um bebê de olhos alegres, com pernas gordas e riso travesso. Guardou os cabelos novamente e agarrou o “carnet” de baile. Havia pertencido à mãe de Flip ou à sua avó? Impossível saber. A letra era de uma mão jovem e o “carnet” estava cheio. Ela devia ter muitos admiradores. E em cada quarta linha estava escrito o mesmo nome, com letra clara que não se esmaecera com o tempo: “Philip Morrison”.

A letra era parecida com a de Flip. Jill imaginou aquele homem acaso seu avô, de pé junto à jovem nervosa e escrevendo seu nome sobre o programa, devolvendo-lhe com uma profunda reverência, enquanto que seus olhos, os olhos de Flip, brilhavam triunfantes.

Talvez não estivessem ainda comprometidos. Que escandalizados estariam os demais!

Jill guardou novamente as coisas e fechou a gaveta. Que loucuras sentimentais! Imediatamente, com um gesto de impaciência, dirigiu-se para o telefone.

— Alô!

Jill sobressaltou-se.

— Alô! O senhor Lakeron. Fala a senhora Morrison. A respeito do móvel...

\*

Naquela noite estrelavam uma nova obra de Howar Stewart.

Flip, com duas entradas no bolso, caminhava lentamente pela rua.

## Nossas Vidas

Que o teu caminho pelo meu cruzasse  
Quis o destino, certo, por maldade.  
Urdu o encontro e o triste desenlace...  
E foi efêmera a felicidade!

Como se isso tudo não bastasse  
Foi mais além sua perversidade.  
Fêz com que o amor em nós se eternizasse  
Por uma atroz e interminável saudade.

Nossas vidas... Agora, vejo nelas  
O destino das linhas paralelas  
Sempre a seguir na mesma direção.

Tão distantes, porém, tão desunidas...  
Por mais que se prolonguem, nossas vidas  
Nunca mais outra vez se cruzarão.

Ilza Montenegro



Pensara em mandar os dois ingressos à Jill pelo correio. Ela lhe havia dito que desejava ver a peça, dois meses atrás, naquela noite em que se haviam visto. Chamou-a no dia seguinte, cheio de esperanças, pronto a cair a seus pés se ela o quisesse. Vendera até a escrivadinha para agradá-la. Mas não conseguiu voltar a vê-la. Unicamente recebeu as duzentas libras com algumas linhas dela. Assim imaginava que ela houvesse vendido o escritório. E ali estava agora com os dois bilhetes no bolso, pensando que talvez ela não conseguisse ver a peça por não poder adquirir localidade. Decidiu-se imediatamente.

Em frente à casa de Jill deteve-se contemplando as cortinas verdes que o vento agitava na janela aberta.

Subiu a escada e chamou. Ela abriu a porta, lançou uma exclamação de surpresa e logo olhou com uma expressão angustiosa e culpável sobre seu ombro. Seu rosto tomou a cor incendiada de uma amapola.

Flip mirava-a fascinado e confundido igualmente. Depois de tudo ele não se julgava mais com direitos sobre Jill. Por que, então, aquela deliciosa confusão?

— Olá, Jill! — disse por fim alegremente. — Posso entrar?

Ela começou a mover negativamente a cabeça, olhou-o com ar desesperado, mas terminou por afastar-se e deixou que ele passasse.

Ele seguiu-a perplexo ao "living-room"; ela evitava seus olhares, sempre confusa. Que se passava? O apartamento parecia o mesmo. O mesmo Flip olhou com mais atenção. Ah, junto a janela, entre as cortinas flutuantes, refletindo o jarrão de prata e as rosas brilhantes, estava a escrivadinha da sua bisavó.

Reinou um largo silêncio. Flip fitava a Jill mas ela havia abaixado os olhos pelo chão.

— Permite-me sentar?

— Sente-se, eu lhe peço.

Flip sentou-se e fitou a escrivadinha. Voltou a olhar novamente para Jill. Não... não podia ser uma reprodução. A madeira, a cor...

— Jill, é a mesma, não é?

Ela lançou um largo suspiro.

— Sim... é a mesma.

— Mas... não a vendeu?

Ela moveu negativamente a cabeça. — Eu não a vendi. Você a vendeu e eu a comprei.

Sentia-se envergonhada. Era um gesto louco. Algo mesmo que Flip teria feito.

— Mas... por quê?

— Você... é tão doido por dinheiro! Pensei precisasse dessas duzentas libras. Era ridículo perder essa oportunidade. Mas... quando chegou o momento não pude separar-me dela. Assim eu lhe enviei o cheque e guardei-a para mim.

— Jill... Deus meu!... — Podia guardá-la se quisesse. Devia ter

compreendido isso. E... por que o queria?

— Não sei... — os lábios de Jill tremiam. — Pareceu-me duro que ela passasse para a propriedade de estranhos que não a amariam como eu, quando pertencera à sua família durante tantos anos. Era sua herança... quer dizer que algum dia pensava devolver-lha a você. Pareceu-me que... não devia perdê-la.

Flip levantou-se, subitamente. Sentia desejos de cantar, de dançar. No entanto, falou:

— Que coisa mais longa, mais disparatada, mais sem sentido comum! Tinha o afortunado móvel sem pagar um níquel por ele. E manda-me um cheque de duzentas libras para continuar possuindo-o. Daqui por diante não me faça mais sermões sobre o valor do dinheiro, Jill Morrison.

— Não — replicou ela.

Algo estranho acontecia também com Jill. Devia sentir-se ainda envergonhada, mas ao contrário experimentava desejos de rir e cantar.

— E há alguma coisa mais, — falou Flip, sacando do bolso os ingressos. — Vim porque tenho dois lugares para a peça de Howard Stewart; vim precisamente para dá-las. Mas agora...

Começou a rasgar os ingressos. Jill correu na sua direção.

— Flip... não faça isto. Por que? — disse, tirando-lhe os pedaços das mãos. Logo sentiu que Flip havia colocado as mãos nos seus ombros. Levantou o olhar. Os olhos dele eram ternos e risonhos. Sua boca curvava-se lentamente nos ângulos, esboçando aquele sorriso que ela conhecia tão bem, e que o fazia irresistível.

— Porque, minha adorável cabecinha sem senso, eu mesmo vou levá-la. E não precisamos de lugares. Iremos para o palco. O palco do autor.

— O autor! Mas...

— Todo esse tempo, Jill — disse ele, tranquilamente — tenho estado aprendendo. Estudando a vida. Conhecendo a tristeza, o valor do dinheiro, o meu próprio valor. Sei que a fiz infeliz, mas era algo que não podia ser remediado. Falei-lhe que tudo iria bem no fim. E antes de mandar cheques aos necessitados, querida, vê bem se eles realmente necessitam. Comunico-lhe que sou... Howard Stewart.

Alguns minutos depois Jill dizia com dolorido acento:

— Todo mundo dirá que me uni novamente a você pelo seu dinheiro.

Flip desandou a rir.

— Não me incomode. Tapa-lhe a boca dizendo que voltou novamente para mim unicamente para conservar uma relíquia; a escrivadinha onde minha bisavó escrevia suas cartas de amor...

**Sangue  
puro**

com o uso de

**INHAMEOL**

**REI DOS DEPURATIVOS  
DO SANGUE**

A Sífilis é produtora e origem de muitas afecções graves. Use para combate deste flagelo o grande auxiliar no tratamento da Sífilis e suas manifestações.

**INHAMEOL**

CONTRA: REUMATISMO —  
ULCERAS NAS PERNAS —  
FERIDAS — MANCHAS DA  
PELE — DORES DE ORIGEM  
SIFILITICA — PURGAÇÃO  
DOS OUVIDOS — PURGAÇÃO  
DOS OLHOS COM ARDENÇIA E  
LACRIMEJAMENTO.

A VENDA EM TODAS AS  
FARMACIAS E DROGARIAS DO PAÍS

**CABELLOS  
BRANCOS**

**CASPA**  
**Quêda**  
**dos**  
**Cabellos**

**JUVENTUDE**  
**ALEXANDRE**

# O Velho Carvalho

Conto de Mary Hanison Hooker

Ilustrações de A. Lima

MARTA encontrava-se apoiada ao velho carvalho. A brisa fresca da noite atenuava o ardor que ela sentia nas faces. Ao redor, tudo se conservava como sempre. Um pássaro plou, com aquêle pio peculiar aos seres voadores quando chega o momento do retiro e do repouso. A primeira estrêla começara a brilhar pelo céu e, no vale, viam-se outras granjas, com suas casas de chaminés fumegantes.

Pela primeira vez, nos sete anos de casado, Maria e João se achavam juntos ao pé do velho carvalho. No que viria depois, nada voltaria a ser como antes entre eles. Acaso ela não havia visto a expressão de alegria do marido quando vira Eva Pittman, depois de muitos anos? Eva Pittman e seus amigos haviam chegado inesperadamente ao meio dia.

De que modo uma simples casualidade podia fazer com que a felicidade de uma pessoa se convertesse em sofrimento!

Marta suspirou e afastou uma mecha de cabelos que lhe caía sobre os olhos. Seus dedos eram rústicos, sentia-os ásperos ao passar as mãos pelo rosto. Eram os dedos endurecidos da mulher dedicada inteiramente ao trabalho doméstico. As mãos de Eva, ao contrário, eram brancas e suaves como pétalas. Era lógico: sempre se houvera dedicado em cuidar-las. E jamais tivera que fazer com elas o menor trabalho rude. Nada sabiam, aquelas mãos delicadas, dos trabalhos de um lar, de uma granja, de cuidar dos filhos.

O trágico para Marta era que ela conhecia a verdade: o coração de João estava preso, muito antes de havê-la conhecido, nas mãos delicadas de Eva Pittman.

— Se Eva me aceita, voltarei a ela — havia elle dito a si mesmo muito antes de casar-se com Marta, estava claro.

Era muito provável que, agora, voltando a vê-la, tão formosa como sempre, João se sentisse irresistivelmente atraído.

E se essa atração fôsse superior a si mesmo, e o fizesse esquecer de sua mulher e seus dois filhos? Por outra parte Eva vivia em um mundo ao qual João pertencera antes de vir à granja. Indubitavelmente, a possibilidade de voltar ao meio cnde se criara exerceria sobre elle uma forte influência. E aquella possibilidade agora era uma certeza: se João o deseja, podia voltar...

Marta voltou-se para olhar atrás. O automóvel que trouxera Eva Pittman e os Foster retirava-se. Avançava lentamente pelo estreito caminho da granja. João caminhava junto ao mesmo, conversando com os ocupantes. Estava contente, ria muito, e a cicatriz do rosto apenas se lhe notava... João: alto, galhardo. Agora, o ligeiro defeito no andar era também muito pouco visível.

— Até à vista, Eva — ouviu-o exclamar Marta. — Voltaremos a ver-nos breve. Também verei a vocês, senhora, Sr. Foster. Muito obrigado por tudo.

Marta apoiou novamente as costas contra o velho carvalho: imaginava o sorriso do formoso e duro rosto de Eva. E a si mesma falou doloridamente: "João é capaz de voltar para ela. Uma vez disse-me que voltaria em qualquer momento em que ela o chamasse..."

Com esforço, recompôs-se. O velho Iom, encarregado dos trabalhos supérfluos da granja, estaria de volta com as crianças, a quem levava em uma excursão de pesca. E os meninos voltariam, sem dúvida, com muito apetite. Nic tinha seis anos e Denis quatro, mas comiam como se já fôsem maiores... Marta voltou a fitar a casa. João se achava à porta, com a lâmpada de querozene. Atravessou lentamente a distância que o separava do celeiro. Imediatamente Marta viu brilhar a luz através do vidro da janela da ampla habitação situada sobre o celeiro. Ali era o estúdio de João. Não era estranho que subisse para ver os seus quadros. Sua excitação e seu contentamento foram muito grandes quando o Sr. Foster, o hábil e conhecido dono de uma das principais galerias de arte elogiou suas pinturas. Breve o mundo iria à famosa Bond Street admirar as obras de arte do seu marido. João estaria ali, e Eva também. Eva, livre, desde a morte do seu espôso.

Fora, a noite era completa. A brisa soprava mais fresca. Marta murmurou:

— Se elle quer falar-me algo, seguramente virá fazê-lo aqui, junto ao velho carvalho. Aqui nós nos encontramos tôdas as noites para conversar... E se elle me disser que deseja ir a Londres, não me oporei. Quem sou eu para opôr-me? Quando aceitei sua proposta de casamento sabia que poderia ocorrer alguma coisa assim. De qualquer modo, fui feliz durante sete anos; tenho os filhos que elle me deu. E se alguma vez elle quiser regressar... aqui nos encontrará a todos, esperando-o...

\*

João havia chegado à granja num dia muito parecido com aquele em que encontramos Marta inquieta ante a possibilidade de perder sua felicidade. Chegara no seu automóvel estrepitoso e veloz. Deteve-o com uma forte freiada e apeou-se. Por que teria ido ali? Aquella granja não era certamente lugar para atrair a atenção dos turistas. Mais de uma vez Marta havia desejado dedicar-se à venda de ovos e mel. As finanças da casa andavam bastante mal desde o falecimento de seu pai. Mas sua mãe tinha idéias muito pessoais a respeito e considerava pouco digno de uma dama dedicar-se a semelhante comércio.

— Antes preferiria vender as terras — contestava a velha cada vez que a moça lhe rogava a deixasse iniciar aquêle pequeno negócio.

Vendo Marta, o jovem do automóvel, que chamava a atenção por uma cicatriz no rosto, assim como por caminhar com uma perna rígida, perguntou-lhe:

— Poderia indicar-me se alguma pessoa destas redondezas tem um quarto para alugar?

E reparando que a moça lhe mirava a perna manca, juntou:

— Faz pouco tempo fui vítima de um acidente automobilístico, e necessito do clima do campo para recompor-me. Conhece quem possa alugar-me algum quarto?

— Não sei — respondeu ela por fim. — Mas perguntarei a minha mãe. — A sua mãe conhecia todos os acontecimentos e milagres dos arredores. — Entre na sala. Verei se minha mãe já despertou. Ela está um pouco doente, de cama. Espero que, se o senhor não tem pressa, possa ficar e almoçar co-

nosco. — Marta subiu ao quarto de sua mãe, encontrando-a preparando-se para levantar.

— Se não ouvi mal, em baixo há um estranho — falou a velha ao ver sua filha.

— Realmente, mamãe — respondeu Marta. E' um forasteiro que pergunta se alguém aluga um quarto por esses arredores.

— Ajude-me a vestir. Quero vê-lo.

— Mas, mamãe, não te lembras de que o médico recomendou que não te levantasses?

— Faça o que eu te digo, Marta! — retrucou a mãe, que sempre fazia o que lhe parecia melhor.

Francamente, foi para Marta verdadeira violência a maneira como sua mãe fitou o jovem desconhecido durante o transcurso da comida. De vez em quando a velha lhe dirigia uma pergunta, que o rapaz respondia com muita cortesia. Entretanto, no fim pareceu sentir-se incomodado com tantas perguntas e disse:

— Senhora, se deseja conhecer a minha linhagem, farei com que a eviem de Grischester. Chamo-me João Doile; tenho vinte e cinco anos de idade. Jamais imaginei que para conseguir alojamento devesse provar que pertenço a uma família de honorabilidade irreprochável.

— Não diga bobagens, rapaz! — respondeu a mãe de Marta impassível. Antes de dar-se hospedagem a alguém é necessário saber-se quem é. Parece-me estranho que um rapaz de família rica como parece você, venha viver no campo.

— Vim ao campo para restabelecer-me... e também porque, precisamente, desejo afastar-me da gente que conheço, — foi a resposta franca e direta de João. — A senhora pode ou não pode indicar-me onde existe alojamento?

— Pode ficar aqui — respondeu a velha. Ao ouvi-la Marta ficou de tal modo assombrada que quase deixou a cafeteira cair no chão. Reparando, sua mãe disse, à maneira de explicação:

— E' uma coisa muito digna uma dama tomar hóspedes em sua casa. Muitos dos meus parentes de Fotheringham fazem o mesmo. Marta, prepara o quarto do lado direito para este cavalheiro.

O quarto da direita era verdadeiramente encantador. Tinha duas grandes janelas. A paisagem era admirável.

\*

— Dormi durante toda a tarde, — anunciou durante a noite, enquanto ceavam. — Deixe que eu lhe agradeça, senhora. Meu quarto é o mais bonito do



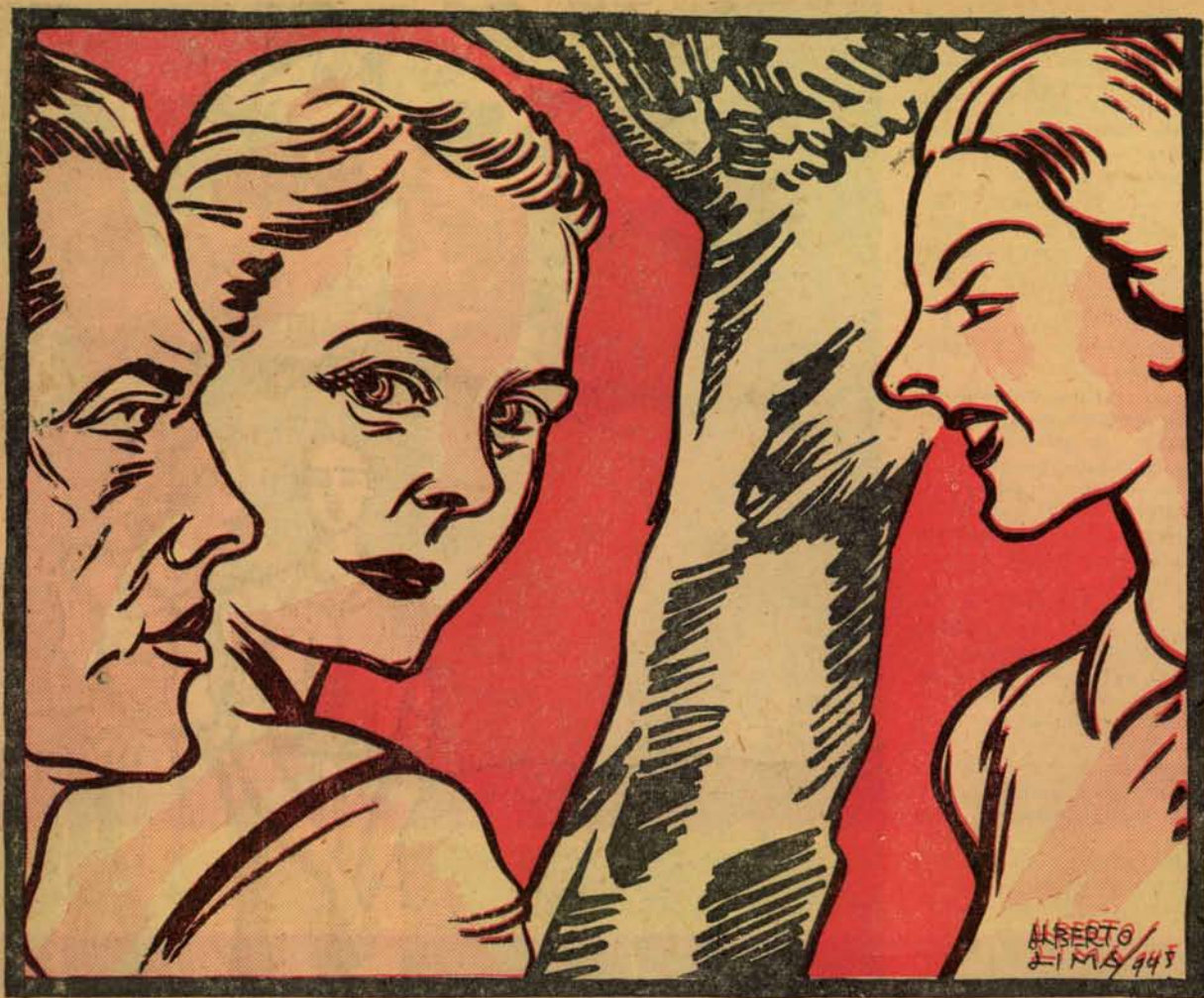
mundo.

— Jovem — falou a velha sem preâmbulos de nenhuma natureza. — Eu sou velha, estou doente, e devo ficar de cama a maior parte do tempo por prescrição médica. De modo que não poderei vigiá-lo. Tenho compreendido que é solteiro; Marta também o é. Não quero que aqui, nas minhas costas... Falo com claridade?

Marta inclinou a cabeça, intensamente ruborizada. De seus lábios não brotou uma única palavra, embora o seu olhar mostrasse a surda revolta que lhe provocava a falta de delicadeza de sua mãe. Por sua parte João Doile não perdeu a calma. Inclinando-se ligeiramente para diante, falou:

— Pode estar tranquila, minha senhora. Eu estou comprometido e logo que me restabeleça voltarei para casar-me. Não vim aqui senão em busca de bom ar e repouso assim como de tempo para poder pensar profundamente e com calma. Não incomodarei sua filha. Sómente na hora das refeições poderei vê-la.

Entretanto, falara antes de inteirar-se da existência do velho carvalho. Depois do jantar, Marta ia



sempre descansar junto da árvore velhíssima. Era como uma espécie de consólio apoiar a espádua dolorida pelos trabalhos domésticos na superfície enrugada do seu tronco, e escutar, sem pensar em nada, os ruídos noturnos. Na primeira noite, João Doile encontrou-a ali. Ao vê-la, sobressaltou-se.

— Meu Deus! — exclamou em seguida. — Está tão escuro que não a distingo senão quando já estava prestes a atropelá-la. Por um momento chegou a parecer-me parte da árvore...

— Isto não — contestou ela. Mas ao contrário pode acreditar que esta árvore é parte de mim mesma.

E com essas palavras retirou-se antes que ele se decidisse a continuar a conversa. Na noite seguinte Marta chegou um pouco tarde ao carvalho. Sua mão havia-lhe pedido que lhe levasse água e arranjasse as almofadas.

Finalmente, ao chegar ao carvalho a moça notou que o jovem hóspede já estava ali. Ao vê-la, saudou-a:

— Desculpa-me por haver invadido sua propriedade. Mas encontrei essa armadilha para caçar lebres; e ainda que você não me queira aqui, peço-lhe que me deixe antes acabar de destruir essa armadilha. É uma das coisas que mais detesto.

— Meu pai pensava como você — respondeu Marta. — Em troca mamãe acha que as armadilhas são necessárias. Há muitas coisas que a minha pobre mãe jamais chegará a compreender.

Marta preparava para retirar-se, mas o jovem a deteve:

— Não se irá — falou. Se deseja estar só, eu mesmo irei. Esta árvore é sua.

— Você não tem absolutamente que ir-se, se deseja ficar — respondeu Marta. — Esta árvore é para mim algo como uma igreja... — disse e recostou-se como de costume contra a rugosa superfície, contente de poder conversar a gosto, esquecida da granja e das recomendações austeras de sua mãe.

— Em que pensa quando vem à sua igreja? — perguntou ele, interessado.

— Em muitas coisas; e às vezes em coisa nenhuma — respondeu Marta. — Eu acho que as preocupações são como esta árvore; grandes, se alguém se coloca em plano inferior a elas; ao contrário, são como as estrelas, ou seja, pequenas, se alguém sabe se manter o suficientemente distante como para dar-lhes a importância que realmente elas têm dentro da magnitude do universo. Só posso dizer-lhe que meu pensamento, ou melhor, minha filosofia é a seguinte: enquanto exista no mundo árvores como essa, e estrelas, e pássaros, e flores e sol, as preocupações constituem realmente um preço muito baixo e não chegam mesmo a pagar a felicidade de poder desfrutar de tantas coisas belas que existem na vida.

A estas palavras o jovem permaneceu silencioso por tanto tempo que Marta perguntou-se a si mesma se não havia dito alguma tolice. Contudo, acrescentou:

— Meu pai também costumava vir aqui, ao pé do carvalho. A isso ele chamava "deixar" que a natureza resolvesse seus problemas e suas penas" por ele. Minha mãe e meu pai divergiram sempre no modo de encarar as coisas. Meu pobre pai teve que viver sempre com as preocupações ligadas à falta de dinheiro. Mas se consolava, dizendo que afinal nem o velho carvalho nem as estrelas podiam ser hipotecados. Isto lhe dava muito consolo.

— Compreendo — respondeu por fim João Doile, com voz grave, como que enternecido. E sem razão aparente acrescentou com entonação fervorosa: —

— Muito obrigado...

\*

Marta soube que João estava pintando o velho carvalho quando o quadro estava quase terminado. Sabia que João pintava porque um dia o vira receber uns pacotes que continham palhetas, pinceis, vidros de pintura e um cavalete. Antes de pintar a árvore havia pintado o retrato de uma formosa mulher loura, uma mulher demasiado bela para ser real. O quadro de carvalho, ao contrário, tinha tal força de realidade que ela se quedava assombrada mirando-o.

— Este quadro é maravilhoso! — exclamou a moça entusiasmada.

— Gostaria que meu pai a ouvisse, — respondeu ele, com certa amargura. — Ele acha que só os infelizes se dedicam à arte. Obrigou-me a terminar a carreira de direito. E quando manifestei meu desejo de dedicar-me à pintura, ele ficou amolado comigo. Felizmente eu conto com uma herança do meu avô; assim pude arranjar-me.

— Eu considero um pecado não cultivar um talento natural para satisfazer aos preconceitos errôneos de alguém que pode ser bem intencionado, mas que vive com idéias antiquadas.

— Desejaria que você conhecesse meu pai, Marta. Estou seguro de que encontraria argumentos com recursos que jamais ele lograria encontrar em todos os seus recursos de leis. Se falasse com você talvez papai compreendesse porque me embebedei e espafifei logo o auto no dia em que fracassei em um dos exames finais.

— Talvez me julgasse uma tola — respondeu ela.

— Eu nunca recebi nenhuma educação. Vivi sempre aqui e o pouco que sei ensinou-me meu pai.

— No entanto tem mais sentido comum que meu pai com sua mente cultivada, e Eva com sua formosa cabeça.

— E' a moça com quem vai casar-se?

— Sim. E com excepção de meus pais e você, é a única pessoa que sabe das minhas ambições artísticas. Tem pousado muitas vezes para mim. Olhe este retrato, — acrescentou, sacando de um instantâneo. — Não é realmente muito bonita? Não sei o que estará pensando desde o meu acidente; então ela estava fora da cidade. Enviei-lhe uma carta explicando, mas não recebi resposta. Deve estar amolada. Creio que lhe enviarei um ramo de gardenias para que me perdôe.

No dia em que os periódicos anunciaram o casamento de Eva com Ronald Alan Pittman, choveu copiosamente. João pegou o jornal onde o deixava habitualmente o jornaleiro e, como estava inteiramente ensofado, colocou-o em frente à lareira para que secasse.

\*

Marta estava preparando uns pastéis de nozes. João ajudou-a a descascar as nozes, dizendo com um sorriso:

— Se me deixa ficar aqui não só a ajudarei como provarei os pastéis que você pensa fazer.

Marta sorriu e respondeu que ele podia ficar. Es-



Lingerie Valisère, carícia de elegância para as suas formas. Lingerie Valisère, tecido indismalhável e corte individual rigoroso.

LINGERIE

Valisère

CONTACTO QUE É UMA CARÍCIA

PANAM — Casa de Amigos

tava contente de haver posto um vestido de cor azul; contente de haver mudado as cortinas das janelas. Sua mãe havia-lhe dito em certa oportunidade:

— Não se pode dizer que sejas bonita; mas se te vestes de azul e te penteias, e estás um pouco arranjada, não haverá certamente homem que deixe de olhar-te com interesse.

João prometeu comer meia dúzia de pastéis e tomar duas taças de chá. Porém antes de fazê-lo, abriu o jornal e leu a notícia: Eva casava-se. Tornou-se intensamente pálido e disse amargamente:

— Olha-me bem, Marta, porque sou o maior idiota da terra. O idiota cuja noiva casa-se com outro homem.

Com essas palavras retirou-se para o quarto. Marta sentiu profunda compaixão por ele. Levou-lhe por isso uma taça de chá, pensando que o reconfortaria. E segura de que um desafogo faria bem, perguntou-lhe suavemente:

— Você a amava, não é verdade?

— Jamais olhei outra mulher, Marta. E bastava que ela me chamasse para que eu acudisse pressuroso e submisso como um animal.

Marta deixou-o sozinho...

✱

A mãe faleceu naquela tarde. Quedou plácidamente adormecida para sempre na cama. Não sofreu nada. Pelo contrário; o momento supremo devia tê-la surpreendido em pensamentos felizes porque ela se foi com leve sorriso nos lábios.

— Agora terei que ir-me — falou João aquela noite, quando se encontraram de costume sob o velho carvalho. — Sua mãe não gostaria que eu continuasse aqui estando você sozinha. Irei imediatamente.

— Por favor! — suplicou ela. — Não se vá antes do entêrro!...

— Bem compreendo que não é momento para abandoná-la, Marta. Mudar-me-ei para o celeiro. Creio que posso muito bem passar duas noites ali. Depois de tudo, eu gostaria de terminar a pintura do vale antes de ir-me.

— Sim, tem que terminá-la, — falou Marta. Seria uma pena deixá-la inacabada.

Marta passou toda a tarde sob o velho carvalho. Haviam transcorrido os dois dias e agora era chegado o momento da partida de João. Depois de lavar seu automóvel, e enchê-lo com suas coisas, o jovem fez o inventário das mesmas para não se esquecer de coisa alguma, Marta o observava indo e vindo e não podia deixar de sentir-se orgulhosa dele. Agora estava forte, reconfortado. Mancara muito pouco e sua tez tinha uma cor morena, cheia de saúde. Ao entardecer, João foi buscá-la junto ao carvalho.

— Creio que é hora de me despedir — falou. — Dei-me partir. Aqui creio haver-me encontrado a mim mesmo. Voltar ao meu mundo, significa perder tudo que eu ganhei até agora. Não terei este ar, esta paz, estas maravilhosas paisagens para reproduzir em minhas telas.

O jovem acendeu melancolicamente um cigarro e permaneceu mudo, olhando para longe. Marta, cheia de tristeza recostou-se no tronco da árvore, escutando o canto dos pássaros.

Por fim, como tomando uma determinação, ele apagou o cigarro e disse:

— Deixa-la-lá com muita tristeza, Marta. E não posso abandoná-la.erei sincero: jamais poderei dar-lhe tanta devoção como dei a Eva. Mas dar-lhe-ei compreensão, carinho, e respeito.erei tão bom esposo quanto possa. Aceita-me, Marta?

— Se isto é o que você quer, sim, — respondeu ela presa de uma vivíssima emoção. — E' para mim um orgulho ser sua esposa, João.

✱

Assim casaram-se e durante sete anos viveram fe-

liz e contentes. João lia simplesmente o diário de Grischester.

Nêle publicavam a miúdo retratos de Eva Pittman. João recortava-os para reproduzi-los.

— Jamais vi cabeça tão formosa para pintar — dizia sinceramente.

Marta sentia que seu marido não a havia esquecido. Entretanto, como João parecia contente, não dava importância à coisa e conformava-se. Por outro lado, os dois filhos constituíam um vínculo que lhe assegurava a permanência do marido no lar.

✱

A granja havia progredido. João inverteu nela a herança do seu avô e, como já conhecia a maneira de administrá-la, as coisas marchavam, economicamente falando, cada dia melhor. Por outro lado, pintava sempre e seus quadros eram cada vez melhores.

De todos os seus quadros o preferível era um em que pintara Marta apoiada no velho carvalho. Batizara aquela pintura com o nome de "Eternidade" e logo colocou-o na parede da alcova, não querendo que ninguém a visse. Para ele aquele quadro tinha alguma coisa de sagrado.

— Você e o velho carvalho são minhas duas fontes de inspiração — disse à Marta em certo dia. — Não quero que ninguém chegue jamais a conhecer de mim o que vocês dois conhecem.

✱

Acontece porém que Eva descobriu "Eternidade" cinco minutos depois de sua chegada na granja em companhia do casal Foster. — Eva, viúva recentemente, não parecia sentir muito a morte do seu esposo a julgar pela sua vida nômade e divertida.

— Estamos cansadíssimos — disse a Marta, que os recebeu. — Poderia subir um pouco para lavar o rosto e mudar a roupa.

Marta guiou-a ao seu quarto, e mal penetrou nêle Eva viu o quadro. E cheia de sincera admiração saiu do quarto para chamar os Foster, dizendo:

— Lila! William! Subam para ver uma maravilha escondida!

Marta seguiu-a fora do quarto dizendo:

— Perdôa-me, senhora, mas creio que João não gostaria disso. Nunca quis mostrar êsse quadro a ninguém.

— Oh! Mas o Sr. Foster deve vê-lo — respondeu Eva com voz um tanto burlona. — Ele possui uma galeria de arte em Bond Street e talvez resolva expor essa obra prima de João... Como disse que se chama? "Eternidade"?

— Não sei se estará bem — começou a dizer Marta, mas se interrompeu ao ouvir a voz de João, subindo a escada, e dizendo, numa entonação de inconfundível alegria:

— Eva! Você aqui!

E junto à visitante tomou-lhe ambas as mãos e acrescentou:

— Continua tão formosa como sempre!

Eva apresentou-o aos seus amigos, os Foster e falou:

— Desde a morte do pobre Ronald, estive passando uma temporada em Torquai. Ali conheci Lila e William.

Faz pouco recordei que você vivia aqui, e decidi que devíamos visitá-lo.

— Muito boa idéia a sua. Sinto quanto à morte de seu marido. Mas... o que fazemos aqui? Por que não descemos à sala?

— Oh, não! Vi êsse quadro tão belo que você tem no quarto e desejo que o mostre ao Sr. William. Ele é um completo perito, e talvez exhiba tua obra em sua galeria de Bond Street.

— Você acha tão bom assim o meu quadro, Eva? — perguntou João, lisongead.

— E' extraordinário, João! — exclamou Eva.

— Bem, Marta, abra a porta, — disse ele. Marta abriu, sentindo-se envergonhada e, logo pretextando tarefas, desceu à sala.

Minutos depois desciam os demais. E o Sr. Foster dizia:

— Francamente, Eva! Se as demais telas forem como essas, não haverá inconveniente em organizar uma exposição unicamente com suas obras! Será uma inteira consagração artística! Quem diria que nestes campos se escondesse um gênio!

Eva, em um aparte a Lila Foster, disse:

— E pensar que eu rompi meu compromisso com ele porque decidi dedicar-se à pintura!

Marta estava na cozinha, de onde podia ouvir perfeitamente o que diziam as duas mulheres. Para que não falassem em voz tão alta, fez ruído com umas vasilhas. Mas evidentemente era muito pouca ou nenhuma a importância que lhe atribuíam, porque continuaram falando em voz alta.

— Ah, Eva! — exclamou a senhora Foster, rindo. — Essa nossa inteligente Eva cometeu grave erro! Como pôde ser isso?

— Eu era jovem, ambiciosa; não estava disposta a casar-me com um homem que para dedicar-se à pintura renunciava às comodidades e à renda que lhe dava seu pai. Ronald apareceu no momento oportuno; você o conheceu: era rico, bem parecido... nunca o amei, mas assim mesmo aceitei-o por espóso.

Eva fez uma pausa e depois acrescentou, mudando de assunto:

— Não é verdade que ele está interessantíssimo com a cicatriz no rosto.

— Oh, vamos, Eva! — disse a senhora Foster rindo. — Não se esqueça de que ele é casado!

— Bah! — disse Eva rindo. Mas nada acrescentou porque nesse momento entraram João e o Sr. Foster.

Marta quedou-se imóvel, presa de uma grande angústia. "Seria possível que Eva tentasse reconquistar João?"

Ele havia dito uma vez que bastaria que ela o chamasse com um dedo para acudir atencioso ao seu lado...

\*

Marta passou um dia de sofrimento. Durante a refeição as outras mulheres falaram e riram continuamente. Nunca, nem sequer, por cortezia, dirigiram-lhe uma palavra.

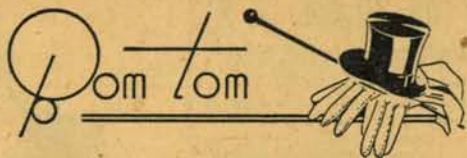
Qualquer pessoa teria dito que Marta não estava sentada na mesa... E para completar a pobre sentiu-se humilhada, comparando seu modesto vestido de algodão estampado com as sedas das elegantes forasteiras. Por outro lado, a insofismável alegria de João contribuía mais ainda para a sua depressão.

Depois do almoço, João levou os visitantes ao estúdio sobre o celeiro, para mostrar-lhes o resto das telas. Para Marta os minutos passaram lentos, pesados, torturantes. Eva, com inteira confiança, apoiou-se no braço de João, para dizer-lhe:

— Você tem que levar as suas telas a Londres o mais breve possível. Verá como vai triunfar! E verá, sobretudo, como nos divertiremos. Ah! mas se há algo que me faz feliz, é poder comprovar que não se esqueceu de mim, João!

— E nunca poderia esquecê-la, Eva — respondeu ele com uma entonação estranha.

A estas palavras, Eva voltou-se e lançou um olhar para sua amiga, a senhora Foster. E Marta virou-se também para que não vissem as lágrimas que assomavam aos seus olhos. Entretanto, pensou resignada que não devia opor-se quanto à ida do marido



*O apêto de mão deve ser breve, decidido, cordial, e atencioso. Nestes preceitos está condensada sua significação, que é de saudação, mesma. E não há diferença alguma entre a saudação feminina e a varonil, por mais que nesta se tolere uma maior tensão, em certas ocasiões.*

\*

*Falar com afetação, como que se escutando a si próprio e pelo prazer de ouvir-se, é um artifício que, longe de ser considerado dom, ou uma recomendação de desenvolvimento e traquejo social, denota pedanteria, falta de tacto e dessa mesma desenvoltura de que se pretende fazer alarde. Em geral os que assim se conduzem não observam como se tornam mecânicos e inspidos os gestos e ademanes estudados e como sôam vazias as palavras empoladas pronunciadas com ênfase e teatralidade. São atitudes que se devem evitar. E, prestando-se atenção, ver-se-á que as pessoas mais corretas são as que falam naturalmente, porque são dotadas de simplicidade, essa simplicidade que parece nada, que parece facilíma e insignificante mas que nem sempre se adquire.*

\*

*A antiga norma, segundo a qual o cavalheiro, acompanhado por senhoras, caminha sempre na margem da calçada, já não é seguida rigidamente. Um cavalheiro acompanhado por duas senhoras, pode, se preferir, caminhar no centro e dividir entre ambas as suas atenções.*

\*

*Acuse sem demora o recebimento de presentes de aniversário, de casamento, ou de dâdivas a um recém-nascido. Tais cartas de agradecimento são importantes e, quanto mais demorar para respondê-las, maior dificuldade encontrará.*

\*

*Constitui uma nota chocante, por atentar contra os mais elementares princípios de higiene, umedecer os selos postais com saliva, quer levando-os aos lábios ou usando os dedos, o que é mais grave.*

\*

*Participando-se de um grupo de pessoas que palestram, não se deve esquecer de que constitui grave indelicadeza interromper um assunto de interesse geral para lembrar um fato de interesse restrito e, às vezes, até inoportuno...*

# Banco do Brasil S. A.

O maior estabelecimento de crédito do País

Matriz no RIO DE JANEIRO

Agências em todas as capitais e cidades mais importantes do Brasil e correspondentes em todos os países do mundo.

## DEPÓSITOS COM JUROS

(sem limite) a. a. . . . . 2 %

Depósito inicial mínimo,

Cr \$1.000,00. Retiradas li-

vres. Não rendem juros

os saldos inferiores àque-

la quantia, nem as contas

liquidadas antes de de-

corridos 60 dias a contar

da data da abertura.

## DEPÓSITOS POPULARES

(Limite de Cr \$10.000,00)

a. a. . . . . 4 %

## DEPÓSITOS LIMITADOS

(Limite de Cr \$50.000,00)

a. a. . . . . 3 %

## DEPÓSITOS A PRAZO FI-

XO:

Por 6 meses a. a. . . . . 4 %

Por 12 meses a. a. . . . . 5 %

## DEPÓSITO COM RETIRA-

DA MENSAL DA REN-

DA, POR MEIO DE CHE-

QUES:

Por 6 meses a. a. . . . . 3½ %

Por 12 meses a. a. . . . . 4½ %

## DEPÓSITO DE AVISO PRE-

VIO:

Para retirada mediante

aviso prévio:

De 30 dias a. a. . . . . 3½ %

De 60 dias a. a. . . . . 4 %

De 90 dias a. a. . . . . 4½ %

## Depósito mínimo inicial —

Cr \$1.000,00.

## LETRAS A PREMIO:

Selo proporcional. Condi-

ções idênticas às do De-

pósito a Prazo Fixo.

O Banco do Brasil faz todas as

operações bancárias. Desconta, às

melhores taxas do mercado, dupli-

catas, letras de câmbio e promissó-

rias. Realiza empréstimos em

conta corrente garantida. Efetua

cobranças. Promove transferências

de fundos, etc. e presta assistên-

cia financeira direta à agricultura,

pecuária e às indústrias, por inter-

médio da Carteira de Crédito Agrí-

cola e Industrial, com os seguin-

tes fins:

a) — custeio de entre-safra; aquisi-

ção de sementes;

b) — aquisição de máquinas agri-

colas e animais de serviço

para trabalhos rurais;

c) — custeio de criação;

d) — aquisição de produtores e

de gado destinado à criação

e melhora de rebanho;

e) — aquisição de matérias pri-

mas;

f) — reforma ou aperfeiçoamento

de maquinaria das indus-

trias de transformação;

g) — reforma, aperfeiçoamento ou

aquisição de maquinaria para

outras indústrias que pos-

sam ser consideradas genui-

namente nacionais pela uti-

lização de matérias primas

do País e aproveitamento de

seus recursos naturais, ou

que interessam à defesa na-

cional.

Os interessados obterão na Agên-

cia de Belo Horizonte, com maior

presteza, todos os informes de que

possam carecer com referência a

tais operações.

Agência em Belo Horizonte - RUA ESPÍRITO SANTO

# O CONTO EXPRESSO



## ★ Modernismo ★

Paul Weber



O PASSAR, prestei atenção.

A senhora Charolais dizia à senhora Fenonil:

— Sim; prendi essa pequena sem vergonha. Fique certa de que não tornará a sair.

— A senhora é muito severa — respondia a senhora Fenonil.

— Não o creia. Ela é muito jovem para que eu lhe permita que faça loucuras. Quase todos os dias, Charlot, o Charlot da casa em frente, vem rondar por aqui; e quando me descuido, zás!, dentro de casa. Naturalmente que é pela pequena. Ontem os surpreendi juntos, atirei-o a rua e disse à pequena:

— “Caso isto se repita, já sabes o que se passará contigo!”

Ela naturalmente procurou amansar-me, porque o que deseja é sair à rua. Mas estou disposta a não ceder, e é inútil que ponha os olhos em branco e faça toda sorte de gestos para convencer-me, pois eu respondo sempre:

— “Não, senhorita; não.”

Se a gente não educá-las de modo severo elas acabarão por nos dar desgostos. Namoram, passam as noites fora e depois voltam Deus sabe como... Sem falar no risco que correm de expor-se a encontros desagradáveis e a uma surra inesperada. Mas sua mamãe está atenta a velar por ela. E' claro que a encho de mimos e lhe dou tudo quanto deseja. Mas, isso de sair a toda hora é que não: de maneira alguma! Sou inflexível.

— Perdoai — disse eu, aproximando-me. — Falais de vossa filha, senhora Charolais?

— Não, senhora; falo de minha cachorrinha...

\*\*\*

Oito dias depois, ao passar junto das duas eternas palestradoras, ouvi que a senhora Charolais dizia à senhora Fenonil:

— A semana passada ela me escapou. Perguntei a todo mundo se a tinha visto, e alguém me respondeu: “Por que não lhe pôs uma coleira?...” Eu estava desolada, um suor frio inundava-me as faces, até que ontem, que foi que vi perto da porta?

— Seguramente, ela.

— Sim, senhora, e com as orelhas sujas. Então lancei mão do chicote e gritei-lhe: “Ah, imunda! sem vergonha! Animal impudico! Vais agora mesmo para o teu caixão!” E apliquei-lhe uma boa dose de pancadas. Latiu furiosamente, em termos que partiam o coração. Dava saltos, encolhia-se, agitava-se no chão. Mas eu firme, não atendia. Até que esgotei todas as minhas forças. Aí a tem você, no entanto, tão tranquila cochilando ao lado do fogão. A lição foi boa.

— Perdoai! — disse eu, aproximando-me — Falais de vossa cachorrinha, senhora Charolais?

— Não, senhor; falo de minha filha.

\*\*\*

Finados

No cemitério, papai nota que Eduardinho lê atentamente todas as inscrições dos túmulos. Depois de ler uma centena delas, pergunta intrigado:

— Papai, e onde se enterram os maus?



LBERTO de Oliveira é autor de um poema em que figura o desaparecimento de uma criatura jovem e, ao mesmo tempo, a saudade que os objetos de seu quarto sentem dela. É uma poesia carregada de substância poética, apesar da forma rígida. O leito, a cortina do leito, o leque, as jóias, o peitoril da janela, um livro esquecido, todas as coisas mudas enfim que cercaram a criatura que morreu falam dela, chamam a ausente, ecoam os seus gestos, os seus movimentos, a sua vida cheia de graça...

Sentindo a verdade emotiva desse quadro vitalizado pelo poeta, a gente compreende bem como é verdadeiro dizer-se que os mortos governam os vivos. Realmente. O corpo é um envoltório sugestivo ou sedutor, mas o espírito que o habita — a sua alma, esta é a sua fisionomia mais irradiante, é o seu poder maior de perpetuidade. Talvez em todo o ano não haja um dia votivo mais humano, mais cheio de vida do que o dia de finados. É então que o movimento exterior das cidades se suspende um pouco, e todos — pobres e ricos, céticos e crentes — são tocados pelo invencível desejo de cultuar os seus mortos particulares, aqueles que os acompanham, os guiam e os melhoram no sentimento e no pensamento. E ninguém pode fugir à presença dos ausentes. Eles estão impregnados em nosso coração e também em todos os objetos que os serviram. Eles vivem no plano de sua atividade e no das suas inclinações. Se souberam extrair a alma, isto é, se foram escritores, poetas, ou músicos, então a sua faculdade de sobrevivência é muito mais viva. Chopin e Goethe nos dirigem e comovem hoje, tanto quanto ao tempo em que viviam. Mas o que eterniza os mortos é sobretudo o nosso amor. E a razão é que aqueles que nos sobrecarregaram o subconsciente com a sua afeição, por meio de palavras e atos bons, se por acaso desapareceram objetivamente, ainda permanecem, apesar de tudo, juntos de nós, estão mesmo dentro de nós, quer estejamos acordados ou dormindo, da mesma maneira por que o ruído do mar fica dentro de uma concha.

Sussurram a nostalgia em nossos ouvidos e somos como antenas sensíveis a suas misteriosas influências. Tudo nos lembra os que nos conquistaram o coração. Foram-se em verdade, mas o homem só vive é pela memória, causa do seu infortúnio, mas também da sua espiritualização. Na arte, o que se tem produzido no mundo de mais empolgante e vívido tem sido inspirado pelos mortos. O maior poema de todas as línguas não há dúvida de que é *O Corvo* de Edgar Poe, porque ali se lê, juntamente, a impossibilidade da vida com a ausência que é a morte. A tragédia de viver é esta mesma: — a de não querermos ou podermos separar-nos dos que amamos. E essa ansia de eternidade e comunhão é a força dos mortos sobre os vivos.

Dia de finados! Mas não é um só dia, são todos os do ano, porque para eles o tempo não existe e a sugestão dos que se foram é permanente como um fluido eterno. Eles não se esquecem porque têm um modo particular de se fazerem lembrados. Mas uns se evocam pela bondade, outros pelo heroísmo, outros pela beleza física, outros pela poesia e muitos pela música.

Conheço uma criatura que não se esquece de alguém

# Alterosa

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

\*

Diretor-redator-chefe  
MÁRIO MATOS

Diretor-gerente:  
MIRANDA E CASTRO



## OS MORTOS GOVERNAM OS VIVOS

MA'RIO MATOS  
ILUSTRAÇÃO DE RODOLFO

que se lhe faz sempre presente pelos noturnos de Chopin. Ainda outro dia, assim me falava: — "Vou levar estas flores para uma criatura que mora dentro da terra. Ela

me fugiu sorrindo, com uma rosa na mão. Era musical e me deixou no mundo com uma saudade sonora de sua presença. Não posso ouvir mais a *Polonaise* sem que me sinta sufocado. Hoje, toda música me entenece e me dá nostalgia. Toda música me dá uma vontade louca de fechar os olhos para sempre, dentro de um si-

lêncio perpétuo, escondido também no seio da terra, aonde ela baixou para se fazer flôr, luz ou sonho, não sei..."

Nós todos somos mais ou menos assim como este homem, guiados, conduzidos ou dominados pela saudade, que é a poesia das recordações...

Vamos pois, em uma romaria silenciosa, com as mãos cheias de rosas, com a alma povoada de saudades, vamos visitar os nossos mortos, afim de buscar um pouco de vida e de sonho junto de seus túmulos, sobre os quais passam os ventos, cai a chuva e se estendem os nossos braços...



# Vitrine

## UM LIVRO PARA

UM leitor prático me consulta a respeito de um problema difícil do ponto de vista da leitura. Não tendo tempo a perder, quer a indicação de uma obra que seja, de modo genérico, agradável e proveitosa.

A solução do caso depende de muitas circunstâncias. A leitura está condicionada à idade do leitor, a seu temperamento, à natureza de seu espírito e, sobretudo, ao fim a que visa. Na base de tais dados, é que se pode dar ou se deve dar um conselho consciencioso. Mas há uma obra-prima que domina todas as condições individuais, sendo aconselhável a qualquer criatura em quaisquer circunstâncias de sua vida. É a *Imitação de Cristo*. É difícil de ser lida, porque requer recolhimento, meditação e sentido de profundidade. Não pode ser deletreada da maneira como lemos os outros livros. Ela revê a experiência de uma perfeita reeducação interior. Cada pensamento da *Imitação* se apresenta carregado de sabedoria e, assim seja analisado, se desdobra em mil aspectos insondáveis. De modo que é um verdadeiro desafio ao espírito frívolo.

Analisada, porém, com calma, com brandura,

## ★ POETAS E PROSADORES ★



BASTOS PORTELA

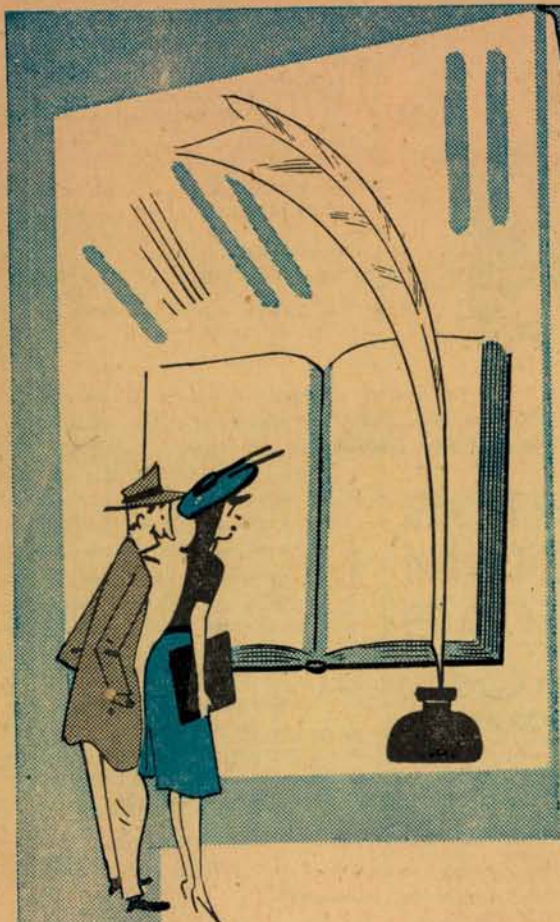
VINDO para o Rio aos dezenove anos de sua idade, Bastos Portela, que nasceu no Recife, cedeu, neste passo de aventura, a sua inclinação de artista. Estava percorrendo a parábola que todos nós descrevemos, nós pobres homens de letras que nascemos no interior do Brasil. Portela fez também o que todos fazem. Entrou para as redações dos jornais cariocas. Trabalhou na *Folha do Dia*, na *Gazeta de Notícias*, no *O Imparcial*, na *A Fôlha*, na *A Pátria*, no *O Jornal*, na *A Notícia*, na *A Batalha* e em outros jornais do Rio. Em 1922, entrou para a direção do *Fon-Fon* e aí encontrou clima mais propício para o seu temperamento e sua sensibilidade. Era o autor da seção *Salvem Todos...* que prendia a atenção dos leitores e, especialmente, das leitoras daquela revista carioca.

Através desse tempo, Bastos Portela veio publicando versos em revistas e em livros, podendo-se indicar, entre estes, *O Suave Enlévo*, *Azul e Rosa* e *Uma garçonne carioca*, romance. Tem ainda uma obra em preparo — “Os novos” de ontem”.

Qual foi o resultado dessa atividade literária? Foi tornar conhecida, lida e apreciada a sua produção literária. Um artista triunfa quando alcança de modo definitivo um público firme e numeroso. Portela obteve essa vitória. E tal vitória só se obtém quando se possui uma personalidade artística inconfundível, fazendo-se notar por traços muito pessoais. Ele é um lírico, e o seu lirismo, por ser espontâneo e vivo, põe raízes na alma de nossa gente, sempre fácil à emoção e sempre pronta à lágrima.

A poesia recebeu modificações bastante radicais tanto na concepção quanto na forma, mas o que é certo é que, logo que foge ao nosso fundo romântico, perde toda a sua força, todo o seu poder de sugestão. Este vício não deve ser abandonado. Portela não abandonou a alma de seu país em seus poemas. E como as mulheres são tradicionalistas em tudo, em religião, em costumes, em sentimentos, em arte, as

(Conclui na página 116)



# Literária

VOCE



CRISTIANO  
LINHARES

com boa vontade cristã, a *Imitação* se revela a obra mais consoladora e edificante que já um dia foi escrita neste mundo.

A sua melhor interpretação ou o seu mais exacto elogio se resume na crença verdadeira de que cada um de seus aforismos é um remédio para todo mal que nos assalte. Quer você um antídoto para a sua dor, qualquer que seja a sua natureza de origem? Abra a *Imitação* e leia a primeira frase que lhe caia sob os olhos. Aí está o caminho a seguir para o seu consólio e a sua paz. Tal verdade se acha ao alcance de todo mundo para ser verificada. Ora, se assim é, segundo a experiência de milhares de pessoas, é o caso de se perguntar que livro poderá substituir ou ser equiparado à *Imitação*. A não ser os *Evangelhos* ou a Bíblia, nenhum outro.

Firmado nessas razões, apuráveis, facilmente, é que recomendo ao meu leitor anônimo que leia todo dia, nas horas boas e nas horas más, a *Imitação* de Cristo. Sentirá que tem a seu alcance um dos maiores resumos da sabedoria humana. E se penetrar e praticar as suas lições, há de ver que, afinal, encontrou o caminho, a verdade e a vida.

## ★ LIVROS NOVOS ★

EDIÇÕES MELHORAMENTOS — Para crianças.

Em luxuosa encadernação e magnífica apresentação gráfica acabam de aparecer mais dois interessantes volumes das excelentes edições para crianças da Melhoramentos. Tratam-se agora de "Os dois ursinhos", história de Ignês Hogan, traduzidas por Mário Donato e fartamente ilustradas, e "O Duque de Caxias", de

Renato Sêneca Fleury, com desenhos de Belmonte.

OS MAIS BELOS CONTOS  
Antologia — Vecchi Editora.

"Os Mais Belos Contos de Amor" dos mais famosos autores é mais uma bela antologia com que a conceituada editora brasileira Vecchi brinda seu grande público leitor. Nela vemos os melhores contos dos

mais consagrados escritores nacionais, antigos e modernos, numa seleção à altura do bom gosto do público brasileiro. Ótima antologia.

EDUCAÇÃO DOS PAIS —  
Dr. William Steckel —  
Livreria José Olímpio  
Editora.

Este livro, traduzido cuidadosamente pelo dr. Leme Lopes e prefaciado pelo dr. Silva Melo, constitui uma das melhores publicações do gênero ultimamente aparecidas em português. Sábio na matéria, Steckel abre aos pais uma estrada ampla e segura para a educação dos filhos, ensinando-lhes com maestria invulgar como corrigir certos defeitos e estabelecer medidas salutares. Belo livro.

ABDIAS — *Ciro dos Anjos* —  
Livreria José Olímpio  
Editora.

Reafirmando as excelentes qualidades do romancista mineiro *Ciro dos Anjos*, que há oito anos nos ofereceu o belo romance "O Amanuense Belmiro", a grande editora José Olímpio nos dá agora "Abdias" numa excelente apresentação gráfica. Com esse romance *Ciro dos Anjos* vai suscitar discussões sobre um assunto muito debatido em nossos dias: o problema do romance — equação por ele resolvida da maneira mais feliz e auspiciosa.

(Conclui na página 116)

## ★ OS "BEST-SELLERS" DO MÊS ★

- 1.º) COM A F. E. B. NA ITÁLIA — Crônicas — Rubem Braga — Editora Zélio Vaiverde
- 2.º) HISTÓRIA DE PIACINHA — Reportagens de Joel Silveira — Editora Leitura.
- 3.º) SANTA — Romance — Frederico Gamboa — Editora Vecchi.
- 4.º) O SOL E' A MINHA RUINA — Romance — Marguerite Steen — Editora José Olímpio.
- 5.º) A VIDA DE SCHOPENHAUER — Biografia de Karl Weissmann — Editora Cultura Brasileira.





# Madame Du Barry

## RAINHA da MODA

TEXTO E DESENHO DE OLGA OBRY

*"Foi vendido em leilão público o quarto de dormir de Madame Du Barry, célebre favorita de Luis XV."*

(Dos jornais)

**E** LA reina. Chove no momento em que vos escrevo. E' que, provavelmente, ela o permitiu".

E' um trecho de uma carta escrita de Versailles em 1770, por uma menina de 15 anos à sua mãe: pela Delfina de França, Maria Antonieta e Maria Teresa, imperatriz da Áustria.

"Ela" é a condessa Du Barry, mais poderosa do que uma rainha, depois de ter sido uma obscura costureirinha da rua Saint-Honoré. Maria Antonieta, "a pequena ruiva", como a chama Madame Du Barry, não gosta da bela amiga de Luis XV, avô de seu marido, "o rapagão mal educado", segundo a designação da favorita.

Jogo político? Desdém de menina de boa família, de sangue real, pela aventureira, a cortesã elevada ao trono? Talvez. Mas certamente: ciúme, rivalidade de mulheres bonitas. Cada uma delas deseja ser a primeira dama da "Tout-Paris" elegante, aquela que lança as modas, cujos vestidos e chapéus são copiados pelas senhoras da corte, da alta sociedade parisiense, pelas mulheres de toda a França, do mundo inteiro.

A diferença de idade entre as duas fica ainda mais reduzida, de vez que a Du Barry, que tem vinte e quatro anos, só confessa vinte e um (ela levará essa faceirice até os pés do cadafalso, declarando em 1793 que tem trinta e nove anos — e não quarenta e nove, conforme a verdade — diante do Tribunal que a condenará à morte na guilhotina). A antiga "midinette" e a arquiduquesa que será rainha, não sómente se vestem na mesma costureira como também possuem em comum, certos traços de caráter: não gostam da etiqueta que as oprime, são coquetes e frívolas, têm a paixão dos gastos loucos e o culto das coisas bonitas (e os seus lindos cachos louros, hoje penteados pelo mesmo cabeleireiro, cairão vinte anos mais tarde sob os golpes da tesoura do mesmo carrasco).

Sem dúvida, a jovem Delfina aprende com a favorita, sem percebê-lo, a arte de rodear-se de um luxo requintado e de valorizar seus encantos naturais com os artificios da moda. Pois não são, decerto, suas tias, as virtuosas e austeras "Mesda-

mes", filha de Luis XV e da defunta rainha Maria Leszcinska, que transformarão numa parisiense perfeita a pequena viennense inexperiente e singela que acaba de chegar à corte de Versailles.

Ademais, todo mundo imita o "chignon à la Du Barry" que o cabeleireiro Lamet criou para esta, e que sustenta um grampo especialmente inventado pela própria condessa, "sem que pareça preso à cabeça". Para se vestir, a Du Barry também tem seu "genre" pessoal: detesta as grandes toaletes e aparece, mesmo nas ceias servidas no apartamento real, num simples vestidinho sem armacão para sustentar a saia, nem colête de barbatanas para apertar-lhe a cintura (liberdade inaudita, que encanta o soberano, cansado, também êle, da etiqueta convencional). Essas "petites robes" da linda condessa são esvoaçantes, flexíveis, tais as roupas diáfnas das deusas mitológicas, ornadas de grinaldas de flores, não dissimulando as linhas do corpo: Greuze, Boucher, Fragonard immortalizaram-nas em suas telas. Para os passeios no campo e as partidas de caça, entretanto, ela escolhe um feitio masculino, gênero "sport", diríamos nós, com afertes militares, e jabot de renda inglesa sob a gola entreaberta — outra originalidade ousada e muito notada. A maneira de vestir da Du Barry, inspirada pela pintura, inspira por seu lado, os pintores.

"Ela tinha sede das coisas belas", disse um dos seus biógrafos. "das roupas brancas finas, dos estofos ricos, dos ador-



nos novos. Mas essa fraqueza não era senão um desvio do grande sentimento que faz amar as artes, e ela bem o provou quando pôde, de certo modo, purificar-se, encomendando estátuas, quadros e palácios aos primeiros artistas da época". Os mais famosos pintores e escultores do seu tempo fixaram seus traços em retratos que ficaram célebres. "L'original était fait pour les dieux!" exclamou Voltaire ao contemplar o busto da Du Barry modelado por Pajou.

Esse lado da sua existência reflete-se nos quatro volumes das contas da Condessa Du Barry existentes na Biblioteca Nacional de Paris. Sobre artistas e artezãos ela fazia cair uma verdadeira chuva de ouro. Desde que se levantava, tôdas as manhãs, modistas, gravadores, encadernadores, tecelões, arquitetos, decoradores, joalheiros, vinham oferecer-lhe suas últimas criações, e não se passava um dia sem que ela fizesse uma encomenda importante.

Não se conservou seu palácio de Louveciennes, perto de Paris, onde ela reunira todos os seus tesouros. Segundo as gravuras e as descrições da época, era verdadeira jóia da arquitetura. O mobiliário, os livros, os objetos de arte que o guardavam, passaram para coleções particulares, museus, bibliotecas públicas. Muitos quadros seus se encontram no Museu do Louvre. A Biblioteca de Versailles possui mais de trezentos volumes suntuosamente encadernados e marcados com as armas da condessa Du Barry, trazendo sua divisa: "Boutez en avant!" — sempre para frente.

De vez em quando coisas do seu espólio que ainda estão em mãos de particulares mudam de proprietário: isto nunca deixa de ser um pequeno acontecimento no mundo das artes. Assim, em 1885, causou sensação a venda dos dois retratos que o pintor Drouais fez da Madame Du Barry e expôs no salão de 1771. Há pouco, o mobiliário do seu quarto de dormir era vendido ao correr do martelo, com grande assistência de curiosos. A humilde modista da rua Saint-Honoré, a quem sua beleza e o amor de um rei dera uma glória efêmera, participa de legítima imortalidade pela graça dos objetos que outros artistas parisienses criaram sob a sua inspiração.



**como estou outra agora...**



Foi só aplicar Brylcreem e meus cabelos ganharam outra vida! Agora sim, estão brilhantes, sedosos, são e juvenis. Experimente você também! Brylcreem é usado no mundo inteiro pelas pessoas de bom gosto. Fixa sem emplat, evita a caspa e a queda do cabelo. Depois do permanente quando o cabelo fica ressecado, Brylcreem completa porque dá cor e brilho natural. Nos cabelereiros de 1.ª ou nas suas 5 embalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

# BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO

**ASMA? TOSSE? BRONQUITE? ASMÁTICA?**

# ASMAX



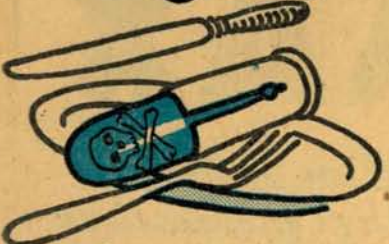
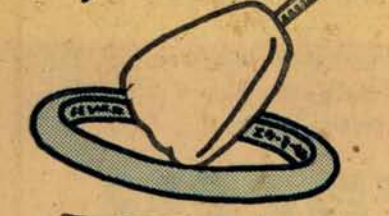
*indicado por ilustres facultativos*

**LABORATÓRIO ASMAX LTDA.**

RUA RIO DE JANEIRO, 145

— POÇOS DE CALDAS.

de  
mês a mês



Texto e Versos de  
**GUILHERME TELL**  
Bonecos de **ROCHA**

Em palestra com jornalistas, em Hollywood, Paulette Goddard confessa que as "estrelas" se sentem extraordinariamente fatigadas e nervosas quando trabalham em filmes em que há beijos e cenas vivas de amor.

Em palestra (belo ensejo  
Que lhe oferece o jornal)  
Confessa a "estrela" que o beijo  
Aos nervos, sempre faz mal.

Ela, atriz de sangue frio  
Tão cônica do seu valor,  
Sente, no corpo, um arrepio  
Depois das cenas de amor.

Não sabe bem porque seja,  
Mas nota um distúrbio atroz;  
Depois do beijo, gagueja,  
Perde a linha e perde a voz.

Disse, de um modo expressivo,  
Que o beijo faz mal aos dois:  
— Bebemos o aperitivo  
E o jantar não vem depois...



As casas de artigos para senhoras, no Rio, estão fazendo a propaganda de um novo modelo de "soutien" confeccionado em tecido de leite.

Que a idéia não se rejeite  
Nesta hora de confusão:  
O "soutien" de puro leite  
E' a mais recente invenção.

Há de causar belo efeito  
E a nossa indústria se anima;  
— Tem-se o tecido perfeito  
Cobrindo a matéria prima...



Um rapaz, em Pernambuco, apresentou como pretexto de rompimento do noivado o fato de ter a sua noiva um dente postico.

Para ter vida folgada,  
Encontrou essa razão:  
— O dente falso da amada  
Foi o "pivot" da questão.

A gente logo adivinha,  
Estudando essa querela,  
Que era o amor que o noivo tinha  
Mais falso que o dente dela.



Milhares de oradores, em comícios realizados em todo o Brasil, continuam a exaltar a democracia esperando, pelo voto livre, resolver os nossos problemas.

Sempre a mesma melodia!  
Discursos, democracia,  
A lei, a paz, a fartura...  
Liberta-se o pensamento,  
Palavras leva-as o vento  
E a carestia perdura.

Discursos tonitroantes  
De oradores irritantes  
Que só pedem a eleição...  
Tempo passado, remoto,  
A nostalgia do voto,  
Ópio do povo, ilusão...



Noticiam os jornais argentinos que estão aparecendo, no mercado, "batons" preparados com substâncias tóxicas.

O "baton"... mas que imprudente  
Envenenou-o, Senhor!  
A notícia faz a gente  
Estremecer de pavor.

Todo o mundo sente o abalo  
E toma cuidado e zelo:  
Mulheres que vão usá-lo,  
E homens que vão comê-lo!...

Os males não são pequenos,  
(Aí pobres de nós mortais!)  
A mulher, entre os venenos,  
Agora, tem esse a mais.

Que ninguém disso se queixe,  
Mas toda cautela é pouca:  
— O homem, tal qual o peixe,  
Hoje, morre pela boca.

*Quando o senhor deixar de existir,*  
**QUEM RESPONDERÁ  
 POR ESTES COMPROMISSOS**



*Educação dos filhos* ..... Cr\$ .....  
*Manutenção da família* ..... " .....  
*Aluguel da casa* ..... " .....  
*Assistência médica* ..... " .....  
*Hipoteca* ..... " .....  
*Impostos de transmissão* ..... " .....  
*Despesas eventuais* ..... " .....



## QUEIRA

consultar, sem compromisso de sua parte, a "Previdência do Sul", que há mais de 39 anos não faz senão resolver problemas idênticos, para homens sensatos como o senhor!

# Companhia de Seguros de Vida "PREVIDÊNCIA DO SUL"

PÓRTO ALEGRE  
 Andradás, 1049 (Sede)

B. HORIZONTE  
 R. Rio de Janeiro 418, 1.º

R. DE JANEIRO  
 Candelária 9, 9.º

SÃO PAULO  
 J. Bonifácio 93, 6.º

SALVADOR  
 Chile 25/27, 4.º

CURITIBA  
 15 de Nov.º 300, 2.º

RECIFE  
 10 de Nov.º, 147, 4.º

A "PREVIDÊNCIA DO SUL" JÁ PAGOU A SEGURADOS E BENEFICIÁRIOS MAIS DE 70 MILHÕES DE CRUZEIROS E A SUA CARTEIRA DE SEGUROS DE VIDA EM VIGOR SOBE A MAIS DE 600 MILHÕES.

**H**A em toda a obra de ficção de Eça de Queiroz uma vasta galeria de criaturas cada qual mais pitoresca e singular.

Desde que o romancista lusitano integrou-se na escola realista, a maior preocupação que lhe agitou o espírito foi colher as figuras que de algum modo representassem a decadência, o convencionalismo, a chatice, como dizia o escritor, da sociedade portuguesa de seu tempo. Critico por índole, temperamento rebelde, observador sagacíssimo, escrevia Eça os seus romances com o objetivo de pintar os costumes combatendo os erros, os prejuízos, a parlapatice, os vícios que infestavam a sociedade portuguesa.

Sentindo a necessidade de um estilo capaz de todas as expressões para a realização do romance moderno, Eça moldou uma prosa maleável, colorida, vinculada de ironia e graça. Seguro desse possante instrumento plástico, sonoro e dúctil, que desde logo causou a admiração geral, dedicou-se com bastante fervor à criação de uma obra que por todos os títulos se tornaria notável.

Eça de Queiroz, destarte, empreendendo a crítica social através do romance, revelou-se um incomparável criador de tipos. Recortou figuras que se tornaram indelévels, pintou paisagens encantadoras e de suave lirismo, descreveu cenas e preparou situações de vivo interesse, alfinetou instituições veneráveis, pôs o ferrê de sua ironia nos lombos da sociedade burguesa; mas no criar e no focalizar certos tipos que pululavam no ambiente social, com suas peculiaridades, suas manhas, seus ridículos, suas perfidias ou suas malícias, nas caricaturas desses tipos Eça manifestou todo o poder do seu gênio. Tais personagens, pósto que muitas delas sejam meramente caricaturais ou deformações consoante os fins da crítica, se erguem diante de nossos olhos como verdadeiras criaturas humanas. Encontramos nelas não só o burlesco, mas a verdade psicológica, a riqueza de pormenores e os traços típicos, os nervos e as paixões que as põem em pé como indivíduos de carne e osso.

Alguns tipos de Eça de Queiroz não foram integralmente apanhados no vivo, pois o artista compunha figuras com os caracteres observados em pessoas. Idealizava-os. O padre Amaro, figura central do seu primeiro romance, é uma ficção. O próprio Eça declarou que o padre Amaro foi "mais adivinhado que observado". Mas, se Eça sempre se esforçou por introduzir em seus ro-

mances tipos observados "de visu", ao natural, estudados de perto segundo os métodos do realismo, não deixou, contudo, de ser um prodigioso criador de tipos e descobridor finíssimo de singularidades e ridículos. Artista altamente dotado, Eça de Queiroz não se limitou em copiar a vida, não se deixou cair no mau gosto de tantos realistas. Observando a realidade, criou uma obra de arte. A fantasia não deixou nunca de embelezar a verdade dos seus romances.

A ambição artística de Eça de Queiroz era pintar a decadência da sociedade portuguesa exatamente como ele a via e sentia. Era sua aspiração acutillar a vida da burguesia de Portugal, o mundo oficial, ventruído e parvo, a literatura rotineira, o sentimentalismo mórbido, o sensualismo bestial e hipócrita, todos os males que consumiam as energias da nação. Com esse programa e decidido intento superior de vergastar tudo quanto lhe parecia detestável, inútil, tolo e desprezível, o escritor foi compondo os seus romances sempre de olhos penetrantes e postos na vida social portuguesa, objetivo máximo das suas cogitações de crítico e artista.

Quanto às personagens, Eça sempre entendeu estudar as criaturas que caracterizassem certas tendências humanas, caracteres que definissem as instituições e os costumes corrompidos de uma sociedade corroída até a medula pelos desvios, as más influências e os erros de educação.

Surdem assim, dentre as páginas admiráveis do notável romancista, as figuras de Acácio, representante do formalismo oficial, vazio e inconsequente; de D. Felicidade, a beatice em pessoa, a religiosidade parva levada ao extremo; de Ernesto, o literato frívolo; de Juliana, a criada descontente com a profissão, "em revolta secreta contra a sua condição"; e ainda o primo Basílio, peralta vaidoso e sem alma, que pretende apenas "uma aventura e o amor grátis"; o Fradique Mendes, requintado, elegante, esgotado pelo tédio de uma vida ociosa; a Luíza, sentimental, intoxicada de romantismo, "sobre-excitada pelo fim do casamento peninsular, que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplina moral"; o Jacinto, arrasado de civilização, que procura o campo para desfogo da alma, o Tito, o Gonçalo Ramires, o Saavedra...

\*

Entre tantos tipos admiráveis, de

uma justeza de contornos quase inexcusável, de uma flagrante veracidade, que perpassam e vibram através da obra de Eça, dois deles se destacaram, se popularizaram e se imortalizaram: — o Acácio e o Pacheco. Ambos são criaturas que se identificam. Ambos são feitos da mesma argila. Ambos possuem o mesmo fêlto mental, o mesmo caráter burguês, as mesmas idéias, os mesmos tecidos. A diferença entre os dois está somente na maneira de reagir. Ambos são pessoas graves e de respeito, que alcançaram posição social justamente por serem destituídos de inteligência superior. Ambos representam a mentalidade acanhada, comum em certas figuras de alto conceito, e que, todavia, galgam todas as posições, empurrados pela família, pelos amigos, pelas situações. Gozam logo do beneplácito, do apóio e do aplauso, porque são genuínos representantes da mediocridade e parvoíce, da gente que os rodeia.

O Acácio é senhor respeitável, que discursa, afirma, conceitua com imensa pobreza de idéias, e que todos admiram. Não obstante, era às vezes maçante e importuno. Que o diga a Luíza, d'"O Primo Basílio", forçada até a entrar numa igreja, sem necessidade, para evitar a impertinência do homem, que realmente estava atrapalhando...

Pacheco, por outro lado, não gostava de falar. Sua fama de ter talento provinha daquele ar grave, mediatizado, pacato, que sabia manter e a todos impressionava. A propósito, António Sales compôs um magnífico soneto, intitulado o "Jaburu", no qual pôs em relêvo o Pacheco que o poeta diz existir também entre as aves:

Magro, comprido, imóvel e bido,  
O jaburu se queda, horas a fio.  
Num pé, metido na água, em sério es-

[tudo]

Que lhe preocupa o cérebro vazio.

Nadam aves joviais, brincando en-

[trudo,

Outras soltam canções em desafio;

Entanto, o jaburu, frio e sisudo,

Não move as asas e não solta um pio.

Tudo o que vibra, tudo o que perfu-

[ma,

Tudo o que encanta os olhos, coisa

[alguma

Comove o sábio desdenhoso e seco,

Apenas, para impor-se às outras

[aves,

Faz com a cabeça alguns meneios

[graves;

— Também as aves têm o seu Pa-

[checo.

# Eça de Queiroz ★ Ilust. de Rodolfo

O Conselheiro Pacheco triunfou em todas as esferas de importância social sem qualquer demonstração de inteligência e capacidade. Sem saber como, viu-se prestigiado, respeitado, soberbamente admirado. Eça, seu criador, biografa-o, afirmando entre outros particulares, que "Pacheco não deu ao seu país nem uma obra, nem uma fundação, nem um livro, nem uma idéia."

"Pacheco — informa-nos Eça — era entre nós superior e ilustre unicamente porque tinha um imenso talento."

Dois gerações soberbamente aclamaram o talento de Pacheco e, contudo, nunca esse talento deu de si qualquer manifestação positiva. "O imenso talento do Pacheco ficou sempre calado, recolhido nas profundidades de Pacheco!" E assim o homem alcançou as culminâncias sociais. E tudo foi: Deputado, Diretor de Banco, Conselheiro de Estado, Par, Presidente de Conselho, Ministro, etc., etc. E nunca Pacheco sentiu necessidade de soltar o seu imenso talento. A fama o envolveu de tal modo, que seria perigoso contestá-la. Quem seria capaz de pôr em dúvida o imenso talento do Pacheco? "Basta-lhe ver a testa", diziam.

Quando pretendiam os amigos ouvir qualquer afirmação daquele imenso talento, o ilustre homem "sorrisia, baixando os olhos por trás dos óculos dourados, e seguia sempre para cima, sempre para mais alto", mantendo o seu imenso talento "aferrolhado dentro do crânio como no cofre de um avaro."

Ao país bastava ele sorrir, bastavam os gestos, o cintilar dos olhos respeitáveis, as atitudes augustas, que tudo afinal evidenciava logo o imenso talento de Pacheco.

Revelou-se o talento de Pacheco, ainda estudante, certa manhã, em Coimbra, ao lançar uma frase magnífica e forte, assegurando que "o século XIX era um século de progresso e de luz". A frase, sem dúvida, calou fundo na alma dos colegas, que pressentiram o imenso talento do rapaz.

A admiração cresceu entre os estudantes e os lentes num fluxo de irresistível contágio; e o certo é que facilmente Pacheco ganhou, com a fama, um prêmio no fim do ano. Estava feito o homem.

Pacheco, carregando grossos tratadistas debaixo do braço, pisando com austeridade, sempre gravemente meditativo, já usando óculos, levou toda a Academia a perceber que ali havia "um grande espírito que se

concentra e se retesava em força íntima". Ao dispersar, aquela geração acadêmica "levou pelo país, até aos mais sertanejos burgos, a notícia do imenso talento de Pacheco."

Para rematar e tornar-se patente o imenso talento daquele homem, basta assinalar o terror que se apossava da oposição na Câmara, quando Pacheco, saindo do seu costumeiro silêncio, "tomava com lentidão uma nota a lápis." Esta nota era suficiente para perturbar inteiramente todos os opositoristas. Certa vez, um deles teve a desgraça de acusar Pacheco (que era Ministro do Reino) de descuidar a instrução do País. Com efeito, "nenhuma incriminação podia ser mais sensível àquele imenso espírito que, na sua frase lapidária e suculenta, ensinara que "um povo sem curso dos liceus é um povo incompleto". Pois bem, Pacheco, saindo de seu patriótico e nobre silen-

cio, arremeteu, disposto a arrasar o opositor. Conta-nos o episódio Eça de Queiroz, que nos diz o haver presenciado:

"Espetando o dedo (jeito sempre seu) Pacheco esbarrachou o homem temerário com esta coisa tremenda: — "Ao ilustre deputado que me censura só tenho a dizer que enquanto S. Excia., aí nessas bancadas, faz berreiro, eu, aqui nesta cadeira, faço luz!"

Foi uma ovação estrondosa! Uma aclamação prolongada e altamente consagradora, que até então homem algum recebera naquele recinto. Segundo Eça de Queiroz, parece que foi daí a dias que o Conselheiro Pacheco recebeu a Grã-Cruz de S. Tiago.

Entretanto, — ironia da sorte — falecido o ilustre homem, a senhora sua viúva, ouvida a respeito do imenso espírito do marido, tornou-se pálida, esboçou um sorriso de tristeza e descrença... Aquela senhora, segundo tudo faz crer, em sua mediania, nunca chegara a compreender o imenso talento de Pacheco.

\*

As figuras femininas de Eça de Queiroz, entretanto, não apresentam a mesma força das suas criações masculinas. Contrariamente ao nosso Machado de Assis, o romancista lusitano não foi um revelador da alma feminina. O tipo de mulher mais bem estudado, de mulher ambiciosa, revoltada com sua posição, que Eça nos mostra, é o da criada Juliana. Todas as outras mulheres do romancista da *Ilustre Casa de Ramires* não têm o mesmo relêvo forte, o desenho nítido, o mesmo cunho de perfeição que se encontra nas suas personagens masculinas. Eça de Queiroz nunca se detém na decomposição moral dos tipos femininos. Enquanto Eça traça ligeiramente, esbaltando-as, as suas heroínas, Machado de Assis, com aquele seu estilo menineiro e sutil, instrumento adequado às análises, preconcebido para a investigação da psicologia humana, vai pavorosamente anatomizando os sentimentos, separando os elementos morais da alma de suas personagens.

Machado de Assis, pela sua índole, pelos seus processos, não foi um descobridor de tipos pitorescos, nem caricaturista de costumes, nem crítico social. Esta distinção medeia entre os dois grandes romancistas. O autor de "D. Casimiro" não possuía o gênio de um idealizador de criaturas, nem seria capaz para a pintura de tipos que se tornassem populares

(Conclui na página 56)





## HUBERTO ROHDEN

Minha ignota amiga Helena Ivanowsky

Foi-me de grata surpresa a sua carta de agosto último. As perguntas que nela me faz são de uma relevância tal que não é possível solvê-las em uma simples carta. Teria de escrever um livro de algumas centenas de páginas, se lhe quisesse dar resposta mais ou menos satisfatória.

O que me diz da estranha odisséia de seus pais, que fugiram da Rússia e erraram por diversos continentes, moveu-me até às lágrimas, e ao mesmo tempo despertou em mim aquele inextinguível espírito bandeirante que faz parte integrante do meu eu. Quase que tive inveja de seus pais ao acompanhá-los, apenas em espírito, em suas sensacionais peripécias através de terras e mares.

Mas, vamos às suas perguntas. Deseja minha ignota amiga russo-brasileira saber o que penso do papel cultural-espiritual da Rússia, no cenário mundial de amanhã. Acha que aqui, na gigantesca metrópole cosmopolita dos Estados Unidos, em contacto com destacados elementos russos, não me seria difícil formar idéia adequada a esse respeito. De fato, a imprensa dos Estados Unidos, quase diariamente, se ocupa com o problema que forma o centro de sua carta. Creio que o tema "Rússia" vai ser o assunto de uma grande parte da literatura mundial dos próximos tempos.

A terra de seus pais e antepassados, d. Helena, é um mistério de vinte séculos para quase toda a humanidade. Viveu a sua vida à parte, mais ou menos isolada da Europa e do ocidente em geral. Verdade é que Pedro o Grande lhe abriu "uma janela para a Europa", como dizem os historiadores, quando permitiu, enfim, a penetração da cultura ocidental para além dos Montes Urais. Mas, nem por isto, deixou esse país de ser um mistério.

Quando, em 1917, triunfou o movimento soviético, novo mistério envolveu a terra de seus maiores. Dizia-se, e isto já era proverbial entre nós,

que o comunismo havia arruinado completamente a Rússia; que era um caos, sem ordem nem lei e que cairia presa fácil ao primeiro inimigo que a invadisse. E, de fato, quando, em 1941, os exércitos de Hitler inundaram o país com uma fulminante blitzkrieg, ocupando vastíssimas áreas, parecia cumprir-se tudo quanto de mal haviam as Cassandra d'aquém e d'além-mar dito sobre a União Soviética.

Pouco depois, porém, teve o mundo uma das maiores surpresas dos últimos tempos. A Rússia, dada por enferma e quase agonizante, ergueu-se como um só homem, e, apesar de perder uns ..... 20.000.000 dos seus soldados, hastecou a bandeira vermelha sobre as ruínas do Reichstag!

Tenho a intuição de que a alma da Rússia é algo profundamente enigmático e como que subconsciente, fazendo lembrar as personagens dos livros de Dostoiévski. Não pode ser analisada segundo as normas comuns da psicologia. A análise que da alma da Rússia se tem feito ultimamente, parece-me tão falha e inexacta como a que Freud fez no artigo "Dostoiévski e o parricídio" tentando explicar psicanaliticamente, por um "complexo de Edipo" as cenas sangrentas do livro "Os irmãos Karamazov" — no que errou completamente.

Assim é a alma da Rússia, dessa Rússia desconhecida há tantos séculos, profundamente cósmica, vasta zona crepuscular, imenso subsolo preenhe de dinâmica potencialidade. Parece que a Rússia não saiu ainda plenamente das páginas do Génesis. Está ainda em vias de evolução. A sua juventude não desabrochou ainda em verdadeira maturidade. A Rússia nunca teve, como outros países do Velho mundo, um verdadeiro período de florescimento. Está ainda em vésperas da sua grande eclosão cultural e espiritual — à espera do seu "vôo nupcial"...

E que será essa eclosão cultural-espiritual de 160.000.000 de homens espalhados pelo mais vasto país do globo?

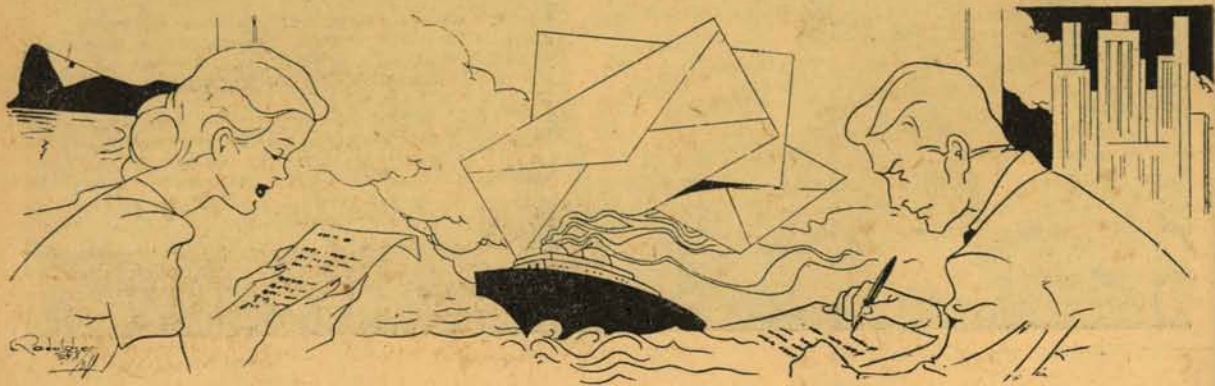
Espiritualmente, não pertence a Rússia, a nenhuma das grandes religiões do ocidente: nem ao Catolicismo nem ao Protestantismo. Não tomou parte na Reforma luterana, mas separou-se de Roma. Não simpatiza com o espírito hierárquico dos Pontífices Romanos, nem proclamou o princípio do livre exame e da liberdade individual dos cultores da Bíblia.

O princípio individual é democrático — o princípio hierárquico é monárquico.

Mas a Rússia não é democrática nem monárquica.

Qual é, então, o cunho característico da sua atitude e personalidade?

Minha ignota amiga e patricia, se eu o soubesse, com o maior prazer lho diria. Mas... confesso a minha ignorância, e comigo, meus amigos russófilos daqui, também confessam que não compreendem



dem esse mistério. Sei dizer algo do que a alma da Rússia não é, mas não sei dizer o que ela é. Se minha jovem consulente descobrir meio termo entre o princípio de autoridade e o de autonomia, uma síntese feliz dessas duas antíteses, eu lhe direi qual é o característico da alma da Rússia. Vá, pois, à procura dessa maravilhosa síntese, algo que harmonize as duas ideologias, algo que garanta ao indivíduo os sagrados direitos da sua personalidade livre e autônoma — e ao mesmo tempo afirme e defenda o indispensável princípio da autoridade, sem a qual não há ordem nem prosperidade num Estado.

Será possível conciliar tão grandes paradoxos, como autonomia e autoridade? Liberdade individual e disciplina social?

O futuro o dirá...

Tenho para mim que a Rússia de amanhã inaugurará uma nova era social e espiritual, tornando possível o que impossível parecia.

Não creio que esse comunismo violento de 1917 e anos subsequentes represente a alma da Rússia e possa resolver problemas de tal magnitude. As coisas grandes e verdadeiras costumam ser silenciosas. Aquilo foi apenas um "mal necessário", um choque violento para despertar a farta burguesia do seu longo sono capitalista e bradar-lhe aos ouvidos que algo estava errado. A grande verdade vai muito além desse celeuma.

Se é verdade o que diz São Paulo: "quem não trabalha também não deve comer", não é menos certo que "todo homem tem direito ao trabalho que lhe dê de comer". Esses milhões de "sem trabalho" dos países industrializados são prova eloquente de que algo está profundamente errado dentro da nossa ideologia capitalista.

Desde séculos pressentiu a alma russa, nesse seu estranho subconsciente hierárquico-democrático, que é erro funesto atribuir à propriedade particular uma função exclusivamente individual, em benefício de seu dono; pressentia que a propriedade particular deve, além da sua função individual, ter uma função social, coletiva, reverter em benefício do conjunto humano.

Abolir o direito de propriedade individual seria destruir uma lei natural e expor a sociedade a grandes abalos.

Negar a função social da propriedade individual seria consagrar o egoísmo na sua forma mais perigosa.

O regime de amanhã não será capitalista nem comunista, mas individual-social.

E' esta a grande síntese, que ainda não foi satisfatoriamente realizada em país algum do globo. Anda como que em gestação, e há de nascer um dia.

O grande problema está no como dessa síntese. E, possivelmente, passarão muitos decênios até que a harmonia individual-social chegue a cristalizar em forma tal que possa a ser praticamente executada e aplicada em larga escala.

A Rússia parece estar destinada a servir de cadinho de fusão a esses elementos aparentemente tão heterogêneos.

E' possível que minha jovem consulente venha a presenciar ainda a grande alvorada...

Aqui, na terra clássica da democracia e liberdade política, está-se em grande suspensão e expectativa no tocante à Rússia e seu destino mundial.

Nomeio minha ignota amiga e patricinha, minha embaixatriz especial junto à alma desse grande povo cujo sangue corre em suas veias.

Sinceramente, seu ignoto amigo,

HUBERTO ROHDEN

**Eu quero é...**

**TALCO**  
**PALMOLIVE**



O Talco Palmolive, feito especialmente para dar maior proteção à pele delicada dos bebês, é uma carícia suave e refrescante para o corpo de gente grande também. O Talco Palmolive é boro-cetinado, processo científico que produz um talco 3 vezes mais fino! Feito segundo uma fórmula norte-americana, protege a pele contra assaduras, brotoejas e irritações. Comece hoje mesmo a usar o Talco Palmolive e verifique como a sua cutis fica mais macia e aveludada, e o seu corpo, suavemente perfumado!



**TALCO Palmolive**

PROTEGE A PELE DAS CRIANÇAS... E DE GENTE GRANDE TAMBÉM!

*Um Par sempre bem penteado...*



Tão bom para o "permanente" das mulheres como para o discreto penteado masculino, o Óleo Palmolive deixa os cabelos sedosos, macios, e suavemente perfumados, conservando o brilho natural. Feito de óleos minerais super-refinados e importados dos Estados Unidos, evita o ressecamento dos cabelos. Não mancha. Não engordura. Não empasta. O Óleo Palmolive ajuda a conservar a saúde e o vigor dos cabelos. Compre um vidro hoje mesmo!



**ÓLEO**  
**PALMOLIVE**

AMACIA E PERFUMA OS CABELOS



**C**OMEMORA-SE, neste mês de novembro, em Portugal e no Brasil, o centenário do nascimento de José Maria d'Eça de Queiroz, o Eça da admiração cordial e terna dos que foram seus leitores frequentes.

Poucos escritores portugueses terão alcançado a popularidade e a universalidade de Eça de Queiroz. Traduziram-no em várias línguas. Lêem-no ainda hoje fartamente em Portugal e no Brasil. Biógrafos e críticos não se cansam de apreciar-lhe a vida e estudar-lhe a arte. E, neste particular, é de notar que, no Brasil, talvez o culto queiroziano seja maior que em Portugal, que ainda olha carrancudo para o filho atrevido e sarcástico, que andou expondo ao mundo as fraquezas e defeitos do pai.

As gerações mais recentes porém não lêem muito Eça. Seu diletantismo, sua superficialidade brilhante, sua irreverência algo tendenciosa e injusta, seus preconceitos bem caracteristicamente oitocentistas, seu esteticismo e seu sarcasmo, tantas vezes, meramente literário, não apeteem a gerações mais torturadas, mais em luta com problemas cruciantes, mais amantes de coisas positivas e profundas, menos preocupadas com questões de estilo e de estética e dum realismo mais dentro da vida do que dirigido por cânones de escolas literárias.

Minha geração, porém, lia muito Eça, se não muitas vezes para com ele concordar e aceitar-lhe as idéias, em geral para saborear-lhe a prosa cantante e colorida e rir ou simplesmente sorrir com a sua ironia acidulada quando não comover-se com aquela ternura veludosa que ele sabia infundir no seu estilo, ao falar das crianças, dos pobres, dos simples, das coisas boas e essenciais da

vida. E este Eça da ternura e das coisas simples é, cremos, aquele que representa verdadeiramente o homem e o escritor na sua autêntica natureza, na sua realidade mais íntima e mais profunda. O Eça da ironia e da irreverência, da sátira e do sarcasmo, do cepticismo e da demolição, era talvez uma atitude, um disfarce áspero com que o homem romântico e sensível ouriçava e defendia a sua dolorosa sensibilidade.

Sua reação contra o meio que o cercava e no qual tinha de viver foi a de um inconformado, dum romântico, dum idealista. Por isso se revelou ela tão ferina, tão contundente, tão agressiva, excedendo-se, na injustiça, na irreverência. A máscara que dele fica em todas as memórias é a daquele retrato que lhe ilustra as obras, na edição Chardron: o olho malicioso por trás do monóculo cintilante e o beijo repuxado num esgar de sarcasmo. Naquela cintilação do vidro havia, porém, umidade de lágrima e naquele sorriso, mais ricto de amargura, que ironia acerba.

Quando os ardores da mocidade se foram apagando, quando a razão mais e mais foi dominando o esfusiar dos paradoxos e das sátiras, a ternura profunda subiu à tona, a compreensão mais justa dos homens e dos acontecimentos preponderou. E o homem que passou em torno das instituições o seu riso demolidor, o anti-clerical, o céptico, o discípulo de Renan, o europeu refinado e desdenhoso dos sentimentos patrióticos, foi pouco a pouco limpando a alma de todas as crostas desfiguradoras, foi derrubando as muralhas de preconceitos que lhe aprisionavam o coração. Olhou para dentro de sua terra e para dentro de si mesmo. O homem, que rasgou e enlameou batinas, passa a escrever um "Dicionário dos Milagres" e vidas de santos. O céptico, que não se comoveu na sua viagem à Palestina, ao chegar ao outono da vida, no recesso de seu lar, confessa que vai conversar com Deus, em momentos de recolhimento e sossego. O estilista afrancesado manuseia as velhas crônicas portuguesas e alimenta sua arte de

## POR TRA'S DO MONÓCULO

OSCAR MENDES ★ DESENHO DE RODOLFO

suculentas e selvagens palavras olvidadas. O "gourmand" de "friandises" parisienses se entenece e exalta diante da bacalhoadade e do bom arroz doce portugueses. Renega aquele Renan que fora o ídolo intelectual de sua mocidade e para com a pátria a atitude que tem não é mais a do crítico impiedoso e do acusador implacável, mas a do filho enternecido e compassivo, que sabe, comovido, perdoar defeitos e desculpar azares.

Essa mudança não foi uma decadência, como certos críticos apressados procuram fazer crer. Pelo contrário, as obras mais sólidas, mais perfeitas, mais brilhantes mesmo de Eça de Queiroz, são dadas segundo período de sua vida. Ele será como o filho pródigo voltando aos pagos natais, o homem, desfigurado pelas exterioridades e suntuosidades da civilização, desvestindo-se de muito ouropel, para reintegrar-se na sua simplicidade e no seu natural. Seu itinerário intelectual difere neste ponto do de Machado de Assis. Este se fez cada vez mais amargo e mais céptico. Eça foi desafeitando seu amargor, foi serenando, foi tendo mais ternura e mais compaixão pelos homens, cheios de vícios, de defeitos, de pecados e de misérias, e procurando mostrar o que dentro deles ainda havia de bom, de puro, de essencial, de incontaminado. Daí sua predileção pelos santos, pelas crianças, pelos pobres e pelos humildes. Daí aquela sua vol-

(Conclui na página 124)

# Nenhuma outra caneta pode dar tal orgulho de posse!



#### ♦ GARANTIA VITALÍCIA - O

Losango Azul "Parker", estampado no segurado, representa um contrato feito pelos fabricantes com o comprador da caneta, válido por toda a vida deste, e que garante o reparo de qualquer desarranjo, não intencional, desde que a caneta seja devolvida completa. Para a embalagem, porte e seguro, cobrar-se-á apenas a importância de Cr\$ 10,00.

*Escreve seco com  
tinta líquida!*

Há impaciência na Parker "51"... e uma resposta imediata e sem esforço. Note a ponta de osmírdio suave como a sêda, a pena encerrada, a patenteada represa de tinta. Artífices de precisão ajudaram a fazer da Parker "51" a caneta "mais desejada" em todo o mundo.

E abastecida com a tinta Parker "51", escreve seco! Somente ela pode usar a tinta de secagem rápida — a Parker "51". Mas ela pode, também, é lógico, usar a tinta comum.

Peça, pois, ao seu fornecedor para reservar-lhe uma.

## Parker "51"

Preços: Cr\$ 375,00 e 450,00 em  
todas as boas casas do ramo.

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1.ª de Março, 9-1.ª - Rio de Janeiro

9.004-P

J.W.T.

# MARLIÈRE - "O APO'STOLO DAS SELVAS MINEIRAS" ★

Lúcia Machado de Almeida  
Ilustração de Rocha

Essa justa denominação de "Apóstolo das Selvas Mineiras" foi dada a Marlière por Augusto de Lima, em memória da admirável compreensão, humanidade e inteligência com que o grande francês cumpriu a sua missão de pacificador dos índios que viviam nas margens do Rio Doce. Guido Marlière nasceu na França, no ano de 1769. Combateu ao lado de Robespierre na revolução de 1789 e anos depois foi para Portugal, onde fez parte do exército de Lisboa. Veio com D. João VI para o Brasil, tendo sido incorporado ao regimento de Cavalaria de Minas Gerais. Ganhou aos poucos a confiança do Imperador, que o nomeou mais tarde Diretor Geral dos Índios do Rio Doce. É inexplicável a pouca atenção que os historiadores têm dispensado à figura de Marlière. O grande brasileiro Afrânio de Melo Franco, que conheceu e amou sua terra mineira como ninguém, dedicou-lhe um livro (Guido Thomaz Marlière), onde fez um documentado estudo sobre a personalidade e as atividades do "Apóstolo das Selvas Mineiras".

**N**UMA clara manhã do ano de 1824, três homens andavam a cavalo, num caminho estreito aberto no meio do mato. Um deles tinha olhos azuis, cabelos louros meio grisalhos, e parecia ser de alta estatura. Via-se logo que se tratava de um europeu. Os outros dois eram bronzeados, usavam roupas de algodãozinho claro e possuíam cabelos pretos, muito lisos. Não seria difícil adivinhar que pertenciam à raça indígena. Um colar de sementinhas que traziam ao pescoço mostrava que faziam parte da tribo dos Puris.

Os três companheiros iam calados, mergulhados em seus pensamentos, quando ouviram gritos de dor que pareciam vir das margens do rio Chopotó.

— "Aguenta, bandido!" gritava uma voz irritada. "Isso é para você aprender a não ser ladrão!"

O homem louro esporeou o cavalo e galopou até ao lugar de onde vinha o barulho, seguido pelos dois Puris. Um miserável índio se debatia no chão, enquanto um sargento, de relho em punho, o açoitava com toda a fúria.

— "Pare já com isso!" gritou o europeu descedo do cavalo e aproximando-se.

O soldado olhou para ele assustado e, quando viu quem era, largou o chicote, fazendo uma continência.

— "Você não sabe que eu proibí terminantemente qualquer castigo corporal aos índios, fôsse qual fôsse o crime deles?" protestou o recémchegado, com indignação.

— "Senhor coronel, esta já é a segunda vez que apanho esse bugre roubando rapaduras. Se Vmê dá licença, eu o levo para o Quartel e o tranco na cela durante um mês, aplicando-lhe uma surra por dia. Garanto que não cairá noutra".

— "Você está enganado. Ele sairia de lá cheio de ódio e com mais vontade ainda de nos prejudicar."

— "Que ordena Vmê que eu faça então?"

— "Que devolva-lhe as rapaduras que roubou e dê-lhe mais cinco. Leve-o depois para o nosso aldeamento, onde vai trabalhar na plantação de cana. Com a ocupação, não se lembrará de furtar, e quando receber a parte que lhe couber em rapaduras conseguidas com seu trabalho, sentirá vergonha do que acaba de fazer, sem que ninguém lhe ensine isso à força."

Os dois Puris, que se chamavam Pocrane e Ha-Gem (folha de Samambaia), ouviam tudo calados, admirando ainda mais a sabedoria daquele homem que os civilizara e educara, e a quem respeitavam como a um pai.

O índio, com as costas sangrando, e caído no

chão, olhava para o seu inesperado e desconhecido salvador.

— "Mara-pe-dereré"? (Como te chamas), perguntou-lhe ele, em tupi.

O homem louro respondeu-lhe na mesma língua:

— "Sou Guido Marlière, Diretor e Protetor Geral dos Índios que vivem nas margens do Rio Doce."

— "Chê-pororá-ussú" (sou miseravelmente tratado) queixou-se o índio.

— "Ninguém te fará mal de agora em diante. Serás protegido; dar-te-ei roupa, comida e trabalho".

E mandou a Pocrane e Ha-Gem, seus filhos adotivos, que acompanhassem o sargento e o índio até ao próximo aldeamento, para fiscalizarem a perfeita execução de sua ordem.

Montou a cavalo e dirigiu-se para as margens do rio, pensando na cena que presenciara.

Compreendia e amava os índios com uma ternura que lhe aquecia o coração. Verdadeiros meninos grandes, aqueles índios. Estabanados, brigando por causa de ninharias — uma fruta, uma ave — adorando o sol, assustando-se com o trovão...

Havia alguns que chegavam a ser ferozes; outros que até mesmo comiam carne humana. No fundo, puros como crianças. Não fazia mal que a pele deles fosse bronzeada, que falassem uma língua estranha e que tivessem nascido numa terra diferente da sua. Um mesmo Deus os criara para que também fossem membros da grande família humana. E era bom ver como haviam correspondido à sua compreensiva dedicação: os botocudos do Rio Doce não mais atacavam os portugueses; estes não mais empregavam as armas de fogo contra aqueles. Ah! Ele bem sabia que o domínio pela força era apenas aparente e de pouca duração. Conquistara aqueles homens sem gastar um só tiro. Ensinará-lhes a cultivar a terra, dêra-lhes roupas, sementes e ferramentas. Repartia com eles a colheita e os lucros, protegendo o interesse de todos. E o resultado fora ótimo. Apenas o chefe botocudo Ingrir se recusava a aproximar-se. Sua tribo era numerosa, e vivia na margem esquerda do Rio Doce, completamente isolada dos outros índios. Corriam lendas sobre aqueles botocudos. Diziam que entre eles havia um ser monstruoso, meio animal, meio homem, de incrível ferocidade, e de corpo todo coberto de pêlos. Chamavam-no Kaa-jerre e era ele quem sacrificava os prisioneiros, estrangulando-os com suas grandes mãos, cujos dedos não tinham unhas.

Marlière pensa na rebeldia de Ingrir. Isso não

**Tipos de Eça de Queiroz**  
(CONCLUSÃO)

pelo grotesco, porque era um analista frio, metucioso, irredutível. Dentro daquele humorista premeditado havia um escalpelador de sentimentos e um dissecador de conflitos morais. Sua obra reflete lúcida percepção e compreensão do mistério do coração humano. O romancista examinava as almas, procurando em cada personagem fixar-lhe o feitiço moral, as paixões mal reveladas, os sentimentos escusos, indecisos ou disfarçados na trama das convenções sociais.

Capitu, como Sofia, Virgília, Iaiá Garcia, e outras figuras femininas, patenteiam todo o poder de análise de que seria capaz um romancista. A abundância de sentimentos, que não se observa nas criações de Eça de Queiroz, aparece exuberante nas personagens machadianas. São indiscutíveis os traços morais dos caracteres femininos do romancista carioca. Não sabemos bem quais as reações da alma de Luíza e de outras mulheres de Eça de Queiroz, mas tão só os seus costumes, os seus gestos, os seus ditos, as suas opiniões. Em Capitu, porém, deduzimos sem esforço o que se revolve oculto e profundo no coração daquela menina que tinha os "olhos de ressaca", que já antes de ser mulher fisiologicamente, já era mulher completa pela alma. Capitu, perturbadora, de "olhar oblíquo e dissimulado", já era uma revelação da mulher que seria mais tarde. Luíza, d. "O Primo Basílio", não. Os costumes frouxos, a eventualidade do aparecimento do primo Basílio, ex-namorado, conjugaram-se para o adultério. Capitu, ao contrário, nascera predisposta para o pecado. Por isso Machado de Assis nos mostra Capitu, desde menina, com aquele ar disfarçado, aquele silêncio calculado, aquelas indecisões e evasivas, aqueles recuos e constantes desfazer de atitudes, jogo de sentimentos on-

*Irresistível!*

*Irresistível  
será a sua cutis, se a sra.  
usar VAN ESS porque esses pós  
e "rouges" - atomizados - dão à  
pele uma suavidade de pétalas, frescor  
de orvalho, fragrancia de flore...*

*VAN ESS embeleza... convida... enfeitiça...*

pó de arroz e "rouge"

*Van Ess*

"atomizados"



★ Use também o baton VAN ESS, em diversas tonalidades da moda e à base do "creme veludo", que suaviza, protege e embeleza os lábios.

McC.



**EMULSÃO DE SCOTT**

a maneira mais fácil e segura de tomar-se o legítimo óleo de fígado de bacalhau

**Combate os resfriados constantes, aumentando a resistência orgânica.**

de se entremostra o pélago em que se afundava aquela alma.

\*

Os dois tipos mais populares da obra de Eça de Queiroz, o Pacheco e o Acácio, representam dois símbolos do convencionalismo social, da tolice e da pobreza intelectual. São dois tipos universais encontrados na sociedade burguesa de nossos tempos. Abundam em todos os meios os Pachecos e os Acácios, e por essa razão se fixaram como duas individualidades populares e sempre presentes. Encontramo-las nos círculos científicos, nos institutos, nos grêmios literários e políticos, nas cátedras, nas instituições culturais, no jornalismo, em suma, em todas as camadas onde se faça o comércio das idéias. Os discursos, as plataformas, as conferências, os relatórios, as teses, as crônicas, surgem às toneladas, examinados de problemas e soluções miraculosas, atocadas de conceitos, ditos e reditos, expondo diretrizes num demagogismo primário ou numa literatura rebrilhante, mas artificial e quase sempre vazia de novidade.

Analisados tais produtos, alguns patentelam a indigência ou a pouquidão intelectual. São obras-primas que lembram a mentalidade do Acácio ou do Pacheco. Entretanto, os aplausos rebentam de todos os lados, os vários conclaves interessados deliram, os jornais proclamam o grande talento, o assombroso espírito a sesquipedal cerebração, cuja notícia se alastra. Em breve todo o País passa a entusiasmar-se e a admirar a estrela, procurada e invisível, que alguns apontam e afirmam que estão vendo. E a multidão, sempre crescente, encarando o céu, ávida, estatelada, em vão tenta divisar o astro, aplaudindo sempre, pois o seu destino é aplaudir sempre.

E os Acácios e os Pachecos, uns e outros, sem grande dispêndio de energias, sem originalidade ou revelação de algo superior, sem vislumbre de força criadora, empurrados, soprados, emergem à superfície social para enlêvo da nação. E eles sobem e eles triunfam.

Bendito sejas tu, Eça de Queiroz, que os retrataste para o nosso gozo e a nossa experiência.

### *Mistérios da Natureza*

MISTÉRIO que ainda está dando que fazer aos botânicos é o desaparecimento inexplicável do delicioso perfume contido no almizcar. Durante muitos séculos tem sido o almizcar usado como perfume, porém com o advento da primeira grande guerra mundial, a planta tornou-se totalmente inodora — não somente em uma única área de seu florescimento, mas em toda parte onde ela existe ainda hoje.

## ★ AMORES HISTÓRICOS ★



— Lindíssima porcelana!

Eis como a corte inteira definia Madame Pompadour, a favorita do rei Luís XV, da França. De figura esbelta, com os "panniers" avivados na cinta, e com laços azuis, que lhe assentavam tão bem que foram denominados de "estilo Pompadour", ela era de estatura mediana, rosto delicado, branco e rosado, mãos e braços de encantadora elegância, ombros e busto bem formados.

Casara-se aos dezenove anos com Le Normand d'Etoiles, que a adorava. Retirando-lhe o amor, a esposa deu-lhe uma encantadora filha. Mas d'Etoiles não se sentia feliz; havia empanando sua felicidade uma profecia. Velha cigana afirmara que Joana Antonieta Poisson, nome de nascimento de madame Pompadour, reinaria na corte como amante do rei...

Para Joana só existia um rei: Luís XV. Mas este se havia casado quando ela contava quatro anos de idade.

Quando Luís XV se casou estava loucamente apaixonado pela esposa, sete anos mais velha que ele. Mas a rainha envelheceu demais, enquanto o esposo se remocava. Dai... Não deixou, porém, de estimar a rainha. E a sua vida foi uma febril procura de favoritas encantadoras, até que conheceu Joana d'Etoiles.

Comparecia ela a todas as festas de caça a que ele ia. Ardia na febre de conquistá-lo, garantindo uma existência luxuosa. Mais esperanta, fazia o jogo da eterna indecisão feminina...

Luís XV notou-lhe a fascinante figura durante um baile na corte, e apanhou-lhe o lenço, propositalmente lançado ao meio do salão... Os cortejãos permaneceram por instantes assombrados, mas depois aplaudiram, querendo todos saber quem era a nova eleita.

Ninguém a conhecia, nem sabia de onde vinha. Mas os reis têm meios de averiguar o que desejam e, poucos dias depois, Luís XV a galanteava com todo o ardor de jovem enamorado que sente amor pela primeira vez. Disse-lhe, e sem dúvida ele mesmo assim o supôs, que ela era o único amor de sua vida. Talvez assim tivesse sido se a houvesse conhecido antes, pois Joana era bastante inteligente e hábil para saber conservar o que conseguia. Na realidade, enquanto Joana foi viva, Luís XV não amou outra mulher.

Luís XV ficou encantado. Joana procedia com segurança: adulara-o e parecia temerosa. Deleitava-o e desdenhava-o. O rei jamais fora tratado daquela maneira. Apaixonou-se mais ainda. Não supunha, no entanto, que ela o estudasse friamente, analisando-lhe cada gesto, auscultando-lhe o mais recôndito pensamento, não lhe perdendo a significação da menor palavra. Dominou-o.

As suas extravagâncias fizeram-na pouco querida do povo, gemendo sob impostos. Na corte, muitos a odiavam. Adulavam-na cavadores de posições.

Madame Pompadour, entretanto, fez bem a muita gente. Amava Paris e, procurando enfeitá-la, construiu jardins e parques. Melhorou as condições sanitárias da cidade e empregou milhares de desocupados.

Luís XV lhe foi fiel, sempre fascinado pela encantadora criatura que certa vez confessou:

— A minha vida toda é uma luta!

Era verdade. Tinha que lutar com a corte toda para garantir-se no lugar conquistado. Aos quarenta e dois anos, faleceu. Esperou a morte num lindo vestido de seda e adornada com as mais finas jóias que Luís XV lhe oferecera para realçar ainda mais a sua esplendente modéstia...

E morreu sorrindo, como sorrindo vivera.

de se entremostra o pélago em que se afundava aquela alma.

\*

Os dois tipos mais populares da obra de Eça de Queiroz, o Pacheco e o Acácio, representam dois símbolos do convencionalismo social, da tolice e da pobreza intelectual. São dois tipos universais encontrados na sociedade burguesa de nossos tempos. Abundam em todos os meios os Pachecos e os Acácios, e por essa razão se fixaram como duas individualidades populares e sempre presentes. Encontramo-las nos círculos científicos, nos institutos, nos grêmios literários e políticos, nas cátedras, nas instituições culturais, no jornalismo, em suma, em todas as camadas onde se faça o comércio das idéias. Os discursos, as plataformas, as conferências, os relatórios, as teses, as crônicas, surgem às toneladas, enxameados de problemas e soluções miraculosas, atoadas de conceitos, ditos e reditos, expondo diretrizes num demagogismo primário ou numa literatura rebrilhante, mas artificial e quase sempre vazia de novidade.

Analisados tais produtos, alguns patenteiam a indigência ou a pouquidão intelectual. São obras-primas que lembram a mentalidade do Acácio ou do Pacheco. Entanto, os aplausos rebotam de todos os lados, os vários conclaves interessados deliram, os jornais proclamam o grande talento, o assombroso espírito a sesquipedal celebração, cuja notícia se alastra. Em breve todo o País passa a entusiasmar-se e a admirar a estrela, procurada e invisível, que alguns apontam e afirmam que estão vendo! E a multidão, sempre crescente, encarando o céu, ávida, estatelada, em vão tenta divisar o astro, aplaudindo sempre, pois o seu destino é aplaudir sempre.

E os Acácios e os Pachecos, uns e outros, sem grande dispêndio de energias, sem originalidade ou revelação de algo superior, sem vislumbre de força criadora, empurrados, soprados, emergem à superfície social para enlêvo da nação. E eles sobem e eles triunfam.

Bendito sejas tu, Eça de Queiroz, que os retrataste para o nosso gozo e a nossa experiência.

### Mistérios da Natureza

MISTÉRIO que ainda está dando que fazer aos botânicos é o desaparecimento inexplicável do delicioso perfume contido no almíscar. Durante muitos séculos tem sido o almíscar usado como perfume, porém com o advento da primeira grande guerra mundial, a planta tornou-se totalmente inodora — não somente em uma única área de seu florescimento, mas em toda parte onde ela existe ainda hoje.

## ★ AMORES HISTÓRICOS ★



— Lindíssima porcelana!

Eis como a corte inteira definia Madame Pompadour, a favorita do rei Luís XV, da França. De figura esbelta, com os "panniers" avivados na cinta, e com laços azuis, que lhe assentavam tão bem que foram denominados de "estilo Pompadour", ela era de estatura mediana, rosto delicado, branco e rosado, mãos e braços de encantadora elegância, ombros e busto bem formados.

Casara-se aos dezenove anos com Le Normand d'Etoiles, que a adorava. Retirando-lhe o amor, a esposa deu-lhe uma encantadora filha. Mas d'Etoiles não se sentia feliz: havia empanando sua felicidade uma profecia. Velha cigana afirmara que Joana Antonieta Poisson, nome de nascimento de Madame Pompadour, reinaria na corte como amante do rei...

Para Joana só existia um rei: Luís XV. Mas este se havia casado quando ela contava quatro anos de idade.

Quando Luís XV se casou estava loucamente apaixonado pela esposa, sete anos mais velha que ele. Mas a rainha envelheceu demais, enquanto o esposo se remocava. Dai... Não deixou, porém, de estimar a rainha. E a sua vida foi uma febril procura de favoritas encantadoras, até que conheceu Joana d'Etoiles.

Comparecia ela a todas as festas de casa a que ele ia. Ardía na febre de conquistá-lo, garantindo uma existência luxuosa. Mais esperta, fazia o jogo da eterna indecisão feminina...

Luís XV notou-lhe a fascinante figura durante um baile na corte, e apanhou-lhe o lenço, propositadamente lançado ao meio do salão... Os cortejos permaneceram por instantes assombrados, mas depois aplaudiram, querendo todos saber quem era a nova eleita.

Ninguém a conhecia, nem sabia de onde vinha. Mas os reis têm meios de averiguar o que desejam e, poucos dias depois, Luís XV a galanteava com todo o ardor de jovem enamorado que sente amor pela primeira vez. Disse-lhe, e sem dúvida ele mesmo assim o supôs, que ela era o único amor de sua vida. Talvez assim tivesse sido se a houvesse conhecido antes, pois Joana era bastante inteligente e hábil para saber conservar o que conseguia. Na realidade, enquanto Joana foi viva, Luís XV não amou outra mulher.

Luís XV ficou encantado. Joana procedia com segurança: adula, va-o e parecia temerosa. Deleitava-o e desdenhava-o. O rei jamais fora tratado daquela maneira. Apaixonou-se mais ainda. Não supunha, no entanto, que ela o estudasse friamente, analisando-lhe cada gesto, auscultando-lhe o mais recôndito pensamento, não lhe perdendo a significação da menor palavra. Dominou-o.

As suas extravagâncias fizeram-na pouco querida do povo, gemendo sob impostos. Na corte, muitos a odiavam. Adulavam-na cavadores de posições.

Madame Pompadour, entretanto, fez bem a muita gente. Amava Paris e, procurando enfeitá-la, construiu jardins e parques. Melhorou as condições sanitárias da cidade e empregou milhares de desocupados.

Luís XV lhe foi fiel, sempre fascinado pela encantadora criatura que certa vez confessou:

— A minha vida toda é uma luta!

Era verdade. Tinha que lutar com a corte toda para garantir-se no lugar conquistado. Aos quarenta e dois anos, faleceu. Esperou a morte num lindo vestido de seda e adornada com as mais finas jóias que Luís XV lhe oferecera para realçar ainda mais a sua esplendente moçidade...

E morreu sorrindo, com sorrindo vivera.

## Exortação

Recebe, sem rancor, de alma serena,  
dos covardes a pérfida investida:  
despreza a ofensa, a crítica atrevida,  
o mal que sangra, o insulto que envenena.

Se te assaltar a infâmia desabrida,  
dá-lhe graça e desprezo em vez de pena,  
que aquêlê que desculpa e não condena  
vinga melhor a injúria recebida.

Em teu peito, aos culpados, oferece  
uma estância de amor, amiga e boa,  
— mar de clemência e de desinteresse —

E afoga a ingratidão que te magoa,  
na santa indiferença do que esquece,  
no sublime desdém do que perdôa...

Edmundo Costa

## Oceanos

Meus olhos são dois mares tenebrosos,  
onde há monstros e deuses escondidos,  
e onde, nos longes êrmos e brumosos,  
os Galeões do Amor andam perdidos.

Quando um olhar dos teus olhos divinos  
pousa nos meus ciclôpicos oceanos,  
soluçam, suaves como violinos,  
as ondas bravas, de ímpetos vesanos.

Mas se, rompendo a agrura dos abrolhos,  
o teu olhar naufraga noutros mares,  
há vasante de pranto nos meus olhos,  
e tormentas de dor nos meus olhares!

Alberto Renart

# ESPARSOS

## Angústia

Sinto um pêso brutal que, pouco a pouco,  
O amor e a paz no coração me esmaga...  
A alma, hoje aberta em dolorida chaga,  
A voz mudou-me num gemido rouco.

Todo o estelário do meu céu se apaga,  
E o próprio sol tem a feição de um

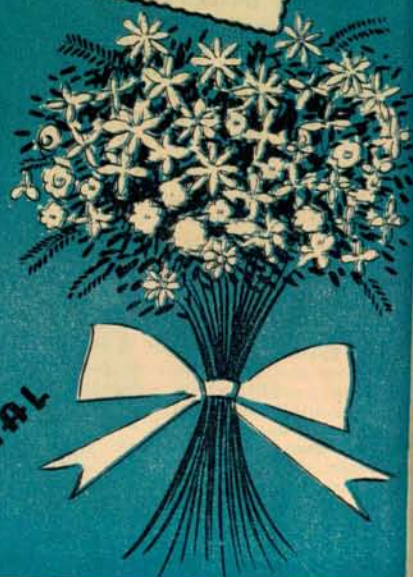
Men gênio ferve e espuma, e eu não  
[louco...]

Naquele estilo de estrondante vaga!  
[espouco]

Riem-me bôcas com dentes de pantera,  
Faz-se-me o tempo eternamente eterno,  
Asfixiante de cinza, tédio e sono...

— E' que eu vim da estação da Primavera,  
[vera,  
E me aproximo da estação do Inverno  
Sem ter parado na estação do Outono...

Edison Pinheiro



FRAGMENTOS DA POESIA NACIONAL

*Com espuma sedosa e perfumada*  
**Gessy limpa  
e amacia a cútis-**

Dotado de "bouquet" suave e delicado,  
em que se combinam 20 essências  
diferentes, dos quatro cantos do mundo,  
Gessy tem um perfume cativante  
e romântico. Feito de preciosos óleos  
vegetais, com elementos de maior  
pureza, sua espuma sedosa exerce, sobre  
a cútis, uma ação tonificante e  
rejuvenescedora. Experimente, hoje  
mesmo, esta finíssima criação da  
indústria brasileira. Verá, em pouco  
tempo, sua cútis tornar-se  
mais bela, mais suave, mais macia.



# •• PAISAGENS LOCAIS ••

POR  
Fábio  
BORGES

- REALMENTE, ESTA' MAIS CARO HOJE.  
- MAS EM COMPENSAÇÃO ESTA' MAIS BARATO QUE AMANHÃ... ~

*a alta dos preços*



# PASTÉIS!

Quem não  
os faz, mas... quem sabe  
fazê-los?



Eis um petisco popularíssimo e, no entanto, poucas são as pessoas que sabem fazer pastéis leves, enxutos, deliciosos! Uma das maiores dificuldades é o óleo — que lhes pode dar particular delicadeza ou encharcá-los, pondo a perder, assim, toda a habilidade empregada no preparo da massa. Principalmente neste prato se revela a superior qualidade do óleo "A Patrôa", cuja refinação cuidadosa faz dos pastéis um verdadeiro petisco!...

ÓLEO

## A Patrôa

### SIGA ESTAS REGRAS!

10 colheres de sopa de farinha de trigo  
1 colher de sopa de óleo "A Patrôa"  
1 colher de café de sal  
1 colher de sobremesa de Fermento em Pó

★

Água morna, quantidade que necessária para amassar e tornar a massa fôfa. Descansar a massa meia hora. Dá para fazer 30 pastéis.



Eleve o fogo ao máximo e só comece a fritar quando o óleo estiver quentíssimo.

Como para serem bem fritos os pastéis reque-rem bastante óleo, use sempre uma panela e não a frigideira.



PRODUTO DA

Swift do Brasil



## ★ O ELOGIO DO PROFESSOR ★

UM DOS MALES de efeitos desastrosos da nossa sociedade está no fato de não se dar a importância devida ao professor. A mentalidade social é orientada pelo aprêço aos homens que tenham posição destacada na política, na administração e no mundo dos negócios. O valor está no dinheiro e nos cargos e não nos homens. Isto ocasiona malefícios a todos. É uma das causas da anarquia e da inquietação em que vivemos. Cumpre corrigir tal critério.

Em uma sociedade moral e sentimentalmente bem organizada, toda gente dá valor a quem o tenha, estimulando com esta atitude a todos os cidadãos.

Para sanar esta falta, cumpre primeiro que tudo prestigiar a classe dos professores. A nação assegura seu futuro no trabalho dos mestres da juventude. Depois de nossos pais, é sabido, o professor é a criatura mais ligada a nossa vida íntima. Nunca mais em toda a vida o esqueceremos. É pois benéfico a que ele seja bom, porque a sua influência no rumo de nossa inteligência e de nossa moralidade pode-se dizer que é decisiva.

Quando lemos a biografia dos grandes homens, notamos em muitas delas a importância precípua que teve em sua vida a atuação do professor ou, então de uma pessoa que exerceu, episódicamente, tal função. E isto é tão intuitivo ou tão certo, que ninguém, dotado de bom senso, pode contestá-lo. Cada um de nós, no acervo das recordações, depois

que entra na chamada idade provecta, sente de vez em quando, em uma volta do caminho da existência, a saudade, a evolução saudosa do seu primeiro mestre. Às vezes mesmo esta lembrança provém de um caso fortuito, de um acontecimento na aparência insignificante. E a recordação do nosso primeiro mestre está irmanada com uma porção de coisas e impressões agradáveis. Para exemplificar, vamos pôr aqui uma narrativa de Tristão de Ataide, contando como isto acontece. É ele quem fala: "Há cerca de dois anos, ouvindo, por acaso, o rádio, tive a mais estranha das sensações. Uma voz clara, ligeiramente metálica e nasal mas precisa, modulada, quente, voz de convencer, voz de explicar, voz de mestre..."

Que era aquela voz? De quem eram aqueles sons familiares que iam direito à memória e à imaginação e despertavam, como um tiro numa lagôa quieta, todo um bando de pássaros claros que dormiam?

Algum tempo fiquei assim indeciso, pressentindo sem poder alcançar o segredo daquela voz misteriosa que contava uma história para crianças. E ouvi alguns minutos encantado, comovido, sentindo no peito um coração de sete anos. A voz misteriosa que o espaço trazia acordava tanta coisa... Por quê? E assim fui ouvindo. E bruscamente um nome saltou da sombra. O subconsciente me devolveu o segredo daquelas modulações que por tantos anos os ouvidos tinham deixado de ouvir... Era meu velho professor João Kopke."

\*\*\*

## ★ CONVÉM SABER ★

AS crianças não devem permanecer no meio de pessoas coléricas e mal-humoradas, porque essas manifestações a impressionam fortemente, influndo consideravelmente na formação do seu caráter.

\*

NUNCA dê demasiada atenção ao seu filho. Muitas vezes ele deixa de se alimentar somente porque percebe que você fica aflita. Quando seu filho não quiser comer diga-lhe que não faz mal. Se ele estiver comendo não fique olhando-o. Nunca o incite a comer por meio de palavras, e não lhe prometa nada para que coma. Comer é uma função orgânica, portanto não se preocupe, porque seu organismo o obrigará a fazê-lo.

\*

A MÃE deve livrar seu filho de todos os defeitos que ela observar no ente humano. Quanto menor é a criança mais fácil para se educar. Eduque-o por meio de atos e não de palavras. Se ele bate uma porta fazendo barulho, mande-o fechá-la novamente em silêncio, e assim por diante.





**CABRA-CEGA** é um dos mais interessantes entretenimentos para a criança, sendo necessário, no entanto, o máximo cuidado na escolha do terreno em que deve ser realizado. O terreno deve ser amplo, nivelado, sem buracos, pois as crianças o percorrerão, cada uma por sua vez, de olhos vendados.

Conquanto já muito conhecido, o jogo da **Cabra-cega** tem várias modalidades. Uma delas, a mais interessante e menos conhecida, é a que vamos ensinar hoje às mães que gostam que seus filhos se divirtam ao ar livre em exercícios salutaros.

Reúne-se um punhado de garotos e, tirando-se a sorte, escolhe-se o **cabra-cega**. Este, de olhos vendados, se posta distante dos demais, que escolhem seus lugares, dos quais podem sair logo percebam que o **cabra-cega** os persegue. Não podem, no entanto, correr, dando apenas ligeiros passos até o limite de dez passos. A nota pitoresca desse entretenimento são os comentários que os perseguidos pelo garoto **cabra-cega** devem fazer sobre os defeitos deste, como seja, desobediência aos pais, pouco amor ao estudo, instinto mal para com os animais, hábitos condenáveis, podendo outro garoto defendê-lo, estabelecendo-se assim um julgamento movimentado enquanto o **cabra-cega**, naturalmente irritado com as críticas, que devem ser em termos corteses, se atirará com mais fúria aos companheiros, provocando hilaridade.

Ao mais leve toque do **cabra-cega**, qualquer um dos perseguidos deve considerar-se preso, indo para o lugar do seu perseguidor que, por certo, se desforrará, comentando os seus defeitos.

E' sempre conveniente que um adulto assista a essas brincadeiras, dirigindo-as mesmo, para que não se desvirtuem em atritos desagradáveis às famílias...

\*\*\*

## Berço... elétrico

NA Maternidade do Hospital de Middelsex foi posto em uso um berço aquecido por eletricidade. O elemento aquecedor é controlado termostaticamente, o que permite manter a temperatura do colchão uniforme, no grau desejado. O berço consiste de duas caixas de metal retangulares, colocadas uma dentro da outra, de modo a deixar um espaço intermediário adequado para a colocação do aquecedor e do termômetro. A caixa interna é provida de orifícios de ventilação e o colchão revestido de um material isolante, afim de não queimar em contacto com o metal. As extremidades das caixas são móveis, o que permite tratar a criança sem necessidade de retirá-la do berço. Este é montado sobre um carrinho equipado com um cilindro de oxigênio e uma bandeja de instrumentos. Idealizou-se uma das freiras da Maternidade, que o fez construir nas oficinas daquele hospital britânico.

# Beleza

igual só comparada

às viçosas flores

da primavera



E você será sempre assim se confiar, ao **LEITE HINDS**, a sua cutis. O **LEITE HINDS** protege a pele evitando manchas, cravos e espinhas. Fixa o pó de arroz, e, o seu perfume original, atrai.

Use-o para ser sempre bela.



# LEITE HINDS

Prende a sua beleza para sempre



# Hinterland POETICA

## O canto do mar

Caveira

Ouvi do mar o canto triste e lento,  
Tão nostálgico, enchendo a imensidade,  
Que até não sei se maior é seu lamento  
Ou se do mar chamado humanidade!

Há contudo perfeita identidade  
Entre ambos; se naquele agita o vento,  
Neste sopram paixões, com intensidade,  
Um e outro dão igual entendimento...

Talvez o canto-mar seja oriundo  
Da mesma máguã humana que enche o mundo  
Num côio triste, numa angústia infinda!

Suas águas ondeantes e salgadas  
Se me afiguram lágrimas choradas  
Nos anseios da dor chorando ainda!

L. de Paula Lopes

\*\*\*

## Madrilgal em flor

Estás velha, meu anjo... estás velhinha...  
Nada te resta mais da graça antiga...  
A velhice é raposa, minha amiga:  
Ninguém nota quando ela se avizinha...

Vê teus cabelos — flóculos de geada...  
Estás magrinha, trêmula, curvada...

Mas não suspires, não, porque eu te vejo ainda  
trepca, rosada e linda!...

Porque eu te vejo ainda — ó misterioso amor! —  
como quando me deste a mocidade em flor...

Alfredo Nora

Eu, que me sinto calma à tua frente,  
Quantas e quantas vêzes me amedronto  
Ante a expressão amável e ridente,  
Das máscaras de carne que defronto!

Fitando as tuas órbitas vazias,  
Tenho a impressão que o espírito ainda  
Habita no teu bojo!... e que me espia  
Também nos olhos, com piedade infinda!...

E' calmo o nosso olhar, porém profundo,  
Cheio de intensa curiosidade...  
Trago nos olhos, refletido, o mundo,  
Refletes para mim a eternidade.

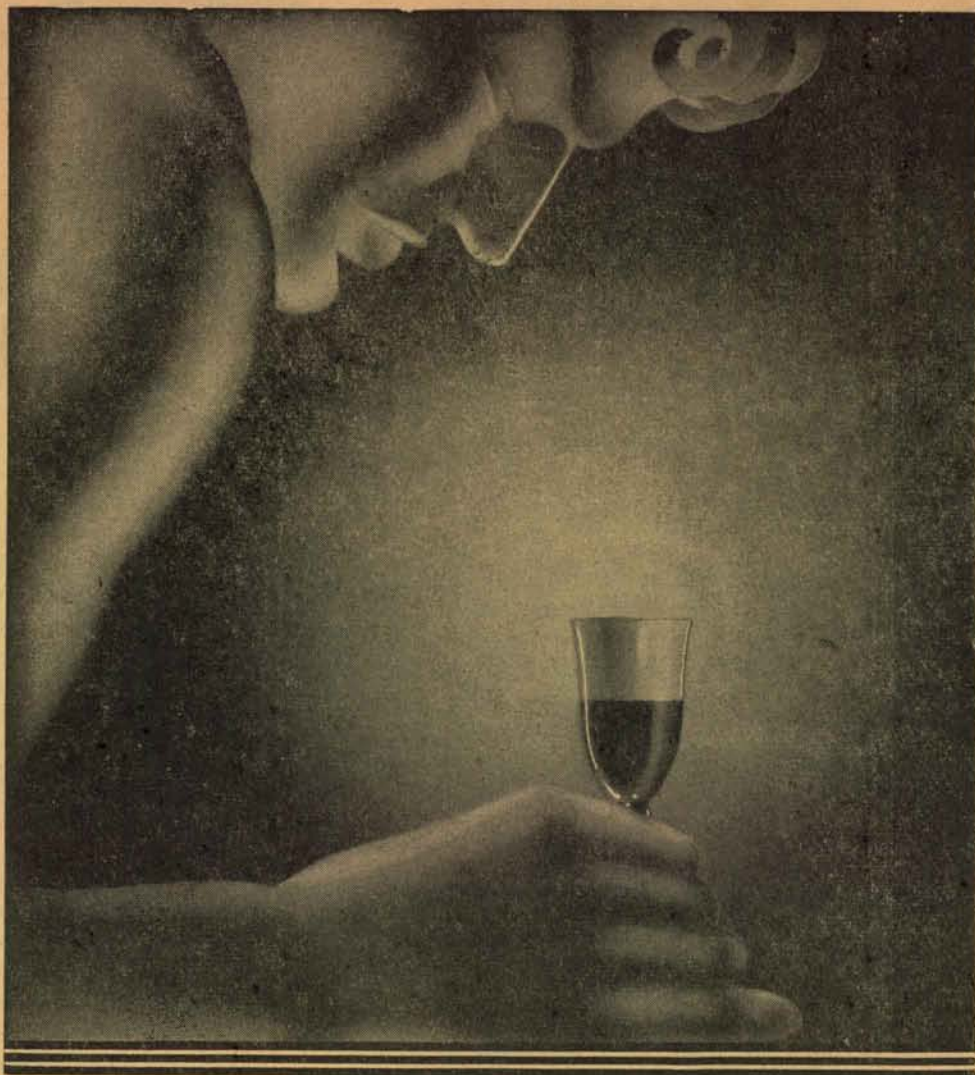
Talvez, por isso, como precipícios,  
Eu fito as tuas órbitas escuras...  
Mostram, de um caos de idéias, os indícios  
Que, em tua rija máscara, enclausuras!

Há no teu largo riso de caveira  
Um misto de tristeza e de ironia;  
Mesmo assim, dás a mim, a prisioneira,  
Lições confusas de filosofia...

Mas, de repente, sinto estar deserto  
O bôjo que é teu crâneo! Apavorada  
Dentro de mim, em precipício aberto,  
Vai rolando minha alma para o nada...

Anita Carvalho





## CÉREBRO ILUMINADO...

O trabalho excessivo e as preocupações cotidianas esgotam o cérebro e os nervos; daí, a cabeça pesada, a falta de memória, a dificuldade de pensar, o desânimo, o mau humor, a vida transformada num doloroso fardo...

Reponha o fósforo gasto, ilumine o cérebro, reconquiste o gosto de trabalhar e de viver!

Fraqueza cerebral, dispepsia nervosa, neurastenia, falta de memória e perda de apetite — **Neurobiol**, o tônico do cérebro!

A venda em tôdas as farmácias e drogarias.

# Neurobiol





Consuelo San Martin

## ★ VIDA SIMPLES ★

Mensalmente recebo inúmeras cartas, contendo entre outros assuntos, os que se referem aos preparativos que enchem a cabeça das noivas, nas vésperas do casamento. Muitas delas, fugindo à finalidade desta secção, pedem-me conselhos e sugestões, sobre este ou aquele detalhe do traje que devem trazer no grande dia. Não resta dúvida de que o bom gosto deve estar presente em todos os atos da nossa vida. Não podemos, contudo, é escravizar-nos aos requintes da moda, hoje quase tôda ditada pelo cinema.

Infelizmente, o modelo da nossa "jeune-fille" não é mais encontrado nos figurinos, onde os artistas do lápis criavam, para os costureiros executarem.

Quem dita a moda, agora (e às vezes, sem nenhuma autoridade), são as artistas de cinema. A maior vítima desses figurinos apressados é a noiva brasileira que, em vez de orientar-se com simplicidade tradicional dos nossos costumes, transforma em verdadeiro carnaval, o ato mais sério e decisivo da sua vida.

Antes de qualquer deliberação nesse sentido, eu aconselharia às minhas jovens patricias, a leitura do admirável livro de Charles Wagner — "Vida Simples", cujos sábios conceitos as orientariam, colocando-as numa situação de mais responsabilidade, realidade e beleza, garantia certa de uma felicidade mais tranquila e duradoura.

\*\*\*

## ★ CORRESPONDENCIA ★

SARA — NOVA LIMA — MINAS — Com prazer respondo a sua consulta. Na verdade "Alterosa" recebe e publica os contos que lhe são enviados mensalmente, mediante os requisitos que se encontram na secção competente desta revista. Acho, contudo, que você devia iniciar a sua carreira literária nas colunas de uma revista infantil. A sua idade, creio, não lhe permite, ainda, uma criação perfeita do mais

difícil dos gêneros literários: o conto.

Seria de tôda a conveniência que você lesse muito, afim de formar uma cultura tão sólida, que lhe permitisse usar conscientemente da sua imaginação. Do contrário, uma decepção poderá aniquilar-lhe a vocação literária.

\*

NOTLIMA — CURVELO — MINAS — Prezada amiga: on-

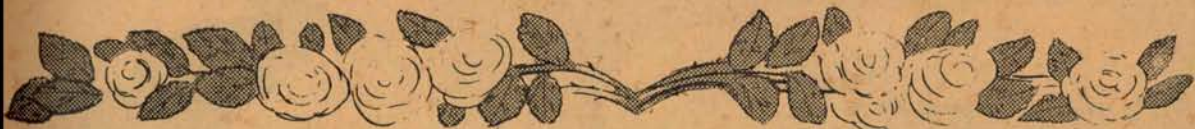
de já se viu uma menina no século XX, frequentando um educandário misto, dizer que se acha apaixonada? Sabe você o que quer dizer paixão? — Paixão é doença psicológica, é desvio psíquico. E você é uma moça normal. Basta ler-lhe a carta.

Quem lhe contou que o primeiro amor é o único e verdadeiro?

Deixa de tolice. Na sua idade, tudo é visto com os óculos de aumento da imaginação. E você pensa até que está sofrendo e gostando de alguém. Nada disto. No dia em que você abandonar o seu colégio, se não fôr correspondida no seu afeto, nem se lembrará desse caso, senão para rir da sua cianose. Se esse rapaz gostar de você e merecer a sua atenção, bem. Se não, não se apoquente: outro virá substituí-lo e será mais amado. Já o disse uma infinidade de vezes, nesta mesma secção, que o poeta inglês Wilde é quem está com a razão, quando afirma: "o amor aumenta pela sua repetição. E um novo amor é sempre o primeiro amor."

\*

SÔNIA MARIA — Minha jovem amiga. — Inicialmente confesso-lhe o meu encantamento pela sua delicada missiva. Na realidade é você uma criatura excepcionalmente dotada de sensibilidade, delicade-



za e finura. Com todos êsses predicaos, está, certamente, habilitada para ser e fazer alguém feliz. Vamos, contudo, ao que interessa. Fala-me do seu caso amoroso. Com extraordinário bom-senso, analisa-o. Conclui por dizer-me que se encontra em situação bem difícil, em relação aos seus sentimentos para com o namorado. Pelo que me afirma, aconselho-a a dar um balanço na sua afeição. Pese as suas responsabilidades e, minha amiga, não se case por compaixão. Seria humilhante para o seu futuro espôso e para si mesma. Se você não o admira, a ponto de, comparando-o com outros espíritos mais brilhantes, achá-lo inferior, não ligue o seu destino ao destino dêsse moço. Nada mais triste para um homem ou para uma mulher que se envergonhar do companheiro, quer física, quer intelectual, quer moralmente. Quanto ao seu futuro espôso não comentar os autores que você menciona, não se impressione. Will Durant, Oscar Wilde e outros, lembrados na sua carta, são dispensáveis na formação de uma boa cultura.

O que me leva a supor é que a minha consulente tem alguma outra criatura no seu caminho, não? E que toda essa história

é apenas fruto de uma tentação.

Não despreze, advirto-a, o valor moral do seu afeiçoado. A pessoa ainda deve ser uma soma de valores. De que vale um bom "causeur" e um mau caráter? Resolva com cérebro e coração o seu caso. Depois fale-me lealmente das suas pretensões e eu, prazerosamente, dir-lhe-ei mais acertadamente, como agir.

\*

MARION — CURVELO — MINAS — Minha encantadora amiga; leio com a atenção que me merecem tôdas vocês, a sua delicada missiva. Fala-me do seu caso, simples e infantil, como a sua dona. Inicialmente, eu lhe perguntô: qual o motivo da oposição dos seus pais. no que diz respeito ao seu namorado, com o rapaz de que fala? Sendo omisso, êsse ponto de sua carta dificulta-me a resposta à minha jovem consulente. Acho que, antes de tudo, na sua idade, deve você ouvir a quem de direito para orientá-la: os seus pais.

Depois consulte ao seu cérebro e ao seu coração conjuntamente. Estarão êles, de pleno acôrdo? E' o seu eleito digno do seu afeto? Jovem como é, não vá entregando o seu coração, sem meticoloso cuidado no fazê-lo. Quanto ao fato de vo-

cês brigarem, de vez em quando, não é motivo para alarme. Todos os namorados brigam, mesmo quando se querem bem.

A sua atitude deve ser elegante, reservada e discreta, para uma observação perfeita do sentimento do seu namorado para com você.

\*

MARIA APARECIDA — BARRA DO PIRAI — ESTADO DO RIO — O seu caso é de fácil solução. Percebo que se trata de u'a moça sensata, inteligente e capaz de resolver os seus problemas com agilidade mental e equilíbrio.

Diz-me que possui, agora, 18 anos.

Por que então não esperar, com calma, o desenrolar dos acontecimentos? Se você deseja uma certeza, não se precipite. Seja discreta e aguarde uma oportunidade para conversar lealmente com o homem dos seus sonhos. Se êle, na verdade, possui um complexo de inferioridade, (o que não creio) uma atitude sincera e franca, muito contribuirá para colocá-lo mais à vontade. Não há nenhum inconveniente em fazer uma sondagem direta, sobre os sentimentos dêle para com você. Não confie muito nas amigas; elas poderiam decepioná-la.



Tradução especial de  
JOAQUIM LARANJEIRA

# PINGOS DE HISTÓRIA



## MAZARINO E SEU SECRE- TÁRIO

Enquanto, um dia, o cardeal Mazarino ditava uma carta a seu secretário, este, fatigado por intenso trabalho, acabou adormecendo. Sem percebê-lo, o ministro continuou ditando, a passear em largos passos pelo gabinete. Chegando ao termo da missiva, ordenou:

— Termine com as palavras de praxe.

Mas, então, verificou que só as primeiras linhas da mensagem haviam sido escritas. Como estimava muito o secretário e tratava-o com certa familiaridade, para despertá-lo vibrou-lhe uma valente bofetada. O homem, acordado de forma assim brusca, não teve dúvidas: respondeu com um gesto idêntico. Sem demonstrar qualquer emoção, Mazarino limitou-se a dizer:

— Agora, que estamos bem acordados, continuemos a nossa carta.

## JUIZOS ALHEIOS

Visitando a senhora de Saint-Loup, diz-lhe, com certa malícia bem feminina, sua amiga, a senhora de Cornuel:

— Imagine, querida! Asseguraram-me que tinheis perdido a cabeça!

— Ora veja! — replica a interpelada, no mesmo tom. — Pois a mim me disseram que haveis encontrado a vossa!

## FORÇA DE IMAGINAÇÃO

Embora não tivesse absolutamente modos de cortejo, o poeta Racine tinha o fraco de querer passar por gentilhomem. Vendo-o, certa vez, ao lado do jovem senhor de Choiseul, um legítimo nobre, passeando e conversando, Luís XIV exclamou:

— Oh! agora sei a causa de andarem sempre juntos esses dois!

Quando Choiseul está ao pé de Racine, julga-se um homem de espírito. Quando Racine anda abraçado com Choiseul, lisonjeia-se de parecer um gentilhomem! Adorável força de imaginação.

## A PROVA

O senhor de la Fara, havia muito tempo, galanteava a senhora de la Sablière, jurando-lhe a cada instante amá-la como um louco. Certa ocasião, visitando-a, exclamou, ao aproximar-se:

— Meu Deus, querida senhora! Que tendes na vista?!

— Ah! la Fara! — ripostou ela, desolada. — Vejo que não me amais. Sempre tive este defeito na vista, e sómente hoje o notastes!

## O CARDEAL DISTRAÍDO

O cardeal Binet, arcebispo de Besançon, era excessivamente distraído. Viajando, certo dia, perdeu o bilhete de passagem, e de tal modo se mostrava inquieto, procurando-o, que afinal o empregado da estrada, para tranquilizá-lo, inclinou-se, dizendo:

— Não tem importância, eminência. Póde viajar assim mesmo.

Ao que o cardeal respondeu, agradecendo:

— Vejo que o senhor é bastante delicado. Agradeço-lhe, mas de qualquer forma necessito de encontrar o bilhete. Doutro modo, como é possível saber o lugar aonde me dirijo?

## FUGA

Uma velha galante dizia a Richelieu, no intuito evidente de conquistá-lo com suas pleguices de sexagenária:

— Por Deus, marechal! Eu sou bem capaz de perder-me pelo senhor!

— E eu... eu... de salvar-me da senhora! — respondeu êle, esquivando-se.

JÁ?!

Vendo à sua cabeceira, no seu leito de morte, o rei Luís Felipe, exclamou Talleyrand, fitando-o, agradecido:

— Ah! meu caro sire! Sofro como um danado!

— Já?! — disse, simplesmente, o monarca.

## CONQUISTADOR EMBARAÇADO

O belo ator francês Duchesne gozava fama de grande sedutor. Um dia mostrava-se êle bastante preocupado.

— Que tens? — perguntaram-lhe.

— Recebi uma carta de um homemzinho, na qual sou ameaçado se lhe não deixo a filha em paz. Abomino estas aventuras.

— E' muito simples, porém: deixa-lhe a filha em paz.

— Certo o faria com muito gosto... Mas o difícil é que a carta não está assinada...

## A RAZÃO DO FILÓSOFO

Suplicando Aristipo uma graça ao tirano Dionísio, como êste não desse mostras de atendê-lo, deitou-se-lhe aos pés e tanto insistiu que, afinal, acabou sendo satisfeito.

Sabedores do caso, vários amigos censuraram o filósofo, julgando indigno dêle ajoelhar-se aos pés de outro homem.

Respondeu-lhe Aristipo:

— Sou acaso culpado de ter Dionísio os ouvidos nos calcanhares?

## RABELLAIS

Nomeado embaixador junto à corte papal, o cardeal Bellai levou como secretário, para Roma, o famoso Rabellais. Recebido pelo Papa, quando viu que o cardeal beijava o pé de S. Santidade, o escritor espantou-se e, na

entrada, deu dois passos para trás.

— Que fazéis? — pergunta-lhe, surpreso, pouco depois, o embaixador, vendo-o prestes a sair.

E Rabellais, explicando:

— Se V. Eminência, tão superior a mim, curva-se e beija os pés ao papa, onde deverei beijar eu, um simples mortal?...

#### SILÊNCIO!

— A apostar em como a morte esqueceu-se de nós, meu caro! — disse a Fontenele um amigo também nonagenário.

— Chut! — responde o velho galanteador, levando o dedo aos lábios. — Estas palavras poderão recordar-lhe que ainda estamos vivos.

#### ORDENS

Ouvindo, estomagado, a enumeração feita por Taylor das honras que recebera de várias cortes da Europa e as ordens militares e civis a que pertencia, um adversário político atalhou-o:

— V. Excelência não citou o Rei da Prússia. E' de acreditar, pois, não lhe tenha agraciado com nenhuma ordem.

— Engana-se — replica Taylor imperturbável — O rei da Prússia deu-me justamente a ordem mais importante...

— Sim? E qual foi essa ordem?

— A de deixar sem demora o seu território.

#### O PENÚLTIMO

Adotara o filósofo Duclos a seguinte fórmula para exprimir seu absoluto desprezo por algumas pessoas.

— E' o penúltimo dos homens.

— Por que o penúltimo? — perguntaram-lhe um dia.

— Por que é preciso não desanimar os demais...

#### PIEDADE

Durante o horrível suplício de Damiens, ao ver os carrascos fustigando com violência os quatro cavalos que deviam esquartejar o regicida, a filha do financeiro Bauret meteu-se a gritar, os olhos no céu:

— Santo Deus! Pobres cavalos!

Ao fazer as suas compras, tenha em vista que um produto muito anunciado é necessariamente um bom produto. E recuse as marcas desconhecidas.



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO — "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

# ENO



## TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE  
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.



#### APLICAÇÃO FACILÍMA:

Pedir ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - Sub. Rio

Nome . . . . .

Rua . . . . .

Cidade . . . . . Estado . . . . . ALT



## ESPARGOS

MARIA TERESA

**O**spargos modernos não são nada, ao que parece, comparados aos que faziam a delícia dos antigos.

Os de Ravenna, que se serviam nos suntuosos banquetes da antiga Roma, eram tão grandes, que bastavam três para formar um maço do peso de uma libra.

Em geral eram comidos em rodelas, e temperados com especiarias.

O mólho branco é uma invenção francesa, e que constitui hoje um ótimo prato, quando servido com espargos.

Entretanto, durante muito tempo, descuidou-se em França dos espargos, ignorando os cultivadores a enorme aceitação por parte do público.

Apenas no século XV, uma vez ou outra, em fins de maio, se ouvia anunciar nas ruas de Paris: "Nabos doces" — "Belos espargos".

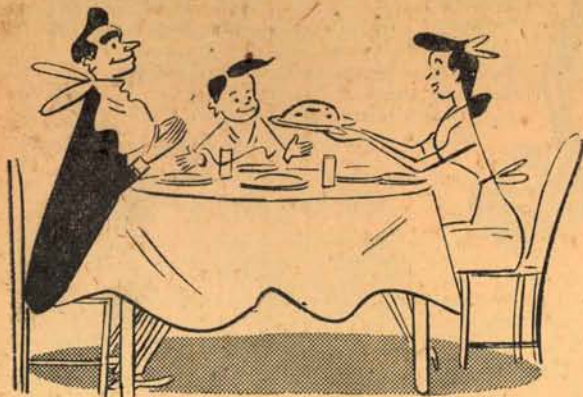
No reinado de Luís XIV, o célebre La Quintaine, jardineiro-chefe das hortas de Versalhes, pôs em moda os espargos — e achou o meio de cultivá-los em qualquer estação. As damas da corte eram doidas pela sopa de espargos, picados e cozidos com leite e noz moscada, e mólho branco com espargos.

\*\*\*

## ★ CARDA'PIO ★

OVOS EM FORMINHAS

Pica-se e passa-se em seguida na máquina 250 grs. de fígado de vitela, amassam-se junto 125 grs. de manteiga, quatro gêmas de ovos, um copo de creme de leite batido.



Untam-se bem as forminhas com manteiga e forram-se com uma boa camada da massa de fígado; põe-se para cozinhar em banho-maria uns dez minutos. Salpicar por cima com champignons picados e quebrar um ovo dentro de cada forminha; voltar a cozinhar em banho-maria. Servir juntamente com champignons e manteiga.

OVOS ESCALDADOS COM MOLHO AURORA

Enche-se com água, até 2 terços, uma grande frigideira; juntar um pouco de suco de limão ou vinagre. Quando a água ferver diminui-se o fogo; fazer cair de um pouco alto um ovo quebrado, depois um outro e assim em seguida. Aumentar de novo o fogo, virar delicadamente os ovos para que fiquem as gêmas bem enroladas nas claras. Assim que a água ferver de novo, temperar com sal, tampar a frigideira e deixar em fogo muito brando, uns 2 minutos. Retirar com todo o cuidado com uma escumadeira e colocar numa travessa sobre torradas fritas na manteiga. Regar os ovos com o seguinte mólho:

Engrossar meio litro de leite com maisena e meia colher de manteiga; juntar a este mólho 60 grs. de cebola ralada e 100 de polpa de tomates refogada num pouco de manteiga; quando o mólho estiver bem cremoso, passar no coador e juntar fora do fogo 100 grs. de manteiga.

## OVOS MEXIDOS COM PRESUNTO

Batem-se 6 ovos, põe-se para aquecer numa frigideira 40 grs. de manteiga (a manteiga não deve ficar quente de mais nem o fogo forte para fazer os ovos mexidos); Mexem-se os ovos e junta-se logo o presunto picado (60 grs.) e depois duas colheres de creme de leiteira. Para ficarem em bom ponto os ovos mexidos não devem ficar no fogo mais de 8 minutos.

Pode-se fazer os ovos mexidos com queijo, juntando aos ovos batidos um punhado de queijo ralado.

## OVOS FRITOS COM MOLHO DE BEARNEZ

Fritam os ovos na manteiga salpicando por cima com sal, e serve-se com o seguinte molho:

Pôr numa panela meio copo de vinagre e igual quantidade de vinho, duas cebolas picadas, meia folha de louro, cheiros e pimenta em grão. Tapa-se a panela e deixa-se cozinhar em fogo brando até ficar reduzido a duas colheres. Espremem-se dentro de um pano. Pôr numa panela em banho-maria, em fogo muito brando, três gêmeas de ovos; bater incorporando 125 grs. de manteiga, depois as duas colheres do cozimento que se fez; continua-se a bater para engrossar o molho sem deixar ferver para que não desande.

## GALANTINE DE FRANGO

Pôr no caldeirão 250 grs. de toucinho magro, meio mocotó de vitela, três cenouras, uma cebola, uns grãos de pimenta do reino, sal, cheiros, meia folha de louro, dois copos de vinho branco, juntar um frango e a água necessária para que fique bem coberto. Cozinhar em fogo brando duas horas com a panela tampada. Depois separar a carne dos ossos e pôr numa forma ou tigela grande, coar o molho e despejar dentro da forma. Enfeitar com rodelas de ovos duros e galhinhos de salsa e pôr na geladeira. Na hora de servir mergulhar a tigela dentro da água quente um instante para descolar a gelatina e virar sobre um prato enfeitado com folhas de alface. Servir simples ou acompanhada com molho de *mayonnaise*.

## COSTELETAS DE PORCO

Depois das costeletas bem limpas e batidas são fritas, pôr na frigideira 50 grs. de manteiga, 1 dente de alho esmagado, depois juntar 12 tomates sem as sementes, salsa, uns grãos de pimenta do reino, sal e por último um copo de vinho branco. Deixar cozinhar em fogo brando. Arrumar as costeletas num prato redondo em volta dum monte de *purée* de ervilha com arroz e por fora com a *purée* de tomates.

## LINGUA FRESCA COM PICANTE

Uma língua de vitela bem fresca, que se põe a afeitar para poder tirar com facilidade a pele. Corta-se depois a língua em fatias. Prepara-se o seguinte molho: mexe-se numa panela uma colher de manteiga com duas de farinha de trigo, junta-se depois um pouco de caldo, de cebola ralada, salsa; neste molho junta-se a língua. Na hora de servir junta-se ao molho um pouquinho de mostarda e alguns pepinos de conserva cortados em finas fatias.

(Este molho presta-se também para a carne cozida).



## ★ SOBREMESAS ★

### BISCOITOS DE MAÇAS

Escolhem-se maçãs não farinhentas, cortam-se em pedaços tirando as partes duras e as sementes. Põe-se numa vasilha e vai se juntando farinha de milho e um copo de água de maneira a formar uma massa bem consistente.

Preparam-se então folhas de repolho, bem lavadas e enxutas. Põe-se dentro de cada qual um pouco de massa; as folhas são arrumadas no taboleiro e vão para forno bem quente. Deixa-se assar até que se perceba que o caldo das maçãs está saindo e a massa dourando-se. Viram-se os biscoitos ou holo do outro lado. Vê-se então as nervuras das folhas marcadas nos biscoitos. Deixa-se assar ainda alguns minutos e depois deixa-se esfriar.

As folhas do repolho comunicam aos biscoitos um gosto especial. Além disso têm a vantagem de substituir a manteiga nas forminhas.

### MERINGUE DE MAÇAS

Faz-se uma marmelada de maçãs bem espessa, que se põe dentro de uma travessa que possa ir ao forno. Bater claras muito bem, juntando depois o açúcar (200 grs. pouco mais ou menos para cada três claras); perfuma-se com baunilha ou casca de limão. Arruma-se este suspiro sobre a marmelada de maçãs e põe-se alguns minutos no forno quente para tomar cor.

### PUDIM FRANCÊS

Bater muito bem meio quilo de manteiga. Bater muito bem 7 gêmeas de ovos com 150 grs. de açúcar; juntar a manteiga batida e depois as 7 claras muito bem batidas, 150 grs. de amendoas socadas, 125 grs. de farinha de pão preto passada na peneira (bem seca) depois 150 de laranja e cidra cristalizadas (picadas) e despejar dentro de uma forma untada com manteiga e pôr para assar no forno em banho-maria. Forno moderado.

Serve-se este pudim com molho de cerveja ou de morango.



# Qual a mulher que mais entende de beleza das mãos?

• O mundo inteiro conhece o seu nome: - *Peggy Sage* - porque foi ela, a famosa criadora da moda das unhas coloridas - manancial de sugestões originais de envolvente fascínio para novo encanto da toalete feminina...

*"Tons moderníssimos:*  
VINTAGE • SCARLET  
INCARNAT • CEREJA  
CEREJA NEGRA  
PRAIA • GIG



*Peggy Sage*

J. W. T.

## ★ TENDÊNCIAS DA MODA ★

DURANTE as férias é quando podem sobressair todos os preciosos modelos leves e tentadores, como os que oferecemos à apreciação de nossas leitoras — embora, dentro de sua singeleza, sejam algo extravagantes. Porque, justamente nesta época do ano, na qual a vida parece

sorrir com mais boa vontade, animada pela temperatura ideal à expansão da elegância feminina, justificam-se os modelos mais leves, mais vaporosos e mais sugestivos ao encanto da mulher.

Mas é precisamente nesta época primaveril, cheia de sol, que se perdoam todos esses encantadores exageros da mocidade na composição dos conjuntos para passeio, na seleção dos enfeites, na variedade dos acessórios e nas combinações algo ousadas dos coloridos que, sem dúvida, imprimem às indumentárias leves e práticas uma característica de alegria e vivacidade.

Entre tantos conjuntos atraentes, se destacam alguns muito interessantes e que bem podem convir tanto às senhoritas como às senhoras. Sua distinta elegância está indicada para ambas, sempre que haja, é lógico, certa sobriedade na confecção de um short, de uma saia, de um traje de banho.

Certos conjuntos, na verdade, como os shorts que apenas atingem os joelhos, não são muito próprios para todas as silhuetas, mas têm a credencial da moda e,

naturalmente, todas as elegantes os usarão, seja qual for a silhueta...

Muito mais adaptáveis a todas as figuras femininas são sem dúvida as calças largas que nesta temporada primaveril estão muito em moda, cheias ou estreitas, sendo estas últimas de corte habilmente estudado, calças que se completam com blusas ou casacos de tecido de linho, algodão, rayon ou seda, geralmente estampados com vistosos motivos de brilhante colorido.

★

Para as reuniões da tarde, neste período agradável da primavera, a tendência elegante é para as toaletes em sedas leves num tom azul-marinho. A terminação da blusa, na frente, é feita num bico pespontado sobre os dois panos drapeados da saia. Mangas curtas. Decote em original recorte, arredondado dos lados e reto na base.

A nota original dessa toalete é fornecida por um rico bordado de "strass" e cristal rosa ciclame sobre os ombros e ao longo da blusa.





GLÓRIA HAVEN, a encantadora estrela da Metro, exibe um maravilhoso "short", que é, sem dúvida, para o verão que se aproxima escaldante, a última palavra no gênero.

# A última novidade em bordados





6) — Vestido de seda com o decote todo bordado. 7) — Um bordado "Madeira", realça este delicado vestido de cambraia. 8) — Vestido de linho rosa, com bolsos bordados com ponto de cruz. 9) — Vestido de linho e seda, com bordado de outro tom.





## Modelos Juvenis

6) — Vestido de linho listado, aplicado em diversas direções. 7) — O cinto e os botões roxos, harmonizam-se muito bem com as listas deste vestido roxo e verde. 8) — Vestido de linho estampado, tendo como enfeite, uma pala com nervuras e dois

laços de veludo na cintura. 9) — Vestido de linho amarelo claro com bordado de aplicações de amarelo mais forte. 10) — Gracioso vestido de linho branco, com bolsos aplicados na forma de gorro de marinheiro. 11) — Duas peças em linho liso e quadriculado. O bolero branco leva aplicação de flores do tecido quadriculado.

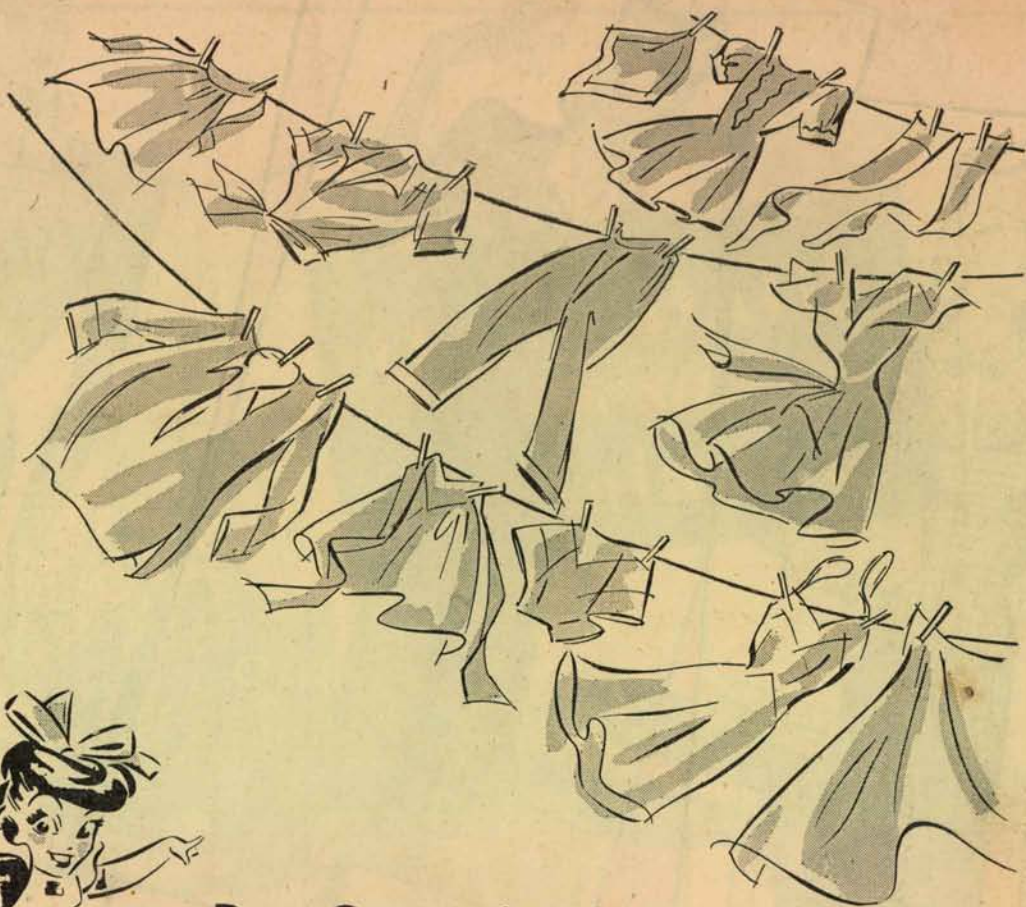


12) — Vestido de seda, enfeitado com babados do mesmo tecido. 13) — Vestido de linho e seda, enfeitado com a mesma fazenda em tom diferente. 14) — Botões dourados, formam as flores do bordado d'êste vestido azul claro. 15) — Vestido de seda, enfeitado com babados plissados. 16) — Interessante conjunto, composto de saia estampada e blusa lisa.

## A graça infantil

2) — Este gracioso avental de cretone estampado, leva como enfeite um lindo bordado inglês. 3) — Vestido de seda lavável estampada com bicos de **crochet**. 4) — Combinação de seda estampada e lisa. 5) — Vestido de shantung liso, com aplicações de shantung estampado. 6) — Vestido de seda listada, empregada em diversos sentidos, na confecção deste vestido. 7) — Interessante vestido de fundo claro com pintinhas e enfeitado com tira bordada. 8) — Vestido de linho azul claro, enfeitado com bainhas.





— Dna. Guaranita diz:

*Tudo isto pôde ser tingido  
em casa — facilmente!*

**R**EALMENTE, não há roupa à qual Guaranita não possa dar nova vida e nova aparência com o processo simples de tingir em casa usando o famoso Guarany. Siga o conselho de Guaranita: — tenha em casa com Guarany! Usando Guarany, obterá sempre ótimos resultados, cores firmes e uniformes, com pouco trabalho e em pouco tempo.

**SABE QUAL É A CÔR  
QUE LHE FICA BEM?**



Envie-nos o coupon para receber, grátis, o folheto "Magia das Côres" que indica a cor que melhor combina com as suas feições e que explica o processo fácil de tingir em casa com Guarany.

Nome.....

Rua.....

Cidade.....

Estado.....

11.018 - MMM - J. M.



# Guarany

PARA TINGIR EM CASA

Ga

Recorte e envie à Srta. Guaranita  
Rua Muniz de Souza, 532 — São Paulo



1) Gracioso conjunto de duas peças, composto de um casaco xadrezado e uma saia lisa. 2) Galões roxos e verdes, adornam este vestido de "shantung" bege. 3) Vestido de seda azul estampado, realçado com pespontos e botões brancos. 4) Vestido de linho azul, enfeitado com linho branco. 5) Vestido amarelo, adornado com botões e pespontos em tom verde.



Os fabricantes das meias Lobo poderiam aumentar consideravelmente a produção, se não colocassem, antes de tudo, o empenho em manter sua tradicional qualidade. Em vez de colher os lucros do momento, os fabricantes das meias Lobo, ainda que à custa de sacrifícios, preferem assegurar a mais alta qualidade possível na situação atual e conservar para o futuro o seu bom nome. Com esse intuito, a produção das meias Lobo, apesar

de sua enorme procura, não foi aumentada, pois o aumento repentino de sua produção sacrificaria os inúmeros requisitos técnicos exigidos para a sua fabricação. Por isso, quando adquirir meias, insista na tradicional qualidade LOBO e limite-se a comprar o estritamente necessário, para que o maior número possível de consumidores possa ser servido. A marca LOBO representa qualidade para o consumidor — e Qualidade pesa na balança!

Meias

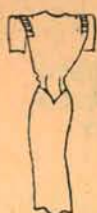
*Lobo*

UM PRODUTO  
DA FÁBRICA  
LUPO

Standard Propaganda

## A última novidade em bainhas

1) — De uma elegância muito particular é este vestido de seda, adornado com bainhas. 2) — Vestido de seda branca, enfeitado com bainhas e pequenas pérolas. 3) — Vestido branco com aplicações verdes, presas com bainhas. 4) — Vestido de seda branca, com bainhas fantasia. 5) — Este vestido ricamente adornado com bainhas, demonstra muito bom gosto.





6) — Vestido de duas peças, com a parte da frente do casaco, enfeitada com bainhas. 7) — Bainhas formando laços, dão grande realce a êsse conjunto em dois tons. 8) — Um bonito bordado e uma bem aplicada bainha, adornam êste vestido de seda branca. 9) — Original vestido em tecido escuro com aplicações de bainha. 10) — Vestido de seda branca, com aplicações de bainha formando interessante desenho.

# Experimente novo conforto e proteção êste mês!

— EXPERIMENTE O NOVO MODESS!

**H**OJE a mulher não precisa sofrer as inconveniências outrora periodicamente impostas pela natureza. Sim, porque hoje existe algo, tão prático e eficiente, que faz esquecer as atribulações dos dias críticos — Modess!

E, agora, mais do que nunca, Modess lhe proporciona conforto e segurança extra, com

a criação de seu novo tipo, *ainda mais perfeito e mais seguro*. Se ainda não usa Modess, não deixe de experimentar *êste* novo conforto e proteção — *êste* mês.



## Veja porque **MODESS** é diferente!



1. A polpa especial, de que é feito, é pulverizada até ficar uma massa impalpável — mais absorvente que o algodão!



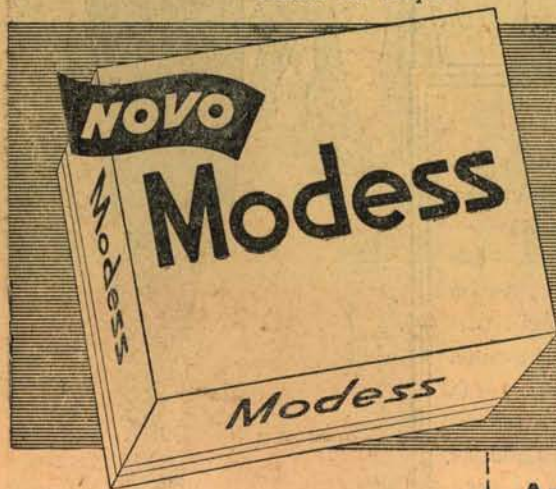
3. Seu enchimento é envolto em duas camadas de papel absorvente e uma tela, macias, que evitam que o fluido se espalhe!



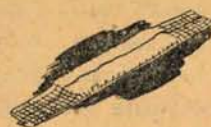
2. Três camadas de papel impermeável protegem por fora o enchimento e evitam, por completo, o perigo de nódos na roupa!



4. Dotado de envoltório de gaze cirúrgica, que facilita a absorção e mantém macio o absorvente!



5. Acolchoado, nos lados, por chumaços de algodão, que asseguram maior conforto e evitam irritações!



6. Por seu desenho científico, ajusta-se perfeitamente ao corpo, ficando invisível mesmo sob os vestidos mais justos!

★ PRODUTO DA  
**JOHNSON & JOHNSON**

J. W. T.

**Amostra Grátis:** Envie-nos Cr. \$ 1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O Que A Mulher Moderna Deve Saber" — CX. 152 — B. HORIZONTE 4-XXXX-246

NOME.....  
RUA.....  
CIDADE.....ESTADO.....

N. B. — Este cupom e a importância de Cr. \$ 1,00 devem ser remetidos pelo correio, registrados.



Dick Powell, o popularíssimo astro da Metro, uma das primeiras vozes do cinema moderno e interprete genial de muitas das mais felizes produções da marca do Leão.



# CANDIDATAS

## ★ Conselhos às jovens

**V**ENCER na vida constitui, na atualidade trepidante, o pensamento obsedante da criatura humana. Jovens há, de boa aparência, que aspiram ardentemente fazer carreira no cinema, no teatro, no rádio ou como modelos vivos profissionais. Sonham triunfar num filme de sucesso, numa peça arrebatadora, brilhar num momento radiofônico para gaudir dos auditórios barulhentos ou viver na elegância efêmera das "toaletes" caras sob os olhares maravilhados...

São candidatas à glória, na eterna febre de um sonho a que o subconsciente já deu forma e cor. Algumas dessas candidatas são lindas, outras unicamente graciosas ou apenas de feições comuns; outras ainda são mais talentosas que bonitas, porém as que alcançam êxito são em geral aquelas que se mostram dispostas a desenvolver todos os esforços para vencer.

Tenhamos sempre presente que para realizar esse objetivo é necessário evitar tudo o que possa prejudicar a saúde. A frase tem um sentido muito amplo, mas não esqueçamos de que ela envolve, sobretudo, uma advertência bastante séria: a de abandonar festas que se prolongam até altas horas da noite e hábitos que não obedecem a um regimen científico.

Se a gentil leitora se prepara para seguir uma carreira, qualquer que ela seja, deve evitar estudos demasiados em prejuízo do cuidado físico.

A jovem que estabelecer um termo médio pôde obter vantagens magníficas, quer para a saúde, quer ainda para o progresso dos seus estudos.

Naturalmente é muito necessário possuir conhecimentos gerais de higiene, porém é ainda mais importante para a moça, que tem ambições na vida, procurar uma posição de destaque na sua profissão.

Não há dúvida de que existem muitas dificuldades a vencer antes de se conseguir atingir a meta, particularmente quando não se abandona o cuidado da saúde.



# Vá à Glória

que desejam vencer na vida ★

Qualquer estudo ou exercício mental produzirá melhor resultado se a jovem estiver suficientemente descansada. A propósito, não esqueçamos de que o mais importante para a juventude é dormir. Quando não se dorme suficientemente, nota-se grande abatimento, não só na pele e nos olhos, como ainda no espírito. Uma pessoa que deseja ter personalidade e encanto deve deixar-se cedo e dormir, em média, oito horas diárias. Entre duas moças que se equiparam em beleza e talento, a que possuir personalidade e encanto terá mais probabilidade de sucesso.

Aprender a comer também não é difícil...

Deve-se evitar gorduras e escolher, de preferência, para as refeições, pratos simples e substanciais. É preciso dar ao organismo a quantidade e qualidade de combustível adequadas porque, do contrário, suas reservas de vitalidade irão desaparecendo gradativamente, até o aniquilamento absoluto.

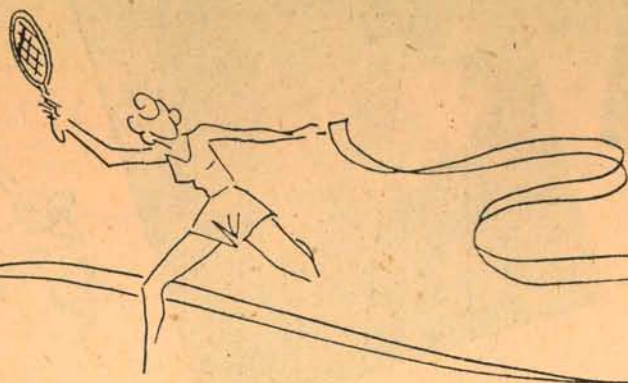
Algumas moças de talento mostram-se, porém, tão negligentes a ponto de não afastarem impecilhos que surgem no seu caminho. Dentre essas que assim agem, observamos que nenhuma é suficientemente talentosa e bela para conseguir pleno êxito sem conquistar a boa vontade dos outros.

É' perfeitamente humano preferir acolher-se à sombra de uma proteção, mas não nos esqueçamos de que aqueles ajudam os mais humildes a subirem, inclinam-se sempre para as pessoas agradáveis e de boas maneiras, deixando de lado as acanhadas ou egoístas.

Tendo presente essa advertência, cultive a habilidade de ser agradável para com as pessoas com que trata assiduamente. Procure, pois, dar uma impressão boa de seus gestos ou do seu aspecto geral, através de uma voz agradável e de maneiras corteses.

A proficiência em esportes ao ar livre é sempre

(Conclui na página 94)



# SENHORITAS

Sta. Esperança Lechno

FOTOS  
OLIVÉRA

Sta. Maria Magdala Guimarães

Sta.  
Zaide  
Ferreira

Sta. Cella Gomes

# Seus Lábios são você!

FAÇA UM TESTE - Qual é o tipo dos seus lábios?

**Lábios alegres...** um tipo que a todos os homens encanta! Os lábios alegres ficam mais belos, mais radiantes com Baton Colgate.

**Sensuais...** que despertam paixões e têm mudado o curso da História! Baton Colgate dá aos lábios sensuais um poder maior de sedução.

**Aristocráticos...** lábios de mulher superior que se impõe ao coração dos homens. Este tipo tem mais brilho e suavidade com baton Colgate.

**Sinceros...** lábios de mulher ingênua, que refletem inocência e inspiram romances... sempre são mais beijáveis com Baton Colgate.

**Frívolos...** de mulher que seduz e não se deixa seduzir... São mais provocantes com Baton Colgate.

Descubra uma nova personalidade nos seus lábios com os malizes ardentes do Baton COLGATE.

Importado da América do Norte - Feito de Karanua, o emoliente superior - 4 lindas tonalidades: Vermelho Americano, Médio, Escuro e Vermelho Amazonas. Perfume adorável e permanente.



O Coração Bate com **Baton COLGATE**

IMPORTADO

## Você pode ser 3 Vezes Mais Bonita!

**Pó Para Rosto COLGATE**



Um pó diferente, mais fino que os pós comuns porque é micro-pulverizado. O Pó Para Rosto COLGATE não contém a mínima partícula de arrós. Por isso, nunca deixa sulcos no rosto após a maquiagem e nunca dilata os poros. Aderente e perfumado, o Pó Para Rosto COLGATE conserva a cutis macia e aveludada durante muitas horas.

**PÓ PARA ROSTO COLGATE**

Mantenha o brilho natural dos seus cabelos



Brilantina Colgate é a única que contém KOLASTEROL, a descoberta científica que mais se assemelha aos óleos naturais do cabelo. Deixa os cabelos macios e brilhantes, num penteado perfeito, atraente. Brilantina Colgate tem um perfume de raras essências. Você é quem brilha... com

**BRILHANTINA COLGATE**



Um rosado lindo para seu rosto



Rouge COLGATE Concentrado. Uma aplicação muito leve basta para dar uma cor sadia e juvenil. Não obstrói os poros. Rouge COLGATE é o toque final de uma maquiagem elegante. Dura 5 vezes mais porque é Concentrado.

**ROUGE COLGATE**



# ENRIQUECENDO. todo o BRASIL!



## EXTRAÇÕES EM NOVEMBRO DE 1945

### LOTERIA FEDERAL DO BRASIL

Dia	Prêmio maior	Preço
3	500.000,00	70,00
7	500.000,00	70,00
10	1.000.000,00	120,00
14	500.000,00	70,00
17	1.000.000,00	120,00
21	500.000,00	70,00
24	1.000.000,00	120,00
28	500.000,00	70,00



### LOTERIA DO ESTADO DE MINAS

Dia	Prêmio maior	Preço
3	200.000,00	30,00
9	300.000,00	40,00
16	200.000,00	30,00
23	200.000,00	30,00
30	200.000,00	30,00

## CAMPEÃO DA AVENIDA

### O CAMPEÃO DAS SORTES GRANDES

AVENIDA, 612 E AVENIDA, 781  
CX. POSTAL 225 - END. TEL. "CAMPEÃO"  
BELO - HORIZONTE

**NÃO MANDEM VALORES EM REGISTRADOS SIMPLES**

## SUGESTÕES PARA

IVETE

### OS LÁBIOS



Um dos pequenos problemas da beleza feminina é, sem nenhuma dúvida, esse dos lábios ressequidos, não sendo poucas as moças que se queixam, irritadas, pela circunstância do *baton* não aderir maciamente à película dos lábios, que tende a descascar ou rachar.

Geralmente, essa deplorável condição dos lábios é oriunda da excessiva secura do ar, às vezes motivada pe-

los longos períodos sem chuvas, fato a que já nos habituamos em nossa cidade castigada dias e dias por um sol inclemente.

Pode-se também achar justificável explicação para os lábios ressequidos, durante as quadras hibernais, no contraste de temperaturas entre o lar aquecido e a rua frequentemente varrida por ventos cortantes.

Na verdade, a pele finíssima dos lábios é muito sensível às alternativas ambientes de calor e frio, assim como ao estado higrométrico do ar.

Assim, a moça, ciosa de sua beleza, logo sinta que há tendência dos lábios para se ressecarem, deve lubrificá-los com um creme oleoso a isso adequado. Se a película labial se fende, desde que rache, urge banhá-la com um antisséptico, abandonando por momentos o *baton*.

À hora de repousar, deve passar nos lábios um creme especial de defesa, convido untá-los, a seguir, com substância oleosa de boa indicação.

Vale também por critério sadio aplicar nos lábios um creme oleoso, antes de passar o *baton*, principalmente quando este último não é propriamente macio. Trata-se, aliás, de providência nem sempre necessária.

O *baton* deve ser aplicado com os lábios abertos; do contrário, pode ser vista com facilidade a linha onde as duas cores fazem fronteira, a natural e a artificial, sobretudo na ocasião em que a criatura esteja a falar.

Tôdas as moças que fazem uso regular da "maquillage" hão de estar ao par dessa regra que, entretanto, não é observada por muitas damas que se presumem da melhor elegância.



### Você Sabe?

QUE todos os sons podem ser ouvidos na água a uma distância maior do que na terra?

QUE o peso normal de uma mulher de 45 anos é de 70 quilos?

QUE o trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade?

QUE as asas dos pássaros são, em proporção de seu tamanho, vinte vezes mais poderosas do que os braços do homem?

# A SUA BELEZA

MARION

## AS ESPINHAS

As espinhas são causadas por distúrbios nas glândulas sebáceas. A presença dessas espinhas, geralmente, indica que a pele necessita de um bom estimulante.



Dê à sua face um tratamento especial, por meio de uma esponja de borracha, duas vezes por dia. Use bastante sabonete e água morna. Faça enxaguardas frias no rosto, durante dez minutos.

Quando aplicar a esponja na pele, faça-o como se estivesse dando massagens. O tratamento de gelo é excelente para curar as imperfeições da cutis. Muitas pessoas que tiveram espinhas se curaram. Aplica-se da seguinte maneira: escolha-se um pequeno pedaço de cambráia de linha e envolve-se no gelo. Passa-se lentamente no rosto, perto do queixo, do nariz e na testa.

Quando as espinhas são oriundas de perturbações no aparelho gástrico, desaparecem com simples aplicações de gelo. Quando o motivo é mais sério, faz-se da seguinte maneira: abrem-se as espinhas e cravos com uma agulha esterilizada, espreme-se suavemente para remover o pus e passa-se um adstringente. Laya-se a cutis muito bem com água morna ou sabão enxagua-se com água fria. O melhor remédio para espinhas é, sem dúvida, o sabão com água fria.

Quando a pele está bem limpa, impede que a gordura e o pó se entranhem formando êsses pontos, que são tão feios.

Muitas vezes as espinhas aparecem quando se abusa do chocolate, amendoim ou carne de porco. A jovem que tem amor à sua pele, deve abster-se de comer pratos demasiados gordurosos, muita carne e farinhas. Fazendo uma dieta de frutas e legumes, pode ter a certeza de que a pele será igual à das crianças recém-nascidas. O chocolate, que, indiscutivelmente, tem um sabor delicioso, constitui um sério perigo para a pele, por ser muito quente.

Beba oito copos de água por dia, para gozar saúde.

A água ajuda a eliminar as espinhas e os cravos, não restando, no entanto, nenhuma dúvida de que o tratamento local é indispensável.

\*

### *Você Sabe?*

QUE o ato involuntário de pestanejar é de uma importância capital para a saúde dos olhos? A palpebra umedece e limpa a conjuntiva, evitando desse modo muitas inflamações.

QUE o ressecamento do cabelo é combatido pelo uso de uma aplicação de óleo, na noite anterior à lavagem?

# Neste mês vai sofrer outra vez?

**E** STA pergunta dirigimo-la a você, prezada leitora. — A você que, como mulher, está sujeita todos os meses aos terríveis males resultantes do mau funcionamento de seus órgãos femininos. — Terríveis males, sim, porque além de transformarem a sua existência num verdadeiro martírio esgotam com rapidez a sua saúde, a sua mocidade, a sua beleza. — Ponha um ponto final neste capítulo de amarguras.

Não sofra mais neste mês e em nenhum outro mês de sua vida. — O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o seu caso — afastará definitivamente os seus males, restituindo-lhe a saúde e com ela a beleza, a mocidade, a boa disposição física e moral. — O Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes — o N.º 1 e o N.º 2 — de acordo com as naturezas diferentes dos males femininos. — O N.º 1 se aplica nas regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. — O N.º 2 se aplica na falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc. — O Regulador Xavier lhe dará saúde todos os dias do mês e todos os meses do ano.

# O CICLISMO E O "VELO CLUBE"

Abílio Barreto

**C**UTRO desporte que madrugou em Belo Horizonte, despertando sempre o mais vivo interesse à mocidade, desde o tempo da Comissão Construtora da Nova Capital, foi o ciclismo, lançado aqui pelo engenheiro daquela comissão, dr. Fernando Esquerdo, possuidor da primeira bicicleta aparecida em terras da cidade em construção.

Montado na sua bela e admirada máquina "Cleveland", aí por voltas de 1896, êle, franzino, trajado sempre de branco e de botas, percorrendo os serviços a seu cargo, foi o único, durante algum tempo, que possuiu bicicleta em Belo Horizonte.

Depois, outras bicicletas foram aparecendo, foi-se desenvolvendo o gosto por êsse gênero de desporte, de sorte que, mudada a Capital de Ouro Preto para Belo Horizonte, o ciclismo tornou-se moda, fêz-se chic, exercitado por moços, velhos, senhoras e senhorinhas da melhor sociedade local.

Assim como é distinto, presentemente, possuir e guiar um automóvel, assim era, naquê tempo, possuir e montar uma bicicleta.

Por isso, a tôda hora e principalmente às tardes, pelas ruas poentas da cidade ou pelos arruamentos e alamedas do Parque, desfilavam os ciclistas de ambos os sexos, com garbo e elegância, montando as mais modernas máquinas dessa espécie então conhecidas.

Chegou a tal ponto o gosto pelo ciclismo na Cidade de Minas (assim se denominava a Capital nos seus primeiros dias), que, a 19 de maio de 1898, interessante cronista comentou o fato pelas colunas de "A Capital", assim:

"E' um bom exercício o que executam os senhores bicicletistas, pedalando a mais não poder pelas ruas da cidade e nas alamedas do Parque. Alguns fazem até equilíbrios de japoneses, alta escola, na leve e delicada máquina que desliza rápida e sem ruído. As ruas do Parque, porém, são extensas e isso de pedalar por entre pernas do público, tenham paciência: num bai não!"

Como era natural, dêsse entusiasmo pelo ciclismo nasceu a idéa de se fundar na cidade um

clube para corridas naquelas máquinas, idéa encabeçada pelo dr. Fernando Esquerdo, com a finalidade de aperfeiçoar o gosto pelo desporte e proporcionar diversão ao povo.

Para tal fim, reuniram-se os nossos maiores entusiastas do ciclismo, às duas horas da tarde do dia 19 de junho de 1898, na Biblioteca e, tomando a palavra, o dr. Fernando Esquerdo expôs a necessidade que havia da fundação de um clube desportivo. Terminou convidando o sr. Coronel Felipe de Melo, então comandante da Brigada Policial, para dirigir os trabalhos da reunião.

Este, assumindo a presidência, convidou os drs. Fernando Esquerdo e Afonso Pena Júnior para secretários.

Obtendo novamente a palavra o dr. Esquerdo apresentou à mesa um projeto de estatutos, que foi entregue pelo Presidente a uma comissão para estudá-lo e dar sobre êle parecer.

Assentada, assim, a fundação do clube, que realizaria corridas periódicas na pista do Parque, a 24, reunidos novamente os sócios na referida sala, ficou definitivamente fundada a sociedade, que tomou o nome de "Velo-Club", sendo aprovados os estatutos e eleita a seguinte diretoria: — Presidente, dr. Fernando Esquerdo; vice-presidente, Braulio Pena; 1.º secretário, Afonso Horta do O' Lari; 2.º secretário, Eliseo de Campos Melo; tesoureiro, Coronel Emilio Rodrigues Germano.

O entusiasmo pelo clube era geral e a corrida inaugural realizou-se no Parque, às 4 horas da tarde do dia 25 de julho, perante uma concorrência extraordinária de povo e de pessoas da mais alta sociedade local, ocupando as arquibancadas do pavilhão com paredes de tábuas e cobertura de

zincos que o Prefeito dr. Adalberto Ferraz mandara logo construir no local que, presentemente, fica em frente à fachada do edificio Sulacap, à rua da Bahia e à margem do arruamento do Parque. Aí fazia-se ouvir a banda de música do primeiro batalhão da Brigada Policial.

Muitas famílias, antes das corridas, passeavam pelos arruamentos do Parque, em charretes e carros de praça ou a pé, ao passo que os ciclistas, vestidos de branco, com indumentária apropriada, percorriam a pista em suas máquinas ainda de tipos diversos.

Três pareos haviam sido organizados, compostos de sócios que adotavam os pseudônimos de "Riograndense", "Lucifer", "Herferlo", "Brasil", "Jeli", "Lusbel", "Nelumbo", "Stila" e "Bull", e houve um delírio de entusiasmo e de aplausos durante o desenrolar da competição.

Do primeiro páreo foi vencedor "Lucifer", chegando "Riograndense" em segundo lugar. A "poule" rendeu 10\$000. O segundo páreo foi vencido por "Herferlo", chegando "Brasil" em segundo lugar, a "poule" rendeu 3\$000. Do terceiro páreo foi vencedor "Nelumbo", chegando "Bull" em segundo lugar. A "poule" rendeu 2\$800. A venda total de "poules" foi de 604\$000.

A segunda corrida verificou-se a 31 de julho, tendo por diretora a seguinte comissão: juiz de partida, dr. Fernando Esquerdo; juizes de chegada, drs. Cícero Ferreira e Luágero Dolabela; juizes de raia, Teodoro Lopes de Abreu, Antônio Raimundo Soares, Adolfo de Castro e Alberto Horta; juizes de arquibancadas, drs. Salvador Pinto e Josafá Belo.

Correram cinco páreos, dos quais foram vencedores: do 1.º, "Guarani", rendendo a "poule" 4\$300; do 2.º, "Cid", produzindo a "poule" 8\$800; 3.º, "Brasil", dando de renda a "poule" 6\$200; do 4.º, "Cing Mars", cuja "poule" rendeu 6\$500; do 5.º "Guarani", com o rendimento de 4\$000 para a respectiva "poule".

Essas e outras corridas posteriores foram efetuadas em máquinas alugadas, emprestadas ou de propriedade de sócios, tôdas de tipos diversos, pelo que não se podia ajuizar bem do valor dos



**PRECISANDO DEPURAR  
O SANGUE  
TOME  
ELIXIR DE NOGUEIRA**

Combate as: Feridas,  
Espinhas, Manchas,  
Eczemas, Úlceras,  
Reumatismos

corredores. Somente mais tarde, a 18 de setembro, pôde o clube adquirir bicicletas "Cleveland", todas iguais.

Recordamos ainda dos seguintes pseudônimos usados pelos ciclistas, todos moços da melhor sociedade: — Guarani, Coedic, Vaz, Centauro, Cid, Osman, Souza, Colma, Ara, Orion, Campista, Mosquetão, Raio, Cing Mars, Corisco, Jequitinhonha, Iephir, Iris, Zift, Boer, Guanabara, Tupi, Osnoffa, Federalista, Marechal, Nero, S. Paulo, Bergdrac, Nilo, Rio Nú, Gaucho, Lobo, Garamufo, Juraná, Otto, Itamonte, Jangadeiro, Clíde, Itacolomí, Cacique, Atacir, Romanelli, Keen e Lira.

Tais pseudônimos eram usados pelos seguintes e outros moços da mais alta sociedade da Capital-menina: Alisson Lobo, Afonso Pena Junior, Benjamin Brandão, José Torres, Jaime Dolabela, Benjamin de Souza, João Batista Gomes, Dr. Fernando Esquerdo, Antonio Raimundo Soares, Teófilo Brant, José Ferreira Brant, Edmundo Horta, Emídio Germano Filho, João Pires Germano, Bráulio Pena, Lahire de Vasconcelos, José Viana Romanelli, Ozório Romanelli, João Passos, Ernesto Cerqueira, Eliseo de Campos Melo, Francisco dos Santos Souza, Aldo Borgatti, Batista de Melo, Filho, Osmar Magalhães, Ascendino Vaz de Melo e muitos outros cujos nomes não nos ocorrem.

As corridas eram sempre realizadas à tarde, aos domingos e quintas feiras, mas calculado o tempo de forma que terminassem antes de anoitecer, pois a iluminação da pista era deficientíssima.

Somente a 25 de agosto a Prefeitura pôde mandar iluminar toda a área de corridas a lâmpadas de arco voltaico e esse melhoramento imprimiu maior realce às atividades do clube naquelas e nas tardes subsequentes, com a mais perfeita regularidade, até 6 de agosto de 1900, tendo sido uma das corridas de maior destaque a que se realizou a 2 de julho desse ano, cujos páreos foram organizados pela seguinte forma:

1.º — SENADO — 750 metros — Campista, Oregon, Gaucho e Riograndense;

2.º — CAMARA — 1.500 metros (duas voltas) — Garamufo, Guanabara, Lira e Iris;

3.º — SILVIANO BRANDÃO — 2.500 metros (três voltas) — Nemo, Kean, Ouro Preto e S. Paulo;

4.º — ESTUDANTES — 750 metros — Marinho, Raio, Guarani e Corisco;

5.º — SANTA CASA — 1.500 metros — Iris, Rio Nú, Lira e Nemo;

6.º — CIDADE DE MINAS — 2.500 metros — Tupi, Romanelli, Vaz e Nemo;

7.º — IMPRENSA — 1.500 metros — Rio Nú, Iris, Ouro Preto e S. Paulo.

Foram vencedores: do 1.º páreo, "Marinho" e "Guarani"; do 2.º, "Garamufo" e "Lira"; do 3.º, "Nemo" e "Kean"; do 4.º, "Raio", e "Guarani"; do 5.º, "Nemo" e "Vaz"; do 6.º, "Nemo" e "S. Paulo"; do 7.º, "Rio Nú" e "Iris".

Tendo, então, o "Velo Club" interrompido as suas atividades durante algum tempo, vários sócios daquela entidade desportiva e outros moços tomaram a peito pros-

seguirem com as corridas e lograram manter outra temporada animadíssima, às quintas-feiras e aos domingos, desde 21 de julho até 15 de setembro de 1901, em benefício da Santa Casa.

Esses corredores usavam os seguintes pseudônimos: "Ananiel", "Zadir", "Zina", "Amapá", "Melo", "Tiburcio", "Romanelli", "Ara-ripe", "Gaucho", "Riograndense", "Sales", "Paladini", "Iris", "Guarani", "Boer", "Silveira", "Java-ri", "Afram", "Perf", "Pirajá", "Oregon", "Arara", "Astubra", "Velot", "Annaiv", "Mondego", "Asdrubal", "Gava", "Nicolau", "Maian" e "Nilo".

A's vèzes realizavam páreos de perde-ganha, em que cada ciclista era obrigado a prodígios de equilíbrio para ser o último a chegar ao ponto estabelecido para término da competição.

De 15 de setembro de 1901 até 16 de junho de 1902, houve outro interregno nas corridas, sendo que nesta última data reorganizava-se o "Velo-Club", realizando então, este a sua primeira corrida da nova temporada, em homenagem ao Prefeito Bernardo Monteiro e aos srs. Alfredo Vicente Martins e dr. Pedro Sigaud, tendo sido, por interferência do dr. David Campista, reparado e pintado o pavilhão destinado à música e à assistência.

A concorrência foi excepcional a essa festa e animadíssimo o jogo de "poules", tendo corrido 5 páreos, dando a impressão de que o clube iria continuar vitoriosamente.

Entretanto, depois das corridas de 23 de junho, em homenagem à Imprensa, das de 6 e 20 de ju-

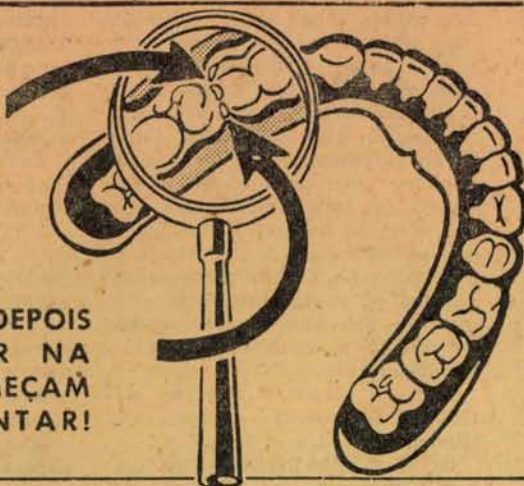


Pronto para partir um grupo de corredores, no Parque, nos primeiros dias da cidade. Entre outros, vêem-se os srs. Benjamin Brandão, Gualter de Oliveira, Antônio Raimundo Soares, Jorge Brandão, Jaime Dolabela e João B. Soares.

# CUIDADO!

## Aqui atacam os micróbios!

### 2 HORAS DEPOIS DE ESTAR NA BOCA COMEÇAM A FERMENTAR!



Os resíduos alimentares que ficam nos interstícios dos dentes, fermentam 2 horas após as refeições. Somente um dentífrico medicinal como o Odorans, pode penetrar nesses restos de alimento e embêbê-los, evitando assim a fermentação, causa da cárie e do mau hálito. Faça de Odorans o complemento da sua higiene bucal em bochechos e gargarejos diários.

# ODORANS

O DENTÍFRICO MEDICINAL

Iho (esta última em benefício das obras da Capela do Sagrado Coração de Jesus) e das de 10 de agosto de 1902, caiu novamente o clube em inatividade.

Ao fim da última corrida desta fase, os moços do "Velo-Club" fizeram subir ao espaço às 5 horas da tarde enorme e vistoso balão-cativo, que constituiu verdadeiro sucesso no meio da petizada.

A última corrida realizada no Parque, naqueles primeiros tempos e de que temos notícia foi a promovida pelo clube carnavalesco "Progressistas", a 13 de novembro de 1904, constituída por 5 páreos que se intitulavam: "Grêmio das Pérolas", "Matakins", "Sport Club", "Belo Horizonte" e "Progressistas", sendo o último páreo formado pelos vencedores dos anteriores.

Após as corridas houve "kermesse", sob a proteção das senhorinhas Zézé Sales, Nenê Andrade, Guiomar Andrade, Favila Hellbuth, Maria Gonçalves, Aurélia Olinto, Odila Martins, Alice Sá Freire, Guiomar Ramos, Josefina e Alda Ferraz, Virgínia Silva, Eugênia Sales, Judite Ferreira, Julietta Pena, Zezé Moss e Carmita Silva.

Por esse tempo o "Velo-Club" estava extinto, não era mais que uma recordação e uma saudade na memória dos horizontinos; o pavilhão de tábuas, coberto de zinco, com as suas arquibancadas para a música e para a assistência foi abandonado. Apenas uma vez ou outra era utilizado por alguma banda de música em recreios ou festividades eventuais. E assim aí permaneceu por muitos anos, ao lado da pista, ensombrada pelas frondes dos enormes ficus, até que o demoliram...

#### PENSAMENTO

O meio mais fácil de ser tolo é forçar-se para ter espírito. Montaigne.

## CANDIDATAS A' GLO'RIA

(CONCLUSÃO)

um ativo na conta da jovem que deseja progredir em sua carreira.

O esporte, além de desenvolver harmoniosamente o físico, quando praticado com método, ainda auxilia a relaxar a tensão nervosa tão frequente nas pessoas de grandes aspirações.

O contacto social continuado é interessante e de grande auxílio para quem deseja ascender na vida. Virtualmente, todas as "estrelas" de cinema, dedicam-se a um ou mais esportes. Um jogam tênis, outras golf, outras ainda praticam a natação e o hipismo. Há também as que, em grande número, praticam regularmente todos esses esportes,

\*

com método rigoroso.

Lembremo-nos, sempre, que as atividades esportivas nos trazem muitos benefícios para o corpo e para o espírito.

São essas as recomendações que fazemos às jovens candidatas à glória — realização que não constitui absolutamente, sonho impossível, mas apenas um justo anseio que, à força da perseverança e da vontade aliada à rigorosa observância desses conselhos, pôde tornar-se um dia maravilhosa realidade!

## CRESO

CRESO foi um dos heróis da Jônia.

Construiu o templo de Diana, em Éfeso, uma das sete maravilhas do mundo. O mesmo nome teve o último representante da dinastia, dos Merminadas, que foi também o último monarca da Líbia. Viveu no século VI antes da nossa era e tornou-se famoso pelas conquistas e riquezas fabulosas. Embora a fortuna lhe sorrisse no início da sua vida, reservou-lhe mais tarde duros golpes. Creso foi vencido por Ciro, o Grande, e condenado à morte. Junto à fogueira, porém, lembrou-se das palavras de Solon, que lhe dissera que "o homem não se pode considerar feliz antes da morte", e proferiu o nome do estadista ateniense. Ouvindo-o, Ciro indagou a causa dessa exclamação e, comovido, perdoou Creso, incluindo-o entre os seus conselheiros. A versão mais aceita, porém, conta-nos que, não resistindo à derrota, Creso tentou matar-se, com a mulher e os filhos. A aproximação dos persas, adiantou-se para a fogueira, mas Zeus apagou as chamas e transportou o rei e a sua família para a região dos Hiperbóreos.

## PEÇA ESTE LIVRO !...



60 páginas - Cr. \$ 3,00  
contra reembolso postal

UZINAS QUÍMICAS BRASILEIRAS Lda.  
C. Postal, 74 - JABOTICABAL - E. S. Paulo

# CANÇÃO

Sob a luz do luar que vai pela janela  
beijar-te os nívicos pés e a farta cabeleira,  
compõe, para eu cantar, uma canção singela,  
que eu aprenda depressa e cante a vida inteira!

Eu quero uma canção que seja suave e bela  
como aquela que canta a pobre lavadeira  
que, ingenuamente põe, sobre a terra amarela,  
um emblema sagrado e não vê que é bandeira!

Compõe uma canção igual a que as avós  
cantam para embalar os netinhos queridos,  
eu quero uma canção que fale aos meus sentidos!

Compõe uma canção que fale tanto em nós,  
que me faça esquecer, em menos de um segundo,  
as grandezas do céu e as misérias do mundo!...

ALBERTINA CASTRO BORGES

\*\*\*

## A PESAR das conjecturas de • Os Vulcões •

Platão, de Aristóteles, de muitos outros sábios da antiguidade, nem os gregos nem os romanos conseguiram explicar a origem da atividade vulcânica.

Conhecia-se uma lenda, segundo a qual, nas ilhas de Lipart, na Sicília, ao pé da cadeia montanhosa, o deus do fogo — Vulcano — abriu uma porta para o mundo subterrâneo e ali acendia as chamas que estabeleciam desordens no seio da terra. Além dos inúmeros vulcões extintos, espalhados em quase todas as regiões do globo, calcula-se em duas mil e quinhentas as erupções dos quatrocentos e trinta vulcões ativos, nos limites da história humana. Poucas vezes os homens tiveram o privilégio de observar o nascimento de um vulcão.

Em 1536, por exemplo, nas vizinhanças de Nápoles, verificou-se que o lago Lucrinus perdia a sua tranquilidade habitual. Registraram-se tremores, nas águas que se repetiram nos seguintes anos até que, em 1538, abriu-se uma fenda nas margens da baía de Nápoles. Pelo espaço de dois dias, essa abertura lançou grandes massas de pedras, inclusive pedras-pome, que formaram uma montanha de altura considerável.

Após 24 horas de calma, reiniciou-se a erupção, no quarto dia. Pouco depois cessava e nunca mais tornou a se fazer sentir. O Monte Novo transformara-se numa montanha de 150 metros de altura por três quilômetros de diâmetro.

Também no México, em 1759, numa região denominada Jerulo, (Paraíso, no dialeto local), surgiu, após três meses de tremores de terra, um vulcão, o "Jerulo", que mede, hoje, mais de 400 metros de altura. Mas — conta-nos J. H. Bradley — a Terra não é a única vítima das erupções vulcânicas. Também nas profundezas do mar registram-se jatos de vapor, de gases, de pedras e de chamas, capazes de se elevarem acima da superfície. As erupções submarinas são frequentes no Mediterrâneo.

Nas proximidades de vulcões ativos, assim como nascem novas massas vulcânicas na superfície da terra, formam-se também ilhas, como o Arquipélago das Aleutianas, no mar Behring. Em 1821 surgiu, entre a Sicília e a costa da África, a ilha de Graham, que atingiu a uma circunferência de cinco quilômetros por setenta metros de altura. Mas a investida impiedosa das ondas fê-la desaparecer. Acredita-se que o Vesúvio e o Etna, os dois maiores vulcões italianos, tenham tido origem idêntica.

## OS DISTURBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes, ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras drageas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem estar geral.

"Pansexol" Feminino encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo

Rep.: Hélio Fimentel & Cia.

Av. Olegário Maciel, 8  
Belo Horizonte

PRESENTES?

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS PARA ESCRITORIO?

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS?

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS DE PAPELARIA?

Oliveira Costa & Cia.

SEMPRE NA VANGUARDA  
EM SORTIMENTO E PREÇOS

\*

AV. AFONSO PENA, 1050  
FONE 2-1607 e 2-3016  
BELO HORIZONTE

## Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

## FOTOGRAVURA MINAS GERAIS LTDA.

Rua Tupinambás, 905

Belo Horizonte - Minas

TELEFONE, 2 - 6525

**Máxima perfeição  
e presteza na  
execução de clichês**

TRICROMIAS E DOUBLES — CLICHÊS EM ZINCO E COBRE — APARELHAMENTO MODERNO E COMPLETO

## ★ BELEZA E VIRTUDE ★



**P**ARA os moralistas, as mulheres só valem pela virtude.

Entretanto, para a maioria dos homens, elas somente têm valor pela beleza física, ou pela graça e o espírito, que são, sem dúvida, duas exteriorizações de beleza mais poderosas e sugestivas do que a própria beleza. Tanto assim que as mulheres que maior império têm exercido sobre os homens não eram verdadeiramente belas, mas possuíam tal vivacidade, tal inteligência, tal personalidade, que é o conjunto de fascinantes qualidades inatas, que acorrentavam ao seu destino dos grandes homens e dos povos. Foi o que se deu com Teodora em Bizâncio, Catarina da Rússia, e Madame Maintenon, etc.

Não há dúvida de que a bondade, a castidade, a fidelidade e a coragem tornam célebres as mulheres, mas essa celebridade não atinge a das criaturas que possuíram os fascinantes dotes do espírito e, especialmente, os do corpo, que tanto tentam os homens.

Não se discute, é claro, a glória duma mãe dos Gracos, duma Jeanne d'Arc, bem como a das santas.

Todavia, menos ainda se põe em dúvida a glória que, através dos séculos, tem obtido a beleza das mulheres, sobretudo das mulheres livres e sensuais: cortesãs e atrizes.

Para a moral da humanidade, não será muito honroso verificar que as mulheres que os forais medievos qualificavam de *maão preço* e de *maá vide*, logrem estátuas, riquezas e glórias, enquanto as patriotas, as virtuosas, as boas sofram martírios, vejam na pobreza e morram quase sempre no esquecimento.

Estranha e formidável a força do prazer em todos os tempos!

Esse confronto deve servir, apesar de tudo, para incentivar mais ainda a virtude nas criaturas que acreditam noutra existência, além desta.

Não servirá para tanto as que pensam ser necessário aproveitar nesta efêmera vida o que ela de melhor pode proporcionar, abandonando de todo as ilusões de outro mundo melhor, após a morte.

A beleza e a graça dominam a humanidade mais do que quaisquer outras qualidades femininas e é por isso que historiadores e poetas celebrizam, nos seus apanágios em prosa e verso, de preferência, as dançarinas e as cortesãs às mães de família e às santas.

A beleza, como a graça, é, no entanto, aparência. A virtude, como a bondade, é substância.

A beleza é efêmera. A virtude, eterna. A personalidade feminina se forma da substância das virtudes intrínsecas inalteráveis à luz da graça e da beleza que constituem valores extrínsecos e fugazes. A fascinação do físico se enriquece à luz purificadora das virtudes que são, na mulher a única base segura na qual se pode construir a felicidade do homem, que, aliás, na sua grande maioria, sempre correu atrás das aparências.

## A ARTE DE FALAR

**N**ÃO é fácil falar bem em público ou mesmo num grupo de sociedade. Torna-se necessário, em primeiro lugar, ter conhecimentos vastos, espírito vivo, ao par do que há de mais moderno, raciocínio justo e a prudência suficiente para se manter nos limites da discreção. Cumpram também frequentar a sociedade, afim de adquirir o traquejo e o desembaraço indispensáveis. A voz representa um dos

fatores mais importantes para o êxito duma palestra. Uma voz agradável e bem timbrada dá uma sensação de repouso. A propósito, dizia-se que Wagner, que apreciava imensamente a voz de sua esposa, pedia-lhe toda vez que desejava compor: "Fala. Preciso ouvir-te". E se, num acesso de cólera, ouvia a voz de Cósima, acalmava-se prontamente.

DESDE  
1901

GIACOMO VENDE E PAGA SORTES GRANDES

BARA  
856



## Lua de Mel

IGNORA-SE geralmente a origem da significação do que chamamos *lua de mel*, frase que deriva do antigo idioma teutônico e que significa beber trinta dias depois da boda água-mel ou hidromel, espécie de vinho feito com água e mel de abelhas.

Átila, o célebre chefe dos hunos que se vangloriava de ser chamado o *açote de Deus*, parece ter morrido, na noite de seu casamento, duma apoplexia causada pela ingestão daquele vinho durante as festas com que celebravam o seu himeneu.

Agora, *lua de mel* significa o primeiro mês (luar de quatro semanas) depois do matrimônio, que se costuma passar longe da família, tempo que se reduz ou prolonga à vontade dos noivos e se considera a época mais feliz do casamento, pois que durante o seu delicioso transcurso, não se experimentam os dissabores que traz às vezes a vida matrimonial...

✱

## CONSELHOS

Não há pior coisa que um mau conselho — Sofocles.

✱

Nada damos com tanta boa vontade como os conselhos — La Rochefoucauld.

✱

Os conselhos práticos são os mais úteis — Vauvenageses.

✱

Os melhores conselhos seriam os das pessoas que nada pedem e a quem nada se deu ou pediu, porém tais pessoas são precisamente aquelas a que menos se consulta e as que menos pensam em aconselhar. — L. Rougemont.

ALTEROSA \* NOVEMBRO DE 1945.

# Lever é o meu sabonete!

— diz a encantadora estrela de

## Hollywood-

### DEANNA DURBIN

(Universal)



Você desvendará o segredo de beleza das estrelas no momento em que sua pele receber as carícias da deliciosa espuma de Lever! Você sentirá, então, a suave fragrância do seu perfume e jamais deixará de usar o sabonete preferido por 9 entre 10 estrelas de Hollywood!



**LEVER DURA  
MUITO**  
porque foi feito  
especialmente  
para produzir  
espuma com  
rapidez - por isso  
**GASTA MENOS.**



*Lever - o sabonete das estrelas!*

LINTAS LTS 84-0179 A

Dizer bem e pensar bem, não significam coisa alguma se não se faz o bem.  
FRANKLIN

✱



## DESENHOS COMERCIAIS TECNICOS E ARTISTICOS

CARTAZES  
GRAFICOS  
ROTULOS  
ILUSTRAÇÕES  
CARICATURAS



RUA ESP. SANTO, 621 - ESQ. AVENIDA - ED. CRISTAL  
1º AND. SALA 4 - FONE 2-6707 - BELO HORIZONTE



# *Íntim*

Realizou-se em outubro último, nesta Capital, o casamento da Sta. Consuelo de Paula Fernandes, filha do dr. Paulo de Moura Fernandes, e de d. Maria Adelaide de Paula Fernandes, com o dr. Odilon Castriota. Fizeram-se ouvir, durante a cerimônia religiosa, câro e orquestra de João Decimo Brescia. Na fotografia ao lado aparecem os nubentes.



Completo, em outubro último, o seu primeiro aniversário a interessante Maria Sílvia, filhinha do sr. Dorival Moura Peixoto, Supervisor da Colgate-Palmolive Peet Co. em Minas Gerais, e da exma. sra. Geni Banhara Peixoto. Na foto ao lado, um aspecto da festa comemorativa.



A Escola 2 de Dezembro reuniu, em 19 de outubro último, todos os seus alunos, numa festividade expressiva cuja finalidade foi expor à apreciação pública os brinquedos manufaturados pelos referidos alunos para serem oferecidos às crianças pobres da Capital. A fotografia ao lado registra um aspecto da simpática festa de solidariedade humana.

# revista

Realizou-se, no dia 6 de outubro último, uma audição dos alunos do Conservatório Mineiro de Música, que se revestiu do maior brilho artístico. Ao lado vêem-se os professores e alunos.



Aniversariou no dia 6 de outubro a encantadora Tania Maria, diletta filhinha do sr. Wilson Manso Pereira e d. Isa Maria Gott Manso Pereira. A fotografia focaliza um expressivo aspecto da bela reunião com que o distinto casal comemorou a feliz efemeride.



Realizou-se no dia 4 de outubro último, na Igreja de Lourdes, a comunhão dos alunos do Colégio São Paulo, com o comparecimento de inúmeras figuras de destaque da nossa sociedade.

A fotografia ao lado registra um aspecto da cerimônia, vendo-se ao centro do grupo o Arcebispo D. Antonio dos Santos Cabral.



# ★ PRIMEIRA ★ COMUNHÃO



Eva e Maria Stela, filhas do casal  
Major Lupércio Taveiro e d. Ste-  
la Ferreti Nunes, da nossa  
sociedade



Gilda, filha do casal Emílio Batista Sampaio e  
d. Maria José Vieira Sampaio, desta Capital



Luís Marcio, filho do casal dr.  
Dermeval Ferreira de Carvalho e  
D. América Ferreira de Carva-  
lho, desta Capital



FOTOS CONSTANTINO





#### INGREDIENTES

- 7 colhs. (sopa) manteiga
- 11/4 chics. açúcar
- 4 gemas - não juntas
- 1 colh. (chá) essência limão
- 11/2 chics. farinha
- 1/3 chic. araruta
- 1 colh. (sopa) Royal
- 1 colh. (chá) sal
- 1/3 chic. leite.

\* \* \*

Dê preferência à lata média tipo econômico! (Tem 110 grs. e substitui a antiga de 4 onças)



### Com êste bôlo será festejado como nunca!

Amasse a manteiga até ficar cremosa. Incorpore o açúcar aos poucos. Junte as gemas, uma a uma, batendo bem. Depois, a essência. Peneire juntos, três vezes, os ingredientes secos. Adicione-os à massa, aos poucos e alternados com o leite. Bata bem. Use 2 fôrmas rasas, untadas. Forno regular 20 a 25 minutos. Glacê e recheio: sôbre fogo baixo, coloque 1 chic. açúcar em 1/2 chic. água fria. Ao mesmo tempo, bata uma clara em neve até ficar firme. Quando a calda estiver em ponto de fio, derrame-a devagar sôbre a clara, batendo sempre. Junte 1/2 colh. (chá) Royal e 1/2 colh. (chá) essência; bata até engrossar bem. Adicione 3/4 chic. frutas cristalizadas picadas à parte que servirá de recheio, cobrindo o bôlo com o restante. Enfeite com pedaços das frutas.



# Fermento em Pó ROYAL

## A CHAVE DE MIL E UM PRATOS DELICIOSOS

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC. — RIO DE JANEIRO



**Tôdas gostam de mim... de longe!...**

UM ANÚNCIO DE MÁU HÁLITO, SERÁ COMIGO?

**PERDEU O CARTAZ PORQUE TINHA MÁU HALITO!**

ARMANDO VAI AO DENTISTA

A ESPUMA DE COLGATE CONTÉM O NOVO INGREDIENTE QUE PENETRA ATÉ AS FENDAS ESCONDIDAS ENTRE OS DENTES...

LIVRA-AS DOS RESÍDUOS DOS ALIMENTOS E DAS BACTÉRIAS QUE SÃO A MAIOR CAUSA DO MÁU HÁLITO, DOS DENTES EMBAÇADOS E AMARÉLOS, DAS GENGIVAS MOLES E DAS CÁRIES DOLOROSAS. POR ISSO É QUE COLGATE LIMPA REALMENTE OS DENTES, **EMBELEZA, CONSERVA AS GENGIVAS FIRMES E SADIAS E O HÁLITO PERFUMADO.** COMECE A USAR COLGATE HOJE MESMO!

DEPOIS-GRACAS A COLGATE

UM SORRISO COLGATE FAZ MILAGRES

**CREME DENTAL COLGATE**

## O VELHO CARVALHO

CONTINUAÇÃO

a Londres. Seus quadros valiam muito, segundo a autorizada opinião do Sr. Foster. João tinha direito à sua consagração artística. Tinha direito, sobretudo a reabilitar-se aos olhos de seu pai, que sempre considerava depreciável tudo que pudesse ter relação com as artes...

Marta lavou os pratos. Os visitantes acabavam de partir. E sem dúvida porque lhe atribuíam pouca importância, esqueceram-se de despedir-se dela. Terminado o labor da cozinha, foi ao lugar de sempre. Ali, sob o velho carvalho, esperava agora que João viesse dar-lhe a notícia de que partia... Agora, ao cair da tarde o vento soprava com mais força e era mais frio. Marta estremeceu. Os meninos estavam já em casa; acabavam de chegar com o velho Iom. Talvez fosse melhor desse ela primeiro o jantar aos meninos; depois João e ela conversariam. Havia tempo para inteirar-se do definitivo, do que talvez mudasse para sempre o curso da sua existência que até esse dia caminhara sobre a trilha da felicidade.

Ia dirigir-se para casa quando João chegou.

— As crianças já estão em casa — falou, sentando-se aos pés de sua esposa, brincando com uma das gardenias que Eva trouxera.

— Nic está contentíssimo. Disse que pescou uma truta muito grande. Quanto a Denis está mal-humorado; não só não pescou nada, mas também caiu sobre umas urtigas.

A estas palavras riu; Marta fez esforços para rir também.

Não devia entristecer João com as suas penas. Na verdade João estava com ela, como sempre. Mas não devia ter ilusões; o perfume da gardenia era bastante intenso para recordar-lhe que Eva acabava de partir, conseguindo dele a promessa de ir a Londres.

— Lindo dia o de hoje, não é verdade, Marta? Que lhe pareceu. Eva, não é realmente formosa?

— Muito bela, João — confessou ela. Como negá-lo? Era a verdade, e nada havia mais absurdo para Marta do que negar o evidente.

— Prometi aos Foster ir a Londres quanto antes. Ele quer organizar uma exposição unicamente com meus quadros.

— Sinto-me orgulhosa de ti, João.

Com estas palavras Marta apoiou, como outras tantas vezes, a espádua no tronco rugoso do velho carvalho. Agora, mais que nunca, necessitava do apoio do amigo fiel.

Depois de larga pausa, João aspirou o perfume da gardenia e falou:

— Fazia muito tempo que não via uma dessas flores. Para falar verdade, desde que vi pela última vez Eva. Por isso as gardenias sempre recordaram-me Eva. Tanto ela como essas flores são formosas. Mas, quanta vacuidade acompanha essa formosura! E quanta inconsistência! Veja esta flor, Marta; é fresca e, no entanto já começava a murchar nas bordas. Nota esta cor escura? É a morte que se anuncia. Isto nos serve de lição, minha querida. Apenas que alguns de nós aprendemos e outros não. Felizmente eu consegui aprender: a beleza material é efêmera, não tem outro valor senão o de causar pra-

(Conclui na página 112)

**EVOCAÇÃO**, o bonito programa de Fernando Barroca Marinho, apresenta-se três vezes por semana às 22 horas na onda da Rádio Mineira, na voz de José Osvaldo Santiago.

\*

**ANUNCIA-SE** para muito breve o lançamento pela Rádio Guarani do "Teatro Fantástico", que apresentará emocionantes peças do gênero terrorífico. Será uma criação de F. Andrade, já estando programada a peça de estréia: "A casa das músicas vivas".

\*

**TITULARES DO RITMO** é o magnífico conjunto formado por sete alunos do Instituto São Rafael, e que se vem apresentando com geral agrado ao microfone da Rádio Inconfidência.

\*

**ALMIRANTE** firmou contrato com as emissoras "associadas" de São Paulo, para uma temporada de três meses. A "maior patente do rádio brasileiro" iniciará seus trabalhos ainda este mês.

\*

**ARTISTAS NOVOS DO BRASIL**, programa dedicado à boa música e que tem o concurso de elementos especializados nesse gênero, constitui uma das grandes atrações da Rádio Globo, que o apresenta, todas as sextas-feiras, sob a direção de Magdala da Gama Oliveira.

\*

**VESPERAL DA ALEGRIA** é o movimentado programa que Orlando Pacheco vem apresentando com êxito aos sábados às 16 horas, num desfile de bons cantores como Abílio Lessa e Raul de Barros e da excelente orquestra conduzida pelo maestro Tórres.

\*

**A RADIO CLUBE DO BRASIL** está apresentando novo e bem inspirado programa: "o romance do samba" com "scrits" e fundos musicais.

\*

**DELORGES CAMINHA**, o conhecido ator teatral, está dirigindo o programa de calouros "Caminhos da Fama", irradiado aos domingos pela Rádio Globo.

\*

**A RADIO INCONFIDÊNCIA** contratou, recentemente, para o seu "cast" de artistas exclusivos, o conhecido intérprete de músicas portenhas, Alaor Brasil, iniciando, assim, uma campanha para a valorização do artista mineiro.

**RONALDO LUPO**, o cantor consagrado de canções nacionais e estrangeiras, está realizando brilhante temporada na Rádio Guarani, tendo a sua estréia constituído, sem nenhuma dúvida, um autêntico sucesso. Aliás, já aguardávamos esse êxito, porquanto Lupo é artista fino e original.

\*

O **DECRETO** que instituiu o salário mínimo dos locutores, artistas e técnicos de rádio, teve, como era natural, grande repercussão nos meios radiofônicos do país, pois o ato governamental atendeu a uma justa aspiração.

\*

O **PROGRAMA DO GAROTO**, o movimentado programa infantil que a Rádio Mineira irradia aos domingos, sofrerá, ao que parece, algumas modificações. Que sejam para melhorá-lo, são os nossos votos...

\*

**AS NOSSAS EMISSORAS** devem atentar na redação de certos anúncios e na impropriedade dos momentos em que são irradiados. Alguns há que, arranhando a gramática, chegam a ser inconvenientes, provocando protestos, cujos ecos ouvimos... Outros — como, por exemplo, o de um preparado para bicheiras de animais — são irradiados à hora do jantar...

\*

O **ACOMPANHAMENTO** musical de alguns dos nossos cantores, executado por certo conjunto regional, vem deixando muito a desejar. Será eterno esse mal do rádio mineiro?

\*

**GESUALDO SILVA** está desde algum tempo afastado do nosso "broadcasting". Não seria interessante que uma das nossas emissoras o convidasse para integrar o seu "cast", satisfazendo o desejo de muitas "fãs" do apreciado cantor? Temos recebido algumas cartas expressando esse desejo.

\*

**EVIDENTEMENTE** está havendo excesso de interpretação de "Santa" e "Granada", epidemia que talvez seja mais grave que a do "Sempre em meu coração". Constitui, por certo, um sacrilégio essa ofensiva *estrepitosa* contra o indefeso ouvinte...

\*

## ALZIRO ZARUR

A carreira artística de Alziro Zarur, a jovem e festejada figura do rádio carioca, constitui uma vitória da inteligência à serviço da cultura. Espírito idealista e perseverante, sempre imprimiu aos seus programas radiofônicos um apreciável cunho educativo, numa linguagem simples mas cuidada.

Sua fecunda atividade se estende do jornalismo ao rádio, caracterizada sempre por elogiável espírito construtivo.

Alziro Zarur se recomenda ainda como locutor e intérprete insuperável de novelas policiais, tendo-se tornado popular na figura de Sherlock Holmes, a notável criação de Conan Doyle, cujas histórias de aventuras vêm sendo adaptadas, com sucesso, para o nosso rádio, numa reafirmação do crescente prestígio do mortal escritor inglês.



Alziro Zarur

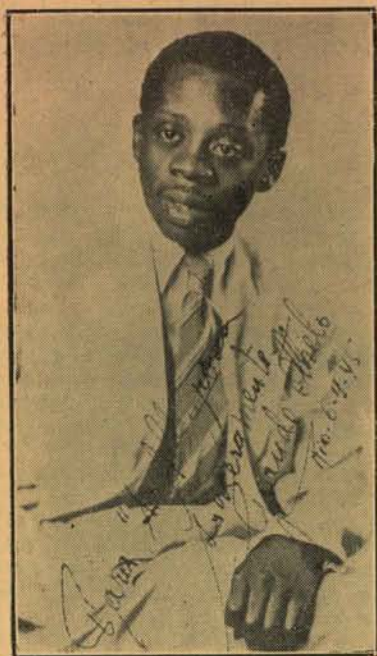


# RÁDIO Carioca

Eladir Porto, a festejada cantora da Rádio Nacional  
Carmélia Alves, a interessante sambista carioca  
Armando Louzada, o admirável radiador e radiator da  
Mayrink Veiga



Urbano Lóes e Manoel Barcelos,  
os dois queridos e magníficos lo-  
cutores da Rádio Globo.



Grande Otelo, êsse original artista negro que o Brasil possui, constitui exemplo de perseverança e idealismo. Todos conhecem, naturalmente, a sua história, que é a de todos os garotos pobres atirados à aventura das ruas turbilhonantes. Sobre o início da triunfal carreira artística dêsse negrinho notável há várias versões. Certo é, no entanto, que foi Jar-del Jercolis o seu descobridor. Viu-o a fazer macaquices na rua para a alegria gratuita dos transeuntes e, rápido, no seu faro artístico infalível, arrastou-o para o palco. E a sua estréia foi uma revelação.

Todos que o assistiram nas suas primeiras apresentações devem lembrar-se do absoluto sucesso daquele samba que Otelo dança com uma notável sambista: "No taboleiro da baiana", de Ari Barroso. Seu nome se impôs logo à admiração pública, e o Grande Otelo ficou com um cartaz que pôs água na boca de muitos medalhões.

Do palco, Otelo pulou para o rádio, que ampliou sua popularidade. Mais tarde, o cinema mostrou sua plasticidade expressional através de filmes em que a sua figura galata e humana se altejava em interpretações consagradas, malgrado a deficiência das filmagens...

"Moleque Tião" foi seu triunfo supremo no cinema nacional.



Vilma Leal Arnault, a insinuante cantora de música portenha da P. R. H. 6

# PANORAMA RADIOFÔNICO

RESPONDE À "ENQUETE" DE "ALTEROSA" ALAOR BRASIL,  
O FESTEJADO CANTOR DE MÚSICAS PORTENHAS

— QUANDO E COMO INICIOU A SUA CARREIRA RADIOFÔNICA ?

— Com o valioso auxílio de minha irmã Maria Cristina, até então considerada a melhor cantora de músicas argentinas do nosso rádio, iniciei minha carreira em outubro de 1939, por intermédio da "Escola de Rádio" da Inconfidência, conduzida por esse "homem dos 7 instrumentos" que é Elias Salomé. A partir desta data o bafêjo da sorte andou a me proteger e, então, meses depois, fui chamado a atuar no "cast" de "exclusivos" da Guarani e, mais tarde, no da Rádio Mineira, depois de ter pertencido ao da Inconfidência, onde novamente me encontro — satisfeito e feliz...

— QUE EMOÇÕES MARCARAM A SUA INICIAÇÃO ARTÍSTICA ?

— Minha maior e única emoção propriamente dita até hoje, foi deparar um microfone pela minha frente. E enquanto não me acostumei com ele, sempre senti emoções fortíssimas. Depois disso, não.

— CONTE-NOS ALGO INTERESSANTE DE SUA HISTÓRIA RADIOFÔNICA.

— Há episódios curiosos na minha carreira radiofônica. Mas se fosse relatar, pelo menos um, teria de abusar da liberdade com que ALTEROSA me proporciona este agradável prazer de voltar às suas páginas. Nesse caso seria um abuso. Prefiro, então, contar pessoalmente as várias peripécias de minha carreira. Se não for possível, quem sabe se mais tarde o será por meio de alguma publicação ?... Esperemos.

— QUAL O SEU GÊNERO DE MÚSICA PREFERIDO ?

— Naturalmente, as músicas nostálgicas dos Pampas. As lindas melodias portenhas que falam à alma da gente com a suavidade mística das divindades. O tango é o gê-

nero de música que mais aprecio, e, assim sendo... fica respondida a pergunta.

— QUAIS SÃO, ATRAVÉS DOS MÚLTIPLOS GÊNEROS ARTÍSTICOS, AS FIGURAS REPRESENTATIVAS DE RADIAUTORES, RADIADORES, CANTORES, HUMORISTAS E LOCUTORES DO NOSSO RÁDIO ?

— Esta pergunta é difícil de ser respondida, principalmente levando-se em consideração os colegas e amigos que militam em nosso "broadcasting". Todavia, não posso fugir à exceção. E para ser sincero, devo dizer que são, respectivamente: Paulo de Magalhães, Francisco Alves, Flávio de Alencar, Abílio Lessa, Vilma Leal Arnault, Carlos Frias, Orlando Pacheco e Januário de Oliveira.

— E O MELHOR PROGRAMA DE CALOUROS, SOB OS ASPECTOS ARTÍSTICO, RECREATIVO E MORAL ?

— Infelizmente o nosso rádio prima pela falta de originalidade, quando a sua verdadeira finalidade é esta, justamente. Sob os aspectos artístico, recreativo e moral acho que o seu fim ainda é deficientíssimo. Falta-nos elementos capazes de torná-lo, principalmente, moralizado. Nas estações de rádio pairam dúvidas amargas com relação aos ouvintes. E este mal parece sem solução. Necessário se torna que as nossas emissoras pensem melhor, pelos seus diretores, na verdadeira finalidade para que foi criado o rádio. Sem este ponto de partida, todos os esforços são infrutíferos. E um exemplo, apenas, consiste nos chamados programas de calouros, nos quais se vê a proliferação de um mal crescente. Por quê? Falta de cuidado e de orientação. Nada mais. Não há, ainda, o melhor programa. Todos são péssimos.

— E O MAIS COMPLETO ANIMADOR DE PROGRAMA DE AUDITÓRIO ?

— Seria incoerente se tentasse formular tal resposta. Com minha afirmativa à resposta da pergunta anterior, não me parece justo fazer citações, com referência ao nosso rádio. Todavia, para não ser de todo considerado pessimista, admito ser Orlando Pacheco um esforçado e Rômulo Paiz um entusiasta.

— QUE INOVAÇÃO SUGERE PARA O NOSSO RÁDIO ?

— Primeiramente, a moralização das emissoras nas pessoas de seus artistas, diretores, etc. — Depois, a organização de "casts" selecionados para os diversos setores ou departamentos de atividade. Finalmente, valorização do que é nosso, através de "testes" rigorosos. Finalmente, a oportunidade de conseguirmos este milagre do rádio, que é a gravação.

— QUAIS SERÃO AS SUAS FUTURAS REALIZAÇÕES ?

— A Deus compete, exclusivamente, o nosso futuro. Em suas mãos deposito o meu. Não tenho ambições, nem projetos. Apenas confiança em Deus.

— QUAL A SUA IMPRESSÃO SOBRE O RÁDIO COMO FATOR DE RECREAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA ?

— O rádio como fator de recreação, educação e cultura é o mais completo veículo de que a humanidade pode lançar mão para os diversos mistérios de sua atividade.

No setor recreativo avançou demasiado dando-nos a impressão de que quase todos os programas tendem mais para o divertimento dos ouvintes, que mesmo para a educação e cultura.

Sou de opinião que os três fatores deveriam fazer parte integrante de todos os programas, pois esta é a finalidade do rádio. Infelizmente, porém...



ALAOR BRASIL



## "Rapaz — é isso mesmo!", disse o mago de Menlo Park

**E**STAMOS em 1896, numa tarde quente de agosto. Em torno de uma mesa, em Long Island, sentam-se Thomas A. Edison e vários expoentes da indústria elétrica do país.

A conversa gira em torno da política, passando depois para negócios. Trava-se uma forte discussão sobre acumuladores elétricos para "carruagens sem cavalos". Alguém aponta o jovem Henry Ford, então Engenheiro-Chefe da Detroit Edison Company e diz: "Eis aí um homem que construiu um carro movido a gasolina!" Logo, Edison, com grande interesse, começa a fazer perguntas e a ouvir. "Como você consegue a explosão do gás no cilindro?

Por contacto ou por meio de faísca?"

No verso de um cardápio, Henry Ford esboça os detalhes de seu mecanismo. Edison, entusiasmado, dá um murro tão forte na mesa que até os copos tilintaram. "Rapaz, é isso mesmo! Persevere! Seu carro é auto-suficiente — carrega sua própria estação geradora — sem fogo, sem caldeira, sem fumaça e sem vapor. *Persevere!*"

Era este, precisamente, o estímulo de que Henry Ford mais necessitava. Foi algo que ele nunca mais esqueceu. E, no decorrer dos anos, perseverar tornou-se uma firme tradição da Ford Motor Company, que persiste ainda hoje, após a construção de mais de

30.000.000 de carros e caminhões da mais alta qualidade.

E é esta perseverança nas pesquisas, no planejamento e na produção que fez do nome Ford um sinônimo de beleza, conforto e economia.

Nos dias pacíficos da era que se inicia, os novos carros Ford, Mercury e Lincoln refletirão toda a tradicional perícia e espírito inventivo Ford. Suas linhas avançadas corresponderão à sua famosa liderança em qualidade. Eles serão, também, beneficiados pelas novas realizações no terreno dos materiais e da técnica, empreendidas enquanto Ford perseverava na fabricação das armas para a Vitória Total.

J. W. T.

**FORD MOTOR COMPANY**



# FESTA NUPCIAL



OS NOIVOS DIANTE DO ALTAR

DOIS jovens brasileiros aos quais o destino reservou berços de ouro, sem esquecer, todavia, de aquinhoá-los também com corações de diamantes, uniram suas existências em busca do ideal de todos os moços — a felicidade — apoiados pelos mais sublimes sentimentos gerados na força criadora do amor.

Ele se chama João Lage Filho. Ela, Filly Matarazzo. Ele com a personalidade e a figura varonil do homem que sabe mostrar o maior despreendimento pelos prazeres da vida, atendendo, com um sorriso nos lábios, ao chamamento da Pátria, deixando os palácios e o luxo para meter-se em uma farda de "pracinha" com que enfrentou valorosamente a metralha do inimigo, de fuzil nas mãos, irmanado com seus companheiros, ricos e pobres, em defesa da Liberdade nos vales martirizados da Itália.

Ela tem o encanto de uma flor de estufa. Foi cuidada com o carinho que um sábio jardineiro dedica à sua mais bela rosa. Cresceu no ambiente cálido da ternura. Estas são as criaturas que uniram suas vidas no Palácio de Marmore da Avenida Paulista, no grande Estado que é a forja de fortunas que tiveram suas nascentes no trabalho infatigável, na audácia e na decisão de homens que dão vida econômica a um país do qual eles foram os primeiros e mais dedicados proletários.



REUNIMOS nesta página três expressivos flagrantes da aristocrática festa social e artística que constituiu, pelo seu esplendor e significação, o maior acontecimento na sociedade brasileira nestes últimos tempos.

A fotografia acima focaliza um dos aspectos da chegada dos convidados, notando-se entre estes o Sr. e Sra. Eduardo Ramos.

A fotografia central é um lindo instantâneo do "Ballet", realizado durante a festa.

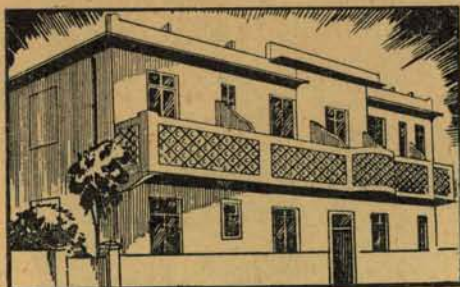
Na fotografia abaixo aparecem a Sra. Embaixador Alfonso Araujo, conde Francisco Matarazzo Junior e condessa Crespi.



# ★ HOTEL MARQUES ★

DE

EDGARD MARQUES SANTOS



FACHADA DO HOTEL MARQUES

RUA OLIVEIRA MAFRA, 223  
CAIXA POSTAL, 12  
TELEFONE 13

CAXAMBÚ  
SUL DE MINAS

PRÓXIMO AO PARQUE  
DAS ÁGUAS MINERAIS

## ESPIÃ

### CONCLUSÃO

arrebatar-lho das mãos. Houve uma luta entre ambos. Afinal, Dr. Neri apoderou-se da mensagem, e leu-a rapidamente. Dizia:

— Otto — Espere-me amanhã, às 18 horas, no local convencionado. Tenho revelações urgentes para Krause. — Mimi Bluetie.

Dr. Paulo empalideceu, por sua vez.

— Otto... Krause... Dois refinados patifes! Ambos alemães e suspeitos! Há muito que os procuro... E, agora, compreendo tudo, de um golpe. M. H. — Marta Herman! Ou seja, a mesma Mimi Bluetie! Espiã... Traindo a minha pátria!

E como não sopitasse o seu ódio — ódio que borbilhava na sua alma — alanceada por ela — dentro de si, falou mais alto o sentimento da honra e do dever patrióticos. A voz angustiada do amor fôra abafada por êle.

Marta parecia nada ouvir. Porque, inesperadamente, num gesto de comediantes perfeita, havia tombado sobre o fôfo divan, prêsas de um forte desmaio.

O jovem, sempre exaltado, vociferou:

— Miserável! Nunca me seria possível admitir que Maria Herman, a minha noiva, não passasse de uma infame espiã. Mas, agora, já não sairás livre daqui! Vou entregar-te à polícia!

E correu ao telefone, para tomar a indispensável providência.

Mas assim que o chefe da contra-espionagem pôs o fone ao ouvido, sem mesmo prever o que seria justo esperar de uma mulher de tal classe, isto é, a perigosa Mimi Bluetie, Dr. Paulo soltou um grito abafado, e caiu, banhado em sangue, sobre o assoalho.

Marta o apunhalara, covardemente, pelas costas.

Pé ante pé, em seguida, evitando ruído, tomou da bolsa que estava em cima de uma cadeira; recompôs o vestido, ajeitou os cabelos, e raspou-se pela escada do edifício.

Suspeitando, porém, de suas atitudes, — em baixo, um inquilino a deteve, no momento em que ela fugia para a rua.

Foi por isso que, naquela tarde, de uma

terça-feira de abril, quando o juiz começou a ler a sentença, pela qual Marta Herman, dentro de dois meses, seria executada, — houve um silêncio dramático na sala do Tribunal.

Terminada a leitura, os assistentes, que se retiravam, sob forte emoção, só tinham expressões de ódio contra a ré.

Dois guardas aproximaram-se dela. E, levando-a, a conduziram para fóra da sala.

À saída, duas senhoras, de aparência distinta, desfaziam-se em pranto.

Um curioso qualquer perguntou a um funcionário da casa:

— Quem é aquela senhora alourada que chora tanto?

O homem respondeu indiferente:

— A mãe da espiã...

— E a outra?

— A mãe do Dr. Paulo Neri...

## O VELHO CARVALHO

### CONCLUSÃO

zer à vista. E' a outra, a beleza espiritual, a que perdura. Isto você soube aprender e eu aprendi ao seu lado. Pobre Eva! Ela nunca o compreenderá!...

Marta, assombrada pelo que ouvia, olhou seu espôso; e como se em seu olhar houvesse uma pergunta, êle acrescentou:

— Sim, Marta querida. Há muito tempo eu descobri esta verdade. Foi um dia aqui; o dia da minha chegada. E hoje, depois de tantos anos, ao voltar a ver Eva, tive a plena confirmação de que essa é a única verdade preciosa, durável.

Houve outro longo silêncio. Depois João levantou-se, aproximou-se de sua espôsa, e tomou-a nos braços, e disse uma única palavra:

— Marta...

Foi tudo. E ela não necessitou mais para compreender e permanecer satisfeita, feliz, e para que suas dúvidas e temores se dissipassem. Eva havia vindo buscar João.

Êle partiria para Londres, mas não por ela, senão porque ansiava por sua consagração artística. Por muito tempo que seu espôso permanecesse longe, Marta não se inquietaria. Porque agora ela estava segura do seu amor, que nascera na compreensão das verdades e das belezas eternas.



*...e chegar  
a Paris*  
**HERMES**  
BABY

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO: *Francisco Longo* R. CARIJOS, 226  
BELO HORIZONTE

## SÊDE

### CONCLUSÃO

odiosamente. Era visível o esforço que Perroquet fazia para se dominar.

— Pensa bem, Perroquet — disse o médico com seu modo afável. Por que havemos de disputar? Somos dois homens razoáveis. Ainda poderemos triunfar. E, agora, a água será repartida somente entre nós dois...

— E' verdade — reconheceu Perroquet. Herdamos a parte de Fenairon. Bela idéia! Mas quero agora mesmo o meu quinhão!

Dubosc, sabendo que nada ganharia em discutir, aproximou-se d'ele e lhe pôs amistosamente a mão no ombro.

— Já que insistes, vou reparti-la — declarou.

Sem largar a garrafa e fitando sempre os olhos do solteador, enfiou a mão ágil no alforje e d'ele retirou o cálice. Encheu-o rapidamente e, em seguida, entregou-o ao bandido. Depois, quando Perroquet acabou de beber, tornou a enchê-lo uma vez mais e outra mais, e outra mais...

— Quatro... cinco... — contou. Basta!

Mas a manípula de Perroquet lhe aprisionou firmemente o pulso

— Não; não basta! Quero beber tudo! Finalmente a tenho!

Era inútil lutar. Por isso, Dubosc se limitou a sorrir, com aquêl seu indefectível sorriso... Perroquet apossou-se da garrafa.

— O mais sabido triunfa sempre — exclamou. Estás vendo? O mais...

Seus lábios continuaram movendo-se mas não

emitiram som algum. Cambaleou por alguns instantes e se estatelou sobre a prancha.

— Sim: quem triunfa é sempre o mais sabido!...

— confirmou Dubosc.

E, pondo-se a rir, levou aos lábios a garrafa que arrebatara das mãos de Perroquet.

— O mais sabido! — gritou-lhe uma voz nos ouvidos.

Fenairon, arrastando-se, aproximara-se d'ele. Levantara-se com dificuldade e, enquanto falava, cravara a faca profundamente nas costas do médico. A garrafa rolou; e, enquanto os dois homens agonizantes tentavam alcançá-la, o precioso líquido, pouco a pouco, se derramou inteiramente.

\*

Meia hora mais tarde, daquela jangada perdida no mar, partiu uma canção cheia de selvagem harmonia. O negro cantava, sem emoção, sem preocupações.

Era como se estivesse na porta de sua cabana, onde, à noite, êle costumava cantar para matar o tempo. Cantava, com as pernas cruzadas, as mãos nos joelhos e o olhar perdido no vácuo. Içara a vela e guiava a balsa para a terra com a sua carga funebre. Sob o esplendor do sol, o canto lhe trouxe sêde. Estendeu a mão e apanhou um canudo. Depois, deitando-se de boca para baixo, em seu posto habitual, perto do leme, espetou o canudo, profundamente numa das bexigas... E bebeu, sôfregamente, uma água límpida, fresca e puríssima...

\*

## O HINO NACIONAL AUSTRIACO

O GRANDE Haydn, nascido perto de Viena, em 1732, e morto nessa cidade, aos 31 de maio de 1799, compôs a música do hino austriaco, em casa do seu protetor, o príncipe de Esterhazy, no castelo de Eneustade, quando tinha apenas 15 anos.



## "52 Lições de Catecismo Espirita"

— ELISEU RIGONATTI —

UMA LIÇÃO DE ESPIRITISMO - EVANGÉLICO PARA CADA DOMINGO

\*

ELEGANTE VOLUME CARTONADO, COM 120 PÁGINAS — Cr\$ 8,00

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS OU PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL À

LIVRARIA EDITORA LIALTO LTDA.

RUA ARAGUAIA, 65 - CAIXA POSTAL 696 - SÃO PAULO

TRIANGULO

## Dedução e intuição

**A** s escritas chamadas dedutivas são as mais comuns. Realizada a análise grafológica, costumamos encontrar espíritos altamente dotados de observação, de memória e de comparação.

É certo que, para deduzir, tem o espírito necessidade de ordem, método, raciocínio e lógica. A escrita dedutiva apresentará, pois, além do aspecto geral harmonioso todos os caracteres da ordem intelectual.

Dêsse modo, será a grafia dedutiva, de altura mais ou menos igual. A curva predominará e o seu tamanho será sempre médio; nunca alto. As letras serão fatalmente ligadas entre si, e o d minúsculo ligado à letra seguinte. A pontuação será sempre regular. As hastes inferiores serão sóbrias; as superiores, curtas. As maiúsculas serão feitas de um só traço. Algumas delas imitarão os algarismos. Uma escrita dêsse tipo, dá-nos um espírito de alto valor e uma inteligência perfeitamente ponderada e sintética.

A intuição é a faculdade inversa da dedução. Só não a podemos chamar oposta porque uma se apoia sobre a outra, oferecendo, pela sua aliança, um extraordinário poder ao espírito.

A intuição permite ao homem partir do desconhecido ao provável, além de descobrir a causa de um resultado, de perceber a origem das coisas, de prever, de adivinhar, de pressentir.

Em grafologia, é esta faculdade do espírito caracterizada pela juxtaposição das letras.

As ligações não existem de uma a outra minúscula. E a própria letra é, às vezes, composta de traços sem ligações.

Esta forma de escrita mostra sempre um pensador, um ser, cuja atividade intelectual é intensa.

Se esses sinais forem levados ao excesso não haverá realização, porque o seu autor nada possuirá no domínio prático.

Nessa escrita faltará sempre o ornato. Os pensadores, mesmo os menos equilibrados, são sempre simples.

Intuitivas são quase todas as grafias orientais.

## CORRESPONDÊNCIA

**Lirio dos Vales** — Caravelas — Bahia — Humor desigual, temperamento variável, pouco controle emocional. Entusiasmo, desejo de vencer e triunfar na vida.

Afetuosidade, sentimentalismo e alguma credulidade. Distração, prodigalidade e idealismo.

**Jane** — Alfenas — Minas — Elegância e sobriedade. Ponderação, sentimentos poéticos, muita ordem, calma e um pouquinho de vaidade. Cultura intelectual em grau apreciável, boa inteligência e ótimo caráter. Coração generoso, facilidade em perdoar as ofensas, expansividade e, às vezes, alguma indiscreção. Vontade desigual e hesitante.

**Tinho** — Esmeraldas — Minas — Temperamento autoritário, hábito do mando, teimosia, alguma vaidade. Tino comercial, desconfiança e energia na vontade.

Boa inteligência, capacidade afetiva e senso prático. Gostos estéticos. Facilidade para o desenho. Imaginação e alegria de viver.

**Mária Lúcia** — São Paulo — Capital — Ótima inteligência, docura, sensibilidade, afetuosidade e bondade. Ausência de egoísmo, reserva, modéstia e simplicidade. Gostos literários,

franqueza e lealdade. Generosidade, atividade, prudência e predominância dos sentimentos morais. Vontade lenta e refletida. Coração aberto à bondade.

**Selo Cinzento** — Capital — Boa inteligência, espírito de ordem, método e disciplina. Vontade equilibrada, sentimento de ritmo e notada bondade. Reserva, discrição, dissimulação e alguma desconfiança.

**Ariana** — Capital — Idealismo exagerado, hipersensibilidade, sentimentalismo, romantismo e ciúme. Emotividade, alguma ingenuidade e timidez. Caráter pouco empreendedor, inquieto e pessimista. Polidez, finura no trato e tendência a modificações.

**Verônica** — Minas — Letra de pessoa impulsiva, impaciente, suscetível

e seca de coração. Espírito contraditório, expansividade, fantasia e falta de docura e ponderação. Vaidade, orgulho e excessivo amor próprio.

**Decidido** — Morro das Pedras — Santo Antônio do Monte — Grafia de grandes dimensões, reveladora de vaidade, desejo de ser notada e preoocupação de originalidade. Traços de superexcitação nervosa, impaciência, falta de calma e imaginação ardente. Audácia, atividade e fantasia desregulada. Gostos musicais, sentimento da beleza, instintos pródigos, iniciativa e coragem.

**Indiana** — Campo Grande — Mato Grosso — Letra muito caligráfica, onde se pode apreciar pouco das qualidades psíquicas do seu autor. Sente-se a presença de muito sentimento artístico, gosto das artes plásticas, espírito de método e ordem, boa observação e idealismo excessivo.

As curvas bem traçadas mostram o hábito dos exercícios caligráficos que vieram mascara-la, prejudicando-lhe o perfil grafológico.

**Caliope** — Juiz de Fora — Minas — Tipo de letra revelador de algum desequilíbrio psíquico e falta de controle nervoso. A inteligência, que é boa, carece de orientação para resultados satisfatórios. A vontade é frágil e desigual. As crises de tristeza, desânimo e melancolia são frequentes. Notam-se traços de egoísmo e excessivo amor próprio.

**Kidas** — Ouro Preto — Minas — Grafismo do tipo dedutivo, reveladora de lógica, raciocínio e gostos matemáticos. Capacidade de abstração, cultura intelectual bem iniciada, senso artístico e sentimento de ritmo. Equilíbrio nervoso, vontade igual, reserva e discrição. Embora espírito ainda sem formação, já possui uma personalidade marcada.

**Montenegro** — Pirapora — Minas — Letra de pessoa dotada de pronunciado gosto artístico e notado senso da forma. Capacidade intelectual admirável, inteligência viva, bondade natural, independência de caráter, sinceridade e alegria. Saúde bem equilibrada, vontade poderosa, ironia e senso crítico. Gostos finos e poéticos.

**Bernadete** — Capital — Equilíbrio nervoso, pouca originalidade nas idéias, gostos matemáticos. Sentimento do valor pessoal, algum orgulho e amor próprio. Tipo de inteligência dedutiva, dotada de lógica e raciocínio. É pessoa mais ou menos presa aos preconceitos sociais e religiosos, com tendência à rotina e amor à tradição. Reserva e dissimulação.

**Verior** — Itajubá — Minas — Descontentamento da sua posição, nervosismo, parcimônia e positivismo. Vivacidade, imaginação e vontade tenaz. Crises de desânimo e tristeza. Caráter combativo e pessimista. Inquietação, necessidade de movimento e aptidão comercial.

**Mac** — Guaratinguetá — São Paulo — Simplicidade, modéstia e falta de senso econômico. Gostos distintos, iniciativa e coragem. Cultura intelectual apreciável, inteligência equilibrada. Traços de cólera e suscetibili-

## FE'BO - SECÇÃO GRAFOLO'GICA

Junto a esta mais de 20 linhas, à tinta e em papel sem pauta, para que V. S. faça o meu perfil grafológico pela revista ALTEROSA.

NOME \_\_\_\_\_  
PSEUDÔNIMO \_\_\_\_\_  
CIDADE \_\_\_\_\_  
ESTADO \_\_\_\_\_

dade. Caráter nítido e bem formado. Impaciência, pressa, reserva e discrição.

**Tristeza — Pedra Azul — Minas** — Doçura, sensibilidade, bondade, reserva e devotamento refletido. Franqueza, lealdade e controle emocional. Vontade forte e bem orientada. Inteligência clara, capacidade de estudo, independência de caráter, atenção e prudência. Igualdade de humor, inmutabilidade nos princípios e nas convicções.

**Aljomeice — Capital** — Instintos parcimoniosos, simplicidade, falta de distinção, apatia e inquietação. Temperamento sentimental, ciúme e alguma ambição. Vontade frágil, bondade natural, idéias vulgares.

**Claudia — Formiga — Minas** — Nervosismo, caráter irritável, variável e combativo. Vulgaridade nas idéias, ausência de idealismo, vontade frágil, capricho e fantasia.

**Fazendeira — Barra do Pirai — Estado do Rio** — Vontade firme, iniciativa, coragem, independência de caráter, inquietação e gosto das viagens. Sensibilidade artística, especialmente musical. Alguma teimosia, variedade de humor e idealismo exagerado.

**Rosemarie — Capital** — Temperamento autoritário, violento e impulsivo. Traços de egoísmo, vaidade, indiscrição e orgulho. Crises de desânimo e melancolia. Desejo de aparecer e produzir efeito. Gostos artísticos, independência de caráter, desconfiança e teimosia.

**Formiga — Goiás** — Grato pela referência altamente elogiosa que faz a esta seção.

Letra reveladora de sensibilidade e afetuosidade extremas. Traços de ciúme, impaciência, impulsividade e orgulho. Gosto da música e das letras. Habilidade manual. Senso crítico, inteligência poderosa e vaidade pessoal intensa.

**Valéria Volet — Botucatu — S. Paulo** — Fantasia, sensibilidade apurada, capacidade de observação, inteligência esclarecida. Bondade natural, amor da controvérsia, vaidade, orgulho e amor próprio.

E' pessoa minuciosa, prudente e econômica do seu tempo e do seu dinheiro.

**Bess — Capital** — Letra excessivamente caligráfica, onde a custo pode-se perceber um ou outro traço original. Sinais de ordem, método, vontade hesitante, boa educação, vaidade e orgulho. Discreção, hesitação e ... nada mais se vê.

**K. Valo — Campos do Jordão — S. Paulo** — O conjunto dos seus traços gráficos revela orgulho, vaidade e gostos aristocráticos. E' pessoa que sabe elevar-se e distinguir-se, para conseguir um lugar de real destaque. Ama o conforto, o luxo, a vida fastuosa e as maneiras elegantes e distintas. Franqueza, lealdade e nobreza de sentimentos. Inteligência superior, grande capacidade artística e pronunciado sentimento do ritmo.

**Esperantista — Distrito Federal** — Traços de egocentrismo, vaidade e teimosia. Espírito de análise, vontade desigual, capacidade de trabalho. Saúde precária. Crises de nervosismo, desânimo e melancolia. Inteligência dedutiva. Idealismo exagerado. Agitação, algum desequilíbrio psíquico e instintos parcimoniosos.

**Sandra — Sete Lagoas — Minas** — Inteligência superior, cérebro poderoso, idéias largas e altas, julgamento sã. Predominância dos sentimentos morais, constância e perseverança.



**NÓS TAMBÉM USAMOS ATLAS**

Os dentes devem ser tratados desde a infância, para que se conservem. O Creme Dental Atlas tem alto poder bactericida por ser o único que contém Sulfanilamida.

**LABORATÓRIOS ATLAS**

DISTRIBUIDOR EM BELO HORIZONTE  
**ARTUR DOS SANTOS COELHO — AV. DOS ANDRADAS, 300 (térreo)**

Caráter imutável. Vontade forte, firme e conciliadora. Generosidade, atividade, franqueza, lealdade e sentimentos estéticos.

**Rei — Distrito Federal** — Modos afáveis e polidos. Imaginação entusiasta, espírito refletido, vivo e ativo. Vontade forte, desigual e, algumas vezes absoluta. Prudência, atenção, minúcia, reserva pouco comunicativa. Caráter suscetível, colérico e vingativo. Temperamento quase passional, emotivo e ciumento. Desconfiança e vaidade de nome.

**Suzana — Sete Lagoas — Minas** — Simplicidade, modéstia e bondade. Espírito acomodativo, receando sempre molestar alguém. Traços de algum egoísmo, reserva, desconfiança e discreção. Equilíbrio nervoso, controle emocional, vontade regular e inteligência normal.

**Apolo — Itajubá — Minas** — Ótima inteligência que merecia melhor cultivo. Temperamento passional ciumento e exclusivista em amor. Imaginação, hipersensibilidade, superatividade e crítica parcial. Saúde um tanto frágil, embora aparente o contrário. Traços de timidez, falta de confiança nos próprios méritos, irritabilidade e cansaço mental.

**Sumidade — Sete Lagoas — Minas** — Boa inteligência, muita fantasia, expansividade e vontade desigual. Crises de desânimo, tristeza e melancolia.

✱

**Asma, bronquite asmática e tosse rebelde**

**ASMAX**

Em todas as farmácias e drogarias

LAB. ASMAX, LTDA. - POÇOS DE CALDAS

colia. Temperamento sentimental normal, equilíbrio psíquico, gostos requintados, continuidade nas idéias. Natureza ativa, perseverante e amável.

**Colibri — Paracatu — Minas** — Letra de pessoa dissimulada, autoritária, desconfiada e algo egoísta. Traços de reflexão, vontade obstinada, positivismo, firmeza de ânimo e cálculo. Caráter independente, inteligência normal, força interior, alguma ironia. Dedutividade e pouco espírito de ordem.

**Salapoi — Capital** — Imaginação poética, inteligência superior, alma formada de brevidade e concisão. Disciplina mental, força de vontade, imaginação e intuição. Boa cultura, refreado controle das emoções, simplicidade, discreção e bom gosto. Correção sem afetação, afabilidade, cortesia pessoal, iniciativa, ordem e método. Sentimento de ritmo, prodigalidade, bondade natural, facilidade em perdoar as ofensas. Lógica e precisão nas idéias. Gosto da forma.

**Adelina — Capital** — Notam-se traços melhorados na sua grafia. O resultado foi ótimo. Aprimore os seus dotes intelectuais e volte depois à consulta.

**Idealista — Capital** — Educação da vontade, controle emocional, ambição construtiva. Inteligência acima do normal, notado espírito de ordem, disciplina e método. Caráter irascível e suscetível. Expressão nítida; às vezes, irônica. Gostos finos e poéticos, calma e equilíbrio harmonioso do cérebro e do coração. Alguma vaidade, dedutividade, raciocínio e lógica.

Observação, senso da profundidade, facilidade em discorrer sobre qualquer assunto que lhe fôr apresentado. Se não é jornalista, poderia com brilhantismo, abraçar a profissão. Possui facilidade de expressão, clareza nas idéias e abundância de coação. Ama as situações definidas.

# ELSAT

Para  
AUTOMOVEIS  
CAMINHÕES  
ÔNIBUS

ACUMULADORES  
ELÉTRICOS  
PARA TODOS OS FINS  
PRODUTO



DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

## RADIO SATURNIA

Para radio e luz, em  
fazendas, sítios, etc.

Modo 6 volts

Alta Amperagem

TEMOS UM TIPO ESPECIAL DE

BATERIA PARA CADA FIM.

RUA CURITIBA, 631  
TELEFONE - 2-7560  
CAIXA POSTAL, 580

# SEIMI

TELEGRAMAS "SEIMI"  
BELO HORIZONTE  
M. GERAIS - BRASIL

SOC. ELETRO IMPORTADORA MINEIRA LTDA.

## POETAS E PROSADORES

### CONCLUSÃO

mulheres o vêm sagrando como um dos poetas de sua preferência. E quem é o poeta, por mais aristocrata que seja, por mais desdenhoso que seja, que não deseje, não ambicione a predileção das mulheres? Podem estar certos: — o que elas aplaudem tem uma vida perene e é mesmo uma fonte de vida.

Bastos Portela é um poeta sensível, delicado, psicológico e comunicativo. A sua linguagem não revê artifício, e o seu verso tem a música natural.

Como homem, é um sujeito democrata, bom, entusiasta e sempre dado a atos de amizade e confraternização.

Pomos hoje o seu ligeiro perfil nesta secção como prova de justiça e de gratidão pelo auxílio que nos tem dado na ALTEROSA, em que colabora com êxito e com prazer de seus leitores. Ele escreve, e é lido. Ele canta e a sua voz tem ressonância nos corações sensíveis.

## LIVROS NOVOS

### CONCLUSÃO

O PODER — *Guglielmo Ferrero* — Edições Pongetti.

É mais um interessante trabalho editado pela Coleção "Pensamento e Vida", da Pongetti. O grande historiador e filósofo italiano, falecido não há muito tempo no exílio, trata dos fundamentos e da força motivadora do governo durante os últimos séculos, apresentando novas provas em apoio da teoria da legitimidade do governo e mostrando os vários fatores revolucionários que influíram para a deflagração da segunda Guerra Mundial.

PÁGINAS SELETAS — *Ernest Renan* — Edições Pongetti.

Traduzidas, coligidas e comentadas por Elói Pontes, acaba de aparecer mais este precioso volume da coleção "As 100 obras primas da Literatura Universal", da Pongetti.

DO AMOR — *Stendhal* — Edições Pongetti.

Em terceira edição, revista, acaba de ser pôsto à venda mais este volume da coleção "As 100 obras primas da Literatura Universal", em que vamos encontrar as principais obras do grande romancista francês, em tradução de Marques Rebelo e Corrêa de Sá.

O SOLITÁRIO DA CASA BRANCA — *Antônio Carlos Machado* — Edições Pongetti.

Magistral estudo da vida, da obra e da época de Apolinário Pôrto Alegre, feito na conferência do autor realizada na sede da Federação Das Academias de Letras do Brasil e acrescentadas de numerosas notas aditivas.

O ESPÍRITO DE REFORMA — *Ademar Vidal* — Livraria José Olímpio Editora.

Enfeixando num volume

nove conferências realizadas em faculdades de Direito e instituições culturais do país, o autor realizou um autêntico e valioso estudo sobre as questões político-sociais do momento, comparando a situação do nosso país às de outros povos civilizados. E' sem dúvida um livro que merece ser lido.

A INTRUSA — *Henry Bellamann* — Livraria José Olímpio Editora.

Continuando o sucesso da consagrada coleção "Fogos Cruzados", aí está o romance de Henry Bellamann, que se revela notável analista da alma humana através de uma história fértil de situações vivas e apaixonantes, trazendo o leitor preso à sugestão do romance desde o seu início.

OS TRÊS NOIVOS DE SUZETE — *Mariel* — Edições Pongetti.

Com esta deliciosa novela de Mariel, a Pongetti inicia a sua Coleção Mademoiselle, composta de livros selecionados para as nossas jovens. Excelente entrecho capaz de prender a atenção e proporcionar horas de sábia recreação espiritual.

TRÊS RUSSOS — *Máximo Gorki* — Edições Pongetti.

Na excelente coleção "Pensamento e Vida", na qual a editora Pongetti nos tem dado excelentes livros, acaba de aparecer essa admirável obra de Gorki sobre os seus não menores contemporâneos: Tolstói, Andréiev e Tchecov.

ESPLENDORES E MISÉRIAS DAS CORTESAS — *Balzac* — Edições Pongetti.

Em magnífica tradução

de Aurélio Domingues, a Pongetti vem de editar essa soberba obra de Honoré de Balzac, integrante de sua imortal "Comédia Humana", cujos volumes, como é sabido, podem ser lidos separadamente sem prejuízo do conjunto.

A SABEDORIA DA CHINA E DA ÍNDIA — *Lin Yutang* — Edições Pongetti.

Lin Yutang oferece ao Ocidente nessa volumosa obra de mil páginas, a mais completa antologia da literatura clássica e das teorias filosóficas, dos moralistas e escritores que anteciparam as doutrinas de Sócrates e Aristóteles. Ai estão traduzidos pelo grande pensador chinês, filho de uma dessas gloriosas regiões, o que há de mais expressivo nos livros do Hinduísmo, do Budismo, do Confucismo e do Taoísmo. E a secular e profunda experiência humana neles contida, é sempre jovem e nova.

A tradução dessa grande obra foi confiada a um selecionado grupo de prosadores e poetas, que produziram obra à altura do original.

DO CRETINO AO GÊNIO — *Serge Voronoff* — Edições Pongetti.

Neste livro, o dr. Voronoff, que teve o seu nome em grande evidência pelas suas sensacionais experiências de rejuvenescimento pelo enxerto de glândulas de macaco, analisa os métodos de trabalho dos escritores, compositores e sábios, e descreve os meios de que se utilizaram alguns, para estimular artificialmente o seu espírito, tudo num estilo muito corrente, entremeado de curiosas anedotas atribuídas a gênios famosos na arte, na literatura e na ciência.

## "ALTEROSA"

NO RIO E SÃO PAULO

Esta revista é encontrada à venda, a partir do dia 5 de cada mês, nas seguintes bancas e pontos de venda avulsos no Rio de Janeiro: Galeria Cruzeiro; Livraria Freitas Bastos; Casa Vani; Estação D. Pedro II; Estação das Barcas; Estação da Leopoldina; Largo de São Francisco, esquina de Andradas; Praça Floriano, em frente ao Cinema Império; Casa Vitória; Hotel Serrador; Edifício Esplanada; ponto dos bondes de Santa Teresa; Livraria Vitor e nas principais bancas de Copacabana.

Em São Paulo, com os distribuidores gerais, Agência Siciliano, e nas principais bancas do centro.

A água pode olhar o sol porque tem nos olhos um véu semitransparente que impede o deslumbramento.

\*

## TROVAS



ALTEROSA publicou, na sua edição de agosto, comemorativa do seu sexto aniversário, uma crônica do sr. João Serrano, na qual este nosso colaborador, focalizando alguns troveiros da nossa poesia, transcreveu uma trova considerada desde há muito como de autor anônimo.

A propósito da referida trova, escreve-nos o Cônego João de Deus, de João Pessoa, Paraíba do Norte, a interessante carta que temos o prazer de transcrever e cujos termos constituem oportuna revelação sobre a autoria dessa jóia poética inúmeras vezes citado por poetas e prosadores como manifestação anônima da alma popular...

"À Ilustrada Redação de ALTEROSA

Tive o prazer de ler a vossa revista ALTEROSA, que um amigo me emprestou. E foi o n.º 64 do mês de agosto do corrente ano.

Entre outros trabalhos deparou-se-me o de autoria do sr. João Serrano, sobre a trova. Nessa página encontrei os retratos de Djalma Andrade, Lindouro Gomes e Nilo Aparecida Pinto.

Entre as diversas quadras citadas pelo autor encontrei a belíssima quadra que ele diz ser de autor anônimo.

Tenho a satisfação de dizer que a referida quadra é de autoria do grande poeta paraibano, Dr. Américo Falcão, nascido na linda praia de Lucena deste Estado.

Sinto muito não poder enviar a essa ilustrada Redação o livro do poeta, intitulado "Soluços de Realejo", onde se encontra a quadra citada pelo sr. João Serrano, como também outras de igual valor poético.

Reproduzo aqui a quadra como a compôs o poeta:

Não há tristeza no mundo  
Que se compare à tristeza  
Dos olhos de um moribundo  
Fitando uma vela acêsa.

Fica ao meu cuidado procurar o Soluços de Realejo, e logo que o encontrar o enviarei para que os distintos poetas que ilustram não somente essa revista como também a terra das Montanhas, possam admirar o meu caro poeta e amigo Américo Falcão.

Junto a esta despretenciosa carta mais algumas

## A Mulher de Paris e de Londres

PARIS — (H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento OKASA, à base de Hormônios frescos e vivos (extratos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade).

OKASA, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma a Londres e Paris, é importado agora diretamente de Londres. O tratamento OKASA é uma medicação de escolha, ultra racional e científica, conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada,

oferece o máximo de sucesso em todos os casos ligados a deficiências do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como: Frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente OKASA e se vencerá! Peça a fórmula drágeas "ouro" em todas as boas Drogarias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Representações Pac Ltda. — Rua Guarani, 164 — Belo Horizonte.

### INTERESSANTE CARTA DO CÔNEGO JOÃO DE DEUS, DE PARAIBA DO NORTE, SOBRE A AUTORIA DE UMA TROVA CONSIDERADA ANÔNIMA

quadras do imortal poeta paraibano, que é irmão espiritual dos poetas de vossa terra abençoada. Aí vão mais umas quadras do poeta:

No mundo a ventura é pouca.  
Onde o prazer? Onde a calma?  
O riso é o pano de boca  
Dos dramas pungentes d'alma.

Que a mágua meus versos tisne...  
O poeta... (um sonho talvez...)  
Devia ser como o cisne  
Cantar somente uma vez.

Às vezes, (Tristeza louca!)  
O som maguado e dolente  
Dum realejo de boca  
Desperta saudade à gente.

Saudade, o gonzo da porta  
Que se abre gemendo em vão,  
Para uma pessoa morta  
Que vai passar no caixão.

Às vezes, quando adoço,  
Pensando que vou morrer,  
Viro o pezar pelo avêso  
E dêle faço o prazer.

Senhora, meus lindos sonhos  
Na altura imensa florescem,  
Felizes, castos, risonhos,  
E à terra ingrata não descem.

Meus sonhos, longe da terra  
Zombam da voz do escarcéu,  
São como as flores da serra  
Que estão mais perto do céu.

Fui amigo íntimo do Américo Falcão, que bem merece um lugar de destaque no meio dos poetas brasileiros.

Peço desculpas do meu atrevimento em escrever e enviar a essa ilustrada Redação essas quadras mimosas do meu pranteado amigo, que há três anos desapareceu do nosso meio literário, quando a morte o levou para o Além".



*Enlaces*



● Ao alto, à esquerda: Sr. Radamés Provenzano e Sta. Leonor Bonfioli, desta Capital.

● Ao alto, à direita: Sr. Manoel Tassara e Sta. Elí do Carmo Righi, desta Capital.

● Ao lado: Sr. Diogo Afonso Munhoz e Sta. Aurora Martinez, desta Capital.

- O telefone pesava-me como  
um **TIJOLO...**



**...porém, essa extrema debilidade foi vencida fazendo  
uso, às refeições, do Vinho Reconstituente Silva Araujo!**

É possível... Às vezes, o organismo atinge a tal estado de depauperamento que até um objeto de uso no trabalho parece tão pesado como chumbo... De onde vem essa fraqueza, isso é que é preciso averiguar. Se ela provém de sangue pobre, fraco, desnutrido, é necessário um cuidado excepcional, pois assim é que se abrem ameaçadores caminhos. Conheça Vinho Reconstituente Silva Araujo. É uma poderosa combinação de cálcio, fósforo, quina e peptona, recomendada pelos nossos mais eminentes facultativos porque proporciona um reajustamento geral de energias e traz nova vitalidade ao organismo debilitado Use-o durante dois meses e assim poderá se beneficiar com seus esplêndidos resultados, reconquistando plena saúde e vitalidade.



★★★★★  
Um dos eminentes  
médicos brasileiros - o professor  
Pinheiro Guimarães - que testemunha dizendo:

"Há mais de 50  
anos prescrevo o

★ Vinho Reconstituente Silva Araujo  
★ à convalescentes, debilitados, esgotados, enfim a todos que requerem  
★ a pronta restauração das forças".  
★ De fato Vinho Reconstituente Silva  
★ Araujo é um poderoso tônico, não  
★ na opinião de uma, mas na de  
★ inúmeras grandes sumidades médicas brasileiras.

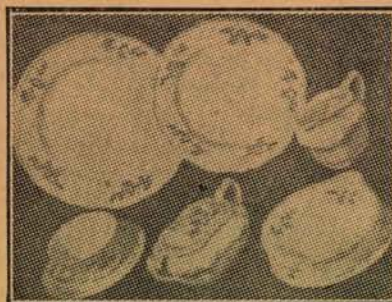
★★★★★★★★★★★★★

*Vinho Reconstituente* **SILVA ARAUJO**

— O TÔNICO QUE VALE SAÚDE!



J. W. T.



**LOUÇAS  
FINAS  
e  
PORCELANAS!**

**ARTIGOS  
PARA  
PRESENTES**

**ALUMÍNIO**

## CASA CAPICHABA

Rua Curitiba 506

\*

**FILIAL: Av. Afonso Pena, 315-321**

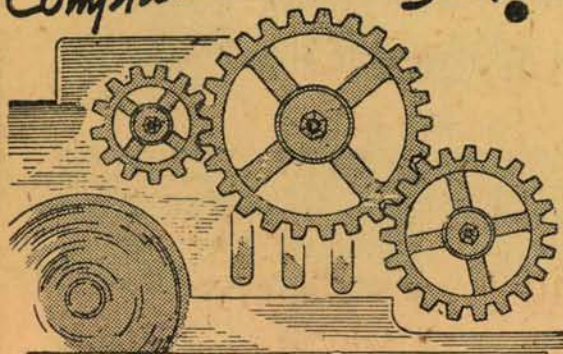
**Esq. Caetés, — Telef. 2-5631**

O maior tirano que escraviza a mulher e pelo qual ela tudo sacrifica sem queixar-se, é a Moda.

BERTHIER-DESCLUSE

\*

**TAL QUAL UMA  
Complicada Engrenagem!**



Assim como um dente da engrenagem que se parte, pôde paralisar toda a máquina, assim também o mau funcionamento de um só órgão — como os rins ou a bexiga — pode determinar o desarranjo completo de toda a nossa saúde.

**PILULAS DE LUSSEN**  
PARA OS RINS E A BEXIGA



**LABORATÓRIO OSÓRIO DE MORAIS**

• RUA MURIAE, 92-BELO HORIZONTE •

## MARLIÈRE

— CONTINUAÇÃO —

gerada reverência. Pouco depois soou um toque forte de sino, tão forte que era ouvido longe. Os pobres ou viajantes que passavam por aqueles lugares sabiam que era o sinal do almôço na fazenda de Marlière. E lá havia sempre uma mesa franqueada a todos os que dela quisessem servir-se.

O dono da casa sentou-se à cabeceira, tendo à direita "Folha Quebrada" e à esquerda, Orotinon. Depois de cada comida, o índio se levantava e executava uma dança, em silêncio. Era a sua maneira de agradecer. Ha-Gem e Pocrane serviam a mesa. Mais de uma vez Ha-Gem derrubou os pratos, tão distraído estava, olhando para a índia. Depois do almôço, Marlière, que percebera o que se passava com seu filho adotivo, disse-lhe piscando os olhos:

— "Essa moça daria uma ótima nora para mim. Você o que acha?"

— "É verdade, Icaú (pai). Mas agora é tarde. Ela vai casar-se amanhã com Ingir", disse Ha-Gem tristemente.

O resto do dia foi ocupado em passeios pelos arredores. Ao cair da noite, Orotinon e "Folha Quebrada" despediram-se e subiram o rio outra vez. Aquela noite apareceram visitantes na fazenda da Onça, e por duas vezes Marlière viu Ha-Gem surgir na sala, de rosto aflito, como se quisesse dizer-lhe alguma coisa. A presença de estranhos o intimidara, com certeza, pois se retirara, sem dizer nada. Tarde da noite, depois que as visitas se despediram, Marlière, com uma espécie de pressentimento, procurou Ha-Gem. Sua cama estava feita, e o quarto, vazio. Pocrane, que dormia ao lado, acordou com o ruído e nada soube explicar. Não vira Ha-Gem; notara, porém, que ele parecia triste e preocupado durante o jantar. Saíram para fora e viram que o cavalo d'ele não estava no curral.

— "Vamos procurá-lo, Pocrane. Só Deus sabe o que aconteceu ao meu querido filho."

Até alta madrugada os dois homens buscaram Ha-Gem, sem ter notícia alguma. Lá pelas dez horas, um cavaleiro, que vinha a galope, parou em frente à casa de Marlière. Era Anhangá, um índio puri. Estava tão aflito que mal podia falar. Emocionado, contou o seguinte:

— Levantara-se cedo para fazer uma pescaria no rio, quando passou uma grande piroga cheia de botocudos. Ia nela o perverso Ingir, acompanhado de oito índios, além de um homem e uma mulher, ambos com os braços atados. Reparando bem, reconheceu que o homem era seu companheiro Ha-Gem. A mulher era muito moça e parecia chorar.

— "Avisa ao Pai, Anhangá!" gritou Ha-Gem, ao vê-lo de longe.

Ingir, louco de raiva, acrescentou:

— "Vai, sujo talassú (porco do mato). Conta ao estrangeiro que o chefe botocudo saiu esta noite com seus amigos a pegar jacarés, e que Tupan dirigiu seus passos para uma encruzilhada, onde viu passar esse miserável puri, montado a cavalo e roubando-lhe a noiva, na véspera do casamento. Ingir não tem medo do estrangeiro, nem de Tupan! Kaa-jerre o vingará!"

Ao nome do Kaa-jerre, os índios empalideceram, horrorizados.

E o pobre Anhangá tremia, descrevendo a cena. Mal acabara de falar, chegou Orotinon a cavalo completamente desorientado com o desaparecimento da filha, o que só verificara pela manhã. Acompanhavam-no trinta índios Coroados, todos a cavalo.

— "Precisamos agir imediatamente!" exclamou.  
(Conclui na pág. 124)



Se por qualquer motivo  
êste animal desaparecer,  
seu proprietário receberá

*150,000 Gmzeiros*

Sim, porque está segurado na SATMA! O mesmo fazem inúmeros criadores, com os seus animais de maior valor. Imita esse exemplo, afim de preservar a sua fortuna e a continuidade dos seus rebanhos.

**A SATMA MANTÉM 9 CARTEIRAS DE SEGURO:**

Acidentes do Trabalho

Acidentes Pessoais

Incêndio

Transportes • Animais

Responsabilidade Civil

Fidelidade e Fiança

Aeronáutico

Automóveis

**SUL AMERICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES**

A MAIOR COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES DA AMERICA DO SUL  
RIO DE JANEIRO



J. W. T.



# NO MUNDO DOS ENIGMAS

Direção de POLIDORO

## TORNEIO ESPECIAL DE NOVEMBRO DE 1945

Dicionários: Silva Bastos; Simões da Fonseca, antigo; Seguiar; Fonseca e Roquete, os dois; Brasileiro, 2.ª e 4.ª edições; Japiassu, Ereviário e Lamenza.

\*

Prêmio: Um exemplar do Dicionário de Francisco Torrinha, que será entregue ao vencedor por Raul Silva, mediante sortelo, se houver mais de um concorrente. Prazo até 30 do corrente mês.

\*

CHARADAS NS. 1 a 4  
Com o CASCALHO que a "mulher" jogou, um enorme "peixe" ela matou. 2 — 4.  
Valério Vasco — Pará de Minas

Com a "planta" refletida, esta "MULHER" "planta" a vida. 2 — 1.  
Valério Vasco — Pará de Minas

Quem se INTRODUZ numa tribuna, ONDE está PESSOA IMPORTUNA? 3 — 1.  
José Sôlha Iglésias — Brumadinho.

"Mulher", "mulher", qual o SINAL que tem toda "planta" do mal? 2 — 2 — 2.  
Flora — Presidente Vargas

ANGULARES SILÁBICAS  
NS. 5 a 7  
Este jovem INDIGNADO,

é pela IDADE "MARCADO".  
Vico — Inimutaba

O BEATO, dr. Meira, tem "sabiá" na "palmeira".  
Vico — Inimutaba

Um LIBERTINO, sem CAUSA, na conversa EMPREGA pausa.  
José Sôlha Iglésias — Brumadinho

CASAIS NS. 8 e 9

O ROUBO em pequenos portes, não é mais que "PONTOS FORTES". 2  
Valério Vasco — Pará de Minas

O DIFÍCIL numa união, é saber escolher A MÃO. 3.  
José Sôlha Iglésias — Brumadinho.

SINCOPADA N. 10  
(Dedicada ao "Jota")

3 — Se eu cheirar um tal "ar-busto", VOMITO, logo sem custo — 2.  
Valério Vasco — Pará de Minas

ENIGMAS NS. 11 a 19

O "homem" com "letras" vem [dar,  
LEAMBA que há de travar.  
Raul Silva — Pará de Minas

Com a "planta" a "mulher" do [Alípio  
nos vem mostrar um bom  
"PRINCÍPIO"  
Raul Silva — Pará de Minas

Com "letra" a "mulher" diz:  
— sou bela e sou FELIZ.  
Raul Silva — Pará de Minas

Este "homem" traz no peito  
NOVO  
a ADMINISTRAÇÃO do seu povo.  
Raul Silva — Pará de Minas

(Ao "Panaça", agradecendo)  
A "letra" no "sobrenome"  
será BARVO que se come?  
Valério Vasco — Pará de Minas

(Aos confrades que não "mataram" a MANURA).  
Um "homem" com a "letra" [segura,  
o "lombo" da velha "Manura".  
Valério Vasco — Pará de Minas

"Mulher" com "letra" dá apêgo, em NASCENTE DE AGUA OU [REGO  
Panaça — Presidente Vargas

Este AIRO com a "letra" nos [vem,  
provocar FUROR por vintém.  
Vico — Inimutaba

Em ECONOMIZAR, MINHA d. [Glória,  
está o DESPERTAR de grande [vitória.  
José Solha Iglésias — Brumadinho.

PREMIOS — Ao de maio, concorrem: Jam (1 a 5); Jamil (6 a 10); Jairo (11 a 15); Jeca (16 a 20); Jota (21 a 25); Justo (26 a 30); Solha (31 a 35); Raul Silva (36 a 40); Valério Vasco (41 a 45); Vico (46 a 50); Filistéia (51 a 55); Anaxágoras (56 a 60); Caçador Paulista (61 a 65); Julião Riminot (66 a 70); Paco (71 a 75); Pele Vermelha (76 a 80); Raif Kurban (81 a 85); Raul Petrocelli (86 a 90); Moema (91 a 95) e Demorais (96 a 100). Desempate pela federal de 7 do corrente mês.

Ao de julho, concorrem: Jam (1 a 7); Jamil (8 a 14); Jairo (15 a 21); Jeca (22 a 28); Jota (29 a 35); Junius (36 a 42); Pa-

## SIMBÓLICO N. 20



RAUL SILVA — Pará de Minas

naça (43 a 49); Flora (50 a 57); Raul Silva (58 a 64); Valério Vasco (65 a 71); Vico (72 a 78); Solha (79 a 85); Justo (86 a 92); Filistéia (93 a 00). Desempate pela federal de 10 do corrente.

Ao de junho, concorrem: Jam (1 a 7); Jairo (8 a 14); Justo (15 a 21); Jota (22 a 28); Jeca (29 a 35); Filistéia (36 a 43); Jamil (44 a 50); Demorais (51 a 58); Valério Vasco (59 a 65); Raul Silva (66 a 72); Panaça (73 a 79); Flora (80 a 86); Solha (87 a 93); Vico (94 a 00). Desempate pela mineira de 9 do corrente mês.

RETIFICAÇÃO: O penúltimo verso do logogrifo n. 2, de Filistéia, publicado em outubro, é este: "Uma pergunta formal",

(Conclui na pag. 136)

## PALAVRAS CRUZADAS

1	2	3	4
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			

Altamir C. B.  
Farol-Maceió-AL

### CHAVES

Horizontais: 1 — nome de algumas plantas; 5 — sargo; 6 — panela de água; 7 — anís; 8 — R.O.N.A.; 9 — espaço celeste; 10 — espécie de abelha; 11 — entontecias.

Verticais: 1 — Planta da Serra da Estrêla; 2 — acatitar; 3 — batêla; 4 — raízes secas de ruíva.

## A elegância Parisiense...



renasce nestes novos  
tons

# Cutex

SCHIAPARELLI inspirou-se no vívido tom Black Red, adorável e excitante criação Cutex, para criar este lindo e gracioso vestido de soirée. Famosa por seu dramático senso de cores, a genial desenhista francesa escolheu, ainda, mais cinco empolgantes tons Cutex para eletrizar a moda em sua mais recente exposição em Paris libertada!



Young Red  
Alert  
Burgundy  
Lollipop  
Saddle Brown

J.W.T.

## PENSAMENTOS

A moda e o amor são os dois polos da rivalidade feminina — MARIA ANA DE BOVET.

Os pensamentos maus só na execução é que se descobrem totalmente. — SHAKESPEARE.

\*



## GRAVADOR

RUA GONÇALVES LÉDO 45  
FONE 43-0631

RIO DE JANEIRO

OS CLICHÉS DESTA REVISTA SÃO  
FEITOS NESTA CLICHÉRIE.

## ARAUJO

PHOTOGRAVIAS  
ZINCÓGRAFIAS  
TRICROMIAS  
DUBLES, CLICHÉS  
EM COBRE, E  
DESENHOS.



RIO DE JANEIRO

## POR TRÁS DO MONO'CULO

(CONCLUSÃO)

ta lenta, porém, segura, para os braços de Cristo, não o Cristo desfigurado pela inteligência árida de Renan, mas o Cristo do Evangelho, do Sermão da Montanha, do perdão à adúltera, o Cristo entre as crianças, o Cristo do sacrifício redentor, o Cristo-Deus e Homem, capaz de saciar aquela sede de ideal e de perfeição que durante a vida lhe torturou a alma de homem e de artista.

O seu encontro com ele se fez naturalmente, sem estardalhaço, num movimento lento e cordial de aproximação, como o descreveu Eduardo Prado, seu amigo fiel e devotado: "Deus entrou-lhe em

casa. Mas como se tratava de um manso e humilde de coração, não veio precedido de trovões e violências: *Veniam ad te tanquam fur...* Veio sutil e inesperado, como o roubador, a quem Deus se compara na Escritura. Veio com a felicidade serena. Aquêle a quem Eça de Queiroz na sua fatuidade de moço, não quis ver outrora nas margens do lago de Genezareth, veio pagar-lhe a visita não feita, assentando-se. Hóspede Invisível, à sua mesa, abençoando-a e tendo-se feito primeiro anunciar pelas crianças, a quem sempre amou".

E na hora extrema, é de supor que o Cristo, esquecendo os sarcasmos e ingratidões do escritor, tenha vindo curvar-se sobre o homem padecente, para recolher-lhe a alma, naquêle "suave milagre" que o Amor nunca deixa de realizar.

## MARLIÈRE, "O APO'STOLO DAS SELVAS MINEIRAS"

(CONCLUSÃO)

mou Marlière, emocionado" "Vamos ao aldeamento botocudo! Não acredito nessa história de Kaa-gerre, mas Ingir é mau e vai torturar os nossos pobres filhos até a morte".

Pocrane preparou o arco, e, num instante estavam todos prontos. Muitos índios pediram para acompanhá-los e foram também. Iam dois, às vezes três, num mesmo cavalo. O aldeamento botocudo ficava longe, na outra margem do Rio Doce, bem mais para baixo. Deviam fazer tudo para chegar lá antes da noite, hora geralmente reservada para os sacrifícios daquela espécie.

A viagem foi longa e penosa. O coração de Marlière apertava-se, dentro do peito. Agora sim, compreendia porque é que Ha-Gem parecia aflito e queria lhe falar na noite da véspera. Não tinha segredos com o Pai e certamente iria contar-lhe o plano de raptar "Folha-Quebrada" para fazer dela sua esposa, livrando-a de Ingir. Pobre Ha-Gem! Tão ingênuo, sem nenhuma maldade. Seu olhar era franco, leal e fôra por isso que o adotara como filho. Amava-o muito.

Finalmente, ao cair da noite, ouviram ruídos distantes e viram uma tênue claridade, sinal de que estavam chegando ao seu destino.

✱

Enquanto isso, no aldeamento botocudo, uma centena de índios dançavam em torno de uma árvore, em cujo tronco estavam amarrados Ha-Gem e Folha Quebrada! Em frente deles, havia uma enorme fogueira. Os índios davam uivos e gritos horríveis, como se tivessem ficado loucos. Tinham a cabeça raspada, conservando apenas uma mecha de cabelos em cima. Das orelhas furadas e do lábio inferior, caíam pedaços de madeira e dentes de fêras, o que os tornava ainda mais feios.

Sentado na porta de uma espécie de tenda coberta de caveiras, estava o medonho feiticeiro da tribo dos botocudos. Diziam que tinha cento e cinquenta anos, e sua pele era seca, enrugada, qual uma passa. As unhas, de tão grandes, se haviam curvado para dentro. Dependurado no pescoço magro, ele tinha um enorme colar, feito com dentes e ossos de inimigos. No intervalo dos gritos e das danças, o feiticeiro levantava-se e dizia com voz rouca e horrível:

— "Pa-xe-tan-tan-ajuca-atupave"! (Sim, sou valente e na verdade matei e comi muitos).

Derrepente, de dentro da tenda do feiticeiro saiu Ingir, espetacularmente preparado. Seu corpo estava pintado metade azul, metade vermelho, e ele tinha na cabeça um gigantesco cocar de plumas coloridas. Seu olhar fuzilava de ódio! O canto e as danças pararam, e ele se postou em frente do pobre Ha-Gem.

— "Você tirou a noiva de Ingir, por isso Ingir vai fazer Kaa-gerre matar você", exclamou ele.

Horrorizado, Ha-Gem estremeceu. Era verdade então! Existia aquêle ser degenerado e perverso, cujos dedos não tinham unhas!

Em seguida, Ingir aproximou-se de "Folha Quebrada" e continuou:

— "Você fugiu de Ingir e por isso Ingir vai fazer Kaa-gerre matar você também!"

Ha-Gem, aflito, olhou para a mata. Teria Anhangá dado o recado em tempo? Como tardava o socorro!

— "O' poderoso Ingir", suplicou ele. "Entre-gue-me a Kaa-gerre, mas dá liberdade a "Folha-Quebrada". Ela não tem culpa de nada. Só eu devo ser castigado".

— "Não", protestou a índia. "Se Kaa-gerre mata Ha-gem, Kaa-gerre mata "Folha-Quebrada" também".

Um ruído sêco fez Ingir olhar para a floresta.

— "Ha-Gem, meu querido filho!" gritou Marlière, saindo da mata e correndo para ele, seguido de Pocrane e Orotinon.

— "Icau!" (Pai), exclamou, vitorioso, Ha-Gem.

Apanhados de surpresa, os botocudos começaram a gritar como loucos:

— "Kaa-gerre! Kaa-gerre!"

Então, de um salto, pulou lá dentro da tenda uma enorme e horrível criatura, meio bicho, meio gente, com o corpo todo coberto de pelos avermelhados. Trazia na cabeça um cocar de penas, e a expressão de seus olhos era selvagem e cruel.

— "Kaa-gerre! Kaa-gerre!" gritavam os índios.

Assombrado, Marlière percebeu então que se tratava de um gigantesco orangotango, igual aos que existiam em Sumatra e Bornéu. Teria vindo certamente num navio para algum circo de cavalinhos e, por qualquer circunstância, fôra ter aqueles lugares.

O enorme macaco avançou para "Folha Quebrada", esticando os compridos braços para agarrá-la. Rápido, Marlière sacou de uma arma, fez pontaria e prostrou Kaa-gerre com alguns tiros. Seguiu-se um combate feroz entre os dois grupos. As flexas cruzavam-se nos ares, e muitos índios, de ambos os lados, caíram mortos. Ao cabo de algum tempo, vendo que a batalha já estava perdida para seus homens, Ingir, coberto de feridas, rendeu-se a Marlière.

— "Homem branco venceu e pode matar Ingir com sua arma de fogo", disse ele.

— "Não desejo matar-te", tornou Marlière, que tinha um grande ferimento na testa.

— "Que queres, então?"

— “Tua amizade, apenas”.

O índio olhou assustado. Era incrível o que estava acontecendo! Aquêlê homem conquistára o direito de matá-lo: entretanto, em vez de se vingar, ali ficava a fitá-lo, sem a menor sombra de ódio nos olhos claros e bons. Então, confusamente, foi aparecendo no espírito primitivo do índio uma pequena réstia de luz.

— “Acompanha-me com a tua gente”, ordenou-lhe Marliére, em tupi. “Enterremos os mortos primeiro, e sigamos para minha fazenda”.

Anhangá tombára em combate e Pocrane tinha uma larga ferida no ombro. “Folha Quebrada” e Ha-Gem, ainda pálidos de horror, saíram, amparados por Orotinon, que os levou para o seu aldeamento. Ha-Gem, meio cego, com o olho esquerdo vasado por uma flexa, mal podia andar.

No dia seguinte, à tardinha, Marliére e o grupo chegaram a Fazenda da Onça. Os feridos foram tratados e, aos poucos, a vida se normalizou. A atitude do homem branco produziu uma reação fortíssima em Ingir. Sempre vivera num ambiente de luta, desconfiança, vingança, e aquilo tudo era novo para êle. Marliére não o aprisionára, nem lhe atára as mãos. Deixara-o livre, como a ensinar-lhe que cada criatura tem dentro de si uma consciência, dada por Deus, que a impede de fazer o mal e é barreira mais forte do que qualquer grilhão.

Ingir foi se transformando. Perdeu a arrogância, e sua crueldade diluiu-se ao contato de tanta bondade. Tornou-se um dos melhores auxiliares de Marliére, que lhe confiou a chefia de um grande aldeamento botocudo.

Ha-Gem e “Folha Quebrada” casaram-se e mais tarde vieram morar na fazenda, com Marliére.

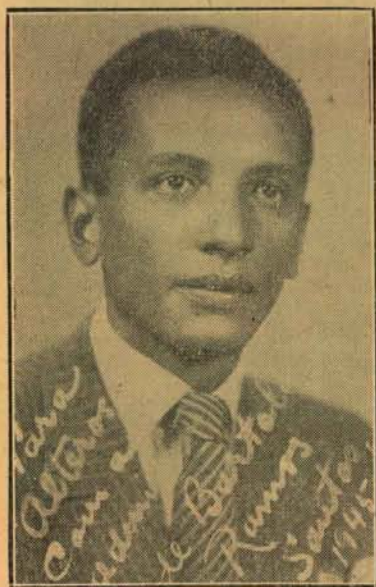
Passou-se o tempo. Realizava-se finalmente o grande sonho do “Apóstolo das Selvas Mineiras”: tôdas as tribos de índios que moravam nas margens do Rio Doce estavam pacificadas e civilizadas.

Numa tarde de 1836, rodeado e querido por todos, Marliére morreu. Morreu feliz e tranqüilo, com a íntima alegria dos que fizeram algum bem em sua passagem pela terra. De acôrdo com o desejo que manifestára, seus ossos não foram mandados para a França, conforme queriam os parentes da Europa. Enterraram-no entre a sua gente, ali mesmo na fazenda, segundo o ritual botocudo.

Depois então Pocrane e Ha-Gem fizeram a machado uma abertura nas grandes árvores que rodeavam o túmulo, para que o sol, ao nascer, entrasse e aquecesse os restos mortais do homem que tanto os compreendera e amára. No meio dêles viveira, no meio dêles morrerá. E ali, entre êles, repousava também para sempre. Como um índio, simplesmente...

\* \* \*

## RÁDIO SANTISTA



Bartolomeu Ramos

Bartolomeu Ramos, o popular Suite da Rádio Clube de Santos, poderia acrescentar ao seu nome as iniciais de sua estação, pois há mais de treze anos já entrava em contacto direto com a complicada maquinaria da emissora pioneira da terra de Braz Cubas.

Quando o locutor anuncia que, na técnica, se encontra Bartolomeu Ramos, o ouvinte tem a certeza de ouvir uma irradiação impecável.

Muito jovem, Suite é um dos elementos mais populares e queridos do rádio santista.

## A Cidade Sagrada

MECA — a capital sagrada do mundo muçumano — é uma cidade do Hedjaz (Arabia ocidental), tôda construída de pedra. Já era conhecida, na época dos Romanos, como um mercado importante para o comércio do incenso. Na geografia de Ptolomeu figurou como “Makiraba”. Antes do nascimento de Mahomet (século VI), era centro religioso onde se adoravam os ídolos da Arabia e a “Caabá”, a grande pedra negra sagrada. Modernamente, os habitantes da Meca passaram a viver quase exclusivamente das peregrinações a que são obrigados, ao menos uma vez na vida,

todos os bons muçumanos. São quase todos hoteleiros, guias, empresários de companhias de transportes, etc. Para corresponder ao fervor religioso dos peregrinos, o califa Al-Madji mandou construir uma mesquita de grandes proporções, dominada por minaretes e cúpulas e que, em forma quadrilateral, cerca a “Caabá”, junto da qual os peregrinos realizam a cerimônia do “tuaf”, que consiste em andar sete vezes em torno da “Caabá”. A entrada nesse território sagrado é proibida aos que não são mahometanos, sendo poucos os europeus que visitaram a cidade sagrada.

# Olhar dominador

A limpidez e o brilho dos olhos favorecem a expressão imperiosa com que se vence no amor e nos negócios. LAVOLHO mantém o fulgor do seu olhar e a saúde dos seus órgãos visuais. Aplique diariamente nos seus olhos algumas gotas de



**LAVOLHO**  
AVIVA O OLHAR

Helginho, filhinho do casal Helena do Vale Chagas-Geraldo N. de Abreu Chagas, Goiânia.

# Crianças



José, filhinho do casal Helena Ribeiro-Aladir Ribeiro, residente nesta Capital

\*  
Carmen Lúcia, filhinha do casal Maria Carrijo Silva-Jair Silva, residente nesta Capital.



Maria Luiza, filhinha do casal Aurea de Oliveira-Jalnivi Silva, residente em Ipanema, neste Estado.



Jacob, o interessante garoto filhinho do casal Luci Laitman Cansado-Salomão Laitman, residente nesta Capital.



Lélio, filhinho do casal Etelvina Martins-Rodolfo Aleixo Martins, residente nesta Capital.



Ele sorrirá  
para um  
mundo melhor...



J. W. T.



— a espuma gostosa  
que clareia os dentes!

**... com melhores dentes,  
protegidos por Gessy!**

Para que seu filhinho não tenha, no futuro, o constrangimento e a limitação de um sorriso velado e sem beleza, ensine-o, desde hoje, a escovar os dentes, três vezes ao dia, com Gessy.

De espuma gostosa, Gessy é o creme dental que as crianças apreciam — que vence, pelo sabor, a resistência ao hábito de escovar os dentes. Compre Gessy, hoje mesmo: Gessy é mais econômico e protege os dentes no Ponto Vital.

50 ANOS A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA!



...comece vida nova!  
...faça nascer em si  
**uma beleza para sempre!**

Se as imperfeições da cutis, os cravos e espinhas a enfeiam, nem por isso deve pensar que eles não tenham um fim.

Seja de hoje para o futuro, persistente no uso de Divina Dama, porque, com o auxílio desse preparado irá obter a beleza desejada.

O leite de beleza DIVINA DAMA elimina cravos e espinhas.



*Divina Dama*

É UMA CRIAÇÃO DO GRANDE  
PERFUMISTA DAS ELITES.

**GIRAUD**

RIO DE JANEIRO Caixa Postal 3206



# Lembrança de um dia dos mortos

Murilo Araújo

**E**NTREI no lindo bairro da morte, mais ornado, mais florido... e mais deserto do que nunca. Na véspera fora dia de Finados. E, extinta a romaria, ficara a desolação colorida, o luxo vazio dos salões festivos quando os convivas se vão. Podia eu, pois, dar com mais unção meu pensamento aos mortos. Depois a oferta de flores que trazia a um deles. E, depois de um pouco de meditação e de prece, resolvi regressar. Mas meus olhos fixaram-se nos extremos daquela várzea do São João Batista, lá onde o jardim termina num maravilhoso terraço em frente à capela branca... E uma força estranha me atraía a esse lugar. Nunca ali fora ou tivera mesmo o vago intento de ir. Porque naquela tarde um desejo imperioso e estranho me chamava ao para-peito que via ao fundo, junto à encosta do morro?

— Visto do alto há de ser belo o cenário — pensei comigo — é o que me aguça o interesse... Mas cai a noite. São horas de voltar.

E encaminhei-me decidido para a saída. A idéia imperiosa de ver o terraço cresceu então, fez-se tão viva, que refiz sobre os passos o caminho percorrido... e parei hesitante. A um jardineiro que passava, indaguei:

— Que há lá em cima?

— A capela e o ossuário — disse o homem.

— E haverá tempo de visitas antes de fecharem os portões?

— Se andar ligeiro, bem ligeiro...

E apesar da urgência de tempo, subi apressado como quem atende a um chamado insistente.

No alto, nada mais vi a princípio do que uma alameda de velhas árvores, de franças caídas como carpideiras, derramando como lágrimas as flores arroxeadas. Em baixo, vale afora, escurecia o parque do silêncio, povoado de mármores, tranquilo, à benção das estrélas. Só, no cimo distante, o vulto do Cristo estendia os braços protetores para a vida e para a morte.

E eu não podia voltar! Um instinto me levou a percorrer a esplanada. Por detrás da ermida simples se alongava uma série de pequenos jazigos. E de repente, inexplicavelmente, marchei fixamente em direção a um deles, no

meio dos outros, e aí parei. Era um modesto abrigo encimado por um nicho com a imagem de Santa Terezinha.

De quem seriam as cinzas jacentes na urna singela? De um ancião curtido aos pampeiros da vida? Um rapaz ceifado em sua bela alvorada ou uma jovem tombada ao luar dos primeiros sonhos? Vislumbrando dentro do sacráriozinho uma fotografia, olhei curiosamente. Era um retrato de criança. Uma menina. No lusco-fusco da tarde não lhe distinguia as feições. Uma menina... Pousei os olhos numa breve inscrição: "A' RUTH — LÁGRIMAS DE SEUS PAIS". E num relâmpago íntimo, senti claro o pensamento. Conhecera outrora uma linda criança, filha de um vizinho, que conquistei com a ternura. Constantemente os seus quatro anos alegres enchiam nossa morada de infância. Mas perdia-a de vista. Mudara-se de ca-

sa... e, soube depois, mudara-se do mundo. E então, sem mais detalhes embora, uma certeza afirmou-se em meu espírito: era ela. E meu olhar envolveu o pequenino jazigo com a expressão estremosa de quem embalsama uma alma... E depois de acariciar desse modo uma sombra, senti que nada mais me prendia ao terraço; e voltei.

Quando mais tarde, falei um dia ao pai de Ruth que era lindo o lugar onde a filhinha dormia, lá no alto à sombra dos arvoredos, ele respondeu-me espantado:

— Como soube disso o Senhor?

Contei-lhe o meu curioso passeio daquela tarde.

— Ela sempre lhe quis tanto! — murmurou. — Foi ela, foi Ruth quem o guiou até lá...

E seus olhos, mais úmidos, brilharam, como se nêles se mirasse uma estréla.



# ★ A DESORIENTAÇÃO DO PENSAMENTO MODERNO ★

Humberto Grande

*Neste artigo, Humberto Grande estuda a desorientação da época moderna, impregnada de espírito guerreiro. Sugere aos moços que fujam a esta sugestão, educando-se no espírito da justiça, da paz e do direito.*

**A** RECONSTRUÇÃO do mundo na lição dos grandes mestres deve ser procedida de acôrdo com o bem, o belo, o justo, o verdadeiro e o divino, isto é, em suma, de acôrdo com os supremos valores culturais hierarquizados. Logo, só a verdadeira cultura poderá garantir a vitalidade e o progresso da civilização. Por isso, procuramos buscar orientação nas obras máximas do gênero humano, afim de procedermos com justeza e acêrto. E sentimos tal necessidade, porque é grande a desorientação do pensamento moderno. O Século XX apresentou ao mundo a maior crise cultural de todos os tempos. Os seus grandes pensadores e filósofos não concordam sobre os problemas vitais da humanidade, como é fácil verificar no estudo atento e demorado das obras de Spengler e Keyserling, Scheler e Rathenau, Freud e Einstein, Wells e Russell, Croce e Gentile, Bergson e Maritain, Nitti e Ferrero Dewey e Santayana, Stoddard e Burnham, Unamuno e Ortega y Gasset, Rolland e Gilde, para sómente citar alguns dos nomes mais eminentes que influem na mentalidade moderna.

O Século XIX já foi mais feliz porque produziu filósofos como Augusto Comte e Herbert Spencer, que orientaram com segurança a geração passada. Também as condições sociais eram mais tranquilas e pacíficas. Seria curioso e mesmo muito interessante, não obstante, indagar da causa daquela diversidade de pontos de vista.

Analisemos, porém, hoje, a tragédia de uma geração sacrificada.

Já em 1914, a guerra trucidou nos campos de batalha a mocidade esperançosa dos países beligerantes; após a grande guerra, também ela sacrifi-

cou as novas gerações, porque as submeteu aos seus rudes princípios, roubando-lhes a doçura e o encanto próprios da idade. A juventude bolchevista, fascista e nazista sempre viveu em atmosfera carregada de belicoidade, isto é, num ambiente de ódio, desconfiança e intranquilidade.

A guerra mudou a concepção da vida, a qual, na paz, é dominada pelos valores culturais do bem, do belo, do verdadeiro, do justo e do divino, mas em tempos anormais se tornam primitiva, instintiva e inconsciente, perdendo por isso mesmo os valores espirituais a primazia, desenvolvendo-se, então, nos seus múltiplos aspectos, o mal, o horrível, o falso, o injusto e o infernal, enfim, a brutalidade, a crise e a própria morte. A guerra é um fenômeno complexo e paradoxal. Tanto pôde contribuir para a evolução dos povos e o progresso da sociedade, como determinar a decadência de uma cultura e o aniquilamento de uma civilização. A história nos demonstra esses fatos com expressivos exemplos. A guerra como força de evolução obriga a humanidade a agir e reagir simultaneamente em modalidades inéditas; como elemento de destruição, subverte a hierarquia dos valores e desorganiza o mundo, provocando a confusão, a desordem do caos, com trazer não só a fadiga e o cansaço, o mal-estar e o pessimismo, como o desequilíbrio biológico e psicológico da espécie. Ela assim transforma a mentalidade dos homens a ferro e fogo nas mais duras provações de intensa dor e sofrimento. Antes e principalmente depois de 1918, escritores e filósofos da Europa, abertamente, sem reboço algum, apesar da dolorosa experiência por que tinha passado o gênero humano, doutrinarão a guerra. Na Itália, o fascismo organizou o Estado dentro de um regime militarista, que educou a juventude para a guerra. A Rússia com o bolchevismo também se militarizou de modo tal que hoje surpreende o mundo com o poderio das suas forças armadas. A Alemanha, com o advento do nacional-socialismo, se tornou francamente bélica. Aliás, nos tempos modernos, depois de Napoleão, a guerra se manifestou quase como um fenômeno germânico. Não é de estranhar por isso que os alemães pontificassem no mundo como as maiores autoridades em tais assuntos. E é assim que nos vemos obrigados a estudar e citar os autores daquele país em matéria militar.

Dentro dessa ordem de coisas, a guerra se transformou numa verdadeira obsessão, e, na atualidade, não é mais um fenômeno que se relaciona com determinados países, mas ao contrário, agora é um fenômeno mais do que nacional ou continental, é universal. Por tal motivo nos nossos dias ela se alastrou na Europa, América, Ásia e África. A doutrinação não ficou só em teoria, e foi posta em prática. Desde 1914, pode-se dizer, que os povos viviam em estado de guerra. O serviço militar já não durava simplesmente 1, 2 ou 3 anos. Não. Ele era permanente. Os cidadãos viviam em eterno estado de prontidão, dispostos a tudo. E' o que vimos nos países europeus, cujos regimes políticos apresentam caráter acentuadamente militar.

A guerra, como fenômeno mundial, em 1939, se tornou realidade. E assim todos os países entraram num período de dúvida, angústia e incerteza. Ora, a incerteza gera a intranquilidade, a qual provoca nos espíritos grande mal-estar e desassossego. Daí a crise tremenda que sofre a geração atual. Ela não sabe como proceder, porque não tem orientação nem objetivo. Hoje, a mocidade é explorada, no seu idealismo, na sua honra e dignidade, através da propaganda perniciosa que se processa quase sempre

(Conclui na pag. 136)



*Como a águia é a  
rainha dos ares*



*E a gaivota, a  
flor dos mares*



# Antisardina

**IMPERA NA SOCIEDADE FEMININA !...**

Tenho para mim que fazer o creme ANTISARDINA conhecido de todos, é quasi um dever social.

ANTISARDINA é bem o segredo da beleza: fez-me portadora de uma cútis invejável, provocando justa admiração por parte de minhas amiguinhas.

(ass:) Maria Machado

# A VIDA ERRANTE DE EUCLIDES DA CUNHA

★ LUI'S HORTA LISBOA ★

**E**M São José do Rio Pardo — no Estado de São Paulo — mais uma vez foi feriado municipal na data de 15 de agosto. Ali, todos os anos, prestam-se homenagens significativas à memória e ao nome de Euclides da Cunha, considerado por Getúlio Vargas como “o escritor da terra”, e como “um caráter puro” pelo General Rondon.

Lá, de São José, todos os anos, parte esse exemplo eloquente de civismo; nas comemorações tomam parte não só os intelectuais, os representantes das academias das metrópoles, mas também, o povo, que entusiástica e espontaneamente comparece. Ali, não só a ponte construída por Euclides, a herma erigida perto da mesma e a cabana — protegida por uma redoma de vidro — fazem lembrar a personalidade inconfundível do autor de “Sertões”; ali, em São José, Euclides da Cunha está presente em todos os corações. Os escolares conhecem-lhe a vida e aprendem a admirar a obra e a existência patriótica e idealista do grande engenheiro e escritor.

Nascido a 20 de janeiro de 1866 numa fazenda de Santa Rita do Rio Negro, perto de Cantagalo, no Estado do Rio, iria, no entanto, durante a sua vida, ser um peregrinador constante. Aos três anos perde a mãe e, em companhia de uma irmã menor, vai residir em Terézópolis, com uma tia. A tia morre, e ele vai para Ponte Nova, ficando junto de outra tia. Chega a época dos estudos e ele parte para S. Fidelis, às margens do Paraíba.

Depois, foi para o Rio, onde prestou o primeiro exame de preparatórios em 1879 e terminou o curso de humanidades no Colégio Aquino, na época, muito afamado.

Nesse tempo de adolescência, pôs-se em contacto com a poesia; era fervoroso admirador de Fagundes Varela — e com outros companheiros ajudou a fazer um pequeno jornal intitulado “O Democrata”. A publicação, bi-mensal, surgiu nos primeiros meses de 1884. O Grémio Euclides da Cunha, do Rio, guarda, religiosamente, um caderno de Euclides com poesias datadas de 1883. Ele dera o nome de “Ondas” àquela coletânea de oitenta e quatro produções poéticas. Dizem os entendidos, que já tiveram a oportunidade de folhear tão interessante volume, ser a forma de muitos versos incorreta e imperfeita. E' preciso, no entanto, levar em conta a pouca idade do autor e o seu temperamento impetuoso e ardente.

A esse respeito, Venâncio Filho teve ocasião de, com muita felicidade, explicar:

“A forma da maioria dos versos é, sem dúvida, incorreta. A pressa, o ardor, a impaciência da inspiração, a febre alta em que surgiam, impelindo imediatamente a expressão escrita, forçavam-no, não raro, às figuras artificiais de retórica, para os ajustar à métrica.

Algumas vezes não se contém e vem comentário em prosa. E' que a ele também se aplica o seu conceito no prefácio de “Inferno Verde”, de Alberto Rangel: “um poeta exuberante demais para a disciplina do metro e da rima”.

O que faltava, às vezes, em ritmo, em música, sobrava no sentimento, com que abrangia a natureza e a vida nos seus aspectos multiformes. E', constantemente, um deslumbrado pelos grandes ideais da espécie. Particularmente, a cada passo, a Abolição e a República — os dois ideais da sua geração. Em esfera mais ampla “O Calvário” e a Revolução Francesa, as duas grandes revoluções do passado, pela igualdade humana e pela igualdade política. Grande ternura e piedade pelos humildes. “Raros versos de confidência ou queixume pessoal”.



Euclides da Cunha

Em março de 1884 presta exame na Escola Politécnica e em 86 transfere-se para a Escola Militar. As idéias republicanas aí pululavam; o abolicionismo era pregado com entusiasmo. A mocidade da Escola Militar, dessa época até à proclamação da República, vivia momentos históricos de maior importância para a pátria.

Euclides — homem de ação — não tomava parte ativa nos debates. Quase sempre isolado, se preocupava mais com os seus versos que com a ciência do curso e, no entanto, conseguia sempre boas notas e, mais tarde, produziria obras com bases firmemente científicas...

Chegou 88 e, com ele, a Abolição. A idéia republicana ganhou força. Os adeptos se multiplicaram. Benjamin Constant ganhava a admiração da mocidade militar.

A 4 de novembro chegaria Lopes Trovão regressando da Europa, no “Ville de Santos”. Os alunos da Escola Militar exultaram; dia 4 seria domingo, dia de folga. Eles compareceriam ao desembarque, para homenagearem o festejado tribuno republicano.

Estava marcada para o dia 3, uma visita do Ministro da Guerra à Escola; à última hora, o ministro adiou a visita para o dia seguinte. Evidentemente queria evitar o comparecimento dos alunos ao desembarque de Trovão. Os ânimos se exaltam. A mocidade da Escola Militar sente-se prejudicada. Há, entre eles, palavras de protestos e alguns pregam mesmo a rebelião à chegada do ministro.

Dia 4, dia da chegada de Lopes Trovão, os alunos da Escola, estão preparados para prestar continência ao ministro Thomaz Coelho. Este, pela manhã, comparece acompanhado do senador Silveira Martins. No momento da revista, surge da 2.ª companhia, Euclides da Cunha. Arranca da baioneta, tenta quebrá-la e joga-a aos pés do ministro. São várias as versões sobre este incidente: a emoção perturbou a capacidade de observação dos próprios espectadores. O certo é que só Euclides da Cunha teve o arrojo de protestar. E que protesto!

O comandante fê-lo retirar imediatamente de forma, esteve preso e foi recolhido ao Hospital Militar, mas, jamais se curvou às prerrogativas dos que lhe queriam ajudar. Não se retratou e nem se defendeu com evasivas.

Excluído do exército, parte para (Conclui na pag. 134)



★ Isaurinha Garcia

A estrelinha-sensação de nosso samba é uma das belas atrações do novo "show" da Pampulha. Cada "show" da Pampulha um momento de enlêvo e boa alegria.

*Pampulha*

# A VIDA ERRANTE DE EUCLIDES DA CUNHA

CONCLUSÃO

São Paulo. Ficou conhecidíssimo entre os republicanos, pois, o seu ato causou uma impressão indelével entre os opositoristas. Em São Paulo, Júlio de Mesquita, o jornalista campineiro que tão alto elevou o jornalismo de nossa terra, viu em Euclides da Cunha um elemento de capacidade que merecia apóio e convidou-o a colaborar na "A Província de São Paulo".

Com o pseudônimo de Proudhon, escreve "Questões Sociais", onde se revela republicano irreduzível. Depois, escreve outra série denominada "Atos e palavras".

Em janeiro de 89 parte para o Rio, para continuar os estudos na Escola

Politécnica e de lá continua, também, a escrever para "A Província".

Com a proclamação da República, graças à iniciativa de Rondon, volta ao militarismo como alferes-aluno e, em abril de 1890, vamos encontrá-lo como 2.º tenente. Depois de cursar a Escola Superior de Guerra é promovido a 1.º tenente.

Em 1893, Floriano manda chamá-lo e diz-lhe que, como republicano que é, merece escolher um cargo. E Euclides pede-lhe, apenas, de acordo com a lei, um ano de prática na Estrada de Ferro Central do Brasil. E' atendido e vai para Caçapava em São Paulo.

Devido à revolta de 93, deixa o car-

go, para tomar atitude ao lado da legalidade. As violências, porém, o tornaram desgostoso. Dizem que teve a coragem de dizer a Floriano que não era seu partidário, pois, se Floriano defendia a legalidade, ele, apenas, estava com ela.

Terminada a revolta, vai para Campanha construir um quartel.

Aborrecido com o Exército, deixa-o novamente e é nomeado em 1896, engenheiro-ajudante da Superintendência de Obras do Estado de São Paulo, em cujo cargo fazia frequentes viagens.

Nesse mesmo ano irrompe o movimento de Canudos, e Júlio Mesquita envia Euclides da Cunha à zona de operações como redator de "O Estado de São Paulo". Jamais poderia, o jornalista, ter escolhido tão bem. Mal sabia ele, que das observações colhidas por Euclides no teatro da luta, mais tarde iria surgir "o maior livro brasileiro".

Parte para a Bahia. Viaja e observa. Anota, escreve. Assiste aos últimos momentos de resistência de Canudos e volta com o projeto do livro na imaginação.

Retornando à sua antiga lida de engenheiro de obras, não encontra tempo para passar ao papel as idéias que em turbilhões lhe encham o cérebro.

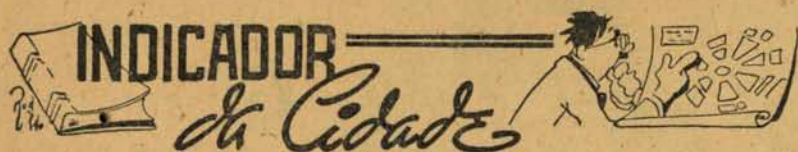
Mas, em 1898, é indicado para reconstruir a ponte de São José do Rio Pardo, que, após um mês de construção, ruíra.

Uma vez mais, cumpria-se o destino de Euclides, iria conhecer nova cidade, novas gentes. E aí, encontrar o amigo necessário: Francisco Escobar. Graças a esse homem, na opinião de Rui Barbosa, "eruditíssimo e doutíssimo", foi possível a elaboração de "Os Sertões". Escobar compreendeu desde logo que Euclides da Cunha possuía uma alma irmã da sua. Estimulou-o, ajudou-o e assim foi possível que, nas horas de folga, Euclides escrevesse "Os Sertões", abrigado numa toca cabana ao lado da ponte em construção.

Dezesseis meses depois, estavam prontos a ponte e o livro. As experiências terminaram a 14 de maio de 1901, e três dias depois, era a ponte inaugurada.

Partiu para São Carlos do Pinhal, indo logo para Lorena.

Antônio Figueiredo, em seu livro "Memórias de um Jornalista", escreve este trecho: "O grande Euclides mandou os originais de *Os Sertões* para um jornal de S. Paulo, que os guardou durante seis meses numa gaveta. E ele a espera da crítica, em contorções provocadas pela nevrose que tanto o molestou. Por fim, desistiu do julgamento, pedindo a devolução dos originais. Ainda teve sorte: atenderam-no logo, decerto por-



## INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

PROF. HILTON ROCHA  
DR. PINHEIRO CHAGAS  
Consultas diárias das 3 às 6  
Edifício Cine Brasil — 7.º andar  
— Salas 701 a 713 — Fone, 2-3171

## ADVOGADOS

DRS. JONAS BARCELOS CORREA, JOSE' DO VALE FERREIRA, RUBEM ROMEIRO PERET, MA-NOEL FRANÇA CAMPOS.  
Escritório: Rua Carijós, 166 —  
Ed. do Banco de Minas Gerais  
Salas 807-809 — 8.º andar — Fo-  
ne: 2-2919

## DR. OSCAR MATOS

Moléstias Internas — Tuberculose

Consultório: Av. Afonso Pena, 952,  
Edifício Guimarães, 3.º andar, Sa-  
la 317 — Fone 2-1065 — Residên-  
cia: Rua Outono, 267 — Fone 2-5639

## DR. NEREU DE ALMEIDA JUNIOR

DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO

Diagnóstico e tratamento das moléstias do estomago, intestinos, fígado, pancreas e vesícula biliar.  
Consultório: Ed. Cruzeiro — Av. Afonso Pena, 774 — 5.º andar —  
Salas 504-506 — De 1 às 3.30  
Residência: Rua Guarani, 268 —  
Fone: 2-6067.

## Dra. Henriqueta Macedo Bicalho

CLINICA DE SENHORAS

Das 13 às 17 — Ed. Capichaba  
— Rua Rio de Janeiro, 430 —  
Sala 121 — 12.º andar — Tel.  
(res.) 2-2544 — B. Horizonte

## DR. J. ROBERTO DA CRUZ

Cirurgião-dentista

Tratamento das afecções buco-dentárias e maxilo-faciais. Tumores, quistos, granulomas, necroses dos maxilares, estomatites, sinusites e fistulas crônicas e recentes de origem dentária, extrações, etc. Fisioterapia.

Consultas de 8 às 12 e de 4 às 6 horas — Ed. Rex — Salas 607 e 608 — Hora Marcada: Tel. 2-7976 — Rua Carijós, 436 — 6.º andar.

## A HOMEOPATIA

EM

BELO HORIZONTE



Consultório e residência: AV. AFONSO PENA, 398 — 5.º andar  
ATENÇÃO: — Peça a sua HORA ANTECIPADA, pessoalmente ou pelo  
telefone: 2-3212

## DR. WILSON ATAB

Médico especialista — Cursos de Medicina Alopática e Medicina Homeopática, pela Universidade do Rio de Janeiro — Do Serv. Clin. do Prof. Galhardo, do Rio — Membro do Inst. Hahnemann do Brasil.

que era necessário limpar uma gaveta atulhada..."

Não acreditamos na veracidade dessa afirmação, porque Euclides conseguiu a publicação de "Os Sertões" pela Casa Laemmert e a primeira edição surgiu em 1902. O livro foi muito bem recebido pela crítica e o seu sucesso abre as portas do Instituto Histórico ao autor e faz com que Euclides seja eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de Valentim Magalhães.

Em 1903, deixa o cargo de engenheiro da Superintendência e vai residir em Guarujá, como membro da Comissão do Saneamento de Santos. Havendo divergências entre ele e o chefe José Rebouças, deixa o serviço no ano seguinte.

Euclides da Cunha tinha desejos de conhecer o Acre e devido ao tratado de Petrópolis, feito com o Peru, o Brasil iria enviar duas comissões para fixar os limites nossos com aquele país. Euclides é convidado por Rio Branco para chefe da comissão do Alto Purus. Não se poderia escolher melhor elemento. Euclides portou-se brilhantemente. Os seus companheiros foram unânimes em elogiá-lo. Não fossem a sua rija força de vontade e o seu patriotismo, talvez não houvesse podido cumprir a sua missão. Os objetivos foram alcançados e o relatório causou tão boa impressão a Rio Branco que este procurou conservar, para sempre, elemento de tal envergadura.

Até 1908 fica no Itamarati, mas, sem cargo fixo. Rio Branco esforçava-se para conseguir um cargo efetivo ao auxiliar, mas, dois anos se passaram sem que o ilustre diplomata pudesse obter a nomeação. Euclides vivia em luta consigo mesmo para se manter nessa situação que aparentava prolongar-se. Em sua correspondência dessa época, notam-se queixas amargas — não contra Rio Branco que era seu amigo sincero — mas, contra as eventualidades da vida; a sua preocupação pelo futuro dos filhos é também uma perene fonte de sofrimentos.

Houve uma vaga no Ginásio Nacional, hoje Colégio D. Pedro II. Com a morte de Vicente de Souza, vagara-se a cadeira de Lógica.

Inscrive-se no concurso, juntamente com quatorze candidatos.

Depois das provas, o resultado: Farias Brito o primeiro colocado e Euclides da Cunha, o segundo. Cabia ao Presidente da República — nessa época Nilo Peçanha — escolher entre os dois nomes, qual o que deveria reger a cadeira.

Coelho Neto e Érico Coelho trabalhavam em favor do amigo e a 17 de julho de 1909, é Euclides nomeado para a cadeira de Lógica do Ginásio Nacional.

JÁ CONHECE

*Michels*



★ Toda mulher encantadora procura o baton que parece feito especialmente para ela. Já experimentou Michels? É vibrante, acariciador, em cores que se harmonizam com sua beleza e sua personalidade. — é um baton fragrante, suave como o veludo, com base de creme que conserva sua aderência durante horas sem escorrer. Experimentando-o, saberá que Michels é o baton que lhe convém.

11 TONS SEDUTORES

MARIPÓS • AMAPOLA • BLONDE  
RASPBERRY • CYCLAMEN • VÍVIO  
AMARANTH • SCARLET • CHERRY  
BRUNETTE • CAPUCINE

BATON

*Michels*

MICHEL COSMETICS, INC. - NEW YORK



Enfim, iria se estabilizar, enfim iria escrever o grande livro que tinha em mente, sobre a Amazônia, livro esse que talvez fosse muito maior que "Os Sertões", "Contrastes e Confrontos", "Peru versus Bolívia" e "A Margem da História", já publicados.

O escritor viril de nossa terra, esperava, pois, sobrepujar a si mesmo, nas páginas da nova obra.

Deu apenas dez aulas. Na estação de Piedade, na manhã de 15 de agosto, uma bala cortou-lhe a vida.

Com ela findou-se aquela pujante energia e paralisou-se aquela vibrante inteligência.

A pátria toda deplorou a morte prematura — aos quarenta e três anos — de Euclides da Cunha.

E, até hoje, os admiradores do autor do "maior livro escrito no hemisfério ocidental", pensam, quando se reúnem em São José do Rio Pardo, no que produziria Euclides da Cunha se continuasse a viver!...

\*

PERMANENTES

MANICURES

LIMPEZA DA PELE

INSTITUTO LUDOVIG

Rua Bahia 1075 - Fone 2-1960

"ILUSÕES"

Recebemos um exemplar do livro que o jovem prosador Nabor Fernandes publicou recentemente, reunindo alguns poemas em prosa em que expressa suas mais íntimas emoções e reafirma nobres sentimentos já entrevistos nos seus livros anteriores.

Ao prosador Nabor Fernandes, nosso distinto correspondente em Marquez de Valença, que já nos promete "Inveja", novela de rádio-teatro em dez capítulos, o nosso agradecimento,

# MAIS UMA TURMA DE TÉCNICOS PARA A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

## ENTREGUE, EM BRILHANTE SOLENIDADE, OS CERTIFICADOS AOS ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DA SECRETARIA DE FINANÇAS — O DR. JOSÉ MADUREIRA HORTA PARANINFOU O ATO

Revestiu-se de grande brilhantismo a cerimônia de entrega de certificados de aprovação a mais uma turma de alunos do Curso de Especialização da Secretaria das Finanças.

O ato realizou-se dia 15 de setembro último, e contou com a presença do major Haroldo Ferreti, representante do Governador Benedito Valadares; do sr. José Geraldo Maximiano, representante do Secretário das Finanças; do Diretor do Curso, superintendente, chefes de serviços e funcionários daquela Secretaria, além de numerosas outras pessoas gradas. Foi paraninfo da turma o dr. José Madureira Horta.

### A SOLENIDADE

Aberta a sessão pelo sr. Sebastião Noronha, diretor do Curso de Especialização, foi convidado para assumir a presidência, o representante do Governador do Estado.

A seguir, foi dada a palavra à oradora da turma, senhorinha Maria Antonia Pinheiro. Em sua expressiva oração, a oradora aludiu à feliz iniciativa do Governador Benedito Valadares organizando o Curso de Especialização, que tem preenchido seus fins e criado uma mentalidade nova no seio dos funcionários públicos de Minas Gerais. Teceu comentários em



Sra. Maria Antonia Pinheiro, funcionária da Rede Mineira de Viação, (Seção de Contabilidade) que foi a oradora da turma.



Dr. José Madureira Horta, Superintendente da Contabilidade do Estado, que foi o paraninfo da turma.

torno da personalidade do sr. José Madureira Horta, paraninfo da turma, afirmando que tem sido o ilustre funcionário um dos mais destacados colaboradores do Governo de nosso Estado, quer na direção do Departamento da Contabilidade, quer como um dos mais destacados professores do Curso, ao qual tem dado o melhor de seus esforços. Referiu-se depois aos benefícios que o ensino técnico tem prestado à coletividade do Estado.

Dada a palavra ao paraninfo, dr. José Madureira Horta, pronunciou este um belo discurso, em que enalteceu a importância do Curso, para a reorganização dos serviços públicos de Minas, a que se vem dedicando com o maior interesse o Governador Benedito Valadares, com a cooperação de seus auxiliares de governo. Depois de oportunas considerações sobre aquele Departamento de preparação técnica, e a racionalização dos serviços públicos, o dr. José Madu-

reira Horta concitou os funcionários diplomados a bem servir sempre a Administração Mineira. Seu discurso mereceu demorados aplausos de todos os presentes.

### ALUNOS DISTINGUIDOS

Em continuação à solenidade, procedeu-se à leitura dos nomes dos alunos distinguidos, que são os seguintes: Maria Antonia Pinheiro — Elza dos Santos Scheid — Marília Batista de Castro — Wagner Brandão de Oliveira — Eunice Scheid — Maria Virginia Sampaio de Souza e Valdo Luis Prosdociimi Pinto.

### OS DIPLOMANDOS

Foi feita, depois, a entrega de certificados aos alunos que concluíram o Curso de Especialização. São eles: Alípio Pedro de Moraes — Antonieta Augusta dos Santos — Emilia Gonçalves Bastos — Edmundo Caetano de Souza — Ester Mourão Carceroni — Elias Rodrigues Parreiras — Francisca Ferreira — Iara Silva — Jaci Barbosa — José Rodrigues Parreiras — José Alcântara Veloso — Lela Silva — Marília Batista de Castro — Maria Virginia Sampaio de Souza — Maria Geralda Lima Couto — Nelsina Olimpia — Benjamin Monção — Osvaldo Cestari — Pedro Alcântara Rodrigues — Romeu Guerra — Valdo Luis Prosdociimi Pinto — Alexis Baeta — Amélia Stílita Vieira — Catarina Brandão — Dulcídio de Oliveira Baumgratz — Eunice Scheid — Elza dos Santos Scheid — Iete Guimarães — José Martins Guimarães — José João de Lima — José de Oliveira Campos — Lourdes de Azevedo — Maria da Glória Vieira — Maria da Conceição Aparecida Bezamat — Maria Antonia Pinheiro — Maria José Alves Prado — Valdemar Dias Coelho Filho — Wagner Brandão de Oliveira e Zuleica Walter Heilbuth.

Encerrando as solenidades, que transcorreram no maior brilhantismo e num ambiente de cordialidade, usou da palavra o sr. Sebastião Noronha, diretor do Curso, que agradeceu o comparecimento das autoridades e demais pessoas presentes.

# RIA DOS

*"Amigos  
do  
Alheio"*



DEIXE O SEU DINHEIRO  
NO  
BANCO E



PAGUE SEMPRE COM CHEQUE



ANÉIS PARA FORMATURA. De todos os graus.

EXCLUSIVAMENTE EM OURO 18 K. E PLATINA COM BRILHANTES E DIAMANTES. O MAIS COMPLETO SORTIMENTO EM MODELOS E PREÇOS.

JOALHERIA THEODOMIRO CRUZ

*Viúva Theodomiro Cruz & Filhos*

PRAÇA 7 DE SETEMBRO — BELO HORIZONTE — MINAS

UM redator de jornal inglês divertiu-se pesquisando quais eram as regras de higiene que presidiam à vida dos nossos antepassados, e fez descobertas interessantes.

Ao passo que nós empregamos, em grande escala, a hidroterapia e o ar, os antigos tinham um verdadeiro terror da água, portadora de reumatismos, e do ar, veículo de bronquites e defluxos.

No século XVIII foram escritos muitos tratados afim de demonstrar que

## A HIGIENE DOS TEMPOS PASSADOS

deltavam à noite em perfeita saúde e que de manhã eram cadáveres, feridas de súbita inflamação de garganta, causada pelo ar da noite".

Um grande médico recomendava à sua clientela banhar-se "quando muito uma vez por mês".

Era muito diferente essa opinião dos nossos recomendados banhos diários, e das nossas tão preconizadas curas de ar,

o ar da noite era envenenado. As gazetas assinalavam mortes de pessoas "que se



Sur. José A. Lucena, ilustre Inspector Geral da "Aliança do Lar Ltda.", no Estado de Minas Gerais, com sede nesta capital, e interessado nos negócios da conceituada firma Batista & Chagas Ltda., alia aos seus aprimorados dotes de perfeito cavalheiro, as qualidades intelectuais e morais, imprescindíveis para o cargo que ocupa e ao qual imprime a característica de sua personalidade.



## O CHAPE'U PANAMÁ'

O CHAPE'U Panamá tem esse nome porque foi ali que o conheceram os primeiros turistas americanos, os quais na crença de que era fabricado no interior, deram-lhe o nome do país.

O chapéu fabrica-se de uma fibra denominada toquilla que é extraída de uma palmeira que cresce silvestre em quase todos os países tropicais.

A confecção do chapéu é sumamente laboriosa. Nos centros chapeleiros, dedicam-se a essa indústria quase todas as mulheres e numerosas crianças, assim como os homens na época em que os trabalhos agrícolas permitem.

Os chapéus produzidos em maior quantidade são usuais ou ordinários; a produção é enorme. Basta dizer que há povoados onde são compradas mensalmente até mil dúzias e assim se compreenderá como é que na Colômbia apenas este artigo de exportação produz anualmente mais de um milhão de dólares.

Os fabricantes escolhem cuidadosamente a palha que empregam, que deve ser longa e delgada ao mesmo tempo que muito forte e dútil, e para evitar que endureça conservam-na em lugares úmidos. As pessoas que se dedicam a esse trabalho, levam-se várias horas antes do sair do sol para aproveitar no trabalho a amenidade das primeiras horas da manhã, porquanto logo que desponta o sol e a atmosfera se aquece, vêm-se obrigadas a suspender a obra para evitar que a palha se resseque e produza um tecido desigual.

**ONTEM**  
TOSSINDO

**HOJE**  
SORRINDO



EM 24 HORAS  
DEIXO  
DEFLUXO  
E TUA  
MANIFESTAÇÃO.

**PEITORAL  
DE ANGICO  
PELOTENSE**

**EXCELENTE TONICO DOS PULMÕES**

# A Economia É UM HÁBITO



**QUE SE DEVE CUL-  
TIVAR DESDE OS  
PRIMEIROS ANOS**



**ABRA PARA SEUS  
FILHOS UMA CA-  
DERNETA NA**

As grandes virtudes do homem são de-  
vidas, geralmente, à educação que  
êle recebe no lar. E uma das maiores  
virtudes, pelos benefícios que encerra  
para o indivíduo e para a coletividade, é,  
sem dúvida, o sentimento de economia  
que torna o homem prudente e o acoberta  
contra as incertezas da vida. Faça  
seus filhos praticarem o hábito salutar  
da economia, desde os mais tenros anos.

## CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

RUA DA BAHIA, 1649  
FONE 2-0151  
BELO - HORIZONTE

**RETIRADAS POR MEIO  
DE CHEQUES • ÓTIMOS  
JUROS • GARANTIA DO  
GOVÊRNO DO ESTADO**





NO MAIS CENTRAL  
E MAIS LINDO  
BAIRRO DA CIDADE

NINGUEM ignora que está surgindo em Belo Horizonte o mais central e o mais lindo dos bairros já construídos na cidade. Na antiga área da Universidade, magnificamente localizada entre os bairros de Lourdes e Santo Agostinho, acham-se os excelentes lotes que a Prefeitura Municipal vem vendendo em hasta pública, realizada duas vezes por mês, com enorme afluência de interessados.

Magníficas vivendas começam a erguer-se nos lotes já vendidos. No centro dessa área será levantada a bela Praça Carlos Chagas que será a mais linda da Capital e adornada por um belo templo católico. Em suas proximidades será levantado um grande Grupo Escolar, além de quatro colégios para meninos e meninas: Slon, São Paulo, Jesuítas e Diocesano.

AO LADO DOS BAIRROS  
DE LOURDES E SANTO

★ AGOSTINHO ★

DUAS VEZES POR MÊS SÃO  
LEVADOS A LEILÃO 5 LOTES  
NA PREFEITURA MUNICIPAL

O MAIS SEGURO E RENDOSO  
EMPREGO PARA O SEU CAPITAL

Publicação mensal de sociedade, arte, literatura, moda e beleza, da  
SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

\*  
Diretor-gerente:  
MIRANDA E CASTRO  
Diretor-redator-chefe:  
MÁRIO MATOS  
Secretário da redação:  
JORGE AZEVEDO

\*  
ADMINISTRAÇÃO:  
Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5  
Enderço Telefónico "ALTEROSA"  
Belo Horizonte - Est. de Minas Gerais

\*  
SUCURSAL NO RIO:  
Diretor: Nelson Ribeiro de Castro  
Rua Visconde de Santa Izabel, 515  
Fone 38-5684

\*  
PUBLICIDADE NO RIO E S. PAULO:  
Empresa Editora Publicidade Ltda.

\*  
ASSINATURAS  
(Sob registro postal)  
1 semestre (6 números) . . Cr\$ 20,00  
1 ano (12 números) . . Cr\$ 40,00  
2 anos (24 números) . . Cr\$ 70,00

\*  
VENDA AVULSA  
(Preço em todo o Brasil)  
Número comum . . . . Cr\$ 3,00  
Números especiais . . . . Cr\$ 5,00  
Número atrasado, mais . . Cr\$ 1,00

\*  
FOTOGRAFIAS — Francisco Martins da Silva, Amavel Costa e Stúdio Constantino.  
GRAVURAS — Fotogravura Minas Gerais Ltda. e Gravador Araújo.  
DESENHOS — Supervisão de Rodolfo, com a cooperação de Rocha, J. C. Moura, Fábio Borges, Érico de Paula e Alberto Lima.  
IMPRESSÃO — Gráfica Queiroz Breiner Ltda.

COLABORAÇÃO — Alberto Renart, Alphonsus de Guimarães Filho, Ademar Tavares, Alvarus de Oliveira, Austen Amaro, A. J. Hermenegildo Filho, Antônio Silveira, Aguiar Brandão, Anita Carvalho, Almir Neves, Bahia de Vasconcelos, Benedito Merlin, Bastos Portela, Cláudio de Souza, Carlos Maranhão, Djalma Andrade, Dionísio Garcia, Edgard Rezende, Edmundo Costa, Edison Pinheiro, Evárgio Rodrigues, Francisco Armond, Geraldo Dutra de Moraes, Huberto Rohden, Ilza Montenegro, Joaquim Lorangeira, J. M. de Andrade Sobrinho, Luís de Bessa, Luís Otávio, Luís H. Lisboa, Luís de Paula Lopes, Lourdes G. Silva, Sra. Leandro Dupré, Malba Tahan, Maria Antônia Sampaio, Maria Emilia de Castro Goulart, Murilo Araújo, Moacir Andrade, Murilo Rubião, Nilo Aparecida Pinto, Nóbrega de Siqueira, Oliveira e Silva, Olga Obry, Oscar Mendes, Paulo Dantas, Pedro Ribeiro da Franca, Paulo Peregrino, Roberto Gil, Raul de Azevedo, Vanderlei Vilela e Wilson Pereira Barbosa.

\*  
A redação não devolve, em hipótese alguma, originais ou fotografias, ainda que não sejam aproveitados.

\*  
Os conceitos emitidos em artigos assinados, não são de responsabilidade da direção da revista.

## "A CHAVE U'NICA DA VIDA E DA MORTE"



Murilo Araújo proferindo sua palestra

Iniciando uma série de horas de arte no VI Salão de Belas Artes, nesta Capital, o consagrado poeta Murilo Araújo proferiu, na noite de 21 de outubro último, perante seleta assistência, interessante palestra em que focalizou, através de conceitos brilhantes ilustrados por desenhos de sua autoria, vários e expressivos aspectos da arte e sua influência na vida. Saudando o conferencista, falou o sr. J. Guimarães Menegali, ressaltando a significação da palestra e o valor intelectual do seu autor. Convidou, a seguir, as poetizas Henriqueta Lisboa e Carmen de Melo a tomarem parte na mesa.

Abrilhantando ainda mais a reunião artística, as senhoritas Dulce Negrão e Eni Paixão Costa, alunas de declamação da poetiza Carmen de Melo, disseram magníficos poemas do livro "Escadaria Acesa" de autoria de Murilo Araújo.

\* \* \*

## HOMENAGEM AOS EXPEDICIONÁRIOS MINEIROS



As homenageantes e os homenageados num grupo antes da festa

Realizou-se no dia 21 de outubro último, no salão nobre do Conservatório Mineiro de Música, uma significativa homenagem aos expedicionários mineiros.

A festa, que transcorreu brilhantemente, foi promovida por um grupo de senhorinhas de nossa sociedade, tendo à frente a poetiza Albertina Castro Borges.

Participaram do programa as senhorinhas Maria da Paz Pires, que saudou os "pracinhas", Benedita de Castro Borges, Nelde Boschi, M. do Carmo Cançado, Albertina Castro Borges e o pianista Asdrubal Teixeira de Sousa.

## ARTISTAS PRECOCES

Quando Beethoven contava apenas oito anos de idade, já se fazia ouvir ao violino, como um intérprete genial. Aos treze anos, compôs três quartetos, considerados como magníficos pelos mestres.

\*  
NO RESTAURANTE

— O senhor ainda não se cansou de olhar para minha mulher?

— O senhor também está olhando para mim há um tempo enorme e eu ainda não me queixei...

**KOLYNOS  
REALÇA**

**TODA A  
SIMPATIA  
DE UM  
SORRISO!...**



**PORQUE DA' BRILHO e LIMPA os DENTES!**

Um sorriso simpático é fator de vitória... e Kolynos comprova esta afirmação. Kolynos é um creme dental que garante a beleza de seu sorriso e a perfeita higiene da boca. O brilho, a saúde, a fortaleza de seus dentes podem ser mantidos com o auxílio de um creme dental completo, como é Kolynos. A homogeneidade da sua compo-

sição oferece a quem o usa o mesmo sabor agradável e os mesmos efeitos benéficos até o fim do tubo.

Basta um centímetro de Kolynos na escova seca para limpar bem os dentes, protegendo-os contra as bactérias resultantes da fermentação dos alimentos. Kolynos custa muito menos e dura muito mais.



**REALCE a simpatia  
de seu sorriso  
usando o CREME  
DENTAL  
ANTISSÉTICO!**

McC

**Limpa mais...  
agrada mais...  
rende mais...**

\* Ouça na Rádio Nacional, às 2.<sup>as</sup> feiras  
às 21,35 o "Rádio Almanaque Kolynos".



**Ande feliz com estes sapatos!**



Andar com um sapato comprado na Guanabara é gozar conforto e ostentar elegância. Visite a Guanabara e escolha dentre os mais modernos modelos por um preço convidativo sapatos moderníssimos, cômodos e elegantes.

Utilize-se do nosso sistema de crédito. Com um cartão de crédito, veste-se toda a família!

**Guanabara**